

GRITOS DO PASSADO

CAMILLA
LÄCKBERG



Gritos do Passado

GRITOS DO PASSADO CAMILLA LÄCKBERG

Tradução
Martha Argel

 Planeta

Copyright © Camilla Läckberg, 2004

Edição original por Forum, Suécia, 2004.

Edição publicada de acordo com Nordin Agency, Suécia e Pontas Literary & Film Agency, Espanha.

Título original: The Preacher

Preparação: Norma Marinheiro

Revisão: Marta Almeida de Sá

Capa: adaptada do projeto gráfico original de Michael Fusco Design

Projeto de miolo: Renata Milan

Conversão em epub: {kolekto}

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Läckberg, Camilla

Gritos do passado / Camilla Läckberg ; tradução Martha Argel. – São Paulo : Editora Planeta do Brasil, 2011.

Título original em inglês: The preacher

ISBN 978-85-422-0065-2

1. Ficção sueca I. Título.

11-00366

CDD-839.73

Índices para catálogo sistemático:

1.Ficção : Literatura sueca 839.73

2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 — 3º andar — conj. 32B

Edifício New York

05001-100 — São Paulo-SP

www.editoraplaneta.com.br

vendas@editoraplaneta.com.br

I

O dia começou de forma promissora. Ele se levantou cedo, antes do resto da família, vestiu-se no maior silêncio possível e se esgueirou para fora sem ser percebido. Levava o elmo de cavaleiro e a espada de madeira, que brandia alegre enquanto descia correndo os cem metros que separavam a casa da entrada da Passagem do Rei. Ele se deteve por um instante e contemplou, com assombro, o interior da fenda que percorria as rochas. Os paredões de pedra estavam separados por uns dois metros e erguiam-se uns dez metros rumo ao céu, no qual o sol de verão começava a levantar-se. Três rochas enormes estavam firmemente encaixadas bem lá no alto, no meio da fenda, oferecendo um espetáculo imponente. Aquele lugar exercia um fascínio mágico em um garoto de seis anos. O fato de a Passagem do Rei ser um terreno proibido tornava tudo ainda mais tentador.

O nome originara-se da visita do rei Oscar II a Fjällbacka no final do século XIX, mas isso era algo que ele não sabia e que não lhe importava, enquanto penetrava lentamente nas sombras, com a espada pronta para atacar. O pai lhe contara que as cenas do Desfiladeiro do Inferno, no filme *Ronja, a filha do ladrão*, tinham sido filmadas dentro da Passagem do Rei. Quando ele assistiu ao filme, sentiu uma comichão no estômago ao ver Mattis, o chefe dos ladrões, cavalgando pela fenda.

Às vezes, ele brincava ali de salteador, mas hoje ele era um cavaleiro. Um cavaleiro da tábua redonda, como naquele livro grande e colorido que a avó lhe dera de presente de aniversário.

Ele se arrastou sobre as rochas que cobriam o chão e preparou-se para atacar com a coragem e a espada o grande dragão cuspidor de fogo. O sol de verão não penetrava na fenda, o que a tornava um lugar frio e escuro. Perfeito para dragões. Logo ele faria o sangue jorrar da garganta do animal, e, depois dos longos espasmos da morte, este cairia morto a seus pés.

Pelo canto do olho, viu algo que lhe chamou a atenção. Vislumbrou um pedaço de pano vermelho atrás de uma rocha, e a curiosidade o venceu. O dragão poderia esperar; talvez houvesse um tesouro escondido ali. Ele pulou sobre a rocha e olhou para baixo, do outro lado. Quase caiu para trás ao fazê-lo, mas, depois de balançar o corpo e agitar os braços, conseguiu equilibrar-se. Mais tarde, ele não admitiria ter-se assustado, mas naquela hora,

bem naquele instante, ele ficou mais aterrorizado do que jamais estivera em seus seis anos de vida. Havia uma moça deitada, esperando por ele. Estava deitada de costas, olhando para cima, direto para ele, com olhos bem arregalados. Seu primeiro impulso foi fugir, antes que ela o pegasse brincando ali onde ele não deveria estar. Talvez ela o obrigasse a dizer onde morava e então o arrastasse de volta para a mamãe e o papai. Eles ficariam furiosos e, com certeza, perguntariam: quantas vezes já lhe dissemos que não deve ir à Passagem do Rei sem um adulto?

Mas o esquisito era que a moça não se mexia. Também não estava usando nenhuma roupa, e por um momento ele ficou envergonhado por estar parado ali, olhando uma moça nua. O vermelho que tinha visto não era um pedaço de pano, mas uma bolsa que estava perto dela, e ele não via as roupas em lugar algum. Engraçado ela ficar deitada ali, nua. Sobretudo quando fazia tanto frio.

Então, uma ideia impossível lhe ocorreu. E se a moça estivesse morta? Ele não conseguia encontrar outra explicação para ela estar ali deitada tão quieta. A ideia o fez descer da rocha em um pulo, e retroceder devagar em direção à entrada da fenda. Depois de afastar-se alguns metros da moça morta, ele se virou e correu para casa o mais rápido que pôde. Já não se importava se iria levar uma bronca ou não.

O suor fazia com que o lençol se colasse ao seu corpo. Erica se virava e se mexia na cama, mas era impossível encontrar uma posição confortável. A noite clara de verão não facilitava em nada o sono, e pela milésima vez ela fez uma anotação mental para comprar cortinas de *blackout** e colocá-las na janela, ou melhor, convencer Patrik a fazer isso.

Ela achava enlouquecedor o fato de ele conseguir dormir tão satisfeito ao lado dela. Como ele ousava ficar ali roncando quando ela passava acordada noite após noite? Cutucou-o de leve, na esperança de que acordasse. Ele nem se mexeu. Ela cutucou com mais força. Ele resmungou, puxou mais as cobertas e virou-se para o outro lado. Ela suspirou, ficou deitada de costas, com os braços cruzados sobre os seios, olhando o teto. A barriga arqueava-se no ar como um grande balão, e ela tentou imaginar o bebê nadando no escuro, dentro dela. Talvez tivesse o polegar na boca. Ainda era irreal demais para conseguir visualizar aquilo. Estava no oitavo mês, mas ainda não conseguia compreender o fato de que tinha outra vida dentro de si. Bom, muito em breve tudo seria bem real. Erica estava dividida entre a ansiedade e o receio. Era difícil imaginar como seria depois do parto. Para ser sincera, nesse momento era difícil pensar para além do problema de não mais conseguir dormir de barriga para baixo. Ela olhou o mostrador luminoso do despertador: 4h42 da madrugada. Talvez devesse acender a luz e ler um pouco.

Três horas e meia e um romance policial ruim depois, ela estava prestes a rolar para fora

da cama quando o telefone soou estridente. Como sempre, ela passou o fone para Patrik.

“Alô, aqui é Patrik”, a voz pastosa de sono. “Não, está tudo bem. Ah, droga, claro, posso estar aí em quinze minutos. Vejo você lá.”

Ele se voltou para Erica.

“Temos uma emergência. Tenho de me apressar.”

“Mas você está de férias. Ninguém mais pode fazer isso?”

Ela percebia que estava choramingando, mas ficar acordada a noite toda não fizera muito bem a seu humor.

“É um assassinato. Mellberg quer que eu o acompanhe. Ele mesmo está indo até lá.”

“Um assassinato? Onde?”

“Aqui em Fjällbacka. Um garotinho encontrou o corpo de uma mulher na Passagem do Rei, esta manhã.”

Patrik vestiu-se depressa. Não demorou muito, já estavam em meados de julho e ele só precisaria de roupas leves de verão. Antes de sair correndo, foi até a cama e beijou a barriga de Erica, mais ou menos onde ela se lembrava vagamente de haver existido um umbigo.

“Vejo você mais tarde, nenê. Seja bonzinho com a mamãe, e voltarei logo para casa.”

Ele a beijou apressado e saiu. Com um suspiro, Erica içou-se para fora da cama e colocou um daqueles vestidos modelo tenda que por ora eram as únicas coisas que lhe serviam. A contragosto, ela lia montes de livros sobre bebês, e, em sua opinião, todos que haviam escrito sobre a gloriosa experiência da gravidez deviam ser levados para a praça pública e ser açoitados. Insônia, dores nas juntas, estrias, hemorroidas, suores noturnos e uma revolução hormonal generalizada. Isso estava bem mais perto da realidade. E ela tinha certeza de não estar irradiando nenhum brilho interior. Resmungando para si mesma, Erica desceu as escadas devagar, rumo ao primeiro café do dia. Talvez aquilo dissipasse um pouco o nevoeiro.

Quando Patrik chegou, a atividade já era frenética. A entrada da Passagem do Rei havia sido fechada com um cordão de isolamento, e ele contou três carros de polícia e uma ambulância. Os peritos criminais vindos de Uddevalla estavam atarefados, e ele sabia que não devia ir entrando direto na cena do crime. Esse era um erro de policial novato, o que não impedia seu chefe, o delegado Mellberg, de ficar andando de um lado para outro da área. Os peritos olhavam desalentados para os sapatos e as roupas dele, que naquele momento acrescentavam milhares de fibras e partículas a seu delicado local de trabalho. Enquanto Patrik se manteve do lado de fora da fita amarela, Mellberg passou por cima dela e saiu da área, para grande alívio da equipe.

“Olá, Hedström”, saudou o delegado.

Sua voz estava calorosa, quase efusiva, e Patrik ficou surpreso. Por um instante, achou que Mellberg fosse lhe dar um abraço, mas felizmente isso não aconteceu. Apesar disso, o chefe parecia-lhe totalmente mudado. Fazia apenas uma semana que Patrik saíra de férias, mas o homem diante de si não era o mesmo que ele deixara sentado cabisbaixo à sua mesa, resmungando que o mero conceito de férias deveria ser abolido.

Mellberg apertou a mão de Patrik com entusiasmo e deu-lhe um tapinha nas costas.

“E aí, como está a galinha choca em casa? Algum sinal de que vai ser pai logo?”

“Não pelo próximo mês e meio, dizem eles.”

Patrik ainda não fazia ideia do porquê de tanto bom humor da parte de Mellberg, mas pôs de lado a surpresa e tentou se concentrar no motivo de ter sido chamado ao local.

“E então, o que descobriu?”

Mellberg fez um esforço para apagar o sorriso da face e apontou para o interior sombrio da fenda.

“Um garoto de seis anos saiu escondido de casa hoje de manhã enquanto os pais dormiam e veio para cá brincar de cavaleiro entre as rochas. Em vez disso, ele encontrou uma mulher morta. Recebemos o chamado às 6h15.”

“Quanto tempo os peritos tiveram para examinar a cena do crime?”

“Eles chegaram faz uma hora. A ambulância chegou primeiro, e os paramédicos atestaram de imediato que não seria necessária nenhuma ajuda médica. Desde então, os peritos puderam trabalhar à vontade. Eles são um pouco sensíveis... Eu só queria entrar e dar uma olhada, e a reação deles foi bem grosseira, se quer saber. Bom, acho que passar o dia inteiro rastejando, procurando fibras com uma pinça, deixa qualquer um meio puto da vida.”

Agora, Patrik reconhecia o chefe. Esse era mais o tom de Mellberg. Mas Patrik sabia por experiência que não adiantava tentar mudar as opiniões dele. Era mais fácil deixar que seus comentários entrassem por um ouvido e saíssem pelo outro.

“O que sabemos sobre ela?”

“Nada ainda. Achemos que tem por volta de vinte e cinco. A única peça de roupa que encontramos, se é que dá para considerar assim, foi uma bolsa. Fora isso, ela está nua em pelo. Belos peitos, aliás.”

Patrik fechou os olhos e repetiu para si mesmo, como um mantra mental: *não falta muito para ele se aposentar, não falta muito para ele se aposentar...*

Mellberg prosseguiu desatento.

“A causa da morte não foi confirmada, mas ela foi espancada com violência. Contusões por todo o corpo e vários ferimentos que parecem facadas. E ainda há o fato de que ela está deitada sobre um cobertor cinza. O médico legista a está examinando agora, e esperamos um

relatório preliminar para logo mais.”

“Alguém mais ou menos dessa idade foi dado como desaparecido recentemente?”

“Não, nem de perto. Um homem de idade foi dado como desaparecido faz mais ou menos uma semana, mas no fim ele só tinha se cansado de viver enjaulado com a mulher num trailer e fugiu com uma garota que conheceu no Galären Pub.”

Patrik viu que a equipe que rodeava o corpo se preparava agora para colocá-lo com cuidado dentro de um saco para cadáveres. As mãos e os pés haviam sido ensacados de acordo com as normas para preservar qualquer evidência.

Os peritos criminais de Uddevalla coordenaram seus movimentos para colocar a mulher no saco da forma mais eficiente possível. Então o cobertor sobre o qual ela estivera também foi colocado num saco plástico para exame posterior.

A expressão de choque em suas faces e o modo como ficaram paralisados revelaram a Patrik, de imediato, que algo inesperado acontecera.

“O que foi?”, perguntou ele.

“Não vão acreditar nisso”, respondeu um dos policiais, “mas encontramos ossos aqui. E dois crânios. Pela quantidade de ossos, eu diria que são suficientes para dois esqueletos.”

* Tecido opaco de poliéster utilizado na confecção de cortinas que encobre completamente a claridade.

II

Verão de 1979

*E*la oscilava de um lado para outro enquanto pedalava de volta para casa, em uma luminosa noite de verão. A festa fora um pouco mais maluca do que ela imaginara, mas isso não tinha importância. Ela era adulta, afinal de contas, e podia fazer o que bem entendesse. O melhor tinha sido poder ficar longe da menina por algum tempo. O bebê, com toda a sua gritaria, sua necessidade de carinho e sua demanda por algo que ela não poderia lhe dar. Era por causa do bebê, enfim, que ela ainda tinha de morar com a mãe, aquela velha que mal a deixava afastar-se de casa alguns metros, embora ela já tivesse 19 anos. Havia sido um milagre a mãe ter permitido que saísse essa noite para comemorar o solstício de verão.

Se não fosse pela criança, ela agora já estaria morando sozinha; poderia tentar ganhar seu próprio dinheiro. Poderia sair sozinha quando quisesse e voltar quando lhe desse na telha, e ninguém iria dizer nada. Mas com a menina era impossível. Ela preferia entregar a criança para a adoção, mas a velha não queria nem ouvir falar disso, e agora era ela quem pagava o preço. Se sua mãe queria a menina tanto assim, por que não cuidava dela sozinha?

A velha ia ficar furiosa de verdade quando ela chegasse cambaleando daquele jeito no meio da madrugada. Seu hálito cheirava a álcool, e com certeza mais tarde teria que pagar por isso. Mas valera a pena. Ela não se divertia assim desde o nascimento da pestinha.

Passou reto pelo cruzamento onde ficava o posto de gasolina e seguiu mais um pouco pela estrada. Então virou à esquerda, na direção de Bräcke, mas perdeu o equilíbrio e quase caiu na vala ao lado da estrada. Endireitou-se e pedalou com mais força, conseguindo algum impulso para subir a primeira ladeira. O vento soprava em seu cabelo, e a noite clara de verão fora dominada por um silêncio completo. Por um instante, ela fechou os olhos e pensou naquela noite luminosa de verão em que o alemão a engravidou. Tinha sido uma noite maravilhosa e proibida, mas não valeu o preço que ela teve que pagar ao final.

De repente, ela abriu os olhos quando a bicicleta se chocou contra algo. A última coisa de que se lembrava era o chão vindo em sua direção a grande velocidade.

De volta à delegacia, em Tanumshede, Mellberg mergulhou num estado meditativo profundo, nada característico dele. Patrik também não falava muito, sentado diante dele no refeitório e ponderando sobre os eventos da manhã. Na verdade, fazia calor demais para tomar café, mas ele precisava de algo estimulante, e um drinque estava fora de questão. Sem perceber, ambos abanavam suas camisas para se refrescar. Já fazia duas semanas que o ar-condicionado estava quebrado, e ainda não tinham conseguido que alguém o consertasse. De manhã, a temperatura em geral era tolerável, mas por volta de meio-dia o calor alcançava níveis insuportáveis.

“Que diabos significa tudo isso?”, disse Mellberg, enquanto coçava com cuidado a massa de cabelo no alto da cabeça, penteada de forma a esconder a calvície.

“Para ser sincero, não tenho a menor ideia. Um corpo de mulher foi achado sobre dois esqueletos. Se não tivesse ocorrido de fato um assassinato, eu pensaria em alguma brincadeira, esqueletos roubados de um laboratório de biologia ou algo assim. Mas não há como ignorar que a mulher foi morta. E também ouvi um comentário de um dos peritos, que disse que os ossos não pareciam novos. Claro que isso depende do local onde eles estiveram. Podem ter sido expostos às intempéries, ou podem ter ficado protegidos. Espero que o legista consiga dar uma estimativa da idade deles.”

“Certo, quando acha que receberemos um primeiro relatório dele?” Mellberg franziu o cenho, em expectativa.

“Provavelmente, teremos um relatório preliminar hoje, e então ele vai levar mais uns dois dias para examinar tudo mais detalhadamente. Assim, por enquanto, vamos ter que trabalhar com a pouca evidência que temos. Por onde anda o resto do pessoal?”

Mellberg suspirou.

“Gösta está de folga hoje. Um maldito campeonato de golfe ou algo assim. Ernst e Martin estão fora, numa investigação. Annika está em alguma ilha grega. Ela deve ter pensado que ia chover durante todo o verão outra vez. Coitadinha! Não deve ser divertido sair da Suécia justo agora que está fazendo esse tempo maravilhoso.”

Patrik lançou a Mellberg outro olhar surpreso e ficou espantado com a manifestação tão incomum de compaixão. Algo estranho estava acontecendo com certeza. Mas ele não podia perder tempo preocupando-se com isso agora. Tinham coisas mais importantes em que pensar.

“Sei que está de férias pelo resto da semana, mas você se importaria de assumir o caso?”, perguntou Mellberg. “Ernst não tem imaginação suficiente, e Martin é inexperiente demais para conduzir uma investigação, de forma que realmente precisamos de sua ajuda.”

O pedido agradava tanto à vaidade de Patrik que ele se viu aceitando no ato. É claro que iria enfrentar o inferno com Erica, mas ele se consolou com o fato de que não demoraria mais do que quinze minutos para chegar em casa, se a esposa precisasse dele com urgência. Além disso, com aquele calor, um estava dando nos nervos do outro, e talvez fosse uma boa ideia ele ficar fora.

“Primeiro, quero descobrir se alguma mulher foi dada como desaparecida”, disse Patrik. “Devemos checar uma área extensa, vamos dizer de Strömstad até Gotemburgo. Vou pedir a Martin ou a Ernst para fazer isso. Acho que os ouvi chegando.”

“Muito bom, é uma ótima ideia. Está no caminho certo, continue assim.” Mellberg ergueu-se da mesa e bateu cordialmente no ombro de Patrik. Esse percebeu que, como sempre, faria todo o trabalho, e Mellberg mais uma vez receberia todo o crédito. Mas ele já não se aborrecia com isso. Não valia a pena.

Com um suspiro, pôs as duas xícaras na máquina de lavar louça. Ele não precisaria usar filtro solar hoje.

“Muito bem, todo mundo em pé! Vocês acham que isso aqui é uma maldita pensão onde podem passar o dia todo largados?”

A voz atravessou camadas espessas de nevoeiro e ecoou de forma dolorosa contra suas têmporas. Johann abriu um olho, cauteloso, fechando-o de novo no instante em que viu o brilho ofuscante do sol de verão.

“Que diabos...” Robert, seu irmão, um ano mais velho, virou-se na cama e cobriu a cabeça com o travesseiro. Esse foi arrancado de repente de suas mãos, e ele se sentou reclamando.

“Nunca posso dormir um pouco neste lugar?”

“Vocês são dois preguiçosos que acordam tarde todo dia. É quase meio-dia. Se não ficassem vadiando até tarde toda noite, fazendo sabe Deus o quê, talvez não tivessem que passar metade do dia dormindo. Seria ótimo se me dessem uma ajudinha. Vocês moram aqui de graça e também comem de graça e são dois homens feitos. Não acho que seja demais pedir que deem uma mãozinha a sua pobre mãe.”

Solveig Hult estava em pé, de braços cruzados. Era uma obesa mórbida, com a palidez de alguém que nunca sai de casa. Seu cabelo estava imundo, emoldurando-lhe a face com cachos escuros desgrehados.

“Vocês têm quase trinta e ainda vivem à custa de sua mãe. É, vocês são mesmo homens de

verdade. E como sempre têm dinheiro para sair se divertindo toda santa noite, posso saber? Não trabalham, e nunca vejo vocês ajudando em nada com as despesas da casa. Só posso dizer que, se o pai de vocês ainda fosse vivo, ele colocaria um basta nesse comportamento. Já tiveram alguma notícia da Central de Empregos? Era para terem ido lá na semana retrasada!”

Agora foi a vez de Johann colocar o travesseiro na cara. Ele tentou bloquear o falatório interminável; ela era como um disco quebrado. Mas seu travesseiro também foi arrancado. Ele se sentou, de ressaca, e sua cabeça latejou como uma banda marchando.

“Já faz tempo que tirei a mesa do café da manhã. Vão ter que pegar algo na geladeira vocês mesmos.”

O traseiro imenso de Solveig rebolou para fora do quartinho que os dois irmãos ainda dividiam, e ela bateu a porta atrás de si. Eles não ousaram tentar dormir de novo; pegaram um maço de cigarro e acenderam um cada um. Podiam ficar sem o café da manhã, mas o cigarro melhorou o humor deles, causando uma ardência boa em suas gargantas.

“Ontem à noite foi do cacete, hein?” Robert riu e soprou anéis de fumaça no ar. “Eu disse a você que eles tinham material de primeira em casa. Ele é diretor de uma companhia em Estocolmo. Graças a Deus, um sujeito assim pode ter do bom e do melhor.”

Johann não respondeu. Diferentemente do irmão, ele não curtia uma descarga de adrenalina provocada pelos arrombamentos. Em vez disso, passava vários dias, antes e depois, com uma enorme bola gelada de medo no estômago. Mas sempre fazia o que Robert mandava; nunca lhe ocorreu que pudesse agir de outro modo.

O arrombamento da noite passada lhes rendera o maior lucro que tiveram em muito tempo. A maioria das pessoas agora tinha receio de deixar coisas caras nas casas de veraneio. Em geral, usavam coisas velhas, que de outra forma teriam jogado fora, ou aquisições de segunda mão, que lhes davam a sensação de ter comprado um tesouro, mesmo que fossem uma merda. Mas dessa vez eles tinham conseguido uma TV nova, um aparelho de DVD, um Nintendo e um monte de joias que haviam sido da dona da casa. Robert venderia o material por seus meios habituais e conseguiria uma boa grana. Não que fosse durar muito tempo. O dinheiro roubado parecia sempre queimar um buraco em seus bolsos e desaparecia depois de umas duas semanas. Eles o gastavam jogando, saindo e pagando as despesas dos amigos e com outros gastos necessários. Johann olhou o relógio caro que usava. Por sorte, a mãe deles não conseguia reconhecer um bem valioso quando via um. Se soubesse o quanto custava aquele relógio, a encheção não terminaria nunca.

Às vezes, ele se sentia aprisionado, como um hamster num carrossel, girando e girando enquanto os anos passavam. Nada mudara de fato desde que ele e o irmão eram adolescentes, e ele tampouco via possibilidade de isso ocorrer agora. A única coisa que

dava sentido à sua vida era a única coisa que mantinha em segredo para Robert; uma intuição bem lá dentro lhe dizia que contar ao irmão não traria nada de bom. Robert apenas transformaria tudo em algo sujo com seus comentários grosseiros.

Por um segundo, Johann permitiu-se pensar na maciez do cabelo dela contra sua face áspera e em como a mão dela parecia pequena quando ele a tinha entre as suas.

“Ei, não fique aí sonhando acordado. Temos negócios a tratar.”

Robert levantou-se com o cigarro pendendo do canto da boca e foi o primeiro a sair pela porta. Como sempre, Johann o seguiu, pois era tudo que sabia fazer.

Na cozinha, Solveig estava sentada em seu lugar de costume. Desde que Johann era um garotinho, desde aquele incidente com seu pai, ele a via sentada em sua cadeira junto à janela, os dedos remexendo ansiosos com o que estivesse à sua frente na mesa. Nas lembranças mais antigas, sua mãe era bela, mas ao longo dos anos a gordura foi-se acumulando em camadas mais e mais espessas, no rosto e no corpo.

Solveig parecia estar em transe; os dedos tinham vida própria e nunca paravam de apanhar coisas e alisá-las. Fazia quase vinte anos que ela mexia com aqueles malditos álbuns de fotos, organizando e reorganizando tudo. Ela comprava álbuns novos e então rearranjava as fotos e os recortes. De um jeito melhor, mais elegante. Ele não era tão estúpido a ponto de não perceber que aquele era o meio pelo qual ela se apegava a tempos mais felizes, mas algum dia, com certeza, ela perceberia que aqueles tempos já tinham se passado havia muito.

As fotos eram da época em que Solveig era bela. O ponto alto de sua vida fora o casamento com Johannes Hult, o filho mais novo de Ephraim Hult, o conhecido pastor da Igreja Livre e proprietário da fazenda mais próspera da região. Johannes era atraente e rico. Solveig podia ter sido pobre, mas era a garota mais linda de Bohuslän; todos diziam isso à época. E se mais provas fossem necessárias, seriam suficientes os artigos que ela guardara, de quando foi coroada Rainha de Maio por dois anos seguidos. Eram aqueles artigos e as muitas fotos em preto e branco dela, como uma bela jovem, que ela guardara e organizara com diligência a cada dia nos últimos vinte anos. Ela sabia que aquela garota ainda estava lá, em algum lugar debaixo de todas as camadas de gordura. Por meio das fotos, podia manter viva a garota, mesmo que ela deslizesse para mais e mais longe a cada ano que passava.

Com um último olhar sobre o ombro, Johann deixou a mãe sentada na cozinha e seguiu Robert porta afora. Como Robert dissera, eles tinham negócios a tratar.

Erica cogitou sair para dar uma volta, mas percebeu que não devia ser uma boa ideia naquele momento, com o sol lá no alto e o calor no máximo.

Ela estava levando muito bem a gravidez até que a onda de calor chegou. Desde então, ela se movia como uma baleia suada, buscando desesperada um meio de se refrescar. Patrik, que Deus o abençoe, teve a ideia de comprar-lhe um ventilador de mesa, e ela agora o carregava consigo como um tesouro, para onde quer que fosse na casa. O único incômodo era ter que ligá-lo na corrente elétrica, de modo que ela nunca podia sentar-se a uma distância de uma tomada maior do que a extensão do fio, o que limitava suas opções.

Mas a tomada da varanda estava bem localizada, e ela podia acomodar-se no sofá com o ventilador na mesa à sua frente. Nenhuma posição era confortável por mais de cinco minutos, e ela ficava o tempo todo tentando se ajeitar. Às vezes, sentia um pé chutando as costelas ou algo como um punho acertando-lhe o flanco. Então era forçada a mudar de posição de novo. Ela não fazia ideia de como aguentaria mais um mês disso.

Fazia apenas meio ano que ela e Patrik estavam juntos quando ela engravidou, mas estranhamente aquilo não incomodou nenhum dos dois. Ambos eram um pouco mais velhos, estavam um pouco mais certos do que queriam e não achavam que houvesse qualquer motivo para esperar mais. Só agora ela começava a se assustar, aos quarenta e cinco do segundo tempo, por assim dizer. Talvez eles não tivessem compartilhado o suficiente do dia a dia antes de embarcar nessa gravidez. O que aconteceria a seu relacionamento quando de repente surgisse um pequeno desconhecido, que iria requerer toda a atenção que antes eles podiam dedicar um ao outro?

A paixão enlouquecida e cega dos primeiros dias juntos já se diluíra, claro. Agora tinham bases mais realistas, mais cotidianas, sobre as quais construir a relação, com uma melhor compreensão das coisas boas e ruins de cada um. Mas e se, depois que o bebê nascesse, só restassem as coisas ruins? Quantas vezes ela ouvira falar das estatísticas sobre todos os relacionamentos que naufragavam durante o primeiro ano da vida de um bebê? Bom, não fazia sentido preocupar-se com isso agora. O que estava feito estava feito, e não havia como ignorar o fato de que tanto ela como Patrik ansiavam pela chegada dessa criança com todas as fibras de seus corpos. Ela esperava que esse sentimento de expectativa fosse suficiente para conduzi-los através das mudanças turbulentas que se aproximavam.

Erica levou um susto quando o telefone tocou. Com dificuldade, lutou para erguer-se do sofá, torcendo para que, quem quer que fosse que estivesse ligando, tivesse paciência suficiente para não desligar.

“Alô? Ah, oi, Conny! Ah, estou bem, obrigada, só está um pouco quente demais para ser gorda. Vir aqui? Sim, claro. Apareçam para tomar um café... Passar a noite? Bom...” Erica suspirou por dentro. “Claro, por que não? Quando vocês vêm? Esta noite? Não, claro que não, sem problema. Vocês podem ficar no quarto de hóspedes.”

Desanimada, ela colocou o fone no gancho. No verão, havia um grande inconveniente em

ter uma casa em Fjällbacka. Todo tipo de parente e amigo que não havia dado um pio nos dez meses mais frios do ano aparecia, vindo do nada. Não tinham nenhum interesse especial em visitá-la em novembro, mas em julho eles viam a oportunidade de hospedar-se de graça com vista para o mar. Erica achava que este ano seria poupada, quando metade de julho passou sem que ninguém se manifestasse. Mas agora seu primo Conny avisava que estava vindo de Trollhättan para Fjällbacka, com a mulher e os dois filhos. Seria só por uma noite, e por isso ela achava que podia dar conta. Ela nunca gostara muito de seus dois primos, mas a educação que recebera tornava impossível recusar-se a hospedá-los, mesmo sendo o que desejava fazer. Em sua opinião, eram ambos uns parasitas.

Ainda assim, Erica estava feliz por terem uma casa em Fjällbacka onde podiam receber hóspedes, convidados ou não. Depois que seus pais morreram, o cunhado dela tentara vender a casa. Mas sua irmã Anna finalmente ficou farta das agressões físicas e mentais dele. Ela se divorciou de Lucas, e agora as duas eram proprietárias da casa. Anna morava em Estocolmo com os dois filhos, e Patrik e Erica puderam se mudar para a casa de Fjällbacka. Em troca, pagavam todas as contas. Em algum momento teriam de fazer um acordo mais definitivo quanto à casa, mas por enquanto Erica estava feliz por tê-la. E adorava poder morar ali o ano todo.

Erica olhou ao redor e viu que teria de se mexer se quisesse a casa arrumada para a chegada dos hóspedes. Ela tentou imaginar o que Patrik diria da invasão, mas deu de ombros. Se ele estava a fim de largá-la sozinha e ir trabalhar no meio das férias, então ela podia muito bem decidir ter hóspedes. Já havia se esquecido de que estivera pensando que era um alívio não ter que andar tropeçando nele o dia todo.

Depois de atenderem à ocorrência para a qual tinham sido chamados, Ernst e Martin retornaram à delegacia, e Patrik decidiu começar colocando-os a par do caso. Chamou-os a sua sala, e ambos sentaram-se nas cadeiras diante da mesa. Não pôde deixar de notar que Ernst estava vermelho de raiva pelo fato de um investigador mais jovem ter sido designado para conduzir a investigação, mas preferiu ignorar isso. Era algo com que Mellberg teria de lidar. No pior dos casos, Patrik podia se virar sem a ajuda de Ernst, caso o colega se recusasse a trabalhar com ele.

“Acho que vocês já ouviram falar do que aconteceu.”

“Sim, ouvimos pelo rádio da polícia”, disse Martin. Diferentemente de Ernst, ele era jovem e entusiasmado e sentava-se muito apertado na cadeira, com um caderno de notas no colo e a caneta a postos.

“Uma mulher foi encontrada morta na Passagem do Rei, em Fjällbacka. Estava nua e parece ter entre vinte e trinta anos. *Por baixo* dela foram encontrados dois esqueletos de

origem e idade desconhecidas. Extraoficialmente, Karlström, da criminalística, contou-me que os ossos não são lá muito novos. Assim, parece que ganhamos um prato cheio, além das brigas de bar costumeiras e dos motoristas bêbados que já tomam todo o nosso tempo. Tanto Annika quanto Gösta estão de férias, portanto, temos que arregañar as mangas e trabalhar. Na verdade, eu também estou de férias nesta semana, mas concordei em vir trabalhar. Mellberg pediu-me que conduzisse esta investigação. Alguma pergunta?

O alvo disso era sobretudo Ernst, que preferiu não confrontar Patrik. Sem dúvida, em vez disso, ele sairia falando pelas costas.

“O que você quer que eu faça?” Martin era como um cavalo inquieto e agitava impaciente a caneta sobre o caderno de notas.

“Quero que comece com uma busca no Sistema de Informação Schengen por relatórios de mulheres que desapareceram, digamos nos últimos dois meses. É melhor ampliar o intervalo de tempo até termos mais informações do laboratório de medicina legal. Embora eu suspeite de que a morte ocorreu muito mais recentemente, talvez apenas uns dois dias atrás.”

“Você não está sabendo?”, perguntou Martin.

“Sabendo do quê?”

“O sistema está fora do ar. Vamos ter que esquecer o SIS e fazer tudo à moda antiga.”

“Droga! Que beleza de hora para isso acontecer! Bom, de acordo com Mellberg, parece que não houve nenhum alerta significativo de pessoas desaparecidas desde antes de eu entrar de férias. Eu sugiro que você ligue para todas as delegacias próximas. Comece com as que estão mais perto e vá ampliando o raio. Entendido?”

“Tudo bem. Até que distância devo ir?”

“Até a distância necessária para encontrar alguém que se encaixe. Ligue para Uddevalla assim que nossa reunião terminar e consiga uma descrição preliminar da vítima que possa ajudá-lo na busca.”

“E eu, o que faço?” O entusiasmo na voz de Ernst não era exatamente contagiante.

Patrik baixou os olhos para as anotações que fizera depois da conversa com Mellberg.

“Gostaria que você começasse conversando com as pessoas que moram perto da entrada da Passagem do Rei. Descubra se viram ou ouviram algo na noite passada ou hoje de manhã bem cedo. O desfiladeiro fica cheio de turistas durante o dia, de modo que o corpo, ou os corpos, para ser mais preciso, devem ter sido transportados durante a noite ou bem cedinho. Podemos supor que os restos foram levados para lá pela entrada mais larga. Dificilmente teriam sido carregados escadarias acima a partir da praça Ingrid Bergman. O garotinho descobriu a mulher por volta das seis da manhã, portanto, concentre-se no período entre as nove da noite e as seis da manhã. Acho que vou descer até os arquivos e dar uma olhada neles. Há algo sobre aqueles dois esqueletos que está cutucando minha memória. Tenho a

sensação de que devia saber o que é, mas... Vocês conseguem pensar em alguma coisa? Há algo que lhes venha à lembrança?”

Patrik ergueu as mãos e as sobrancelhas à espera de uma resposta, mas Ernst e Martin apenas sacudiram a cabeça. Ele suspirou. Bom, não havia nada a fazer senão descer às catacumbas...

Imaginando se teria caído em desgraça, sem saber sequer se conseguiria descobrir, caso tivesse tempo para pensar no assunto, Patrik examinava documentos velhos nas profundezas das entranhas da delegacia de Tanumshede. A poeira acumulara-se na maior parte das pastas, mas, por sorte, elas pareciam estar ainda organizadas. A maioria estava arquivada em ordem cronológica, e, mesmo sem saber com certeza o que buscava, ele sabia que tinha de estar em algum lugar por ali.

Estava sentado no chão de pedra, de pernas cruzadas, examinando metodicamente caixa após caixa. Décadas de destinos humanos passaram por suas mãos, e depois de algum tempo ele se deu conta de quantas pessoas e famílias apareciam e reapareciam nos registros policiais. Era como se uma vida de crimes fosse passada de pais para filhos e até para netos, pensou ele ao ver os mesmos sobrenomes surgindo de novo e de novo.

O celular tocou, e ele viu no visor que era Erica.

“Oi, querida, está tudo bem?” Ele sabia qual seria a resposta. “Sim, sei que está quente demais. Só fique sentada na frente do ventilador, não há mais nada a fazer... Erica, estamos trabalhando num homicídio, e Mellberg quer que eu conduza a investigação. Você ficaria muito aborrecida se eu voltasse ao trabalho por alguns dias?”

Patrik prendeu a respiração. Sabia que devia ter ligado mais cedo para avisá-la de que talvez tivesse que trabalhar, mas, como um homem típico, ele nem pensou naquilo, tentando adiar o inevitável. Por outro lado, ela conhecia bem as exigências da profissão dele. O verão era a estação mais tumultuada para a polícia de Tanum, e eles tinham que se revezar para sair de férias. Nunca tinham sequer a garantia de poder tirar alguns dias seguidos; tudo dependia de quantos bêbados, quantas brigas e que outros efeitos colaterais do turismo a delegacia teria que enfrentar. E homicídio, é claro, tinha precedência sobre todo o resto.

Erica disse algo que ele quase deixou passar.

“Visitas, você disse? Quem? Seu primo?” Patrik suspirou. “Não, que posso dizer? Claro, seria melhor se pudéssemos ficar sozinhos esta noite, mas se eles já estão a caminho... Eles vão ficar só uma noite, espero? Tudo bem, vou comprar camarões para servir a eles. Algo simples, para que você não tenha que cozinhar. Estarei em casa por volta das sete. Beijinhos.”

Ele guardou o celular no bolso e continuou examinando o conteúdo das caixas à sua

frente. Uma pasta etiquetada “Desaparecidos” chamou-lhe a atenção. Alguém ambicioso reunira, no passado, todos os relatórios de investigações sobre pessoas desaparecidas. Patrik percebeu que era o que buscava. Seus dedos estavam imundos de tanta poeira, e ele os limpou nos shorts antes de abrir a pasta fina. Depois de alguns minutos de leitura, sua memória teve o estalo de que precisava. Ele devia ter-se lembrado de imediato, considerando quão poucas pessoas haviam desaparecido de fato naquele distrito, sem nunca mais ter sido vistas. A idade devia estar começando a cobrar seu preço. Ao menos ele tinha agora diante de si os relatórios pertinentes e estava com a sensação de que não era coincidência que duas mulheres tivessem desaparecido em 1979 sem jamais reaparecerem. E agora dois esqueletos surgiam na Passagem do Rei.

Ele subiu de volta para a luz do dia, levando consigo a pasta, e a colocou sobre sua mesa.

Os cavalos eram o único motivo pelo qual ela ficava ali. Com mão experiente, escovou o pelo do cavalo castanho com movimentos firmes. O trabalho físico funcionava como uma válvula de escape para suas frustrações. Era uma droga ter 17 anos e não poder decidir sobre sua própria vida. Assim que fosse maior de idade, cairia fora daquele buraco. Então aceitaria a oferta feita pelo fotógrafo que a abordara quando estava andando pelo centro de Gotemburgo. Quando se tornasse modelo em Paris e estivesse ganhando rios de dinheiro, ela lhes diria onde podiam enfiar sua droga de educação. O fotógrafo lhe dissera que, a cada ano que passasse, seu valor como modelo cairia. Um ano inteiro de sua vida seria desperdiçado porque o velho só pensava na educação. Não é necessário ter muita educação para desfilarem numa passarela. Mais tarde, quando estivesse com uns 25, começando a ficar velha demais, ela se casaria com um milionário. Então iria rir da ameaça do velho de tirá-la do testamento. Algum dia, poderia sair para fazer compras e gastar o equivalente a toda a droga da fortuna dele.

Seu maldito irmão maravilhoso não facilitava em nada as coisas. Era melhor morar com ele e com Marita do que em casa, mas não muito. Ele era um saco de tão certinho. Nada do que fazia dava errado, ao passo que ela sempre levava a culpa por tudo.

“Linda?”

Típico, nem aqui no estábulo podiam deixá-la em paz.

“Linda?” A voz estava mais impaciente. Ele sabia que ela estava ali, de modo que não adiantava fingir que não ouvira.

“Deixe de ser um pentelho. Que foi?”

“Não tem por que você usar esse tom de voz comigo. Não acho que seja demais pedir que mostre um pouco de cortesia.”

Ela praguejou em resposta, mas Jacob deixou passar.

“Você é meu irmão, não meu pai, já parou pra pensar nisso?”

“Sei disso muito bem, mas, enquanto estiver morando debaixo do meu teto, eu de fato tenho alguma responsabilidade sobre você.”

Só porque tinha quase o dobro da idade dela, Jacob achava que sabia tudo. Era fácil para ele sentir-se tão superior, já que todos o apoiavam. O pai já dissera muitas vezes que Jacob era com certeza um filho de dar orgulho e que ele saberia tomar conta das propriedades da família. Linda supunha que o irmão herdaria tudo, um dia. Até então, ele poderia dar-se ao luxo de fingir que dinheiro não era importante, mas Linda conseguia ver a verdade. Todos admiravam Jacob porque ele trabalhava com jovens em situação de risco. Ao mesmo tempo, todos sabiam que mais cedo ou mais tarde ele herdaria tanto as terras como a fortuna. Seria interessante ver por quanto tempo ele continuaria com seu trabalho idealista.

Linda não conteve um risinho. Jacob ficaria maluco se soubesse que ela saía às escondidas de noite, e se soubesse com quem ela ia se encontrar, passaria-lhe o maior sermão de sua vida. Tudo bem falar sobre compaixão com os menos afortunados, desde que eles não estivessem na varanda de sua casa. Além do mais, havia outros motivos, mais profundos, para Jacob ter um troço se descobrisse que ela andava saindo com Johann. Ele era primo deles, e a rixa entre os dois ramos da família começara muito antes de ela nascer, antes até do nascimento de Jacob. Ela não tinha ideia do porquê. As coisas simplesmente eram assim. Por isso ela sentia um calafrio a mais no estômago cada vez que escapava para encontrar-se com Johann.

Linda sentia-se bem com ele. Ele era muito atencioso, mas também era bem mais velho, por isso tinha uma autoconfiança que os garotos da idade dela não conseguiam ter. Não importava que fossem primos. Hoje em dia, os primos podem até se casar. Na verdade, isso não fazia parte dos planos dela em longo prazo, mas ela não tinha nada contra explorar uma ou outra coisa com ele, desde que tudo ficasse em segredo.

“Você quer alguma coisa ou só está planejando ficar aí parado?”, disse ela.

Jacob deu um suspiro profundo e colocou a mão no ombro dela. Ela tentou se esquivar, mas ele a segurava firme.

“Eu realmente não entendo de onde vem toda essa agressividade. Os jovens com quem trabalho dariam qualquer coisa para ter um lar como o seu e serem criados como você foi. Um pouco de gratidão e de maturidade seriam bem-vindos, sabe? E, sim, eu quero alguma coisa. Marita terminou de fazer a comida, e estamos prontos para comer. Assim, apresse-se e troque de roupa. Depois venha comer conosco.”

Ele soltou o ombro dela e deixou o estábulo, subindo rumo à casa principal da fazenda Västergården. Resmungando, Linda guardou a rascadeira* e foi trocar de roupa. A despeito de tudo, estava faminta.

Uma vez mais, o coração de Martin se partira. Ele tinha perdido a conta de quantas vezes isso acontecera antes, mas o fato de estar acostumado não diminuía em nada a dor. Como em todas as vezes anteriores, ele havia achado que a mulher que deitara a cabeça no travesseiro a seu lado era a certa. Claro que ele sabia muito bem que ela já era comprometida, mas, em sua ingenuidade habitual, achou que era mais do que uma diversão para ela e que os dias do namorado dela estavam contados. Ele não fazia ideia de que, com sua face inocente e sua franqueza tão doce, da mesma forma como um torrão de açúcar atraía as moscas, ele atraía mulheres um pouco mais velhas, mais maduras e que viviam uma rotina com seus maridos. Maridos que elas não tinham intenção de abandonar por causa de um policial simpático de 25 anos, embora não se importassem de terminar com ele assim que o tesão ou a necessidade de autoafirmação fossem satisfeitos. Não que Martin fizesse alguma objeção ao caráter físico de uma relação – e ele era especialmente talentoso nesse aspecto –, mas o problema estava em que ele também era um jovem com uma sensibilidade fora do comum. Martin Molin sempre se entregava ansioso aos casos amorosos. Era por isso que suas pequenas aventuras terminavam em lágrimas e ranger de dentes da parte dele, enquanto as mulheres lhe agradeciam e voltavam para casa e para suas próprias vidas, que podiam ser um tédio, mas eram sólidas e familiares.

Martin deu um suspiro pesado enquanto estava sentado à mesa, mas forçou-se a concentrar-se em sua tarefa. As ligações feitas até o momento tinham sido infrutíferas, mas ainda havia muitas delegacias a serem contatadas. O fato de o banco de dados ter saído do ar justo quando ele precisava devia ser sua má sorte em ação. Agora tinha que ficar ali, dando um telefonema atrás do outro, tentando achar alguém que se encaixasse na descrição da mulher morta.

Duas horas depois, ele se recostou para trás e, frustrado, jogou a caneta contra a parede. Ninguém que correspondesse à descrição da mulher morta fora dado como desaparecido. Que fariam agora?

Era tão injusto. Ele era mais velho que aquele moleque arrogante e devia ser o responsável pela investigação, mas o mundo estava repleto de ingratidão. Durante muitos anos, ele bajulara aquele maldito Mellberg, mas isso não levava a nada. Ernst fez as curvas em alta velocidade, indo para Fjällbacka. Se não estivesse dirigindo uma viatura policial certamente teria visto no retrovisor um monte de dedos médios erguidos. Tentem fazer isso, turistas malditos, e verão só o inferno que terão que enfrentar.

Vá falar com os vizinhos. Isso era tarefa para um novato, não para um policial com 25 anos de experiência. Aquele fedelho do Martin podia ter feito isso, enquanto Ernst ficaria

dando uns telefonemas para seus colegas nas delegacias vizinhas e poderia jogar conversa fora.

Ele fervia por dentro, mas esse era seu estado de espírito natural desde garoto, portanto, não era nada fora do comum. O temperamento colérico tornava-o pouco adequado para uma profissão que requeria tanto contato social. Por outro lado, os baderneiros o respeitavam, pois sabiam por instinto que Ernst Lundgren não era alguém com quem folgar se davam valor à saúde.

Enquanto cruzava o vilarejo, via curiosos por toda parte. Seguiam-no com os olhos e apontavam, e ele percebeu que as notícias já haviam se espalhado por Fjällbacka. Ernst atravessou a praça Ingrid Bergman a passo de lesma, por conta dos carros estacionados irregularmente. Ficou satisfeito ao ver muitos fregueses saírem correndo das mesas na calçada do Café Bryggan para tirar os carros. Era uma atitude esperta. Se os carros ainda estivessem ali quando voltasse, ele não tinha nada contra passar algum tempo perturbando o espírito de férias das pessoas que estacionavam ilegalmente. Faria com que soprassem no bafômetro, talvez. Alguns dos motoristas estavam entornando cerveja gelada quando o viram passar. Se tivesse sorte, ele conseguiria até apreender uma ou duas cartas de motorista.

Não havia muito lugar onde estacionar na rua estreita em frente à Passagem do Rei, mas ele se espremeu numa vaga e deu início à Operação Bater na Porta. Como esperava, ninguém tinha visto nada. Pessoas que em geral teriam notado que o vizinho peidou em sua casa pareciam ficar surdas e cegas quando a polícia queria saber algo. Se bem que, Ernst precisava admitir, era possível que eles de fato não tivessem ouvido coisa alguma. No verão, o nível de ruído era tão alto, com os bêbados cambaleando de volta para casa ao amanhecer, que, para conseguir dormir, as pessoas aprendiam a bloquear os ruídos vindos de fora. Mas ainda assim era irritante.

Ele só conseguiu algo na última casa. Não era nada importante, mas ao menos era alguma coisa. O velho da casa mais afastada da entrada da Passagem do Rei ouvira um carro passar por volta das 3h da manhã, quando se levantou para ir ao banheiro. Mais precisamente, havia sido às 2h45. Ele disse que não tinha se preocupado em ir olhar, de modo que não podia dar detalhes sobre o motorista ou o carro. Mas como fora instrutor de autoescola e dirigira muitos tipos de carro na época, podia assegurar que o veículo não era de um modelo recente e que já tinha alguns anos.

Grande! A única coisa que Ernst descobrira depois de duas horas tocando campainhas foi que o assassino provavelmente levara o corpo para lá por volta das três da manhã e que talvez dirigisse um carro velho. Nada animador.

Mas o humor dele melhorou quando atravessou a praça de novo, no caminho de volta para a delegacia, e viu que outros espertalhões tinham estacionado nas vagas deixadas pelos

motoristas anteriores. Agora ele faria com que soprassem no bafômetro até seus pulmões estourarem.

O som insistente da campainha interrompeu Erica enquanto ela lutava para passar o aspirador no carpete. O suor escorria em abundância, e ela afastou o cabelo úmido da face antes de abrir a porta. Eles deviam ter corrido como loucos para chegar tão depressa.

“Oi, gorda!”

Um abraço de urso a capturou, e ela notou que não era a única a transpirar. Mas com o nariz enfiado bem fundo na axila de Conny, Erica percebeu que seu cheiro era de rosas e lírios do vale em comparação com aquilo.

Depois de escapar do abraço dele, ela cumprimentou a esposa de Conny, Britta, com um aperto de mão educado, já que tinham se visto apenas poucas vezes. O aperto de Britta era úmido e mole como um peixe morto. Erica sentiu um arrepio e conteve o impulso de limpar a mão na calça.

“Que barrigão o seu! O que você tem aí, gêmeos?”

Ela odiava de verdade que as pessoas fizessem comentários como aquele sobre seu corpo, mas já havia percebido que a gravidez parecia dar a todos um passe livre para falar sobre sua silhueta e tocarem sua barriga. Estava familiarizada com isso. Até completos estranhos haviam se aproximado e começado a apalpar-lhe a barriga. Erica já estava à espera de que os toques de praxe tivessem início, e segundos depois Conny passava as mãos por seu abdome protuberante.

“Ah, você tem um pequeno craque de futebol aí dentro. É óbvio que é um menino, com tantos chutes. Venham aqui, crianças, sintam isso!”

Erica não tinha energia para se opor, e foi atacada por dois pares de mãozinhas grudentas de sorvete, que deixaram marcas em sua blusa branca de grávida. Por sorte, Lisa e Víctor, de seis e oito anos, logo perderam o interesse.

“E o que o pai orgulhoso tem a dizer? Ele está contando os dias, ou algo assim?” Conny não esperou por uma resposta, e Erica lembrou-se de que os diálogos não eram seu ponto forte. “É, raios, ainda me lembro de quando esses dois bandidinhos vieram ao mundo. Foi uma experiência intensa. Mas tire da cabeça dele assistir ao que vai acontecer aí embaixo. Ele vai ficar sem vontade por muito tempo.”

Ele deu uma risadinha e cutucou Britta no flanco com o cotovelo. Ela apenas lhe lançou um olhar mal-humorado. Erica percebeu que aquele ia ser um longo dia. Se pelo menos Patrik voltasse para casa na hora certa...

Patrik bateu de leve na porta de Martin. Sentia um pouco de inveja de como tudo era

organizado ali. A escrivania estava tão limpa que podia ser usada como mesa de cirurgia.

“Como está indo? Encontrou algo?”

A expressão desanimada de Martin mostrou-lhe que a resposta era negativa mesmo antes de ele sacudir a cabeça. Maldição. Naquele instante, a coisa mais importante da investigação era conseguir identificar a mulher. Em algum lugar havia gente preocupada com ela. Com certeza, alguém devia estar sentindo sua falta.

“E você?” Martin indicou com a cabeça a pasta que Patrik tinha na mão. “Acho o que estava procurando?”

“Acho que sim.”

Patrik puxou uma cadeira para poder sentar-se ao lado de Martin.

“Dê uma olhada nisto. Duas mulheres desapareceram no final da década de 1970, em Fjällbacka. Não sei como não me lembrei disso logo de cara, foi matéria de primeira página na época. De qualquer modo, isso é o que sobrou do material das investigações.”

A pasta que ele colocou sobre a mesa estava bem empoeirada, e ele viu que os dedos de Martin estavam prontos para limpá-la. Seu olhar severo fez com que o jovem se controlasse. Patrik abriu a pasta e mostrou-lhe as fotos que estavam por cima.

“Esta é Siv Lantin. Ela desapareceu no solstício de verão de 1979. Tinha 19 anos.” Patrik pegou a próxima foto. “Esta é Mona Thernblad. Ela desapareceu duas semanas mais tarde e tinha 18 anos. Nenhuma das duas foi vista novamente, apesar do enorme esforço com equipes de busca, dragagem de rios e tudo o que você possa imaginar. A bicicleta de Siv foi encontrada numa vala, mas só isso foi achado. E não encontraram nenhum vestígio de Mona, exceto por um tênis.”

“Sim, agora que você está me contando isso, eu me lembrei desses casos. Havia um suspeito, não?”

Patrik folheou as páginas amareladas do relatório e apontou um nome datilografado.

“Johannes Hult. Foi justamente o irmão, Gabriel Hult, que ligou para a polícia e contou que tinha visto o irmão indo para a fazenda dele com Siv Lantin, na noite em que ela desapareceu.”

“E até que ponto a informação foi levada a sério? Quer dizer, deve ter algo por trás quando você aponta seu próprio irmão como suspeito de um assassinato.”

“A briga na família Hult já vinha de anos, e todos sabiam sobre ela. De modo que a informação foi recebida com algum ceticismo, creio. Ainda assim, tinha que ser investigada, e Johannes foi chamado para ser interrogado algumas vezes. Mas nunca se encontrou nenhuma evidência além do testemunho do irmão. Era a palavra de um irmão contra a do outro, e Johannes foi liberado.”

“Por onde anda Gabriel, hoje em dia?”

“Não tenho certeza, mas acho que me lembro de que Johannes cometeu suicídio pouco tempo depois. Droga... Se Annika estivesse aqui, levantaria num instante um relatório mais atualizado. Como eu disse, o material na pasta é superficial, para dizer o mínimo.”

“Parece que você tem certeza de que os esqueletos que encontramos são dessas duas mulheres.”

“Eu não afirmaria isso. Só estou baseando meu palpite na lei das probabilidades. Temos duas mulheres que desapareceram nos anos 1970, e agora surgem dois esqueletos que parecem já meio antigos. Qual é a chance de que seja só uma coincidência? Mas, é claro, não tenho certeza absoluta. E não teremos até que o legista entregue seu relatório. Mas quero garantir que ele tenha acesso a essa informação de imediato.” Patrik olhou o relógio. “Droga, acho melhor eu ir andando. Prometi chegar cedo em casa hoje. O primo de Erica vem nos visitar, e tenho que arranjar camarões e outras coisas para o jantar. Você poderia se encarregar de levar ao legista essas informações? E dê uma checada com Ernst, quando ele voltar, para o caso de ele ter conseguido algo útil.”

Quando Patrik saiu da delegacia, o calor o atingiu como um muro, e ele se apressou em chegar ao carro, para poder voltar a um ambiente com ar-condicionado. Se aquele calor estava drenando suas energias, ele nem podia imaginar o que estaria fazendo a Erica, pobrezinha. Era um azar que tivessem visitas logo agora, mas ele entendia que era difícil para ela dizer não. E como a família Flood partiria no dia seguinte, apenas uma noite seria perdida. Ele colocou o ar-condicionado no máximo e partiu para Fjällbacka.

“Você falou com Linda?”

Laine esfregava as mãos de forma nervosa. Era um hábito que Gabriel aprendera a detestar.

“Não há muito que falar”, disse ele. “Ela vai fazer o que mandarmos.”

Gabriel nem sequer ergueu os olhos e continuou calmamente o que estava fazendo. Seu tom era de fim de conversa, mas Laine não iria calar-se assim tão fácil. Infelizmente. Fazia anos que ele desejava que ela escolhesse com mais frequência ficar quieta. Faria milagres pela personalidade dela.

Gabriel Hult tinha o perfil de um contador até o fundo da alma. Ele amava alinhar créditos e débitos e calcular o balanço na última linha; ele odiava de todo o coração qualquer coisa que se referisse a emoções e não à lógica. Organização era seu lema, e, apesar do calor de verão, ele usava terno e gravata, de um tecido mais leve, claro, mas ainda assim de aparência muito digna. O cabelo escuro escasseara com o correr dos anos, mas ele ainda o penteava para trás e não fazia nenhuma tentativa de esconder a calvície no meio. A *pièce de résistance* era o par de óculos redondos que repousava na ponta do nariz, de modo

que ele pudesse olhar por cima deles, com desdém, para qualquer um com quem falasse. O que é certo é certo – era esse o lema pelo qual vivia, e ele só desejava que as outras pessoas fizessem o mesmo. Em vez disso, parecia que elas gastavam toda a energia tentando comprometer-lhe o equilíbrio perfeito e dificultando a vida dele. Tudo seria tão mais fácil se apenas fizessem o que ele dizia em vez de ficar alimentando bobagens em suas cabeças.

A grande perturbação em sua vida naquele momento era Linda. Jacob nunca fora tão difícil durante a adolescência. No mundo ideal de Gabriel, as meninas eram mais calmas e mais obedientes que os meninos. Mas, em vez disso, eles tinham um monstro adolescente nas mãos, que os contradizia a cada momento e que de forma geral estava dando o melhor de si para arruinar suas vidas no mais breve tempo possível. Ele não colocava fé alguma nos planos estúpidos dela de tornar-se modelo. Não havia dúvida de que a garota era bonitinha, mas infelizmente herdara o cérebro da mãe e não duraria uma hora no mundo inóspito das modelos profissionais.

“Já tivemos essa discussão antes, Laine, e não mudei de opinião. Está fora de questão. Não vou permitir que Linda saia por aí e seja fotografada por algum safado que só quer vê-la nua. Linda tem que estudar, e isso é tudo.”

“Sim, mas daqui a um ano ela terá 18, e então fará tudo o que quiser, de qualquer modo. Não é melhor que nós a apoiemos agora em vez de correr o risco de perdê-la para sempre daqui a um ano?”

“Linda sabe de que lado o vento sopra, e me surpreenderia muito se ela fosse embora sem assegurar um apoio financeiro. E é exatamente o que terá se continuar estudando. Prometi mandar-lhe dinheiro todo mês se prosseguir com os estudos, e pretendo honrar essa promessa. Agora, eu realmente não quero ouvir mais nada sobre esse assunto.”

Laine continuou esfregando as mãos, mas sabia que fora derrotada e deixou o escritório dele de ombros arriados. Ela fechou a porta de correr com cuidado atrás de si, e Gabriel deu um suspiro de alívio. Essa insistência estava lhe dando nos nervos. Depois de tantos anos, ela deveria conhecê-lo bem o suficiente para ver que ele não mudava de ideia depois de ter tomado uma decisão.

Seu senso de satisfação e calma retornou quando ele voltou a escrever no livro que tinha diante de si. Os programas modernos de contabilidade para computadores nunca o conquistaram, porque ele amava a sensação de ter diante de si um grande livro-caixa, com colunas organizadas de números e suas somas totais em cada página. Quando terminou, recostou-se satisfeito na cadeira. Aquele era um mundo que ele podia controlar.

Por um instante, Patrik se perguntou se estava na casa certa. Aquele não podia ser o lar calmo e tranquilo de onde saíra naquela manhã. O nível de ruído era muito superior ao

permitido em canteiros de obras, e, lá dentro, a casa dava a impressão de ter sido alvo de uma granada de mão. Pertences que ele não reconhecia estavam espalhados por toda parte, e coisas que deveriam estar em certos lugares estavam ausentes. A julgar pela expressão de Erica, ele deveria ter voltado para casa uma ou duas horas antes.

Espantado, ele contou duas crianças e dois adultos a mais e ficou pensando como é que eles podiam fazer tanto barulho quanto uma creche inteira. O canal da Disney berrava a plenos pulmões na TV, e um garotinho perseguia com uma arma de brinquedo uma garotinha menor que ele. Os pais dos dois diabinhos estavam sentados calmamente na varanda. O homenzarrão acenou alegremente para Patrik, mas não se incomodou em erguer-se do sofá ou em afastar-se da bandeja de biscoitos. Patrik foi até a cozinha para falar com Erica, e ela colapsou em seus braços.

“Por favor, tire-me daqui. Devo ter cometido algum pecado imperdoável numa vida passada para ter que carregar esse fardo. As crianças são demônios em forma humana, e Conny é... Conny. A mulher dele mal deu um pio, e parece azeda o suficiente para coalhar leite. Socorro, eles precisam ir embora!”

Patrik reconfortou a esposa, acariciando-lhe as costas, e sentiu que estavam molhadas de suor.

“Vá e tome uma ducha com tranquilidade, eu cuido dos hóspedes por enquanto. Você está encharcada.”

“Obrigada, você é um anjo. Fiz um bule de café. Eles já estão na terceira xícara, mas Conny começou a dar indiretas de que quer algo mais forte, então acho que seria bom você dar uma olhada e ver se temos algo do gênero disponível.”

“Eu vejo isso. Agora vá andando, querida, antes que eu mude de ideia.”

Erica deu-lhe um beijo de agradecimento e então bamboleou escada acima, rumo ao banheiro.

“Eu quero sorvete.” Victor se esgueirara por trás de Patrik e lhe apontava a pistola.

“Desculpe, não temos sorvete em casa.”

“Então, você vai ter que sair e comprar.”

A expressão de contrariedade no rosto do menino enfureceu Patrik, mas ele tentou parecer amigável e disse com toda a suavidade possível:

“Não, não vou fazer isso. Há biscoitos na mesa lá fora, você pode comer alguns.”

“Eu quero sorveteeeeeeeeeee!!!” O menino choramingava e pulava para cima e para baixo, e agora seu rosto estava vermelho vivo.

“Nós não temos, já disse.” A paciência de Patrik estava começando a se esgotar.

“SORVETE, SORVETE, SORVETE, SORVETE!” Victor não ia desistir facilmente. Mas ele deve ter visto nos olhos de Patrik algo que o fez crer que chegara a algum limite, porque

se calou e retrocedeu devagar para fora da cozinha. Depois saiu correndo e foi chorando até os pais, que, sentados lá fora, na varanda, ignoraram o tumulto na cozinha.

“PAPAAAI, o tio Patrik é malvado! Eu quero sorveteeeeee!”

Com o bule de café na mão, Patrik tentou ignorar e saiu para cumprimentar os hóspedes. Conny colocou-se em pé e estendeu a mão. Quando Patrik cumprimentou Britta, também sentiu o aperto de mão de peixe morto.

“Victor está passando por uma fase”, disse ela. “Ele está testando os limites de sua própria vontade. Não queremos atrapalhar seu desenvolvimento pessoal e deixamos que ele mesmo descubra onde está a linha divisória entre seus próprios desejos e os de outras pessoas.”

Britta lançou ao filho um olhar terno, e Patrik lembrou-se de Erica ter-lhe dito que ela era psicóloga. Mas se essa era sua ideia de como criar filhos, então a psicologia seria uma profissão com a qual o pequeno Victor teria muito contato depois de adulto. Conny mal parecia notar o que estava acontecendo, e calou o filho enfiando um bom pedaço de bolo na boca do menino. A julgar pela forma rotunda de Victor, aquela era uma tática frequente. Mas Patrik teve de admitir que era eficiente e atraente, por sua simplicidade.

Quando Erica desceu, de banho recém-tomado e com uma expressão bem mais alerta no rosto, Patrik já havia posto a mesa com o camarão e os outros pratos. Ele também tinha conseguido servir pizza para as duas crianças, depois de perceber que seria a única forma de evitar uma catástrofe total durante o jantar.

Todos se sentaram, e Erica estava a ponto de abrir a boca para dizer “bom apetite” quando Conny atacou a tigela de camarões com ambas as mãos. Uma, duas, três grandes mãozadas de camarão aterrissaram em seu prato, restando na tigela pouco mais da metade da quantidade original.

“Hummm, delícia! Sou um cara que sabe *mesmo* como se come camarão.” Conny deu palmadinhas orgulhosas na barriga e mergulhou em sua montanha de camarões.

Patrik, que colocara na tigela bem uns dois quilos de camarões absurdamente caros, apenas suspirou e pegou um punhadinho que mal ocupou lugar em seu prato. Sem uma palavra, Erica fez o mesmo, e então passou a tigela para Britta, que de forma apática pegou o resto.

Depois do jantar malsucedido, eles fizeram as camas para as visitas no quarto de hóspedes e pediram licença para se retirar cedo, com a desculpa de que Erica precisava descansar. Patrik mostrou a Conny onde estava o uísque e fugiu aliviado para a paz e o silêncio do piso superior.

Quando por fim se deitaram, Patrik contou a Erica suas atividades do dia. Fazia tempo que desistira de manter segredo das tarefas policiais para Erica, mas ele também sabia que

ela ficava de boca fechada sobre o que lhe contava. Ao chegar ao episódio das duas mulheres desaparecidas, ele percebeu que ela ficou interessada.

“Lembro-me de ter lido sobre isso. Então acha que foram elas que vocês encontraram?”

“Tenho quase certeza. Do contrário, seria uma coincidência grande demais. Assim que tivermos o relatório do legista, poderemos investigar isso de modo adequado, mas por enquanto temos que manter abertas todas as opções possíveis.”

“Você não precisa de ajuda para pesquisar o histórico do caso, precisa?”, disse ela, ansiosa. E ele pôde ver um brilho em seus olhos.

“Não, não, não. Você tem que descansar. Não se esqueça de que está de licença médica.”

“Sim, mas minha pressão estava normal no último *check-up*. E ficar em casa o tempo todo está me deixando maluca. Não consegui nem começar a escrever o próximo livro.”

O livro sobre Alexandra Wijkner e sua morte trágica vendera bem e rendera a Erica um contrato para outro livro sobre um crime real. A redação demandara um esforço enorme da parte dela, em termos tanto de pesquisa quanto de emoção, e, depois de enviá-lo ao editor, em maio, ela não se sentiu em condição de começar um novo projeto. A pressão alta seguida da licença médica virou o jogo contra ela, que relutantemente adiou qualquer trabalho para o novo livro até depois da chegada do bebê. Mas não fazia parte da natureza dela ficar em casa vendo o tempo passar.

“Annika está de férias e não pode fazer isso. E fazer pesquisa não é tão fácil quanto parece. Você tem que saber onde procurar, e eu sei. Não posso só dar uma olhadinha...”

“Não, fora de questão. Com sorte, Conny e seu bando vão embora de manhã cedo e aí você vai poder descansar. Agora fique quieta para eu conversar um pouco com o bebê. Temos que começar a planejar a carreira dele como jogador de futebol...”

“Ou dela.”

“Ou dela. Se bem que aí seria golfe. O futebol feminino ainda não dá muito dinheiro.”

Erica apenas suspirou, mas deitou de costas, obediente, para facilitar a conversa.

“Eles não percebem quando você sai?” Johann estava deitado de lado, junto a Linda, fazendo cócegas no rosto dela com uma palhinha.

“Não, porque Jacob ‘confia’ em mim.” Ela franziu o cenho, imitando o tom sério do irmão. “Ele aprendeu isso naqueles cursos sobre como estabelecer uma boa relação com os jovens. O pior é que a maioria deles cai nessa; para alguns, Jacob é como Deus. Se bem que, se você foi criado sem pai, provavelmente vai pegar o que aparecer.” Incomodada, ela deu um tapa na palha com a qual ele lhe fazia cócegas. “Pare com isso.”

“Que foi? Não posso brincar um pouco com você?”

Ela percebeu que Johann ficara ofendido e debruçou-se sobre ele para beijá-lo, como se

pusse um curativo sobre um corte. Hoje não estava sendo um bom dia. A menstruação descera naquela manhã, e ela não poderia fazer amor com Johann por uma semana. E estava dando nos nervos viver na mesma casa com o irmão esplêndido e sua mulher igualmente esplêndida.

“Ah, se pelo menos o ano passasse logo para eu poder deixar este buraco de merda!”

Eles tinham que sussurrar para não serem descobertos em seu esconderijo no palheiro, no alto do celeiro, mas ela deu um tapa nas tábuas para pontuar suas palavras.

“E você também gostaria de me deixar? É o que deseja?”

A expressão magoada no rosto de Johann acentuou-se, e ela se arrependeu. Se algum dia caísse no mundo, ela jamais olharia para alguém como Johann. Enquanto estivesse encalhada em casa, ele era diversão suficiente, mas só isso. Contudo, ele não precisava saber. Assim, ela se enrodilhou como um gatinho e se aconchegou nele. Como não obteve uma reação, pegou o braço dele e passou-o a seu redor. Como se tivessem vontade própria, os dedos dele começaram a percorrer seu corpo, e ela sorriu para si mesma. Era tão fácil manipular os homens.

“Você viria comigo, não é?”, disse ela, sabendo muito bem que ele jamais conseguiria separar-se de Fjällbacka, ou melhor, do irmão. Às vezes, ela se perguntava se ele conseguia ir ao banheiro sem pedir permissão a Robert.

Ele não respondeu à questão. Em vez disso, disse:

“Você falou com seu pai? O que ele acha de sua ideia de ir embora daqui?”

“O que ele diria? Em um ano, ele não vai mais poder me dar ordens. Quando eu fizer dezoito, ele não vai poder dizer mais merda nenhuma. E vai ficar doido com isso. Às vezes, acho que ele desejaria nos enfiar em algum de seus malditos livros de contabilidade. Débito, Jacob, crédito, Linda.”

“O que você quer dizer com débito?”

“São termos financeiros.” Linda riu. “Nada com que você precise se preocupar.”

“Eu só me pergunto como as coisas seriam se...” Johann fixou o olhar em algum ponto atrás dela, enquanto continuava a mascar uma palha.

“Como as coisas seriam se o quê?”

“Se meu pai não tivesse perdido todo o dinheiro. Então talvez nós estivéssemos morando na casa principal, e você estaria na casa menor com tio Gabriel e tia Laine.”

“Ah, isso seria divertido de ver. Mamãe vivendo numa casinha humilde. Pobre como um camundongo de igreja.”

Linda jogou a cabeça para trás e gargalhou tão alto que Johann teve que pedir que ela fizesse silêncio para que não fosse ouvida na casa de Jacob e Marita, vizinha ao celeiro.

“Talvez meu pai ainda estivesse vivo. E assim minha mãe não passaria o dia em cima

daqueles malditos álbuns de fotos”, disse Johann.

“Mas não foi por causa do dinheiro que ele...”

“Você não sabe nada. Que diabos saberia sobre os motivos dele para fazer o que fez?” A voz de Johann elevou-se uma oitava, tornando-se estridente.

“Todo mundo sabe.”

Linda não gostou do rumo que a conversa havia tomado e não ousou encarar Johann. A briga de família e tudo que fosse relacionado a ela estavam fora dos limites, por acordo tácito.

“Todo mundo acha que sabe, mas ninguém sabe merda nenhuma”, continuou Johann. “E seu irmão está morando em nossa fazenda... Isso, sim, é demais!”

“Não é culpa de Jacob que as coisas tenham acontecido como aconteceram”, disse Linda. Era estranho estar defendendo o irmão que ela costumava cobrir de ofensas, mas o sangue falava mais alto. “Ele recebeu a fazenda do vovô e, além do mais, sempre foi o primeiro a defender Johannes.”

Johann sabia que ela tinha razão, e sua fúria esvaiu-se. Porém, às vezes doía demais quando Linda começava a falar sobre a família, pois isso o fazia lembrar-se do que ele próprio perdera. Ele não ousava dizer isso na cara dela, mas com frequência achava que ela era muito ingrata. Ela e sua família tinham tudo, e a família dele não tinha nada. Onde estava a justiça daquilo?

Ao mesmo tempo, ele podia perdoá-la por tudo. Ele nunca amara ninguém com tamanha intensidade, e a mera visão do corpo esguio dela junto ao seu queimava-o por dentro. Às vezes, ele não conseguia acreditar que era verdade. Que um anjo como Linda perdia seu tempo com ele. Mas ele não questionava sua boa sorte. Em vez disso, tentava ignorar o futuro e aproveitar o presente. Puxou-a mais para perto e fechou os olhos, enquanto inalava o perfume do cabelo dela. Desabotoou seu jeans, mas ela o deteve.

“Não posso, estou nos meus dias. Deixa que eu faço.”

Ela desabotoou o jeans dele, e o rapaz se deitou de costas no feno. Por trás de suas pálpebras fechadas, o paraíso lhe fez uma visita.

Apenas um dia havia se passado desde que a mulher morta fora encontrada, mas a impaciência já começava a perturbá-lo. Em algum lugar alguém estava se perguntando por onde ela andaria. Imaginando, preocupando-se, deixando os pensamentos vagarem por caminhos cada vez mais tormentosos. E o mais terrível era que, naquele caso, os piores receios tinham se tornado realidade. Mais do que tudo, ele queria descobrir quem era a mulher, para poder avisar seus entes queridos. Nada era pior que a incerteza, nem mesmo a morte. O processo do luto não poderia iniciar-se até que soubessem o motivo desse luto.

Não seria fácil ser o portador da notícia – uma responsabilidade que Patrik já assumira em sua mente –, mas ele sabia que aquela era uma parte importante de seu trabalho. Tornar as coisas mais fáceis, oferecer apoio. Mas, acima de tudo, descobrir o que sucedera com a pessoa amada.

Os telefonemas infrutíferos de Martin no dia anterior haviam demonstrado que a tarefa de identificação seria mais difícil. Ela não fora dada como desaparecida em nenhum lugar nas proximidades, de modo que a busca teria que ser expandida para toda a Suécia, e talvez até para outros países. No momento, a tarefa parecia impossível, mas ele afastou depressa o pensamento. Naquele exato instante, eles eram os únicos guardiões da mulher ainda desconhecida.

Martin bateu à porta com discrição.

“Como quer que eu prossiga? Amplio o raio de busca, ou começo com as delegacias das cidades grandes, ou...?” Ele ergueu as sobrancelhas num gesto inquisitivo.

De imediato, Patrik sentiu o peso da responsabilidade pela investigação. Não havia de fato nada que apontasse para nenhuma direção, mas ele tinha que começar por algum lugar.

“Verifique as delegacias das cidades grandes. Gotemburgo já foi, então comece com Estocolmo e Malmö. Devemos estar para receber o relatório preliminar dos peritos criminais, e, com um pouco de sorte, eles podem dizer algo útil.”

“Tudo bem.” Martin fechou a porta ao sair e foi para sua sala. O som estridente de uma campainha vindo do saguão da frente o fez girar nos calcanhares, e ele foi atender quem quer que fosse. Em geral, era função de Annika, mas, enquanto ela estava ausente, eles se alternavam para fazê-lo.

A jovem parecia transtornada. Era magra, com duas longas tranças loiras e uma mochila enorme nas costas.

“Quero falar com o encarregado.”

Ela falava em inglês, com um sotaque forte, e ele calculou que fosse alemã. Martin abriu a porta e a convidou a entrar.

“Patrik, você tem visita”, gritou ele para o fundo do corredor.

Já tarde demais ocorreu-lhe que ele deveria ter perguntado a ela primeiro sobre o que queria falar, mas Patrik já havia colocado a cabeça para fora da sala, e a jovem ia em sua direção.

“Você é o encarregado?”

Por um momento, Patrik esteve tentado a mandá-la para Mellberg, que em teoria era o chefe, mas mudou de ideia ao ver a expressão desesperada da moça e decidiu poupá-la da experiência. Mandar uma garota bonita para dentro da sala de Mellberg era como mandar uma ovelha para o matadouro, e seu instinto natural protetor venceu.

“Sim, posso ajudá-la?”

Ele acenou-lhe para que entrasse e sentasse na cadeira defronte à mesa. Com uma facilidade surpreendente, ela retirou a volumosa mochila e cuidadosamente apoiou-a na parede ao lado da porta.

“Meu inglês é muito ruim. Você fala alemão?”

Patrik vasculhou seu alemão do tempo da escola. A resposta dele dependia de como ela definia “falar alemão”. Ele conseguia pedir uma cerveja e depois a conta, mas suspeitava de que ela não estivesse ali na qualidade de garçomete.

“Um pouco de alemão”, respondeu ele, hesitante, na língua dela, balançando a mão num gesto que indicava “mais ou menos”.

Aquilo pareceu agradar-lhe, e ela falou devagar e de forma clara para dar a ele a chance de entender o que dizia. Para sua surpresa, Patrik descobriu saber mais alemão do que imaginava e, mesmo sem compreender todas as palavras, conseguiu pegar o sentido da coisa.

Ela se apresentou como Liese Forster. Aparentemente, estivera ali uma semana antes para dar parte do desaparecimento de sua amiga Tanja. Falara com um policial na delegacia, que lhe dissera que iria contatá-la assim que tivesse alguma notícia. Já havia se passado uma semana, e ela não obtivera nenhum retorno. A preocupação se estampava no rosto da moça, e Patrik levou sua história a sério.

Tanja e Liese haviam se encontrado no trem, indo para a Suécia. As duas eram do norte da Alemanha, mas não se conheciam antes. Elas se deram bem logo de cara, e Liese contou que se tornaram amigas como se fossem irmãs. Liese não tinha nenhum plano sobre onde ir na Suécia, e Tanja sugeriu que fosse com ela para uma cidadezinha na costa oeste, chamada Fjällbacka.

“Por que Fjällbacka em particular?”, perguntou Patrik, com sua precária gramática alemã.

A resposta veio hesitante. Liese admitiu não saber realmente por quê. Era a única coisa que Tanja não discutira com ela em seu jeito caloroso e franco. Tudo que lhe dissera foi que tinha algum assunto a resolver na cidade. Quando tivesse acertado tudo, elas poderiam continuar percorrendo a Suécia. Mas havia algo que Tanja precisava descobrir primeiro. Aquele parecia ser um assunto delicado, e Liese não quis insistir. Ela estava feliz por ter uma companheira de viagem e ficou satisfeita em ir aonde a outra fosse. Não importava muito o motivo pelo qual Tanja precisava ter ido para lá.

Elas já estavam no camping de Sälvik havia três dias quando Tanja desapareceu. Ela saiu pela manhã, dizendo que precisava resolver algo durante o dia e que estaria de volta à tarde. A tarde se passou, e veio a noite, e a angústia de Liese aumentava à medida que as horas se passavam. Na manhã seguinte, ela foi ao escritório de informações turísticas, na praça Ingrid Bergman, e perguntou como chegar à delegacia de polícia. Então dera queixa, e agora queria

saber o que tinha sido feito.

Patrik estava chocado. Até onde sabia, não tinham recebido nenhuma queixa de pessoa desaparecida. Ele sentiu um peso aumentando no estômago. Quando perguntou como Tanja se parecia, seus medos foram confirmados. Tudo o que Liese lhe disse sobre a amiga batia com a mulher morta encontrada na Passagem do Rei.

Com o coração pesado, Patrik mostrou a Liese uma foto do corpo, e os soluços dela confirmaram as suspeitas dele. Martin podia parar de dar telefonemas, e alguém teria de responder por não ter registrado corretamente o desaparecimento de Tanja. Perdera horas preciosas por nada, e Patrik tinha pouca dúvida quanto a quem seria o culpado.

Patrik já havia saído para trabalhar quando Erica despertou de um sono que, dessa vez, fora profundo e sem sonhos. Ela olhou o relógio. Eram nove, e nenhum som vinha de lá de baixo.

Logo ela se pôs a fazer o café e colocou a mesa para ela e os hóspedes. Eles foram para a cozinha um a um, cada qual mais acabado que o outro, mas recuperaram-se depressa quando começaram a servir-se do café da manhã que ela preparara.

“Vocês não iam daqui para Koster?” A pergunta de Erica era educada, mas ela estava ansiosa para se livrar deles.

Conny trocou um breve olhar com a esposa e então disse:

“Bom, Britta e eu conversamos sobre isso ontem à noite e achamos que, já que estamos aqui e o tempo está tão bonito, poderíamos ir hoje a alguma das ilhas aqui perto. Vocês têm um barco, não têm?”

“Bom, sim, temos”, admitiu Erica, relutante. “Mas não sei se Patrik está muito entusiasmado para emprestá-lo. Considerando o preço do seguro, e tudo mais...”

A ideia de que eles ficariam mais tempo do que o planejado, mesmo umas poucas horas, fazia os ossos dela estremecerem de frustração.

“Pensamos que você poderia nos dar uma carona até algum lugar bonito e então ligaríamos para você quando quiséssemos voltar.”

Conny interpretou o fato de Erica ter perdido a fala diante da sugestão como um consentimento tácito da parte dela. Ela conjurou seus mais elevados dons de paciência e persuadiu-se de que não valia a pena indispor-se com seus parentes só para tentar evitar algumas horas da companhia deles. Além do mais, ela não os teria por perto na maior parte do dia, e talvez eles decidissem pegar a estrada antes que Patrik chegasse do trabalho. Ela já havia decidido fazer algo especial para o jantar e desfrutar de uma noite aconchegante em casa. Afinal, em teoria, Patrik estava de férias. E quem poderia saber quanto tempo ambos teriam um para o outro depois que o bebê chegasse? Era melhor aproveitar o tempo que tinham juntos.

Depois de muito vaivém, toda a família Flood finalmente juntou sua tralha de praia, e eles partiram para o atracadouro. O barquinho azul de madeira era baixo, e embarcar nele no cais de Badholmen era difícil. Foi necessário um grande esforço para que ela conseguisse descer, com seu corpo de grávida, até a embarcação. Depois de navegar por cerca de uma hora, em busca de “uma rocha deserta ou, melhor ainda, uma praia” para seus hóspedes, ela finalmente encontrou uma baía minúscula que por milagre escapara à atenção dos outros turistas. Depois retornou para casa. Subir ao cais sem ajuda mostrou-se impossível. Sentindo-se humilhada, ela teve que pedir ajuda a banhistas que passavam.

Suada, acalorada, exausta e furiosa, ela entrou no carro e tomou o caminho de casa, mas mudou de ideia quando passava diante da sede do clube de vela. Fez uma curva fechada à esquerda em vez de seguir em frente, na direção de Sälvik. Seguiu pela curva que circundava a montanha pela direita, passou o campo de esportes e o condomínio Kullen e estacionou diante da biblioteca. Ela iria enlouquecer se tivesse que ficar em casa o dia inteiro sem nada para fazer. Patrik podia reclamar o quanto quisesse, mais tarde, mas ela iria ajudar na investigação, quisesse ele ou não!

Quando Ernst entrou na delegacia, dirigiu-se com relutância à sala de Hedström. Assim que Patrik ligou para o celular dele e ordenou-lhe com voz dura como granito que voltasse de imediato para a delegacia, Ernst percebeu que estava encrencado. Espremeu a memória para tentar descobrir em que poderia ter sido pego, mas teve de admitir que havia possibilidades demais para conseguir adivinhar. Ele era um verdadeiro mestre do improviso e transformara a trapaça numa forma de arte.

“Sente-se.”

Ele obedeceu a Patrik com docilidade e então assumiu uma expressão de desafio para enfrentar a tormenta que se aproximava.

“Então, para que tanta pressa? Tive de interromper o que estava fazendo. Só porque aconteceu de colocarem você para conduzir uma investigação, não pode ficar me dando ordens...”

Um bom ataque em geral era a melhor defesa, mas, a julgar pela cara cada vez mais fechada de Patrik, aquela fora a pior estratégia a adotar.

“Você fez o boletim de ocorrência sobre uma turista alemã desaparecida uma semana atrás?”

Diabos. Ele tinha se esquecido totalmente daquilo. A loirinha havia aparecido logo antes do almoço, e ele se livrou dela o mais depressa possível, para poder ir comer. A maioria dessas queixas sobre amigos desaparecidos nunca levava a nada. Em geral, era um cara que caíra de bêbado em alguma vala ou uma garota que fora para a casa de algum cara.

Maldição. Estava na cara que ele pagaria caro. Não podia entender como é que não fizera uma relação daquilo com a garota encontrada no dia anterior, mas é fácil falar quando se vê as coisas pelo retrovisor. O importante agora era minimizar os danos.

“É, sim, acho que fiz.”

“Você *acha* que fez?” A voz de Patrik, em geral calma, ressoou como um trovão na sala pequena. “Ou fez ou não fez. Não há meio-termo. E, se fez, onde essa m... onde ele está?” Patrik estava tão furioso que tropeçava nas palavras. “Você percebe quanto tempo de investigação isso nos custou?”

“Bom, com certeza, foi uma infelicidade, mas como eu ia saber...”

“Você não precisa saber, você precisa é cumprir as tarefas para as quais foi designado! Espero que nunca mais aconteça nada assim de novo. Agora temos que recuperar horas valiosas.”

“Se há algo que eu possa...” Ernst fez a voz mais submissa que pôde e tentou parecer arrependido. Por dentro, ele estava xingando por estar sendo tratado como um moleque, mas, como Hedström parecia agora estar nas boas graças de Mellberg, seria uma estupidez piorar ainda mais a situação.

“Você já fez o suficiente. Martin e eu vamos continuar a investigação. Você vai se encarregar das outras ocorrências que aparecerem. Recebemos uma queixa de uma invasão de domicílio em Skeppstad. Falei com Mellberg, e ele autorizou que você cuidasse disso sozinho.”

Para sinalizar que a conversa havia terminado, Patrik deu as costas para Ernst e começou a digitar com tanto ímpeto que o teclado pulava.

Ernst saiu da sala resmungando. Era tão grave assim esquecer de preencher um único boletimzinho de ocorrência? No momento adequado, ele teria uma conversinha com Mellberg sobre o risco de ter alguém de humor tão instável a cargo de uma investigação de homicídio. Sim, caramba, era isso mesmo que faria.

O rapazinho cheio de espinhas sentado diante dele era um estudo sobre a letargia. A falta de esperança estava escrita em todo o seu rosto. A falta de sentido da vida fora inculcada nele muito tempo atrás. Jacob reconhecia todos os sinais e não podia evitar encarar a situação como um desafio. Ele sabia que tinha o poder de lançar a vida do garoto numa direção totalmente diferente. O tamanho de seu sucesso dependia apenas de que o garoto tivesse algum desejo de ser guiado para o caminho certo.

Dentro da comunidade religiosa, o trabalho de Jacob com os jovens era bem conhecido e respeitado. Muitas almas perdidas haviam entrado na fazenda e depois saído de lá como membros produtivos da sociedade. O aspecto religioso era atenuado para o resto da cidade,

uma vez que os subsídios do governo eram tão precários. Sempre havia gente sem fé em Deus que saía gritando “Seita!” assim que alguma coisa se afastava um pouco de sua concepção pessoal do que devia ser a religião.

Ele ganhara por mérito próprio a maior parte do respeito de que gozava, mas não podia negar que alguma coisa também podia ser atribuída ao fato de que seu avô era Ephraim Hult, “o Pregador”. Claro, seu avô não pertencera à mesma congregação que ele, mas sua reputação se espalhara tanto ao longo da costa de Bohuslän que ressoava no seio de todas as igrejas livres da região. A igreja luterana oficial da Suécia, era óbvio, encarava o Pregador como um charlatão, assim como todos os pastores que preferiam pregar aos domingos para as igrejas vazias, de modo que as igrejas livres não prestavam muita atenção a tais difamações.

O trabalho com excluídos e viciados ocupara a vida de Jacob por quase uma década, mas já não lhe dava a satisfação de antes. Ele estava envolvido no planejamento de programas no centro de reabilitação, ali em Bullaren, mas o trabalho não preenchia o vácuo com que convivera durante toda a vida. Alguma coisa faltava dentro dele, e a busca por esse algo desconhecido o assustava. Por muito tempo ele acreditara pisar em terreno sólido, mas agora o sentia tremer de forma precária sob seus pés. Ele temia o abismo que podia abrir-se e engoli-lo por completo, de corpo e alma. Tantas vezes, seguro em sua fé, ele afirmara com convicção que a dúvida era a principal ferramenta do Diabo, sem saber que um dia ele mesmo se encontraria naquela situação delicada.

Jacob ergueu-se e ficou de costas para o garoto. Ele olhou através da janela voltada para o lago, mas viu apenas o próprio reflexo no vidro. Um homem forte e saudável, pensou ele, sarcástico. Seu cabelo escuro era curto, e Marita, que era quem o cortava, em casa, fizera um trabalho muito bom. A face era bem constituída, com feições sensíveis, mas sem deixar de ser masculinas. Ele não era nem delicado, nem particularmente robusto; era a própria definição de um homem de porte médio. Mas o mais notável em Jacob eram os olhos. De um azul intenso, tinham uma habilidade única de parecer suaves e penetrantes ao mesmo tempo. Aqueles olhos o haviam ajudado a convencer muita gente a tomar o caminho certo. Ele sabia disso e usava tal poder.

Mas não naquele dia. Seus próprios demônios faziam com que fosse difícil concentrar-se nos problemas alheios. Seria mais fácil assimilar o que o garoto dizia se não tivesse de olhar para ele. Jacob tirou os olhos de seu reflexo e deixou que o olhar se perdesse no bosque que, para além do lago Bullar, estendia-se por quilômetros à sua frente. Fazia tanto calor que ele podia ver o ar tremulando acima da água. Ele comprara aquela grande fazenda por um preço muito baixo, porque ela estava dilapidada após anos de descaso. Depois de infindáveis horas de árduo trabalho, conseguiram reformá-la e deixá-la no estado atual. Não

era um lugar luxuoso, mas era arrumada, limpa e confortável.

Os representantes distritais sempre ficavam impressionados com a casa e a beleza dos arredores e comentavam, entusiásticos, a influência positiva que tudo aquilo teria sobre os pobres garotos e garotas desajustados. Até então, a fazenda nunca tivera problemas para receber subsídios e funcionou muito bem em seus dez anos de existência. Assim, o problema estava todo em sua cabeça... Ou seria em sua alma?

Talvez a tensão do dia a dia fosse o que o empurrava para a direção errada naquela encruzilhada decisiva da vida. Ele não hesitara em receber a irmã em sua casa. Quem mais conseguiria pacificar-lhe o turbilhão interno e acalmar-lhe o temperamento rebelde? Mas ela se mostrara mais forte que ele na guerra psicológica, e a cada dia, à medida que o ego dela ficava mais forte, ele sentia a irritação constante minando suas fundações. Às vezes, ele se pegava cerrando os punhos e pensando que ela era uma garota burra, que merecia que a família desistisse de tentar ajudá-la. Mas não era assim que um cristão devia pensar, e tais pensamentos sempre levavam a horas de exames de consciência e de estudo devoto da Bíblia, na esperança de poder renovar suas forças.

Por fora, Jacob ainda era a mesma rocha sólida de segurança e fé. Sabia que as pessoas ao redor necessitavam dele e que era o único em que podiam amparar-se. E ainda não estava preparado para desistir daquela imagem que tinha de si mesmo. Desde que vencera a enfermidade que o castigara tanto, e por tanto tempo, ele lutava para não perder o controle de sua vida. Mas o esforço para manter a fachada minava seus últimos recursos, e o abismo aproximava-se mais e mais. Uma vez mais, ele refletiu sobre a ironia de que, depois de tantos anos, o círculo se fechasse. A novidade fez com que, por um segundo, o impossível acontecesse – ele sucumbiu à dúvida. Essa dúvida durou um breve instante, mas criou uma fenda diminuta na robusta trama que sustentava sua existência, e essa fenda estava aumentando.

Jacob afastou tais ideias e forçou-se a manter a atenção no jovem ali com ele e em sua vida lastimável. As perguntas que lhe fazia saíam tão automáticas quanto os sorrisos de empatia que sempre tinha a postos para cada nova ovelha negra em seu rebanho.

Mais um dia. Mais uma alma perdida a ser recuperada. Nunca terminava. Mas até Deus tivera a chance de descansar no sétimo dia.

Depois de ir à ilhota buscar seus parentes, agora vermelhos como pimentões, Erica esperava ansiosa que Patrik voltasse para casa. Ela também buscava indícios de que Conny e sua família comesçassem a arrumar as coisas, mas já eram cinco e meia e eles não tinham feito qualquer menção de partir. Ela decidiu esperar mais um instante antes de encontrar um jeito sutil de perguntar se estavam para ir embora. Os berros das crianças provocaram-lhe uma

dor de cabeça terrível, e por isso ela não esperaria muito. Aliviada, ouviu os passos de Patrik subindo a escada e foi ao encontro dele.

“Oi, querido”, disse, ficando na ponta dos pés para beijá-lo.

“Oi. Eles ainda não foram?”, perguntou Patrik, em voz baixa, olhando para a sala.

“Não, e parece que não planejam ir. O que é que vamos fazer?”, respondeu Erica, também baixinho, revirando os olhos para demonstrar seu desagrado com a situação.

“Eles não estão achando que podem ficar outra noite sem pedir, estão?”, disse Patrik, parecendo nervoso.

Erica bufou antes de responder.

“Você não imagina quantos hóspedes meus pais costumavam ter todos os anos no verão. Tinha gente que vinha para ficar uma noite ou duas e depois ficava por uma semana, esperando ser servidos e alimentados de graça. As pessoas são doidas, e os parentes são ainda piores.”

Patrik estava horrorizado.

“Eles não podem ficar por uma semana! Temos que fazer algo. Você não pode pedir a eles para irem embora?”

“Eu? Por que sou eu quem tem que pedir?”

“Porque eles são parentes seus, oras.”

Erica teve que admitir que ele tinha razão. Ela ia ter que encarar. Ela foi para a sala para descobrir o que pretendiam, mas não teve sequer a chance de perguntar.

“O que tem para o jantar?” Quatro pares de olhos ansiosos voltaram-se para ela.

“Bom...” Erica ficou aturdida com tamanha audácia. Ela rapidamente repassou de cabeça o conteúdo da geladeira. “Espaguete à bolonhesa. Em uma hora.”

Ao voltar à cozinha, onde Patrik a esperava, ela tinha vontade de chutar-se a si mesma.

“E então, o que eles disseram? Estão indo embora?”

Erica não conseguiu olhá-lo nos olhos.

“Não sei. Mas daqui a uma hora jantaremos espaguete à bolonhesa.”

“Você não lhes disse nada?” Agora era Patrik quem revirava os olhos.

“Não é fácil assim. Tente você para ver.” Aborrecida, Erica deu-lhe as costas e começou a bater as panelas e caçarolas que tirava do armário. “Vamos ter que respirar fundo e aguentar mais uma noite. Amanhã, falo com eles. Agora, comece a picar cebola, está bem? Não posso cozinhar sozinha para seis pessoas.”

Trabalharam juntos num silêncio opressivo, até que Erica não conseguiu mais ficar calada.

“Estive na biblioteca hoje”, disse ela. “Juntei algum material que você talvez possa usar. Está ali.” Acenou com a cabeça para a mesa da cozinha, onde havia uma pilha bem arrumada

de fotocópias.

“Eu disse que você não devia...”

“É, é, eu sei. Mas está feito, e foi bem mais divertido do que ficar em casa só olhando para as paredes. Então, não reclame.”

Àquela altura, Patrik já aprendera quando era hora de calar a boca, e ele se sentou à mesa para olhar o material. Havia notícias de jornal sobre o desaparecimento das duas jovens, e ele leu tudo com muito interesse.

“Caramba, isso aqui é ótimo! Vou levar tudo para a delegacia amanhã e ler com mais cuidado, mas parece fantástico.”

Ele foi até onde ela estava, diante do fogão, e abraçou-a por trás, rodeando-lhe a barriga enorme.

“Eu não estava reclamando. Só estou preocupado com você e o bebê.”

“Eu sei.” Erica virou-se de frente para ele e passou-lhe os braços pelo pescoço. “Mas não sou feita de porcelana, e, se antigamente as mulheres podiam trabalhar no campo até quase darem a luz, com certeza, posso ficar sentada numa biblioteca folheando livros sem sofrer danos.”

“Tudo bem, eu sei”, suspirou ele. “Assim que nos livrarmos de nossos hóspedes, poderemos dar mais atenção um ao outro. E prometa que vai me dizer se preferir que eu fique em casa. O pessoal sabe que me ofereci voluntariamente para trabalhar nas férias e que você está em primeiro lugar.”

“Prometo. Mas me ajude a terminar o jantar, e talvez as crianças se acalmem.”

“Duvido. Que tal se déssemos a eles uma dose de uísque antes de comer? Quem sabe, cairiam no sono.” Ele piscou um olho, e os dois riram.

“Ah, você é terrível. Mas, em vez disso, dê para Conny e Britta, pelo menos eles vão ficar de bom humor.”

Patrik seguiu a sugestão dela, lançando um olhar pesaroso ao nível cada vez mais baixo da garrafa de seu melhor *single malt*. Se os parentes de Erica ficassem uns dias mais, seu suprimento de uísque nunca mais seria o mesmo.

* Pente de ferro utilizado para limpar o pó do pelo do cavalo.

III

Verão de 1979

*E*la abriu os olhos devagar, por conta de uma dor de cabeça de rachar, que causava lampejos de dor até na raiz dos cabelos. Mas o esquisito era que não fazia diferença abrir os olhos. A escuridão densa ainda era a mesma. Num momento de pânico, achou que tinha ficado cega. Talvez houvesse algo errado com o uísque caseiro que tomara no dia anterior. Tinha ouvido histórias sobre esse tipo de coisa, jovens ficando cegos depois de tomar bebidas baratas feitas em casa. Mas segundos depois as coisas em volta começaram a delinear-se de forma vaga. Ela percebeu que não havia nada errado com sua visão, só estava em algum lugar com muito pouca luz. Olhou para cima, para ver se podia ver um céu estrelado ou talvez o luar, caso estivesse deitada ao relento, mas de imediato percebeu que nunca ficava tão escuro no verão. Ela deveria ter sido capaz de ver a luz etérea de uma noite nórdica de verão.

Tocou a superfície sobre a qual estava deitada e apanhou um punhado de solo arenoso, que deixou escorrer por entre os dedos. Havia um cheiro forte de húmus, doce e enjoativo, e ela teve a sensação de estar num subterrâneo. O pânico se instalou. Junto com a claustrofobia. Sem saber o tamanho do lugar, ela imaginou as paredes se fechando sobre ela. Levou a mão à garganta ao sentir como se sufocasse, mas então se obrigou a acalmar-se, respirando fundo para manter o pânico afastado.

Fazia frio, e ela notou de repente que estava nua, com exceção da calcinha. Seu corpo doía, e ela estremeceu, apertando os braços ao redor de si e dobrando os joelhos até o queixo. A primeira onda de pânico deu lugar a um terror tão intenso que parecia corroer-lhe os ossos. Como chegara ali? E por quê? Quem lhe tirara a roupa? A única coisa que seu cérebro lhe dizia era que provavelmente ela não gostaria das respostas para tais perguntas. Algo horrível lhe acontecera, mas ela não sabia o quê, e isso só multiplicava o terror que a paralisava.

Uma réstia de luz surgiu em sua mão, e de forma automática ela ergueu os olhos para o ponto de onde vinha. Viu uma fenda luminosa no meio da escuridão aveludada. Ela se pôs em pé com esforço e gritou por socorro. Sem resposta. Ficou na ponta dos pés e tentou

atingir a fonte da luz, mas nem chegou perto. Em vez disso, sentiu caírem gotas de água em seu rosto erguido. As gotas se transformaram num fio contínuo e ela percebeu então que tinha muita sede. Sem pensar, abriu a boca para beber. A princípio, a maior parte escorreu por sua face, mas ela logo descobriu a técnica adequada e bebeu com avidez. Então uma névoa pareceu cobrir tudo, e o aposento começou a rodar. Depois disso, apenas a escuridão.

Fugindo a seu costume, Linda acordou cedo, mas tentou dormir de novo. Ficara até tarde com Johann e sentia-se quase de ressaca por falta de sono. Pela primeira vez em meses, ela ouvia a chuva no telhado. O quarto que Jacob e Marita lhe deram ficava bem embaixo da cumeeira, e a chuva nas telhas soava tão alto que parecia ecoar-lhe entre as tências.

Além disso, era a primeira vez em muito tempo que ela acordava de manhã num quarto fresco. O calor fora constante por quase dois meses, batendo o recorde de verão mais quente dos últimos cem anos. A princípio, ela curtiu o sol escaldante, mas o prazer da novidade desaparecera semanas atrás. Ela passou a odiar ter que acordar toda manhã com os lençóis encharcados de suor. Assim, o frescor do ar que agora se infiltrava sob as vigas do telhado era mais do que agradável. Linda afastou a colcha fina e deixou que o corpo sentisse a temperatura amena. Contrariando o hábito, decidiu levantar-se antes que alguém a expulsasse da cama. Seria bom não tomar o café da manhã sozinha para variar. Lá embaixo, na cozinha, ela ouvia os sons da refeição sendo preparada. Vestiu um quimono curto e calçou os chinelos.

Ao chegar à cozinha, foi recebida com olhares de espanto, por ser tão cedo. Toda a família estava reunida: Jacob, Marita, William e Petra, e a conversa em voz baixa cessou de imediato quando Linda desabou numa cadeira e começou a passar manteiga num pedaço de pão.

“É muito bom que queira juntar-se a nós, para variar, mas eu agradeceria se você se vestisse um pouco mais antes de descer. Pense nas crianças.”

Jacob era um maldito carola, a ponto de dar enjoo. Só para irritá-lo mais, Linda deixou que o quimono fino deslizasse um pouco, deixando entrever pela abertura um dos seios. O rosto dele ficou lívido, mas por algum motivo ele não aceitou a provocação e deixou o assunto de lado. William e Petra a olharam fascinados. Ela fez careta para eles, e ambos se desmancharam em risadinhas. As crianças, na verdade, eram uns amores, ela tinha que admitir, mas Jacob e Marita logo iam estragá-las. Depois de receberem uma educação religiosa, não lhes restaria nenhuma alegria de viver.

“Vamos, crianças, acalmem-se. Sentem-se direito à mesa enquanto estão comendo. Petra, tire os pés da cadeira e sente-se como uma mocinha. E feche a boca quando estiver comendo, William. Não quero ver o que você está mastigando.”

O riso sumiu dos rostos das crianças, que se sentaram eretas como soldadinhos de chumbo, de olhos vazios e inexpressivos. Linda suspirou para si mesma. Às vezes, não conseguia acreditar que ela e Jacob fossem mesmo parentes. Não existiam irmãos mais diferentes entre si do que eles, ela tinha certeza. Era tão injusto que ele fosse o favorito dos pais, sempre elevado às alturas, quando tudo o que fazia por ela era atormentá-la. Era culpa dela ter chegado sem ser planejada, quando eles nem esperavam ter que cuidar de outro bebê? Ou que a doença de Jacob, muitos anos antes de ela nascer, tivesse feito com que não quisessem mais filhos? É claro que ela entendia a gravidade do fato de ele quase ter morrido, mas por que ela devia levar a culpa por isso? Não fora ela quem o fez adoecer.

Os pais continuaram mimando Jacob mesmo depois de sua completa recuperação. Era como se cada dia da vida dele fosse uma dádiva de Deus, enquanto ela só lhes trazia problemas e dificuldades. Além disso, havia a relação do avô com Jacob. Ela entendia, lógico, que existia um vínculo especial entre ambos, depois do que o avô fizera por Jacob, mas não era por isso que não devia haver espaço para os outros netos. Claro, o avô morrera antes do nascimento dela, e Linda nunca teve que enfrentar a indiferença dele, mas ela sabia, por intermédio de Johann, que ele e Robert tinham caído em desgraça junto ao avô e que toda a atenção dele voltara-se para o primo Jacob. Com certeza, a mesma coisa teria acontecido a ela se o avô ainda estivesse vivo.

Toda essa injustiça fez brotarem lágrimas em seus olhos, mas Linda as conteve, como tantas vezes fizera. Ela não pretendia dar a Jacob a satisfação de vê-la chorar nem outra chance de agir como o salvador do mundo. Sabia que ele ardia de vontade de colocar a vida dela nos trilhos, mas preferia morrer a tornar-se um capacho como ele. As meninas boazinhas iam para o céu, mas ela pretendia ir bem mais longe. E preferia despencar na terra com o estrondo de um trovão a viver uma vida covarde como a de seu irmão mais velho, com sua certeza plena de que todos o amavam.

“Tem algum plano para hoje? Podia me dar uma ajuda aqui em casa?”, perguntou-lhe Marita, enquanto passava manteiga em várias fatias de pão para as crianças.

Marita era uma mulher maternal, um pouco acima do peso e de rosto comum. Linda sempre achou que Jacob podia ter arranjado coisa melhor. Uma imagem de seu irmão e da cunhada na cama surgiu em sua mente. Ela tinha certeza de que eles faziam aquilo uma vez por mês, diligentemente, de luzes apagadas, a cunhada usando uma camisola recatada que chegava aos tornozelos. A ideia a fez rir, e os outros a olharam intrigados.

“Ei, Marita fez uma pergunta. Pode ajudá-la hoje? Você sabe que isso aqui não é uma

pensão.”

“Tá, tá, eu ouvi da primeira vez. Não precisa ficar enchendo. E não, não posso ajudar. Tenho que...” Ela procurou uma boa desculpa. “Tenho que dar uma olhada no Scirocco. Ele estava mancando um pouco ontem.”

A desculpa foi recebida com olhares céticos, e Linda preparou sua melhor expressão de desafio, pronta para a briga. Mas, para seu espanto, ninguém quis desafiá-la, apesar da mentira óbvia. Consequira a vitória... e mais um dia de vadiagem.

O desejo de sair e tomar chuva, o rosto virado para o céu e a água escorrendo pelo corpo; era irresistível. Havia coisas, porém, que um adulto não podia permitir-se, sobretudo se estivesse trabalhando, e Martin teve de conter o impulso infantil. Mas era maravilhoso. Todo o calor opressivo que os sufocara nos últimos dois meses foi lavado por uma única e bela pancada de chuva. Ele sentia nas narinas o cheiro da chuva que entrava pela janela aberta molhando a parte da mesa que estava mais próxima, mas ele removera toda a papelada, e por isso não havia problema. Valia a pena poder inspirar ar fresco.

Patrik ligara avisando que havia dormido demais e, diferentemente de outros dias, Martin foi o primeiro a chegar. O clima na delegacia ficara pesado no dia anterior, depois que o grave erro de julgamento de Ernst foi revelado, e era bom poder estar ali, em paz e silêncio, organizando os pensamentos relacionados aos acontecimentos recentes. Ele não invejava a tarefa de Patrik, que teria de notificar os parentes da mulher, mas até ele sabia que tomar ciência dos fatos era o passo inicial da cura por meio do luto. Era provável que nem soubessem que ela tinha desaparecido, e a notícia poderia ser um choque. O mais importante agora era localizar a família, e essa era uma das tarefas de Martin naquele dia: contatar seus colegas alemães. Ele esperava poder falar com eles em inglês, ou teria um problema. Ele se lembrava do alemão do tempo de escola o suficiente para não se impressionar com a fluência de Patrik após ter ouvido o balbúcio do colega na conversa com a amiga de Tanja.

Estava prestes a ligar para a Alemanha quando o telefone tocou. Sua pulsação acelerou-se ao ouvir que era da Criminalística em Gotemburgo, e ele pegou o bloco de notas coberto de rabiscos. Na verdade, a pessoa do outro lado da linha deveria reportar-se a Patrik, mas, como ele ainda não havia chegado, Martin serviria.

“As coisas estão mesmo esquentando aqui na roça.”

O médico legista Tord Pedersen referia-se à autópsia que fizera, um ano e meio antes, em Alex Wijkner, que resultou em uma das poucas investigações de homicídio que a delegacia de Tanumshede já conduzia.

“Pois é, estamos começando a pensar que deve ser algo na água. Daqui a pouco, vamos empatar com Estocolmo nas estatísticas de assassinatos.”

O tom leve, zombeteiro, era o meio pelo qual eles e muitos outros profissionais que estavam em contato constante com a morte e o sofrimento lidavam com a pressão do trabalho diário. De forma alguma significava descaso com a seriedade da profissão.

“Já terminou a autópsia? Achei que as pessoas estavam se matando mais depressa do que nunca com todo esse calor”, continuou Martin.

“De fato, você está certo. Dá para notar que as pessoas ficam com o pavio mais curto no calor, mas as coisas estão mais devagar nos últimos dias. Por isso conseguimos chegar a seu caso antes do previsto.”

“Vamos lá!” Martin prendeu a respiração. Boa parte de uma investigação dependia de quanto o legista tinha a oferecer.

“Bem, está bem claro que vocês não estão lidando com um sujeito agradável. A causa da morte foi fácil de determinar: ela foi estrangulada. Mas é o que fizeram a ela antes da morte que é mesmo notável.”

Pedersen fez uma pausa, e Martin imaginou-o colocando um par de óculos.

“Sim?” Martin não conseguia esconder a impaciência.

“Bom, deixe-me ver... Vocês vão receber isso por fax também... Hum...”, disse Pedersen, folheando o relatório.

As mãos de Martin começaram a transpirar, pela força com que segurava o fone.

“Sim, aqui está. Catorze fraturas em várias partes do esqueleto. Todas infligidas antes da morte, a julgar pelos vários estágios de recuperação observados.”

“Quer dizer...”

“Quero dizer que alguém quebrou os braços, as pernas e os dedos das mãos e dos pés, eu estimaria no período de mais ou menos uma semana.”

“Eles foram quebrados de uma vez ou em vários momentos? Você tem como saber?”

“Como disse, podemos ver que as fraturas apresentam graus variáveis de recuperação, e minha opinião profissional é de que ocorreram de forma esporádica durante todo o período. Fiz um esquema da ordem na qual acho que as fraturas ocorreram. Está incluído no relatório que lhes enviei por fax. A vítima também apresentava inúmeras incisões superficiais no corpo. Também em diversos estágios de cicatrização.”

“Deus do céu!”, exclamou Martin, sem poder evitar.

“Estou inclinado a concordar com essa opinião.” A voz de Pedersen soava seca ao telefone. “A dor que ela sentiu deve ter sido insuportável.”

Eles ficaram em silêncio por um instante, pensando em como as pessoas podiam ser cruéis. Então, Martin reuniu forças e prosseguiu.

“Você encontrou alguma evidência no corpo que possa nos ajudar?”

“Sim, encontramos esperma. Se encontrarem algum suspeito, podem ligá-lo ao assassinato

pelo DNA. Claro que também estamos procurando em nosso banco de dados, mas é raro encontrar algo dessa forma. Ainda há poucos registros. Nosso sonho é de um dia termos o DNA de cada cidadão num banco de dados pesquisável. Aí vamos estar numa posição bem diferente.”

“Sonho deve ser a palavra certa. Protestos de cerceamento da liberdade individual e coisas assim vão com certeza levar esse plano por água abaixo.”

“Se isso que essa mulher enfrentou não pode ser chamado de restrição à liberdade individual, então eu não sei o que pode...”

Essa atitude filosófica não era típica do prosaico Tord Pedersen. Martin percebeu que ao menos dessa vez ele se comovera com o destino da vítima. Em geral, isso era um luxo ao qual um patologista não podia se dar se quisesse dormir bem à noite.

“Pode me dar uma hora estimada da morte?”

“Sim, tenho os resultados das amostras coletadas no local pelos peritos, complementados com minhas próprias observações, de modo que posso lhe dar um intervalo de tempo bem confiável.”

“Diga.”

“Pela minha estimativa, ela morreu em algum momento entre as seis e as onze horas da noite anterior à descoberta do corpo na Passagem do Rei.”

“Não pode dar uma hora mais exata?” Martin soou desapontado.

“Em casos desse tipo, o procedimento padrão aqui na Suécia é nunca dar um intervalo inferior a cinco horas, de modo que é o melhor que posso fazer. Mas a probabilidade é de noventa e cinco por cento, o que torna esse intervalo bastante confiável. De qualquer modo, posso confirmar o que já devem suspeitar: a Passagem do Rei é a cena secundária do crime. A mulher foi assassinada em outro lugar e ficou lá por algumas horas após a morte, o que é evidente pelo *livor mortis*.”

“Bom, de qualquer forma, já é alguma coisa”, disse Martin com um suspiro. “E os esqueletos? Revelaram algo? Suponho que você tenha recebido a mensagem de Patrik sobre quem achamos que pode ser.”

“Sim, recebi. E isso ainda não está claro. Obter registros dentários dos anos 70 não é simples como parece, mas estamos trabalhando o mais rápido que podemos. Assim que soubermos mais, avisaremos vocês. Mas posso dizer que os dois esqueletos são do sexo feminino e a idade parece bater. A pelve de uma das mulheres indica que deu à luz, e isso coincide com a informação que temos. O mais interessante é que ambos os esqueletos têm fraturas semelhantes às da vítima mais recente. Cá entre nós, eu arriscaria dizer que as fraturas são quase idênticas nos três corpos.”

Chocado, Martin derrubou sua caneta no chão. Que era aquilo que caíra no colo deles?

Um assassino sádico que deixava transcorrer vinte e quatro anos entre seus feitos horrendos? Martin não queria nem pensar na alternativa: que ele não tivesse esperado vinte e quatro anos, e que simplesmente eles ainda não tivessem achado as outras vítimas.

“Elas também foram feridas a faca?”

“Como não restaram tecidos moles, isso é mais difícil de afirmar, mas, sim, há marcas de talhos nos ossos, indicando que elas talvez tenham sofrido o mesmo tratamento.”

“E a causa da morte delas?”

“A mesma da alemã. Os ossos que foram comprimidos na garganta são compatíveis com ferimentos resultantes de estrangulamento.”

“Tem mais alguma coisa de interesse que possa me dar?” Durante a conversa, Martin tomava notas rapidamente.

“Só que os esqueletos talvez tenham sido enterrados. Há vestígios de terra neles, e, nas análises, talvez possamos obter algo a partir disso. Mas ainda não há nada concreto, e vocês terão que ser pacientes. Havia terra em Tanja Schmidt e no cobertor que estava sob ela, e vamos compará-la com as amostras dos esqueletos.” Pedersen fez uma pausa. “Quem está conduzindo a investigação é Mellberg?”

Havia alguma apreensão na voz dele. Martin sorriu por dentro, mas ele podia tranquilizar o patologista quanto a isso.

“Não, o caso está com Patrik. Mas quem vai levar os créditos depois que solucionarmos tudo é outra história...”

Ambos riram da tirada, mas, pelo menos da parte de Martin, era um riso que ficava atravessado na garganta.

Depois de despedir-se de Tord Pedersen, ele foi pegar o fax que chegara. Quando Patrik apareceu, pouco depois, Martin já tinha feito direitinho a lição de casa. Depois de ouvir um resumo do relatório do legista, Patrik ficou tão deprimido quanto Martin. O caso estava ficando cabeludo.

Anna, a irmã de Erica, deixou o sol queimar-lhe a pele enquanto estava estirada, de biquíni, na proa do veleiro. As crianças dormiam a sesta na cabine lá embaixo, e Gustav estava ao leme. Respingos salgados a atingiam cada vez que a proa batia na superfície da água, refrescando-a de forma deliciosa. Se fechasse os olhos, poderia esquecer por um momento todas as preocupações e convencer-se de que aquela era sua vida real.

“Anna, telefone para você.” A voz de Gustav tirou-a de seu estado meditativo.

“Quem é?” Ela protegeu os olhos com a mão e o viu acenar com seu celular.

“Ele não quis dizer.”

Maldição. Ela soube na hora quem era e, sentindo nós de ansiedade no estômago, foi com

cuidado pela lateral do barco até Gustav.

“Anna.”

“Quem diabos atendeu?”, sibilou Lucas.

Anna hesitou.

“Eu disse que ia velejar com um amigo.”

“E agora você vai tentar me enganar dizendo que o cara é só um amigo”, disse ele, ácido.

“Qual é o nome dele?”

“Não é da sua...”

Lucas a interrompeu.

“Qual é o *nome*, Anna?”

A cada segundo que ouvia a voz dele, a resistência dela se debilitava mais.

“Gustav af Klint”, respondeu ela baixinho.

“Ah, claro. Cada vez mais elegante, não?” A voz dele mudou, de desdenhosa para grave e ameaçadora. “Como se atreve a levar meus filhos de férias com outro homem?”

“Estamos divorciados, Lucas”, disse Anna. Ela colocou a mão sobre os olhos.

“Você sabe tão bem quanto eu que isso não muda nada, Anna. Você é a mãe dos meus filhos, e isso significa que você e eu vamos sempre pertencer um ao outro. Você é minha, e as crianças são minhas.”

“Então, por que está tentando tirá-las de mim?”

“Porque você é instável, Anna. Você sempre sofreu dos nervos, e, para ser sincero, eu não confio em você para cuidar dos meus filhos da forma como merecem. Veja só o jeito como vive. Você trabalha o dia todo, e eles passam o dia na creche. Acha que essa é uma boa vida para as crianças, Anna?”

“Eu tenho que trabalhar, Lucas. E como resolveria o problema se *você* tomasse conta delas? Você também tem que trabalhar. Quem tomaria conta delas, então?”

“Existe uma solução, Anna, e você sabe qual é.”

“Está maluco? Acha que eu voltaria para você depois de ter quebrado o braço de Emma? Sem mencionar tudo o que me fez.” A voz dela ficou aguda. Um instinto lhe disse de imediato que ela fora longe demais.

“Não foi minha culpa! Foi um acidente! Além disso, se você não fosse tão teimosa e não ficasse me contrariando, eu não precisaria perder a calma com tanta frequência!”

Era como falar com uma parede. Não adiantava. Depois de tantos anos com Lucas, ela sabia que ele acreditava no que dizia. Nunca era culpa dele. Tudo o que acontecia era culpa de outra pessoa. Toda vez que batia nela, ele a fazia sentir-se culpada por não ser compreensiva o suficiente, carinhosa o suficiente, submissa o suficiente.

Recorrendo a uma reserva de energia que antes mantivera oculta, ela conseguiu por fim

divorciar-se dele. Isso a fez sentir-se forte, invencível, pela primeira vez em anos. Finalmente poderia retomar o controle de sua própria vida. Ela e as crianças poderiam começar de novo, do início. Mas tudo correria um pouco fácil demais. Na verdade, Lucas ficara chocado por ter quebrado o braço da filha num surto de raiva, e foi de uma gentileza fora do normal. Além disso, depois do divórcio, ele passou a viver uma vida de solteiro bem agitada e com isso deixou Anna e as crianças em paz, enquanto ele fazia uma conquista após a outra. Mas justo quando Anna achava que havia conseguido escapar, Lucas começou a se cansar da nova vida e uma vez mais voltou sua atenção para a família. Quando flores, presentes e súplicas de perdão não deram certo, as luvas de pelica foram descartadas. Ele exigiu a guarda exclusiva das crianças. Para apoiar suas pretensões, fez incontáveis acusações sem fundamento relacionadas à inadequação de Anna como mãe. Nenhuma era verdadeira, mas Lucas podia ser tão convincente quando usava seu charme que ela temia a possibilidade de que ele conseguisse o que pretendia. Anna sabia ainda que não eram as crianças o que ele de fato queria. Ele não poderia levar adiante os negócios se tivesse que tomar conta de duas crianças pequenas, mas esperava amedrontar Anna o suficiente para fazê-la voltar. Nos momentos de fraqueza, ela estivera disposta a fazer exatamente isso. Ao mesmo tempo, sabia que era impossível. Isso a destruiria. Assim, ela endureceu.

“Lucas, essa discussão não leva a nada. Fui em frente com minha vida depois do divórcio, e você deveria fazer o mesmo. Sim, eu encontrei outro homem, e você vai ter que aprender a aceitar. As crianças estão bem, e eu estou bem. Será que podemos tentar lidar com isso como adultos?”

Seu tom era suplicante, mas o silêncio do outro lado era impenetrável. Ela sabia que cruzara o limite. Quando escutou o sinal de linha e percebeu que Lucas tinha desligado, soube que ele a faria pagar de alguma forma. E caro.

IV

Verão de 1979

A dor de cabeça infernal fez com que ela cravasse os dedos no rosto. A dor das unhas rasgando sua pele com violência era quase agradável quando comparada à dor de cabeça lancinante e a ajudava a concentrar-se.

Tudo ainda estava escuro, mas algo a fizera despertar de seu profundo torpor sem sonhos. Uma frestinha de luz surgiu acima de sua cabeça, e, enquanto ela apertava os olhos, foi se alargando devagar. Desacostumada à luz, ela não conseguiu ver, mas ouviu o ruído de alguém que passava pela fresta, que se transformara numa abertura, e descia as escadas. Alguém que chegava cada vez mais perto no escuro. A confusão tornava difícil para ela decidir se devia sentir medo ou alívio. Os dois sentimentos estavam ali, mesclados. Primeiro, um deles dominava. Depois, o outro.

Os últimos passos dados na direção de onde ela jazia enrodilhada em posição fetal foram silenciosos. Sem uma palavra, ela sentiu uma mão acariciar-lhe a testa. Talvez a intenção do gesto fosse de acalmá-la, mas a simplicidade do movimento produziu um terror atroz em seu coração.

A mão seguiu caminho ao longo de seu corpo, e ela estremeceu na escuridão. Por um segundo, ocorreu-lhe que devia oferecer alguma resistência contra o estranho sem rosto. O pensamento desapareceu tão depressa como surgiu. A escuridão era sufocante demais, e a força da mão que a acariciava penetrava sua pele, seus nervos, sua alma. A submissão era sua única alternativa, ela sabia disso com uma clareza apavorante.

Quando a mão deixou de acariciar e passou a agarrar e retorcer, puxar e romper, ela não se surpreendeu nem um pouco. De certa forma, a dor foi bem-vinda. Era mais fácil lidar com a certeza da dor do que com o terror da espera pelo desconhecido.

A segunda ligação de Tord Pedersen chegou poucas horas depois de Patrik ter falado com Martin. Tinham uma identificação positiva para um dos esqueletos. Mona Thernblad, a

segunda garota que desapareceu em 1979, era um dos corpos encontrados na Passagem do Rei.

Patrik e Martin sentaram-se juntos e repassaram as informações que tinham reunido durante a investigação. Mellberg destacava-se por sua ausência, mas Gösta Flygare estava de volta ao trabalho, após um desempenho excelente no campeonato de golfe. Ele não vencera a competição, claro, mas, para sua grande surpresa e alegria, fizera um *hole-in-one* e fora convidado para tomar champanhe na sede do clube. Assim, Martin e Patrik tiveram que ouvir, nos mínimos detalhes, a narrativa sobre como a bola seguiu direto para dentro do décimo sexto buraco, numa só tacada. Não duvidavam de que ouviriam a história muitas vezes mais até o fim do dia. Mas não importava. Eles não se ressentiam da alegria de Gösta, e Patrik deu-lhe uma hora antes de envolvê-lo na investigação. Assim, por ora, Gösta estava ligando para todos os seus colegas de golfe e contando sobre o Grande Evento.

“Então é algum demônio que quebra os ossos das garotas antes de assassiná-las”, disse Martin. “E as corta com uma faca”, acrescentou.

“Infelizmente é o que parece. Se eu tivesse que chutar, diria que com certeza há uma motivação sexual por trás. Algum sádico de merda que goza com a dor dos outros. O fato de haver esperma no corpo de Tanja também indica isso.”

“Você vai falar com a família da Mona? Quer dizer, contar que a encontramos?”

Martin parecia incomodado, mas Patrik tranquilizou-o, tomando a tarefa para si.

“Pensei em ir até lá e conversar com o pai dela pessoalmente esta tarde. A mãe morreu faz alguns anos, de modo que só restou o pai para ser notificado.”

“Como tem tanta certeza? Você os conhece?”

“Não, mas Erica estava na biblioteca em Fjällbacka ontem, procurando o que saiu na imprensa sobre Siv e Mona. O desaparecimento delas volta à baila de tempos em tempos, houve até uma entrevista com as famílias, uns anos atrás. Só o pai de Mona ainda está vivo, e Siv tinha apenas a mãe quando sumiu. Tinha uma filha pequena, e pensei em falar com ela também, assim que tivermos a confirmação de que Siv é a segunda mulher.”

“Seria uma tremenda coincidência se fosse outra pessoa, não acha?”

“Bem, vamos supor que o esqueleto seja de Siv, mas ainda não podemos afirmar com certeza. Coisas estranhas acontecem.”

Patrik vasculhou as fotocópias que Erica fizera para ele e espalhou algumas na mesa à sua frente. Colocou também a pasta que tinha desenterrado nos arquivos do porão, na intenção de reunir todas as informações que possuíam sobre o desaparecimento das duas garotas. Havia muita coisa nos artigos de jornal que não fora incluída no material da investigação; as duas fontes eram necessárias para dar um quadro completo do que sabiam até agora.

“Veja isso. Siv sumiu na noite do solstício de verão de 1979, e Mona desapareceu duas

semanas depois.”

Para tornar as coisas mais claras e organizar o material de algum modo, Patrik ergueu-se da cadeira, foi até o quadro branco na parede e começou a escrever.

“Siv Lantin foi vista com vida pela última vez quando ia para casa de bicicleta, depois de uma festa com amigos. A última testemunha descreveu que ela deixou a estrada principal e rumou para Bräcke. Eram duas horas da manhã, e a moça foi vista por um motorista que passou de carro por ela na estrada. Depois disso, ninguém a viu ou ouviu falar dela outra vez.”

“Se desconsiderarmos a informação de Gabriel Hult”, adicionou Martin.

Patrik concordou com a cabeça.

“Certo, se ignorarmos o testemunho de Gabriel Hult, que acho que é o que faremos por enquanto.” Ele prosseguiu: “Mona Thernblad desapareceu duas semanas depois. Diferentemente de Siv, ela sumiu de tarde, em plena luz do dia. Saiu de casa lá pelas três para correr e nunca mais voltou. Um dos seus tênis foi encontrado ao lado da estrada, em seu percurso de costume, e mais nada.”

“Havia alguma semelhança entre as garotas? Além do fato de terem mais ou menos a mesma idade.”

Patrik não pôde evitar um sorriso.

“Vejo que você andou assistindo àquele programa, *Perfis*. Infelizmente tenho que desapontá-lo. Se estamos lidando com um assassino em série, que é o que eu acho que você está pensando, não existem semelhanças externas óbvias entre as garotas.” Ele afixou duas fotos em preto e branco no quadro da parede. “Siv tinha dezenove anos de idade. Pequena, morena e cheia de curvas. Tinha reputação de ser um tanto complicada, e criou certo escândalo em Fjällbacka quando teve um bebê aos dezessete anos. Siv e o bebê viviam com a mãe dela, mas, de acordo com os jornais, a moça gostava de sair e ir a festas e não queria muito ficar em casa. Mona, por outro lado, era descrita como uma menina de boa família, que ia bem na escola, tinha muitos amigos e certa popularidade. Era alta e loira e malhava um bocado. Dezoito anos, mas ainda morando em casa, porque a mãe era doente e o pai não podia tomar conta dela sozinho. Ninguém tinha nada negativo a dizer sobre ela. Assim, a única coisa que essas garotas tinham em comum era o fato de terem desaparecido da face da terra sem deixar traços, mais de vinte anos atrás. E agora apareceram como esqueletos na Passagem do Rei.”

Martin apoiava a cabeça na mão, refletindo. Ele e Patrik ficaram sentados em silêncio por um tempo, estudando os recortes de jornal e as anotações no quadro branco. Ambos pensavam no quão jovens as garotas pareciam ser. Teriam ainda tantos anos pela frente se algo perverso não tivesse cruzado o caminho delas. E então, Tanja, de quem nem sequer

tinham uma foto de quando estava viva. Ela também era jovem, com toda a vida pela frente. Mas agora estava morta também.

“Uma investigação pesada foi feita.” Patrik pegou numa pasta um calhamaço de folhas datilografadas. “Amigos e familiares das garotas foram entrevistados. Policiais bateram em cada porta na área, e delinquentes conhecidos também foram interrogados. Um total de cem entrevistas foi feito, pelo que eu estou vendo.”

“Deram algum resultado?”

“Não, nada. Não até obterem a informação de Gabriel Hult. Ele ligou para a polícia e contou que viu Siv no carro do irmão dele, na noite em que ela desapareceu.”

“E daí? Dificilmente isso seria suficiente para torná-lo suspeito de assassinato, seria?”

“Não. Quando Johannes, o irmão de Gabriel, foi interrogado, ele negou ter falado com ela ou mesmo tê-la visto, mas, na ausência de outras pistas, a polícia optou por concentrar nele a investigação.”

“E fizeram algum progresso?” Os olhos de Martin estavam arregalados, num fascínio relutante.

“Não, nada mais veio à tona. E, alguns meses depois, Johannes Hult se enforcou no seu celeiro. Assim, chegamos a um beco sem saída.”

“Parece estranho ele ter tirado a própria vida logo depois do que aconteceu.”

“É, mas se ele era o culpado, então deve ter sido o seu fantasma que assassinou Tanja. Os mortos não matam gente.”

“Mas por que o irmão dele denunciou sua própria carne à polícia? Por que alguém faria isso?” Martin franziu o cenho. “Espere aí, como posso ser tão idiota? Hult, nosso velho e fiel escudeiro na fraternidade dos ladrões. Ele deve ser parente de Johann e Robert.”

“Sim, correto. Johannes era pai deles. Aliás, depois de ler sobre a família Hult, entendi um pouco melhor por que Johann e Robert nos visitam com tanta frequência. Eles não tinham mais do que cinco ou seis anos de idade quando Johannes se enforcou, e Robert foi quem o achou no celeiro. Nem dá para imaginar como isso deve ter afetado um garoto de seis anos.”

“Santo Deus, é mesmo.” Martin sacudiu a cabeça. “Sabe de uma coisa? Preciso de uma xícara de café antes de continuarmos. Meu nível de cafeína está indicando ‘tanque vazio’. Você quer?”

Patrik assentiu com a cabeça, e depois de uns minutos Martin voltou com duas xícaras de café quente e fumegante. Pelo menos o clima estava favorável para bebidas quentes.

Patrik continuou com a compilação dos fatos.

“Johannes e Gabriel são os filhos de um homem chamado Ephraim Hult, também conhecido como o Pregador. Ephraim era um notório pastor da igreja livre em Gotemburgo. Ele organizava grandes encontros nos quais fazia seus filhos, pequenos à época, falarem

outras línguas e curarem doentes e aleijados. A maioria das pessoas considerava Ephraim um charlatão e trapaceiro, mas ele tirou a sorte grande quando uma das senhoras da sua fiel congregação, Margareta Dybling, morreu e deixou-lhe tudo o que possuía. Além de uma fortuna considerável em dinheiro vivo, ela deixou uma grande propriedade e uma mansão magnífica nos arredores de Fjällbacka. De repente, Ephraim perdeu todo o interesse em divulgar a palavra de Deus. Ele se mudou para cá com os filhos, e desde então a família vive do dinheiro da velha senhora.”

O quadro branco estava agora coberto de anotações, e havia papéis espalhados por toda a mesa de Patrik.

“Não que não seja interessante ouvir historinhas de família, mas o que isso tem a ver com os assassinatos? Johannes morreu mais de vinte anos antes de Tanja ser assassinada, e mortos não matam gente, como você colocou de forma tão eloquente.”

Estava sendo difícil para Martin disfarçar sua impaciência.

“É verdade, mas revisei todo o material antigo, e o testemunho de Gabriel é a única coisa interessante que achei na investigação anterior. Eu esperava poder falar com Errold Lind, que conduziu a investigação, mas, infelizmente, ele morreu de ataque do coração em 1989. Assim, esse material é tudo o que temos para prosseguir. A não ser que você pense em algo melhor, proponho começarmos descobrindo um pouco mais sobre Tanja, e também conversando com os pais ainda vivos de Siv e de Mona. Depois disso, decidiremos se vale a pena conversar de novo com Gabriel Hult.”

“Ótimo, me parece sensato. Que devo fazer primeiro?”

“Comece investigando Tanja. Trate de colocar Gösta para trabalhar nisso a partir de amanhã. Os dias de sossego dele acabaram.”

“E quanto a Mellberg e Ernst? Que vai fazer com eles?”

Patrik suspirou.

“Minha estratégia é mantê-los fora disso o quanto pudermos. Vai significar uma carga de trabalho maior para o resto de nós, mas no longo prazo será melhor. Mellberg vai ficar feliz por não ter de fazer nada e, além disso, ele praticamente se afastou dessa investigação. Ernst vai ter de continuar o que vinha fazendo, cuidar do maior número possível de novas ocorrências que forem entrando. Se precisar de ajuda, nós lhe mandamos Gösta. Na medida do possível, quero que nós dois estejamos livres para conduzir essa investigação. Entendido?”

Martin concordou veementemente com a cabeça.

“Certo, chefe.”

“Então, vamos lá.”

Depois que Martin se foi, Patrik sentou-se de frente para o quadro branco, perdido em

pensamentos, com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça. Estavam se lançando numa tarefa enorme e quase não tinham experiência em investigações de homicídio. Seu coração afundou, com uma sensação repentina de apreensão. Ele acreditava que poderiam suprir com dedicação o que lhes faltava em experiência. Martin já estava a bordo, e, diabos, ele também ia despertar Gösta Flygare de seu sono de Bela Adormecida. Se conseguissem manter Mellberg e Ernst afastados da investigação, Patrik achava que haveria chance de solucionarem os assassinatos. As probabilidades, porém, estavam contra eles, sobretudo considerando que a pista para dois dos crimes não estava apenas fria, mas congelada. Ele sabia que teriam mais chance concentrando-se em Tanja. Ao mesmo tempo, um instinto dizia-lhe que havia uma conexão tão forte e clara entre os assassinatos que teriam de ser investigados de forma paralela. Não ia ser fácil reviver a velha investigação, mas teriam que tentar.

Apanhou um guarda-chuva no cabideiro, procurou um endereço na lista telefônica e saiu com o coração pesado. Alguns deveres exigiam dele mais do que podia suportar.

A chuva tamborilava persistente nas vidraças, e em outras circunstâncias Erica adoraria o frescor que ela trazia. Mas o destino e os parentes inoportunos faziam-na sentir algo bem diferente, e ela estava chegando, devagar e sempre, às raias da loucura.

As crianças corriam pela casa como se tivessem ficado malucas pela frustração de ficar dentro de casa, enquanto Conny e Britta começaram a atacar-se como cães encurralados. Ainda não haviam chegado a uma briga declarada, mas as provocações já tinham atingido os rosnados e latidos. Antigos pecados e injustiças eram remexidos, e tudo o que Erica queria fazer era subir e puxar as cobertas sobre a cabeça. Mais uma vez, porém, a boa educação ficou no caminho, fazendo que não com o dedo e obrigando-a a comportar-se de maneira civilizada no meio de uma zona de guerra.

Ela olhou com pesar para a porta quando Patrik saiu para trabalhar. Ele não conseguiu esconder o alívio de poder fugir para a delegacia, e por um instante ela ficou tentada a testar a promessa dele de ficar em casa se ela pedisse. Mas ela sabia que não seria correto fazer isso só por não querer ficar sozinha com “os quatro terrores”. Em vez disso, como uma esposinha diligente, ela acenou da janela da cozinha enquanto o marido ia embora.

A casa não era grande o suficiente para impedir que a confusão generalizada atingisse proporções catastróficas. Ela dera alguns jogos para as crianças, mas o único resultado foi ter agora blocos de alfabeto, casas de Banco Imobiliário e cartas de baralho espalhados por toda a sala de estar, numa soberba confusão. Com dificuldade, ela se abaixou e juntou as pecinhas dos jogos, tentando colocar um pouco de ordem na sala. Lá fora, na varanda, onde Britta e Conny estavam sentados, a conversa ficava cada vez mais inflamada, e ela começou

a entender por que as crianças nunca aprenderam boas maneiras. Com pais que batiam boca como crianças de cinco anos, não era fácil aprender a respeitar as outras pessoas e seus pertences. Ela torcia para que aquele dia passasse logo! Assim que a chuva parasse, ela mandaria embora a família Flood. Nada de boas maneiras e hospitalidade; só sendo a própria santa Brígida para não ter um ataque se eles ficassem por mais muito tempo.

A bomba explodiu no almoço. Com os pés doendo e uma dor na região lombar, ela ficou ao fogão por uma hora, fazendo um almoço que se adequasse tanto ao apetite voraz de Conny quanto ao gosto enjoado das crianças, e em sua própria opinião fora bem-sucedida. Linguíça *falukorv** gratinada e macarrão ao molho branco satisfariam todos os fregueses, pensou. Mas logo percebeu que estava terrivelmente enganada.

“Eca, eu odeio linguíça *falukorv*. Nojento!”

Lisa afastou o prato ostensivamente e cruzou os braços, com cara emburrada.

“Que pena, porque é isso que vamos comer.” A voz de Erica soou firme.

“Mas estou com fo-o-o-ome. Eu quero outra coisa.”

“Não tem outra coisa. Se não gosta de linguíça, então coma macarrão com catchup.” Erica fazia força para manter a voz calma, apesar de estar fervendo por dentro.

“Macarrão é nojento. Eu quero outra coisa. Ma-ma-a-a-ãe!”

“Será que você poderia fazer outra coisa para ela?” Britta afagou o rosto de sua pequena chorona e foi recompensada com um sorriso. Confiante na vitória, o rosto de Lisa brilhava triunfante quando ela lançou a Erica um olhar de desafio. Mas então o limite havia sido ultrapassado. Agora era guerra.

“Não tem outra coisa. Ou come o que está na sua frente ou fica com fome.”

“Mas, Erica, querida, acho que você não está sendo razoável”, disse Britta. “Conny, explique a ela como fazemos as coisas lá em casa, qual é a nossa política para criar as crianças.” Ela nem se incomodou em esperar pela resposta. “Não obrigamos nossos filhos a fazer nada. Isso inibiria seu desenvolvimento. Se minha Lisa quer algo diferente, achamos que é seu direito ter. Quero dizer, ela é uma pessoa com tanto direito de se expressar quanto qualquer um de nós. O que você acharia se alguém tentasse obrigá-la a comer algo de que não gostasse? Não acho que você aceitaria.”

Britta a repreendeu em seu melhor tom de psicóloga, e Erica soube na hora que aquela era a gota d’água. Com uma calma glacial, pegou o prato da garota, ergueu-o acima da cabeça de Britta e então o entornou. O choque do macarrão escorrendo pelo cabelo e por dentro da blusa fez Britta parar no meio da frase.

Dez minutos depois, eles tinham ido embora. E provavelmente jamais voltariam. Era muito possível que ela entrasse na lista negra daquele lado da família, mas, por mais que tentasse, Erica não podia dizer que estava arrependida. Tampouco sentia vergonha, mesmo

que seu comportamento pudesse ser descrito, na melhor das hipóteses, como infantil. Foi uma sensação fantástica encontrar uma válvula de escape para as agressões acumuladas ao longo da visita de dois dias, e ela nem pensava em pedir desculpas.

Ela planejou passar o resto do dia no sofá da varanda com um bom livro e sua primeira xícara de chá do verão. De repente, a vida parecia muito melhor.

Embora pequena, a estufa da varanda envidraçada era deslumbrante, e poderia competir com os melhores jardins. Cada flor era cultivada com carinho a partir da semente ou do broto, e graças ao calor daquele verão a atmosfera era quase tropical. Num dos cantos, ele cultivava hortaliças, e nada se comparava à satisfação de sair para colher tomates, abóboras, cebolas e até melões e uvas cultivados por ele mesmo.

A casa ficava num condomínio na estrada Dinglevägen, perto do acesso a Fjällbacka. Era pequena, mas funcional. Sua varanda se destacava como um ponto de exclamação verde entre as folhagens mais modestas dos vizinhos de condomínio.

Era somente quando se sentava à varanda que ele não sentia falta da casa antiga, onde crescera e onde, mais tarde, criou um lar junto com a esposa e a filha. Ambas já haviam partido. A dor da ausência delas aumentara aos poucos, até que um dia ele percebeu que devia dizer adeus também à casa e a todas as lembranças entranhadas em suas paredes.

É claro que essa casa carecia da personalidade que ele amava na casa antiga, mas a impessoalidade da nova moradia ajudava a diminuir a dor em seu peito. Agora, seu pesar era mais como um rumor surdo, que ouvia o tempo todo como pano de fundo.

Quando Mona desapareceu, ele achou que Linnea morreria de tristeza. Ela já não era saudável, mas demonstrou ser mais forte do que ele pensara. Ela viveu mais dez anos. Por causa dele, ele tinha certeza. Ela não queria deixá-lo sozinho com a dor. Dia a dia, ela lutava para continuar uma vida que, para eles, era apenas a sombra de uma existência.

Mona fora a luz de suas vidas. A menina nasceu quando ambos já tinham desistido de ter filhos, e nunca tiveram outros. Todo o amor que sentiam corporificou-se naquela criatura luminosa e feliz, cujas risadas acendiam centelhas no peito dele. Era totalmente incompreensível que ela tivesse sumido daquele modo. Na época, pareceu-lhe que o sol devia se apagar. Que o céu devia desabar. Mas nada aconteceu. A vida seguia como sempre do lado de fora de sua triste morada. As pessoas riam, viviam e iam trabalhar. Mas Mona se fora.

Por muito tempo eles viveram de esperança. Talvez ela ainda estivesse viva em algum lugar. Talvez estivesse vivendo sua vida sem eles e tivesse decidido desaparecer. Ao mesmo tempo, ambos sabiam qual era a verdade. A outra moça sumira pouco antes de Mona, e era coincidência demais para que eles pudessem se iludir. Além disso, Mona não era o tipo de

garota que os magoaria tanto de propósito. Era uma garota boa, adorável, que fazia tudo que podia para cuidar deles.

No dia em que Linnea morreu, ele teve a prova final de que Mona estava no Céu. A doença e a tristeza haviam reduzido sua amada esposa a uma sombra do que fora, e enquanto ela estava ali deitada na cama e segurando a mão dele, ele soube que a partir daquele dia ficaria sozinho. Após horas de vigília, ela apertou-lhe a mão uma última vez, e então um sorriso se espalhou em seu rosto. A luz que iluminou os olhos de Linnea era uma luz que por dez anos ele não vira; não desde a última vez que ela olhara para Mona. Ela fixou o olhar num ponto atrás dele e morreu. Então ele teve certeza. Linnea morreu feliz porque sua filha viera encontrá-la no túnel. De muitas formas, isso o ajudou a suportar a solidão. Pelo menos agora as duas pessoas que ele mais amara estavam juntas. Era só uma questão de tempo até que ele se juntasse a elas. Ele ansiava por esse dia, mas até lá era sua obrigação viver sua vida da melhor maneira possível. O Senhor tinha pouca paciência com desertores, e ele não ousava fazer qualquer coisa que pusesse em risco seu lugar no Céu, onde se encontraria com Linnea e Mona.

Uma batida na porta interrompeu seus pensamentos melancólicos. Ele se ergueu devagar da poltrona e abriu caminho em meio à folhagem, apoiando-se na bengala. Seguiu pelo corredor até a porta da frente. Lá fora havia um jovem de aparência séria, com a mão erguida para bater outra vez.

“Albert Thernblad?”

“Sim, sou eu. Mas não vou comprar nada do que vai me oferecer.”

O homem sorriu.

“Não estou vendendo nada. Meu nome é Patrik Hedström, e sou da polícia. Eu poderia entrar por um momento?”

Albert não disse nada, mas ficou de lado para deixá-lo entrar. Foi na frente até a varanda e convidou o policial a sentar no sofá. Não perguntou do que se tratava. Não precisava. Ele esperava aquela visita havia mais de vinte anos.

“Que plantas maravilhosas. Precisa mesmo ter um dedo verde para isso.” Patrik deu uma risada nervosa.

Albert não disse nada enquanto avaliava Patrik com olhos suaves. Sabia que não era fácil para o policial trazer-lhe a notícia, mas o rapaz não precisava ter se preocupado. Depois de tantos anos de espera, era bom finalmente saber a verdade. Ele já cumprira seu luto.

“Bom, o fato é que achamos sua filha.” Patrik limpou a garganta e começou de novo. “Achamos sua filha e podemos confirmar que foi assassinada.”

Albert apenas acenou com a cabeça. Ao mesmo tempo, sentiu uma paz de espírito. Finalmente, poderia enterrá-la. Ter um túmulo para visitar. Ele a colocaria ao lado de

Linnea.

“Onde a acharam?”

“Na Passagem do Rei.”

“Na Passagem do Rei?”

Albert franziu o cenho.

“Se estava enterrada lá, por que não a acharam antes? Afinal, vai tanta gente lá.”

Patrik lhe falou sobre a turista alemã assassinada e que era provável que também tivessem achado Siv. Eles acreditavam que alguém havia levado Mona e Siv para lá durante a noite, mas que tivessem ficado enterradas em outro lugar por esses anos todos.

Albert já não ia à cidade com frequência, de modo que, diferentemente do resto de Fjällbacka, não sabia do assassinato da jovem alemã. A primeira coisa que sentiu ao saber do destino dela foi um nó no estômago. Em algum lugar, alguém ia sofrer a mesma dor que ele e Linnea sofreram. Em algum lugar, um pai e uma mãe jamais veriam a filha de novo. Isso ofuscou as notícias sobre Mona. Comparado à família da moça, ele tinha sorte. Para ele, a dor se transformara num torpor amortecido. Mas eles ainda tinham muitos anos pela frente até chegar àquele ponto, e seu coração doía por eles.

“Vocês sabem quem fez isso?”

“Não, infelizmente, não. Mas faremos tudo que estiver a nosso alcance para descobrir.”

“Vocês sabem se é a mesma pessoa?”

Patrik baixou a cabeça.

“Não, nem isso sabemos ao certo, neste momento. Há semelhanças, mas por ora é só o que posso dizer.” Ele olhou desconfortável para o idoso sentado a sua frente. “Há alguém que quer que eu chame? Alguém que possa vir fazer-lhe companhia?”

O sorriso de Albert era bondoso e paternal.

“Não, não há ninguém.”

“Quer que eu ligue e veja se o pastor pode vir?”

De novo o mesmo sorriso.

“Não, obrigado, não preciso de um pastor. Não se preocupe. Já passei por este dia vezes sem conta em meus pensamentos, e não é nenhum choque. Só quero ficar aqui em paz, entre minhas plantas. Tenho tudo de que preciso. Posso ser velho, mas sou forte.”

Ele cobriu as mãos de Patrik com as suas, como se fosse ele a oferecer consolo. E talvez fosse.

“Se não se importa, eu gostaria de lhe mostrar algumas fotos da Mona e contar um pouco sobre ela. Assim vai entender como ela era quando estava viva.”

O policial concordou sem hesitação, e Albert saiu mancando para pegar os velhos álbuns. Por cerca de uma hora ele mostrou as fotos a Patrik e contou-lhe sobre a filha. Foi a melhor

hora que passou em muitos anos, e ele percebeu que fazia tempo demais desde que se permitira voltar a suas lembranças.

Quando se despediram na porta, ele colocou na mão de Patrik uma das fotos. Ela mostrava Mona em seu quinto aniversário, com um grande bolo e cinco velas diante de si, e um sorriso de orelha a orelha. Ela estava adorável, com cachos loiros e olhos que brilhavam com a alegria de viver. Era importante para ele que a polícia tivesse em mente aquela imagem enquanto procurasse pelo assassino de sua filha.

Depois que o policial foi embora, Albert sentou-se outra vez na varanda. Fechou os olhos e inalou o doce perfume das flores. Então adormeceu e sonhou com um túnel longo e brilhante, ao final do qual Mona e Linnea o esperavam, como sombras. Ele imaginou vê-las acenando para ele.

A porta do escritório de Gabriel se abriu com um estrondo. Solveig entrou enfurecida, e, atrás dela, ele viu Laine vir correndo, as mãos agitando-se, impotente.

“Seu merda! Seu bundão do caralho!”

Ele fez uma careta involuntária em razão do palavreado. Sempre lhe parecia embaraçoso ao extremo quando as pessoas demonstravam emoções fortes perto dele, ele não suportava esse tipo de linguagem.

“O que está acontecendo? Solveig, creio que deveria se acalmar e não falar assim comigo.”

Tarde demais, ele percebeu que o tom de crítica em sua voz, tão natural para ele, só piorava as coisas. Ela parecia prestes a voar em sua garganta, e, por garantia, ele recuou para trás da escrivaninha.

“Me acalmar? Você está me dizendo para eu me acalmar, seu bundão do caralho? Seu brocha!”

Dava para ver que ela se divertia com a reação dele a cada epíteto sexual. Por trás dela, Laine ficava cada vez mais pálida.

Solveig baixou a voz um pouco, mas o tom ficou ainda mais venenoso.

“Que foi, Gabriel? Por que está tão abatido? Você gostava quando eu sussurrava palavras no seu ouvido. Costumava se excitar. Você lembra, Gabriel?” Agora Solveig sibilava as palavras à medida que se aproximava da escrivaninha.

“Não há necessidade de revolver o passado. Você tem algo a dizer ou só está bêbada e desagradável como sempre?”

“Se tenho algo a dizer? É, pode apostar seu rabo como tenho. Eu estava em Fjällbacka, e sabe de uma coisa? Eles encontraram Mona e Siv.”

Gabriel levou um susto. Seu rosto foi tomado pelo choque.

“Eles encontraram as garotas? Onde?”

Solveig inclinou-se sobre a escrivadinha, apoiando o peso nas mãos, e seu rosto ficou a centímetros do de Gabriel.

“Na Passagem do Rei. Junto com uma jovem alemã que foi assassinada. E eles acham que é o mesmo assassino. Então, se envergonhe, Gabriel Hult. Envergonhe-se por ter acusado seu próprio irmão, seu próprio sangue. E ele teve que suportar a acusação nos olhos das pessoas, embora nunca tenha havido a menor evidência contra ele. Foram todas as acusações e mexericos pelas costas que o derrubaram. Mas você já devia saber que isso aconteceria. Você sabia que ele era fraco. Que era sensível. Ele não aguentou a vergonha e se enforcou. Não me espantaria se fosse exatamente o que você pretendia ao chamar a polícia. Você nunca suportou que Ephraim o amasse mais do que amava você.”

Solveig espetava-lhe o dedo no peito com tanta força que ele cambaleava para trás a cada golpe. A essa altura, tinha as costas contra o batente da janela e não podia afastar-se mais da mulher. Estava encurralado. Tentou sinalizar com os olhos para que Laine fizesse algo quanto àquela situação desagradável, mas, como sempre, ela ficou ali, só olhando, completamente perdida.

“Meu Johannes foi sempre mais querido que você por todo mundo. E você não aguentava isso, aguentava?” Ela não esperou resposta para suas declarações disfarçadas de perguntas e apenas continuou com o discurso.

“Mesmo quando tirou Johannes do testamento, Ephraim ainda o amava mais. Você ficou com a propriedade e com o dinheiro, mas jamais conseguiu ter o amor do seu pai. Apesar de ser você quem trabalhava na fazenda, enquanto Johannes se divertia. E quando ele roubou sua noiva, foi a gota d’água, não foi? Foi aí que você começou a odiá-lo, Gabriel? Foi aí que você começou a odiar seu irmão? Claro, pode ter sido injusto, mas ainda assim você não tinha o direito de fazer o que fez. Você destruiu a vida de Johannes, a minha e a de meus filhos também. Você acha que não sei o que os garotos estão aprontando? E é tudo culpa sua, Gabriel Hult. Finalmente as pessoas vão ver que Johannes não fez o que ficaram dizendo todos esses anos. Finalmente os meninos e eu poderemos andar de cabeça erguida de novo.”

A raiva dela parecia estar se dissipando, e em seu lugar vieram as lágrimas. Gabriel não sabia o que era pior. Por um momento, ele vira na fúria dela um breve lampejo da Solveig de antes. A adorável rainha da beleza que ele tanto se orgulhara de ter como noiva, antes que seu irmão a tomasse, exatamente como tomara tudo o que desejava. Quando as lágrimas substituíram a raiva, Solveig murchou como um balão furado, e ele viu de novo a ruína desleixada e gorda que passava os dias chafurdando em autopiedade.

“Que você queime no inferno, Gabriel Hult, junto com seu pai.” Ela sussurrou as palavras e saiu tão bruscamente como havia entrado. E então Gabriel e Laine ficaram a sós. Gabriel

estava chocado. Deixou-se cair na poltrona da escrivaninha e, mudo, encarou a esposa. Eles trocaram um olhar cúmplice. Ambos sabiam o significado do ressurgimento dos velhos ossos.

Com grande entusiasmo e confiança, Martin assumiu o encargo de descobrir tudo sobre Tanja Schmidt, que era o nome completo no passaporte. Liese entregara todas as coisas de Tanja, a pedido da polícia, e ele examinou a mochila com pente fino. Lá no fundo encontrou o passaporte, que parecia praticamente novo. Havia um só carimbo, de quando ela entrara na Suécia pela Alemanha. Ou ela nunca havia saído da Alemanha antes ou o passaporte era novo.

A foto era surpreendentemente boa, e ele decidiu que a aparência dela era agradável, embora um tanto comum. Olhos castanhos, cabelos castanhos, um pouco abaixo dos ombros. Altura, um metro e sessenta e oito, compleição normal, o que quer que isso quisesse dizer.

Fora isso, não havia mais nada interessante na mochila. Mudanças de roupa, uns livros de bolso gastos, artigos de toalete e alguns papéis de bala. Nada pessoal, o que ele achou meio estranho. Ela não deveria carregar ao menos uma foto da família ou dela com o namorado, ou uma agenda de endereços? Se bem que eles *tinham* encontrado uma bolsa ao lado do corpo. Liese confirmara que Tanja tinha uma bolsa vermelha. Aparentemente era onde ela guardava os pertences pessoais. Em todo caso, eles haviam sumido. Poderia ter sido um roubo? Ou teriam sido levados como souvenir pelo assassino? Martin vira, num programa do Discovery Channel sobre assassinos em série, que parecia ser comum que eles guardassem coisas das vítimas, como parte do ritual.

Martin conteve-se. Não havia nada indicando que estavam atrás de um assassino em série. Ainda não. Ele fez o que pôde para não ficar preso àquela linha de raciocínio.

Começou a tomar notas sobre como prosseguir a investigação do caso de Tanja. Primeiro, contatar as autoridades policiais alemãs, o que estava prestes a fazer quando foi interrompido pela ligação de Tord Pedersen. Depois, teria que falar com Liese de novo. Por fim, pensou em chamar Gösta para ir até o camping, fazer umas perguntas. Ver se Tanja teria falado com alguém por ali. Ou talvez fosse melhor pedir a Patrik para atribuir a tarefa a Gösta. Era Patrik, e não Martin, quem tinha autoridade para dar ordens a Gösta na investigação. E as coisas tendiam a andar melhor se o protocolo fosse seguido à risca.

Novamente ele começou a discar o número da polícia alemã e dessa vez conseguiu. Seria um exagero dizer que a conversa transcorreria sem dificuldade, mas, ao desligar, ele teve relativa certeza de ter conseguido transmitir de forma correta os detalhes relevantes. Ficaram de dar um retorno assim que tivessem mais informações. Pelo menos era o que ele achava que a pessoa do outro lado da linha dissera. Teriam de arranjar um intérprete se

fossem manter um contato constante com os colegas alemães.

Considerando o tempo que levaria para obter informações do exterior, desejou ter ali uma conexão de rede tão boa como a de casa. Mas, por conta do risco de um ataque de *hackers*, a delegacia não tinha nem um primitivo *modem* de linha discada. Ele tomou uma nota mental de fazer uma busca por Tanja Schmidt, caso a lista telefônica da Alemanha fosse acessível pela rede. Se bem que, pelo que se lembrava, Schmidt era um dos sobrenomes alemães mais comuns, e havia pouca chance de obter algum resultado.

Já que a única coisa a fazer era esperar pelas informações da Alemanha, decidiu passar à tarefa seguinte. Ele anotara o número do celular de Liese, e ligou antes para certificar-se de que ainda estava na cidade. Na verdade, ela não tinha obrigação de ficar, mas prometeu não partir nos próximos dias, para que eles pudessem falar com ele de novo.

A essa altura, sua viagem devia ter perdido todo o encanto. De acordo com o depoimento dela a Patrik, as duas moças se tornaram bem próximas em pouco tempo. Agora, ela estava sozinha numa barraca no camping de Sälvik, em Fjällbacka, sabendo que sua companheira de viagem fora assassinada. Talvez ela também estivesse em perigo. Esse era um cenário no qual Martin não pensara antes. Talvez fosse melhor falar sobre isso com Patrik assim que ele voltasse à delegacia. Era possível que o assassino tivesse visto as duas moças juntas no camping e então, por algum motivo, tivesse se fixado nelas. Mas como os ossos de Mona e Siv se encaixavam na cena? Mona e *provavelmente* Siv, ele se corrigiu de imediato. Nunca se deve considerar uma coisa como certa se for apenas *quase* certa, como disse uma vez um instrutor da academia de polícia. Era um axioma pelo qual Martin procurava guiar-se em seu trabalho de policial.

Pensando melhor, ele não acreditava que Liese corresse qualquer perigo. Mais uma vez estavam lidando com probabilidades, e era provável que ela tivesse sido envolvida somente em razão da escolha infeliz da companheira de viagem.

Apesar das apreensões anteriores, Martin foi bater um papo com Gösta, para envolvê-lo naquele caso. Seguiu pelo corredor até a sala dele.

“Posso interromper?”

Gösta falava ao telefone, ainda comemorando sua tacada genial no golfe. Desligou com ar culpado quando Martin enfiou a cabeça pela porta.

“Sim?”

“Patrik pediu que fôssemos ao camping de Sälvik. Vou me encontrar com a companheira de viagem da vítima, e você poderia fazer umas perguntas pelo camping.”

Gösta emitiu um grunhido, mas não questionou a veracidade do que Martin dissera quanto à distribuição de tarefas. Apanhou o casaco e seguiu Martin até o carro. O aguaceiro transformara-se numa garoa fina, mas o ar estava claro e fresco. Era como se semanas de

poeira e calor tivessem sido lavadas, e tudo parecia mais limpo que de costume.

“Tomara que a chuva não tenha vindo para ficar, ou meu jogo de golfe vai para o bebelê”, resmungou Gösta, contrariado, quando se acomodaram no carro. Martin achou que ele devia ser a única pessoa que não achava bom ter uma breve pausa no calor do verão.

“Bom, eu acho bem agradável. Aquele calor abafado estava quase me matando. E imagine a mulher do Patrik. Deve ser dureza estar grávida de oito meses no meio do verão. Com certeza, eu jamais aguentaria.”

Martin seguiu tagarelando, sabendo muito bem que Gösta tinha tendência a ficar meio taciturno quando a conversa era sobre alguma coisa que não fosse golfe. E, tendo em vista que seu conhecimento sobre golfe limitava-se ao fato de a bola ser redonda e branca e de que os golfistas eram reconhecidos pelas calças xadrez de palhaço, resolveu continuar falando sozinho. Foi por isso que mal ouviu o comentário que Gösta murmurou.

“Meu filho nasceu no começo de agosto, num verão quente como este.”

“Você tem um filho, Gösta? Eu não sabia.”

Martin vasculhou a memória em busca de comentários sobre a família de Gösta. Ele sabia que a esposa havia morrido uns dois anos antes, mas não se lembrava de ter ouvido nada sobre um filho. Surpreso, ele olhou para Gösta.

O colega não devolveu o olhar, continuou olhando para as mãos que estavam no colo. Aparentemente sem perceber, ele rodava a aliança que ainda trazia no dedo. Parecia não ter ouvido a pergunta de Martin, e prosseguiu num tom monótono.

“Majbritt engordou vinte e quatro quilos. Ficou do tamanho de uma casa, e quase não conseguia se mexer naquele calor. No final, ela só ficava sentada à sombra, ofegando. Eu levava para ela uma jarra de água atrás da outra, mas era como dar água para um camelo. A sede dela parecia nunca acabar.”

Ele riu, um riso estranho, introspectivo, um tanto terno. Martin percebeu que Gösta estava tão perdido em suas memórias que falava apenas para si mesmo.

“O menino nasceu perfeito”, prosseguiu Gösta. “Era roliço e tão lindo... Todo mundo dizia que era a minha imagem encarnada. Mas então tudo aconteceu tão rápido...” Gösta rodava a aliança cada vez mais depressa. “Eu estava no quarto do hospital com eles, quando de repente ele parou de respirar. O tumulto foi terrível. Veio gente correndo de todo canto, e o levaram embora. Só fomos vê-lo de novo quando já estava no caixão. Mas foi um funeral bonito. Depois disso, perdemos a vontade de ter filhos. E se desse errado outra vez? Nem eu nem Majbritt poderíamos suportar. Assim, tivemos que nos virar um com o outro.”

Gösta teve um sobressalto, como se despertasse de um transe. Olhou Martin com reprovação, como se aquela avalanche de palavras tivesse sido culpa dele.

“Não costumo mais falar sobre isso. E, aliás, não é nada que alguém precise vir comentar

durante o cafezinho. Já faz quarenta anos, e ninguém mais precisa saber.”

Martin concordou com a cabeça. Mas ainda assim deu um tapinha no ombro de Gösta. Este resmungou, mas Martin sentiu que, onde antes havia apenas uma falta de respeito mútua, agora se estabelecera uma ligação frágil entre eles. Gösta podia não ser o melhor exemplo de policial que a corporação tinha a oferecer, mas isso não significava que não tivesse experiência e conhecimento, e Martin poderia aprender algo com ele.

Ambos ficaram aliviados quando chegaram ao camping. O silêncio que se seguiu à troca de confidências foi opressivo, sobretudo nos últimos cinco minutos.

Gösta saiu, com um andar desleixado, as mãos nos bolsos e um ar abatido no rosto, em busca de campistas que pudessem responder a suas perguntas. Martin informou-se sobre como chegar à barraca de Liese e ficou surpreso ao ver que era minúscula. Estava espremida entre duas barracas maiores, que em comparação faziam-na parecer ainda menor. Na barraca à direita, algumas crianças brincavam, barulhentas; na da esquerda, um sujeito musculoso de uns vinte e cinco anos tomava cerveja sob o toldo que se projetava da barraca. Todos olharam curiosos para Martin quando ele se aproximou da barraca de Liese.

Não havia como bater, e com uma ponta de hesitação ele gritou o nome dela. O zíper da barraca se abriu, e a cabeça loira de Liese apareceu na abertura. Duas horas mais tarde, os dois policiais retornavam sem ter descoberto nada de novo. Liese não tinha nada mais a contribuir além do que já dissera a Patrik na delegacia, e nenhum dos outros campistas havia notado nada relevante que dissesse respeito a Tanja ou a Liese.

Mas alguma coisa chamara a atenção de Martin, e agora pairava no fundo de sua mente. Ele vasculhou febrilmente as impressões sensoriais deixadas pela visita ao camping, mas continuou confuso. Vira algo que ficara registrado. Aborrecido, tamborilou os dedos no volante, mas acabou desistindo de localizar aquela lembrança indefinida.

Eles voltaram em silêncio à delegacia.

Patrik esperava ficar como Albert Thernblad quando fosse velho. Não tão solitário, claro, mas elegante como ele. Albert não se deixou abater pela morte da esposa, como acontecia com tantos homens de idade que acabavam ficando sozinhos. Ao contrário, ele estava bem vestido, com camisa e colete, e tinha cabelo e barba brancos bem cuidados. Apesar da dificuldade para caminhar, ele se movia com dignidade, de cabeça erguida, e, pelo pouco que Patrik vira, a casa parecia limpa e arrumada. Ele se impressionou ainda com o modo como Albert recebeu a notícia de que sua filha fora achada. Ele parecia ter feito as pazes com o destino, e vivia sua vida o melhor que podia, dadas as circunstâncias.

Patrik ficara muito emocionado com as fotografias de Mona que Albert lhe mostrou. Como tantas vezes antes, ele percebeu que era fácil encarar as vítimas de crime como apenas

uma estatística a mais, ou rotulá-las como “o queixoso” ou “a vítima”. Não importava se a pessoa fora roubada ou, como nesse caso, assassinada. Albert fizera a coisa certa ao mostrar-lhe as fotos. Patrik vira a evolução de Mona, do berçário da maternidade ao bebê gorducho, do primeiro ano na escola ao último. Depois, ele a vira como a garota feliz que fora antes de desaparecer.

Mas havia outra garota sobre a qual ele precisava saber mais. Além disso, ele conhecia a cidade bem o suficiente para saber que os rumores já se espalhavam com a velocidade da luz. Seria melhor ir direto ao ponto e ter uma conversa com a mãe de Siv Lantin, apesar de ainda não haver confirmação de sua identificação. Pelo sim, pelo não, ele checara o endereço dela antes de deixar a delegacia. Foi um pouco mais difícil localizá-la, pois Gun voltara a casar-se e não usava mais o sobrenome Lantin. Depois de investigar um pouco, ele descobriu que seu sobrenome agora era Struwer, e que havia uma casa de verão em nome de Gun e Lars Struwer na rua Norra Hamngatan, em Fjällbacka. O nome Struwer soava familiar, mas ele não conseguiu identificá-lo.

Por sorte, encontrou um lugar para estacionar em Planarna, perto do Badrestaurangen, e caminhou pelos últimos cem metros. Norra Hamngatan era uma via de mão única no verão, mas na curta caminhada ele encontrou três idiotas incapazes de entender as placas de trânsito. Teve de espremer-se de encontro ao muro de pedra, enquanto eles tentavam passar pelos carros que iam na direção certa. Talvez o relevo fosse tão acidentado na região onde viviam que eles julgavam necessário ter um enorme jipe quatro por quatro. Esse tipo de veículo era mais que comum entre os turistas de verão, e Patrik supôs que, nesse caso, os passageiros seriam provenientes da escarpada região de Estocolmo.

Ele teve vontade de sacar sua insígnia e colocá-los a par da Lei, mas se conteve. Se a polícia perdesse tempo tentando ensinar bom-senso a todos os veranistas, não faria muita coisa mais.

Patrik finalmente chegou a seu destino, uma casa branca com enfeites azuis, do lado esquerdo da rua, em frente às garagens de barco vermelhas que davam a Fjällbacka seu perfil característico. Os proprietários da casa estavam ocupados descarregando várias malas enormes de um Volvo V70 dourado. Para ser mais exato, um homem já de idade, vestindo um jaquetão, tirava as malas com um gemido, enquanto uma mulher baixa, com maquiagem pesada, gesticulava ao lado dele. Estavam ambos bronzeados, quase queimados de sol, e se o verão sueco não estivesse tão ensolarado, Patrik pensaria que eles tinham passado as férias no exterior. Este ano, as ilhotas rochosas de Fjällbacka poderiam substituir as clínicas de bronzeamento.

Ele foi até o casal e hesitou um instante antes de pigarrear para chamar a atenção deles. Ambos pararam o que estavam fazendo e se voltaram.

“Pois não?” A voz de Gun Struwer era um pouco estridente demais, e Patrik notou uma expressão irritada no rosto dela.

“Meu nome é Patrik Hedström e sou da polícia. Poderia conversar um pouco com a senhora?”

“Finalmente!” Ela ergueu as mãos de unhas vermelhas bem manicuradas e revirou os olhos. “Como podem ter demorado tanto? Não entendo para onde vai o dinheiro de nossos impostos. Passamos todo o verão denunciando que as pessoas deixam seus carros ilegalmente em nossa vaga, mas não ouvimos um pio da polícia. Afinal, vão tomar uma providência quanto a esse transtorno? Pagamos uma fortuna por esta casa, e achamos que temos o direito de usar o nosso próprio estacionamento. Mas talvez seja demais pedir isso!”

Ela colocou as mãos nos quadris e encarou Patrik com olhos apertados. O marido estava atrás dela, parecendo querer afundar no chão. Pelo visto, ele não achava que o assunto fosse tão importante assim.

“Na verdade, não estou aqui por causa de uma infração de estacionamento”, disse Patrik. “Mas primeiro devo perguntar-lhe: seu nome de solteira era Gun Lantin? E teve uma filha chamada Siv?”

No mesmo instante, Gun se calou e pôs a mão na boca. Nenhuma outra resposta era necessária. Seu marido recuperou-se antes e indicou a Patrik a porta da casa, que estava aberta. Parecia um tanto arriscado deixar as malas na rua, de modo que Patrik pegou duas delas e ajudou Lars Struwer a carregar a bagagem para dentro. Gun entrou apressada na frente deles.

Sentaram-se na sala de estar, Gun e Lars lado a lado no sofá, enquanto Patrik escolheu a poltrona. Gun agarrava-se a Lars, mas as carícias que ele fazia para reconfortá-la pareciam quase mecânicas, como se fosse algo que era exigido dele em tal situação.

“Que aconteceu? O que vocês descobriram? Já se passaram mais de vinte anos. Como pode alguma coisa aparecer tanto tempo depois?”, balbuciou ela, nervosa.

“Tenho que salientar que ainda não há uma identificação positiva, mas é possível que tenhamos encontrado Siv.”

A mão de Gun foi até a garganta, e pela primeira vez ela parecia ter ficado sem palavras.

“Ainda estamos esperando que o legista faça a identificação”, prosseguiu Patrik, “mas parece bem provável que seja Siv.”

“Mas como, onde...?”, ela gaguejou. As perguntas eram as mesmas que o pai de Mona fizera.

“Uma jovem foi encontrada morta na Passagem do Rei. Os restos de duas outras vítimas foram encontrados com ela. Mona Thernblad e provavelmente Siv.

Da mesma forma como explicara para Albert Thernblad, Patrik contou a Gun que as

garotas tinham sido levadas para o local, e que agora a polícia estava fazendo o possível para encontrar o autor dos assassinatos.

Gun apoiou o rosto no peito do marido, mas Patrik reparou que ela soluçava com os olhos secos. Sua impressão era de que boa parte da dor que ela demonstrava era fingida, mas isso era só uma intuição.

Quando Gun se recompôs, ela pegou um pequeno espelho de mão na bolsa e checkou a maquiagem. Depois, perguntou a Patrik:

“E agora, o que vai acontecer? Quando poderemos pedir os restos de nossa pobre Siv?” Sem esperar a resposta, ela se virou para o marido. “Temos que fazer um funeral apropriado para a minha pobre filhinha, Lars. Depois, poderíamos servir café e um lanche para os convidados no salão do Grande Hotel, ou talvez até um jantar com três pratos. Você acha que devíamos convidar...” Ela disse o nome de um importante industrial. Patrik sabia que ele tinha uma casa naquela mesma rua.

Gun prosseguiu.

“Encontrei-me por acaso com a mulher dele no começo do verão, e ela sugeriu que nos reuníssemos, qualquer hora dessas. Sei que iriam gostar se os convidássemos.”

Um tom de excitação surgira na voz dela, enquanto seu marido fechava a cara em sinal de desaprovação. De repente, Patrik lembrou-se de onde ouvira o sobrenome deles antes. Lars Struwer era fundador de uma das maiores cadeias de supermercados da Suécia, mas aposentara-se anos antes, e a cadeia fora vendida para uma empresa estrangeira. Não era de estranhar que pudessem ter uma casa tão bem localizada. O sujeito devia ter milhões e mais milhões. A mãe de Siv subira mesmo na vida desde o fim da década de 1970, quando morava com a filha e a neta numa pequena cabana de veraneio.

“Querida, não podemos deixar os detalhes práticos para mais tarde? Primeiro, você precisa de algum tempo para assimilar as notícias.”

Ele lhe dirigiu um olhar de censura, e Gun baixou os olhos, lembrando-se de seu papel de mãe enlutada.

Patrik olhou o aposento ao redor. Apesar da natureza triste de sua visita, teve de controlar-se para não rir. O lugar era uma paródia das casas de turistas que Erica gostava de ridicularizar. A sala estava decorada como uma cabine de veleiro, com um padrão de cores marinhas, cartas náuticas nas paredes, lanternas de farol, cortinas com estampas de conchas e até um velho leme como mesinha de café. Um bom exemplo de que muito dinheiro e bom gosto nem sempre andam de mãos dadas.

“Gostaria de saber se a senhora poderia me contar algo sobre Siv. Acabo de visitar Albert Thernblad, pai de Mona, e ele me mostrou fotos dela quando criança. Seria possível ver algumas fotos de sua filha?”

Ao contrário de Albert, que se animou com a perspectiva de falar sobre a menina dos seus olhos, Gun se remexeu no sofá, pouco à vontade.

“Bom, não vejo motivo para isso. A polícia fez montes de perguntas sobre Siv quando ela desapareceu. Toda essa informação deve estar nos arquivos da polícia...”

“Sei disso, mas eu queria algo um pouco mais pessoal. Que tipo de garota ela era, do que gostava, o que queria ser, coisas assim.”

“O que queria ser? Na verdade, ela não tinha muita opção. Ela ficou grávida de um rapaz alemão aos dezessete anos. Aí tomei providências para que ela não perdesse mais tempo estudando. De qualquer forma, já era tarde demais, e eu, com certeza, não tinha a intenção de cuidar sozinha do bebê dela.”

Seu tom era de desdém. Patrik viu Lars olhar para a esposa e imaginou que, fosse qual fosse a imagem que o homem fizera de Gun ao se casarem, não restara muito de suas ilusões. Havia cansaço e resignação na face de Lars, também marcada pela decepção. Era óbvio que o casamento havia chegado a um ponto em que Gun não fazia mais nenhum esforço para ocultar seu verdadeiro caráter. Lars podia ter achado que era amor verdadeiro, mas Patrik suspeitava de que Gun tinha sido de fato atraída pela beleza dos milhões na conta bancária de Lars Struwer.

“E a filha da Siv? Onde está agora?” Patrik inclinou-se para a frente, curioso para ouvir a resposta.

Mais uma vez, lágrimas de crocodilo.

“Depois que Siv desapareceu, não pude tomar conta dela sozinha. Eu queria, claro, mas a situação estava meio difícil, e criar uma criança estava fora de questão. Assim, fiz a melhor coisa possível e enviei-a para o pai na Alemanha. Bom, ele não ficou muito feliz quando a menina caiu no colo dele, assim do nada, mas teve que aguentar. Afinal de contas, ele era o pai da criança, e eu tinha documentos para provar.”

“Então, hoje, ela mora na Alemanha?” O lampejo de uma ideia passou pela mente de Patrik. Será que...? Não, seria difícil de acreditar.

“Não, ela morreu.”

A ideia desapareceu tão rápido como surgiu.

“Morreu?”

“Sim, num acidente de carro, aos cinco anos. Mas o alemão nem se incomodou em me telefonar para avisar. Só recebi uma carta dele, dizendo que Malin morrera. Não fui convidada para o enterro, acredita? Minha própria neta, e nem pude ir a seu funeral.” Sua voz tremeu de indignação. “Ele não respondia às cartas que lhe mandava enquanto a menina estava viva. Não acha que ele devia ter ajudado um pouco a avó da sua pobre filha órfã de mãe? Fui eu quem garantiu que a filha dele tivesse comida na mesa e roupas para vestir nos

dois primeiros anos de vida. Não acha que eu devia ter direito a alguma indenização?”

Gun foi aos poucos se enfurecendo por conta das injustiças que achava ter sofrido e não se acalmou até Lars pousar a mão em seu ombro. Ele lhe deu um abraço carinhoso, mas firme, sua forma de adverti-la.

Patrik reprimiu uma resposta. Sabia que Gun Struwer não iria gostar de nada que ele pudesse dizer. Por que cargas-d’água ela achava que o pai da criança devia lhe mandar dinheiro? Ela não percebia como era irracional? Pelo visto, não, e suas faces bronzeadas e enrugadas ficaram rubras de raiva, apesar de sua filha estar morta havia mais de vinte anos.

Ele fez uma última tentativa de descobrir algo sobre Siv.

“Haveria alguma foto?”

“Bem, não tirei muitas fotos dela, mas acho que posso achar alguma.”

Gun saiu da sala, deixando Patrik a sós com Lars. Ficaram em silêncio por alguns instantes. Então Lars disse algo em voz baixa para que Gun não pudesse ouvir.

“Ela não é tão insensível como parece. Gun tem algumas qualidades excelentes.”

É, tá legal, pensou Patrik. Ele achou que aquela era uma declaração de um tolo que não queria ver. Mas era provável que Lars estivesse fazendo o possível para justificar-se por tê-la escolhido como esposa. Patrik calculou que Lars fosse uns vinte anos mais velho que Gun, e não era arriscado supor que a escolha fora feita por alguma parte do corpo que não era a cabeça. Se bem que Patrik tinha que admitir que talvez sua profissão o estivesse deixando um pouco cínico. Talvez fosse mesmo um amor verdadeiro. Como ele poderia saber?

Gun retornou, não com um grosso álbum de fotografias como o que Albert lhe mostrara, mas com uma única foto pequena em preto e branco, que entregou a Patrik sem nenhum entusiasmo. A foto mostrava uma Siv adolescente e emburrada, com a filha recém-nascida no colo. Ao contrário das fotos de Mona, não havia alegria na expressão da garota.

“Bom, precisamos arrumar a casa. Acabamos de voltar da Provença, onde mora a filha do Lars.” Da forma como Gun disse a palavra “filha”, Patrik percebeu que não havia afeição alguma entre ela e a enteada.

Percebeu também que sua presença já não era bem quista e agradeceu-lhes a ajuda.

“E obrigado por me emprestar a foto. Prometo devolvê-la em boas condições.”

Gun acenou com a mão com descaso. Então se lembrou de seu papel e contorceu o rosto numa careta.

“Por favor, me avise quando tiver certeza. Eu queria tanto poder enterrar minha pequena Siv.”

“Voltarei assim que souber de alguma coisa.”

Patrik não precisava ter dito aquilo em tom áspero, mas toda aquela encenação pareceu-lhe bem desagradável.

Quando ele saiu para a rua, o céu desabou. Ficou parado um instante e deixou que o aguaceiro lavasse a sensação de náusea que restara da visita aos Struwer. Ele precisava voltar para casa. Queria abraçar Erica, pôr a mão em sua barriga e sentir a vida pulsando lá dentro. Ele precisava sentir que o mundo não era tão cruel e perverso como às vezes parecia ser. Não, não podia ser.

* É uma salsicha tradicional sueca, geralmente feita de uma mistura ralada de carne suína e bovina.

V

Verão de 1979

*E*ra como se houvessem passado meses. Mas ela sabia que não podia ter sido tanto tempo. Ainda assim, cada hora ali embaixo, no escuro, parecia toda uma vida.

Havia tempo demais para pensar. Tempo demais para sentir como a dor retorcia cada nervo. Tempo para pensar em tudo que ela perdera. Ou perderia.

Agora ela sabia que jamais sairia dali. Ninguém poderia escapar a tanta dor. E ainda assim ela nunca sentira mãos mais suaves que as dele. Mão alguma a acariciara com tanto amor, nem a deixara tão faminta por mais um toque. Não aquele toque horrível, doloroso, mas o toque suave que se seguia. Se alguma vez ela tivesse sentido um toque assim antes, tudo teria sido diferente, ela compreendia agora.

A sensação que tinha quando ele passava as mãos pelo seu corpo era tão pura, tão inocente, que penetrava fundo até seu íntimo tão endurecido, aquele que ninguém antes fora capaz de alcançar.

Na escuridão, ele se tornara tudo para ela. Nenhuma palavra fora dita, mas ela fantasiava sobre como seria o som de sua voz. Paternal, cálido. Mas quando vinha a dor, ela o odiava. E então queria matá-lo. Se ao menos pudesse...

Robert encontrou-o no galpão do depósito. Eles se conheciam muito bem, e ele sabia para onde Johann ia quando estava preocupado com alguma coisa. Ao notar que a casa estava vazia, foi direto para o galpão, e de fato encontrou ali o irmão, sentado no chão, os braços rodeando com força as pernas encolhidas de encontro ao peito.

Ambos eram tão diferentes que Robert achava difícil acreditar que fossem irmãos. Ele se orgulhava de não desperdiçar um minuto de sua vida ponderando sobre algo ou tentando antever as consequências. Ele simplesmente agia e deixava que as coisas acontecessem. Os sobreviventes viam as consequências, esse era seu lema, e ele não via motivo para preocupar-se com coisas que não podia controlar. A vida o leva para um lado e para outro, é

como as coisas são.

Johann, por outro lado, pensava demais, e isso não lhe fazia bem. Por um breve instante, Robert sentiu uma pontada de culpa por seu irmão mais novo ter decidido segui-lo em sua vida tão equivocada, mas talvez fosse melhor assim. Se fosse de outro modo, talvez ele tivesse se desiludido. Eles eram filhos de Johannes Hult, e havia uma espécie de maldição em todo o seu maldito ramo da família. Não havia esperança de que qualquer um deles fosse bem-sucedido no que quer que fosse. Então, para que tentar?

Ele nunca admitiria, nem sob tortura, mas amava o irmão mais do que qualquer coisa no mundo. Doía-lhe ver a silhueta de Johann na penumbra do galpão. Os pensamentos do irmão pareciam estar a quilômetros de distância e havia nele uma tristeza que de vez em quando Robert entrevia. Uma nuvem de melancolia parecia pairar sobre a alma de Johann, transportando-o para algum lugar sombrio e horrível, às vezes, por semanas inteiras. Robert não tinha visto sinais daquilo durante todo o verão, mas agora havia sentido sua presença física assim que cruzou a porta.

“Johann?”

Não teve resposta. Em silêncio, Robert penetrou ainda mais na escuridão. Agachou-se ao lado do irmão e colocou a mão em seu ombro.

“Johann, você veio para cá de novo?”

O irmão mais novo apenas concordou com a cabeça. Quando virou o rosto, Robert viu, surpreso, que estava inchado pelo choro. Não era o que costumava acontecer durante as fases ruins de Johann. Robert sentiu-se inquieto de repente.

“Que foi, Johann? Que aconteceu?”

“Papai.”

O resto da sentença foi afogado pelos soluços, e Robert tentou entender o que ele dizia.

“O que você está dizendo sobre papai, Johann?”

Johann respirou fundo para acalmar-se e então disse:

“Agora todos vão perceber que papai era inocente. Que ele não fez aquelas moças desaparecerem. Você não percebe? As pessoas finalmente vão saber que não foi ele!”

“Você está delirando?” Robert o sacudiu, embora sentisse seu próprio coração falhando uma batida.

“Mamãe esteve na cidade e ouviu dizerem que encontraram uma garota assassinada, e junto com ela os ossos das duas que tinham desaparecido. Percebe? Uma garota foi assassinada *agora*. Assim, ninguém pode dizer que foi papai quem fez aquilo, certo?”

Johann riu. Parecia meio histérico. Robert ainda não havia assimilado totalmente o que ele dissera. Desde que encontrou seu pai no piso do celeiro, com uma corda ao redor do pescoço, ele sonhava e fantasiava sobre ouvir as palavras que agora Johann pronunciava.

“Você não está me sacaneando, está? Porque vai pagar caro se estiver.”

Robert cerrou o punho, mas Johann apenas continuou rindo histérico, e as lágrimas escorreram-lhe pela face. Robert agora via que eram lágrimas de alegria. Johann virou-se e deu-lhe um abraço tão apertado que ele mal podia respirar. Quando compreendeu que o irmão dizia a verdade, Robert retribuiu o abraço com toda a força que tinha.

Finalmente, o pai seria vingado. Finalmente, eles e também sua mãe seriam capazes de erguer bem alto suas cabeças, sem ter de ouvir os sussurros às suas costas e sem ver os dedos que os apontavam quando as pessoas achavam que eles não estavam olhando. Agora todo mundo se arrependeria por tudo, malditos fofoqueiros. Durante vinte e quatro anos a cidade desonrara sua família, mas agora todos sentiriam vergonha.

“Onde está a mamãe?”

Robert se afastou do irmão e lançou-lhe um olhar inquisitivo. Johann começou a dar risadinhas, sem poder parar, e ao mesmo tempo falou algo incoerente.

“O que você disse? Acalme-se e responda. Perguntei onde mamãe está.”

“Ela foi visitar o tio Gabriel.”

O rosto de Robert anuviou-se.

“Que diabos ela está fazendo com aquele velho safado?”

“Contando-lhe a verdade, acho. Nunca vi mamãe tão furiosa como quando ela voltou e me contou o que tinha ouvido. Ela foi direto até a fazenda dizer a Gabriel o que pensava. A essa altura, ela já deve ter dito a ele umas poucas e boas. Você devia mesmo tê-la visto, com o cabelo espetado para cima e quase fumegando pelas orelhas.”

A imagem da mãe com o cabelo desganhado e soltando fumaça pelas orelhas fez com que Robert também risse. Desde que se conhecia por gente ele se lembrava dela como uma sombra, arrastando-se e resmungando, e era difícil imaginá-la alucinada e furiosa.

“Eu adoraria ter visto a cara do Gabriel quando ela entrou com tudo. E dá para imaginar a tia Laine?”

Johann fez uma imitação perfeita da expressão preocupada dela, enquanto retorcia as mãos. Numa voz esganiçada, ele recitou:

“Francamente, Solveig! Minha querida, você não devia usar esse linguajar!”

Os dois irmãos desabaram no chão, contorcendo-se de tanto rir.

“Você costuma pensar no papai?”, perguntou Johann, trazendo-os de volta à seriedade, e Robert ficou em silêncio por um instante antes de responder.

“Sim, é claro que penso. Embora precise me esforçar para não pensar nele do jeito que estava no dia em que morreu. Você devia ficar feliz por não tê-lo visto. E você, pensa nele?”

“Sim, o tempo todo. Mas é como se eu assistisse a um filme, entende? Lembro de como ele sempre estava feliz e de como costumava contar piadas e dançar e me fazer rodar no ar.

Mas vejo tudo à distância, como num filme.”

“Sim, entendo.”

Ficaram estendidos lado a lado, fitando o teto, enquanto a chuva martelava a cobertura de metal acima deles.

“Ele nos amava, não é, Robert?”, perguntou Johann, baixinho.

“Ele nos amava, sim, Johann, com certeza”, respondeu Robert, também em voz baixa.

Erica ouviu Patrik sacudindo o guarda-chuva nos degraus da frente e ergueu-se do sofá para encontrá-lo na porta.

“Oi?!”, disse ele, surpreso, enquanto olhava ao redor. Pelo visto, não esperava que tudo estivesse calmo e silencioso. Na verdade, ela devia estar um pouco aborrecida com ele, que não lhe telefonara durante todo o dia, mas estava feliz demais em vê-lo para ficar irritada. Ela também sabia que ele nunca estava mais distante do que uma ligação de celular e não tinha dúvidas de que ele pensava nela mil vezes por dia. Ela sentia uma grande segurança quando pensava sobre a relação deles. Era reconfortante.

“Onde estão Conny e os bandidos?”, ele sussurrou, ainda sem saber se haviam partido ou não.

“Despejei uma tigela de macarrão e linguiça *falukorv* na cabeça de Britta, e eles não quiseram mais ficar por aqui. Hóspedes ingratos.”

Erica achou graça na expressão chocada de Patrik.

“Eu simplesmente estourei. Em algum momento você tem que traçar um limite. É bem improvável que a gente receba algum convite da parte desse lado da família pelo próximo século, mas não é nada que eu lamente. E você?”

“Deus do céu, claro que não.” Ele revirou os olhos. “Você fez mesmo isso? Virou um prato de comida na cabeça dela?”

“Juro por Deus. Toda a minha boa educação foi embora pelo ralo. Agora acho que nunca vou conseguir ir para o Paraíso.”

“Hummm, mas você é um pedacinho de paraíso, então não precisa...”

Ele mordiscou o pescoço dela, no ponto onde sabia que ela tinha cócegas. Ela o empurrou para longe, rindo.

“Vou fazer um chocolate quente para mim, e então você vai ter que me contar tudo sobre o Grande Confronto.” Patrik pegou-a pela mão e a levou para a cozinha, onde a ajudou a sentar-se numa cadeira.

“Você parece cansado”, disse ela. “Como estão indo as coisas?”

Ele suspirou enquanto misturava chocolate em pó e leite numa panela.

“O caso estava indo bem, mas não está mais. Foi uma sorte os peritos terminarem de

analisar a cena do crime antes de o tempo mudar. Se tivéssemos encontrado os corpos hoje e não antes de ontem não haveria nada para achar. Aliás, obrigado pela informação que você me passou. É realmente muito útil.” Ele se sentou de frente para ela enquanto esperava o chocolate esquentar. “E você, como estão as coisas? Tudo bem com o bebê?”

“Estamos ótimos. Nosso futuro ídolo do futebol está fazendo bagunça como sempre, mas tive um dia delicioso depois que Conny e Britta se foram. Era bem o que eu precisava. Finalmente, consegui relaxar e ler um pouco. Só foi necessária a visita de um bando de parentes doidos.”

“Maravilha. Então não tenho que me preocupar com vocês dois?”

“Não, nem um pouco.”

“Quer que eu tente ficar em casa amanhã? Talvez eu possa trabalhar um pouco aqui. Pelo menos vou estar por perto.”

“É bondade sua, mas está tudo bem, sério. Acho mais importante que você se concentre em descobrir o assassino antes que os rastros desapareçam. Daqui a algum tempo vou ter mesmo que exigir sua presença.” Ela sorriu e deu-lhe uma palmadinha na mão. Então continuou. “Além do mais, parece que está se formando um sentimento geral de histeria. Várias pessoas me ligaram hoje, tentando descobrir o quanto a polícia sabe. Nem que soubesse eu diria, claro, e de fato não sei.” Ela se interrompeu, para tomar fôlego. “E não é só o escritório de turismo que está recebendo cancelamentos de gente que tem receio de vir para cá. Boa parte do tráfego de veleiros foi desviada para outros portos. Assim, se a indústria turística local ainda não entrou em contato com você, prepare-se.”

Patrik fez que sim com a cabeça. Ele receava que isso pudesse acontecer. A histeria ia espalhar-se e agravar-se até que achassem alguém para colocar atrás das grades. Para uma cidade pequena como Fjällbacka, que vive do turismo, os homicídios prenunciavam um desastre. Ele se lembrou de um verão, alguns anos atrás, quando um estuprador cometeu quatro estupros durante o mês de julho, antes de ser finalmente preso. Os negócios da cidade sofreram um golpe, pois os turistas preferiram ir para outros lugares próximos, como Grebbestad e Strömstad. Um assassinato criaria uma situação ainda pior. Por sorte, era função de seu chefe lidar com esse tipo de coisa. De muito boa vontade ele deixaria que Mellberg se virasse com tais problemas.

Patrik esfregou a ponta do nariz. Ele sentia uma dor de cabeça terrível se aproximando. Estava a ponto de tomar um analgésico quando percebeu que não havia comido nada o dia inteiro. A comida costumava ser uma das indulgências que ele se permitia na vida, e o volume incipiente ao redor da cintura atestava isso. Ele não conseguia lembrar-se da última vez que pulara uma refeição. Estava cansado demais para cozinhar. Em vez disso, preparou alguns sanduíches de queijo e caviar, que foi molhando no chocolate quente. Como sempre,

Erica lançou-lhe um olhar meio enojado, por sua repulsiva combinação gastronômica, mas para Patrik era um manjar dos deuses. Três sanduíches mais tarde, a dor de cabeça já era passado e ele sentiu uma nova injeção de energia.

“Querida, por que não convidamos Dan e a namorada para vir aqui nesse fim de semana?”, disse ele a Erica. “Podemos fazer um churrasco.”

Erica franziu o cenho, parecendo não gostar muito da ideia.

“Olha, você nunca deu uma chance de verdade a Maria. Quantas vezes vocês se encontraram? Duas?”

“Tá legal, tá legal, eu sei. Mas é que ela é tão...” Erica procurou a palavra certa. “Tão 21 anos.”

“Bom, ela não pode fazer nada quanto a isso. Concordo que parece meio sem noção, mas talvez seja apenas tímida. E valeria a pena um esforço, por causa de Dan. Quer dizer, ele a escolheu, afinal de contas. E é bom que tenha encontrado alguém depois de ter se divorciado de Pernilla.”

“É incrível como você ficou tolerante nos últimos tempos”, disse Erica, emburrada, embora tivesse que admitir que ele tinha razão. “Por que está sendo tão magnânimo?”

“Sou sempre magnânimo com garotas de vinte e um. Elas tem boas qualidades.”

“Ah, é? Como o quê, por exemplo?”, retrucou Erica, brava, antes de perceber que Patrik estava provocando. “Ah, esquece. Você deve estar certo. Vamos convidar Dan e o bebezinho.”

“Ei.”

“Tá legal, tá legal, Dan e *Maria*. Tenho certeza de que vai ser divertido. Podemos pegar a velha casa de bonecas de Emma, para ela ter o que fazer enquanto os adultos jantam.”

“Erica...”

“Tudo bem, eu paro. Mas é que é tão difícil resistir, é como um tique nervoso.”

“Garota malvada. Venha aqui e me dê um abraço em vez de ficar maquinando seus planos malignos.”

Ela seguiu a sugestão dele ao pé da letra, e ambos aconchegaram-se juntos no sofá. Para Patrik, isso era o que tornava possível encarar os aspectos mais sombrios da humanidade com os quais se deparava em seu trabalho. Erica, e o pensamento de que ele talvez pudesse dar uma pequena contribuição para garantir que o mundo seria um lugar um pouco mais seguro para o bebê que agora pressionava a sola dos pés contra a palma de sua mão, através da pele esticada da barriga de Erica. Do lado de fora da janela, o vento amainou enquanto chegava o crepúsculo, e a cor do céu mudou de cinza para um rosa flamejante. Ele previu que o dia seguinte seria novamente ensolarado.

As premonições de Patrik quanto ao sol revelaram-se verdadeiras. No dia seguinte, parecia que nunca havia chovido. Ao meio-dia, o asfalto estava fumegando de novo. Embora vestisse bermuda e camiseta, Martin transpirava, mas isso começava a parecer o estado normal das coisas. A temperatura fresca do dia anterior era só um sonho.

Ele estava um pouco em dúvida sobre como prosseguir o trabalho. Patrik estava na sala de Mellberg, e Martin não tivera chance de falar-lhe ainda. Um de seus problemas era a informação da Alemanha. A polícia alemã podia retornar a ligação a qualquer momento, e ele receava perder algo do que diriam em razão de seu alemão ruim. Assim, a melhor coisa seria achar alguém que pudesse ajudar na tradução, numa reunião telefônica, com três aparelhos. Mas a quem ele pediria ajuda? Os intérpretes com quem Martin trabalhara antes falavam, em sua maioria, línguas bálticas, como russo e polonês, por conta do problema de carros roubados que eram levados para aqueles países. Ele nunca precisara de ajuda com o alemão antes. Pegou o catálogo telefônico e folheou-o mais ou menos ao acaso, sem saber o que buscava. Uma das seções lhe deu uma ideia brilhante. Considerando o número de turistas alemães que vinham a Fjällbacka todos os anos, o escritório de turismo devia ter em seu pessoal alguém que fosse fluente naquele idioma. Ele ligou para lá ansioso. Uma voz clara e alegre de mulher atendeu.

“Escritório de Turismo de Fjällbacka, bom dia. Pia falando.”

“Olá, aqui é Martin Molin, da delegacia de polícia de Tanumshede. Gostaria de saber se vocês têm alguém que seja fluente em alemão.”

“Bom, suponho que seja eu. O que necessita?”

A voz dela soava mais e mais atraente a cada segundo, e Martin teve uma ideia.

“Eu poderia ir até aí para conversar com você? Teria um tempo?”

“É claro. Saio para o almoço em meia hora. Se puder vir aqui, talvez pudéssemos comer no Café Bryggan.”

“Parece perfeito. Vejo você lá em meia hora.”

Martin desligou empolgado. Não sabia bem que tipo de loucura o dominara, mas a voz dela era muito agradável.

Meia hora depois, ele estacionou o carro diante da loja de ferragens e atravessou a pé a praça Ingrid Bergman, passando por entre os visitantes de verão. Começou a sentir um frio na barriga. Aquilo não era um encontro, era trabalho policial, recordou-se. Mas não podia negar que teria uma tremenda decepção se Pia, do escritório de turismo, pesasse duzentos quilos e tivesse dentes de limpa-trilhos.

Ele seguiu pelo ancoradouro até as mesas do café e olhou ao redor. Numa das mesas perto do gradil, uma jovem de blusa azul e lenço colorido com o logotipo do escritório de turismo acenava. Ele suspirou e teve uma sensação de alívio por ter imaginado certo. Pia era doce

como um pedaço de chocolate. Grandes olhos castanhos e cabelo encaracolado. Um sorriso largo, com dentes brilhantes e covinhas encantadoras. Seria um almoço muito mais agradável do que engolir uma salada de macarrão frio na companhia de Hedström, no refeitório da delegacia. Não que ele não gostasse de Hedström, mas o colega com certeza não era páreo para aquela belezinha.

“Olá, sou Martin Molin.”

“Pia Löfstedt.”

Depois das apresentações, ambos pediram sopa de peixe à garçonete alta e loira.

“Estamos com sorte”, disse Pia. “‘O Arenque’ está aqui esta semana.”

Ela percebeu que ele não sabia do que ela estava falando.

“Christian Hellberg. *Chef* do Ano em 2001. Ele é de Fjällbacka. Vai entender depois que provar a sopa de peixe. É divina.”

Ela gesticulava ansiosa, enquanto estava falando, e Martin viu-se olhando fascinado para ela. Pia era totalmente diferente das mulheres com quem ele costumava se encontrar, e talvez fosse por isso que se sentia tão bem estando ali com ela. Teve de recordar-se, de novo, que aquele não era um encontro. Era um almoço de trabalho, e ele até tinha negócios a tratar.

“Tenho que admitir que não é todo dia que a polícia nos telefona. Suponho que tenha a ver com o corpo que acharam na Passagem do Rei, certo?”

A questão foi colocada como a constatação de um fato, não como uma tentativa de fazer sensacionalismo, e Martin assentiu com a cabeça.

“Sim, correto. Como já deve ter ouvido, a vítima era uma turista alemã, e podemos precisar da ajuda de um intérprete. Você acha que poderia fazê-lo?”

“Estudei na Alemanha por dois anos, e acho que não haveria qualquer problema.”

A sopa chegou, e, depois de uma colherada, Martin estava inclinado a concordar com a opinião de Pia de que era “divina”. Ele tentou não fazer barulho ao tomá-la, mas não conseguiu evitar. Ele torceu para que ela tivesse lido *Emílio de Lönneberga*, de Astrid Lindgren.

“Você tem que fazer barulho, ou não vai saber que é sopa...”

“É engraçado...”, disse Pia, interrompendo-se para tomar mais uma colherada de sopa. Uma brisa suave soprava sobre as mesas de vez em quando, trazendo alguns segundos de ar mais fresco. Ambos observaram um veleiro antiquado que lutava para seguir adiante com as velas mal enfunadas. Não havia vento suficiente para velejar, e a maioria dos barcos estava usando os motores. Pia prosseguiu: “Aquela garota alemã... ela se chamava Tanja, não? Ela veio ao escritório de turismo, mais ou menos uma semana atrás, querendo ajuda para traduzir alguns artigos.”

Aquilo despertou o interesse de Martin de imediato.

“Que tipo de artigos?”

“Sobre aquelas jovens que foram encontradas com ela. Eram artigos sobre o desaparecimento delas. Artigos antigos que ela tinha fotocopiado, talvez da biblioteca, eu diria.”

A colher dele fez barulho quando, por puro assombro, ele a deixou cair dentro da tigela.

“Por que ela queria ajuda para lê-los?”

“Não sei. Não perguntei a ela. Na verdade, não deveríamos fazer esse tipo de coisa durante o expediente, mas era o meio do dia, e todos os turistas estavam nas ilhas, nadando, de modo que tudo estava tranquilo. E, além do mais, ela parecia tão ansiosa que fiquei com pena dela.” Pia hesitou. “Você acha que isso teve algo a ver com o crime? Talvez eu devesse ter ligado para a polícia e contado sobre...”

Sua voz soava preocupada, e Martin apressou-se em tranquilizá-la. Por alguma razão, ele não queria correr o risco de despertar em Pia qualquer sentimento desagradável.

“Não havia como você saber que isso podia ser importante”, disse ele. “Mas é bom que tenha me contado.”

Eles almoçaram e conversaram sobre assuntos mais importantes. A hora de almoço dela terminou rápido demais. Pia tinha que correr para o pequeno posto de atendimento, num quiosque situado no meio da praça, antes que sua colega ficasse irritada por ter seu próprio almoço atrasado. Antes que Martin percebesse, ela já tinha ido, depois de um adeus apressado.

Esteve na ponta de sua língua perguntar se poderiam encontrar-se de novo, mas ele não conseguiu proferir as palavras. Resmungando e xingando, voltou para o carro. No caminho para Tanumshede, seus pensamentos voltaram-se, relutantes, para o que Pia dissera sobre o pedido de ajuda de Tanja. Qual seria o interesse dela por aquelas garotas? Quem era ela? Que conexão havia entre Tanja, Siv e Mona que eles não conseguiam enxergar?

A vida era boa. Era muito boa. Ele não conseguia lembrar-se de quando o ar parecera tão limpo, os aromas tão intensos ou as cores tão vívidas. A vida era realmente boa.

Mellberg olhou para Hedström, sentado na cadeira à sua frente. Era um sujeito elegante e um policial de talento. Ele nunca dissera isso em tais termos antes, mas ia aproveitar a oportunidade naquele instante. Era importante que os colegas se sentissem apreciados. Ele lera em algum lugar que um bom líder devia fazer críticas e elogios com a mesma firmeza. Antes, talvez, ele tivesse sido um pouco generoso demais com as críticas. Sua recém-adquirida clareza permitia-lhe ver isso, e ele pretendia remediar a situação.

“Como vai a investigação?”, perguntou.

Hedström apresentou-lhe os pontos principais do trabalho feito até o momento.

“Excelente, excelente”, disse Mellberg, acenando a cabeça com jovialidade. “Recebi vários telefonemas desagradáveis hoje. As pessoas estão impacientes para que o caso seja solucionado depressa, de forma a não ter um efeito prolongado sobre a indústria do turismo, como alguém expressou tão bem. Mas não é algo com que precise se preocupar, Hedström. Dei minha garantia pessoal de que o melhor de nossos policiais estava trabalhando noite e dia para colocar o culpado atrás das grades. Assim, continue trabalhando com sua grande competência de sempre, e eu me ocupo dos chefões locais.

Hedström lançou ao chefe um olhar de estranheza.

Mellberg manteve os olhos fixos no colega e disparou um amplo sorriso. Se Hedström soubesse...

A reunião com Mellberg demorara mais de uma hora. Patrik procurou Martin enquanto voltava para sua sala, mas ele parecia não estar por ali. Assim, ele foi a Hedemyr e comprou um sanduíche, que engoliu junto com uma xícara de café no refeitório da delegacia. Quando estava acabando de comer, ouviu Martin vindo pelo corredor. Acenou-lhe para que viesse a sua sala.

“Você tem notado algo esquisito em Mellberg?” Foi a primeira coisa que disse.

“Fora o fato de que não se queixa, não faz críticas, ri o tempo todo, perdeu peso e está usando roupas que parecem ter estado na moda numa época mais recente, tipo os anos 90? Não.” Martin deu um sorriso.

“Tem algo estranho acontecendo. Não que eu esteja reclamando. Ele não está interferindo na investigação, e hoje ele me elogiou tanto que corei de vergonha. Mas tem alguma coisa...” Patrik sacudiu a cabeça. Mas as especulações sobre o novo Bertil Mellberg teriam que esperar; havia assuntos mais urgentes a tratar. Certas coisas devem apenas ser desfrutadas, sem questionamento.

Martin contou-lhe sobre a visita infrutífera ao camping e sobre não ter obtido nada de útil na conversa com Liese. Então reportou o que Pia dissera sobre Tanja, que ela aparecera para pedir que alguns artigos sobre Mona e Siv fossem traduzidos. Isso despertou o interesse de Patrik.

“Eu sabia que devia haver uma conexão! Caramba, mas qual será?”, disse ele, coçando a cabeça.

“O que os pais lhe contaram ontem?”

As fotos fornecidas por Albert e Gun estavam sobre a mesa. Ele as apanhou e entregou a Martin. Descreveu os encontros com o pai de Mona e a mãe de Siv, sem poder esconder a antipatia por ela.

“Pelo menos, eles devem ter ficado aliviados ao saber que as garotas foram finalmente

encontradas. Imagino a tortura que foi passar ano após ano sem saber onde estavam. Dizem que o pior é a incerteza.”

“Sim, mas estou torcendo para que Pedersen confirme que o segundo esqueleto é de Siv Lantin, ou vamos estar em maus lençóis”, disse Martin.

“É verdade, mas tudo indica que é mesmo o esqueleto dela. Nenhuma novidade ainda sobre a análise da terra encontrada nos ossos?”, perguntou Patrik.

“Não, infelizmente. E, de qualquer modo, não sei o quanto vai nos dizer. Elas podem ter sido enterradas em qualquer lugar. Mesmo que identifiquemos o tipo de solo, seria como procurar uma agulha no palheiro.”

“É no DNA que estou apostando. Assim que tivermos um suspeito, saberemos se é a pessoa certa por meio da análise do DNA dele e da comparação com a amostra que temos.”

“Claro, tudo o que temos que fazer agora é achar a pessoa certa.”

Por alguns instantes, pensaram em silêncio sobre o caso, até que Martin quebrou a aura de desânimo e ficou em pé.

“Bom, não vamos a lugar nenhum ficando aqui sentados. Vou voltar ao batente.”

Ele saiu, deixando Patrik sentado à mesa, perdido em pensamentos.

O clima durante o jantar estava muito tenso. Não era nada incomum desde que Linda se mudara para lá, mas ainda assim o ar estava tão carregado que dava para cortá-lo com uma faca. Seu irmão lhe contou, da forma mais sucinta possível, sobre a visita de Solveig ao pai deles, mas ele não se mostrou muito disposto a discutir o assunto.

Linda não deixou que aquilo a detivesse.

“Então não foi tio Johannes quem matou aquelas moças. Papai deve estar se sentindo supermal. Ele entregou o próprio irmão, que no fim das contas é inocente.”

“Cale a boca, você não devia falar sobre o que não sabe.”

Todos à mesa levaram um susto. Jacob nunca erguia a voz. Até mesmo Linda ficou assustada por um instante, mas engoliu em seco e continuou.

“Mas, então, por que papai achava que tinha sido o tio Johannes? Ninguém nunca me contou isso.”

Jacob hesitou por um instante, mas percebeu que não podia simplesmente mandar que ela parasse de fazer perguntas e decidiu responder-lhe. Ao menos em parte.

“Papai viu uma das garotas no carro de Johannes na noite em que ela sumiu.”

“Por que papai estava dirigindo no meio da noite?”

“Ele tinha ido me visitar no hospital e decidiu voltar para casa em vez de passar a noite lá.”

“Então foi só isso? Foi por esse motivo que ele denunciou Johannes à polícia? Quer dizer,

poderia haver um monte de outras explicações para algo assim. Talvez ele estivesse dando uma carona até perto da casa dela.”

“Talvez. Mas Johannes negou que tivesse sequer visto a garota naquela noite. Ele alegou que naquela hora estava em casa, deitado.”

“Mas o que vovô achou disso? Ele não ficou bravo quando Gabriel ligou para a polícia para falar sobre Johannes?”

Linda estava fascinada. Nascera depois do desaparecimento das garotas e nunca ouvira mais do que fragmentos da história. Ninguém nunca quis falar sobre o que aconteceu, e a maior parte do que Jacob contava agora era completa novidade para ela.

“Se vovô ficou bravo?”, bufou Jacob. “Pode apostar nisso. Além do mais, ele estava no hospital naquela hora, empenhado em salvar minha vida, e ficou furioso com papai, por ser capaz de fazer algo assim.”

As crianças tinham sido mandadas para fora da sala. Se estivessem ali, seus olhos teriam brilhado à menção de como o bisavô salvara a vida de seu papai. Tinham ouvido a história muitas e muitas vezes, mas nunca se cansavam dela.

“Ele estava tão furioso”, prosseguiu Jacob, “que pensou até em mudar o testamento, nomeando Johannes seu único herdeiro, mas não houve tempo para isso antes de Johannes morrer. Se não tivesse morrido, agora nós é que estaríamos vivendo na casa de empregados, e não Solveig e os filhos.”

“Mas por que papai odiava tanto Johannes?”

“Não sei bem. Papai nunca falou muito sobre isso, mas vovô me contou coisas que talvez expliquem tudo. Vovô morreu quando Johannes nasceu, e depois disso eles viajaram junto com vovô para cima e para baixo, na costa oeste, fazendo sermões e serviços religiosos. Vovô me disse que logo ele percebeu que tanto Johannes quanto Gabriel tinham o poder de cura, e assim cada serviço religioso terminava com os dois realizando a cura de deficientes físicos e doentes que estivessem na plateia.”

“Papai fazia isso? Quer dizer, ele curava gente? Ele ainda pode curar?”

Linda ficou atônita, de queixo caído. Abrira-se a porta para um aposento totalmente novo na história da família. Ela mal ousava respirar, de medo que Jacob se fechasse, recusando-se a compartilhar o que sabia. Linda sabia que ele e seu avô sempre haviam tido um vínculo especial, sobretudo depois que se soube que a medula do avô era compatível para doação a Jacob, que sofria de leucemia. Mas ela não sabia que seu avô havia contado tanta coisa a Jacob. Claro, ela ouvira dizer que seu avô era chamado pelas pessoas de “o Pregador”. Ela também ouvira rumores de que conseguira sua fortuna por meio de fraudes, mas ela sempre achara que as histórias sobre Ephraim eram nada mais do que lendas exageradas. Linda era

tão nova quando o avô morreu que, para ela, ele era só um velho muito sério nas fotos de família.

“Não, duvido muito.” Jacob deu um sorrisinho ao pensar no pai, tão certinho, curando os enfermos e aleijados. “Pelo que ele diz, provavelmente nunca aconteceu nada. E, de acordo com vovô, não é raro que a pessoa perca a habilidade ao entrar na puberdade. Pode ser possível recuperá-la mais tarde, mas não é fácil. Creio que tanto Gabriel quanto Johannes a perderam depois de adultos. Acho que papai detestava Johannes por eles serem tão diferentes. Johannes era muito atraente e podia cativar qualquer um e conseguir o que quisesse, mas era um completo irresponsável com tudo na vida. Ele e Gabriel receberam boa parte do dinheiro quando vovô ainda estava vivo, mas em menos de um ano Johannes gastou toda a sua parte. Vovô ficou furioso e alterou o testamento para que Gabriel fosse seu herdeiro primário, em vez de dividir igualmente a herança entre os dois. Mas, como eu disse, se tivesse vivido o suficiente, ele talvez tivesse mudado o testamento de novo.”

“Mas deve haver alguma outra coisa”, disse Linda. “Papai não poderia odiar tanto Johannes só porque ele era mais bonito e mais charmoso. Não é motivo para denunciar seu irmão para a polícia, é?”

“Não, meu palpite é de que a gota d’água foi o fato de Johannes ter roubado a noiva de papai.”

“O quê? Papai ia se casar com Solveig? Aquela vaca gorda?”

“Você nunca viu fotos de Solveig nos velhos tempos? Ela era uma gata de verdade, juro, e ela e papai ficaram noivos. Mas um dia ela lhe disse que estava apaixonada pelo tio Johannes e que iria se casar com ele, e não com papai. Acho que isso realmente acabou com o papai. Você sabe como ele odeia qualquer tipo de desordem ou drama em sua vida.”

“Sim, isso deve ter tirado ele do sério, de verdade.”

Jacob ergueu-se da mesa como que sinalizando que a conversa chegara ao fim.

“Bom, acho que chega de segredos de família por enquanto. Mas acho que já deu para você entender por que as coisas são tão tensas entre papai e Solveig.”

Linda deu uma risadinha.

“Eu daria qualquer coisa para ser uma mosca na parede na hora em que ela apareceu para detonar papai. Que circo deve ter sido.”

Até Jacob esboçou um sorriso.

“É, circo deve ser a palavra certa. Mas tente conter a alegria quando vir papai, ok? Não acho que ele esteja achando alguma graça.”

“Tá legal, tá legal, vou ser uma boa garota.”

Ela colocou o prato na lavadora, agradeceu Marita pela refeição e subiu para o seu quarto. Era a primeira vez em séculos que ela e Jacob riam juntos de algo. Ele poderia ser

bem agradável se pelo menos tentasse, ela pensou, ignorando por completo o fato de que nos últimos anos ela também não fora exatamente um saco de risadas.

Ela pegou o telefone e tentou ligar para Johann. Para sua surpresa, percebeu que estava preocupada de fato com o que ele sentia.

Laine tinha medo de escuro. Um medo terrível. A despeito de todas as noites que passara na fazenda sem Gabriel, ela nunca se acostumara a isso. Antes, ela pelo menos tinha Linda em casa, e antes disso tivera Jacob, mas agora estava sozinha. Ela sabia que Gabriel tinha que viajar muito, mas não podia evitar a amargura. Aquela não era a vida que sonhara ter depois de um casamento com alguém endinheirado. Não que o dinheiro em si fosse importante; a sensação de segurança era o que a atraía. A segurança que ela encontrava na natureza previsível de Gabriel, e a segurança de saber que havia dinheiro no banco. Ela queria ter uma vida completamente diferente da de sua mãe.

Quando criança, viveu aterrorizada pelos ataques de fúria do pai bêbado. Ele tiranizava toda a família e transformara os filhos em pessoas inseguras e sedentas de amor e carinho. Dos três irmãos, ela era a única que restara. Tanto seu irmão quanto sua irmã haviam sucumbido à escuridão dentro de si, um, internalizando-a, a outra, colocando-a para fora. Laine era a filha do meio, que não fizera nem uma coisa nem outra. Ela era só insegura e fraca, sem força suficiente para dirigir sua insegurança nem para dentro nem para fora; apenas deixava-a vicejar, ano após ano.

Isso ficava mais evidente quando, à noite, ela vagava sozinha pelos aposentos silenciosos. Era quando relembrava do hálito pestilento, das surras e das carícias clandestinas à noite.

Quando se casou com Gabriel, ela acreditou de verdade ter achado, por fim, a chave para destrancar aquele lugar sombrio dentro de seu coração. Mas Laine não era idiota. Ela sabia que era apenas um prêmio de consolação. Ele a aceitara por não poder ter quem realmente queria. Mas isso não importava. De certa forma, era melhor assim. Não havia sentimentos que pudessem perturbar a superfície tranquila. Apenas uma previsibilidade entediante, na infundável corrente dos dias. Pensou que era tudo o que queria.

Trinta e cinco anos depois, ela sabia como estivera equivocada. Nada era pior do que estar sozinha enquanto casada. Foi o que ela obteve ao dizer “sim” na igreja de Fjällbacka. Eles viveram vidas paralelas. Cuidaram da fazenda, criaram os filhos e conversaram sobre o vento e o tempo, por falta de outros tópicos de conversação.

Só ela sabia que dentro de Gabriel havia outro homem, diferente do que ele mostrava ao mundo todos os dias. Ao longo dos anos, ela o observara, estudando-o em segredo, e aos poucos veio a conhecer o homem que ele poderia ter sido. Ficou surpresa com o desejo que

aquilo despertou dentro dela. Por trás do exterior reservado e tedioso, havia um homem ardente, mas enterrado tão lá no fundo que ela supunha que nem mesmo ele o conhecia. Ela via uma ira crescente, mas acreditava que haveria uma quantidade equivalente de amor, se ele fosse capaz de alimentá-lo.

Mesmo enquanto Jacob esteve doente eles não tinham conseguido aproximar-se. Sentaram-se lado a lado à cabeceira do filho, acreditando que ele estivesse em seu leito de morte, e mesmo assim não puderam consolar-se um ao outro. Várias vezes ela teve a sensação de que Gabriel na verdade não a queria ali.

A dificuldade de comunicação de Gabriel era em grande parte culpa do pai. Ephraim Hult fora um homem impressionante, e todos que entravam em contato com ele viam-se impelidos a escolher um lado: amigo ou inimigo. Ninguém era desimportante para o Pregador, mas Laine imaginava como devia ter sido difícil crescer à sombra de tal homem. Os filhos dele não podiam ser mais diferentes. Johannes foi sempre um bebezão durante toda a sua breve vida. Era um hedonista que pegava o que queria e nunca se detinha tempo suficiente para perceber o caos que deixava atrás de si. Gabriel escolheu o caminho oposto. Laine vira a vergonha que ele sentia do pai e de Johannes, os gestos amplos, a habilidade de brilhar como um farol em qualquer lugar. Gabriel queria desaparecer detrás de um anonimato que mostrasse ao mundo que ele não tinha nada em comum com o pai. Mais que tudo, Gabriel lutava para obter respeitabilidade, ordem e justiça. Ele nunca falava sobre sua infância e os anos que passara viajando com Ephraim e Johannes. Laine, entretanto, sabia uma coisa e entendia como era importante para seu marido esconder essa parte do passado, que era tão discordante da imagem que ele queria projetar para o mundo exterior. O fato de ter sido Ephraim quem trouxe Jacob de volta à vida despertara em Gabriel sentimentos contraditórios. Seu júbilo pela descoberta de um modo de vencer a doença de Jacob fora ofuscado pelo fato de ter sido seu pai, e não ele mesmo, o cavaleiro de armadura reluzente que apareceu para o salvamento. Ele teria dado qualquer coisa pela oportunidade de ser o herói de seu filho.

A meditação de Laine foi interrompida por um som lá fora. Pelo canto do olho, ela viu uma sombra, e depois duas, atravessando depressa o jardim. Mais uma vez, o terror apossou-se dela. Começou a procurar o telefone sem fio e conseguiu entrar em pânico antes de encontrá-lo no lugar dele, na base. Com dedos trêmulos, digitou o número do celular de Gabriel. Algo bateu na janela, e ela gritou. Uma pedra quebrou o vidro e caiu no piso, em meio aos estilhaços. Outra pedra atravessou a janela em seguida. Com um soluço, Laine saiu correndo da sala, subiu as escadas e trancou-se no banheiro, enquanto, em desespero, aguardava para ouvir a voz de Gabriel. Em vez disso, obteve apenas a voz monótona da caixa postal e ouviu o terror em sua própria voz ao deixar uma mensagem incoerente.

Tremendo, sentou-se no chão, com os braços envolvendo com força os joelhos, e ficou prestando atenção a qualquer ruído do lado de fora da porta. Não ouviu nada, mas não ousava sair daquele lugar.

Quando a manhã surgiu, ainda estava sentada lá.

O som do telefone despertou Erica. Ela olhou o relógio. Dez e meia da manhã. Devia ter conseguido dormir depois de virar e mexer a noite toda, transpirando, incomodada.

“Alô.” Sua voz estava pesada de sono.

“Oi, Erica. Desculpa, acordei você?”

“Sim, mas não tem importância, Anna. De qualquer modo, eu não devia estar na cama a essa hora da manhã.”

“Claro que devia. Durma o quanto puder. Logo o sono vai ser artigo de luxo. Mas como você está se sentindo?”

Erica aproveitou para queixar-se a sua irmã de todas as dificuldades da gravidez. Tendo já dois filhos, a irmã sabia muito bem do que ela estava falando.

“Coitadinha... O único consolo é que você sabe que vai passar, cedo ou tarde. Como está sendo ter Patrik dentro de casa? Vocês não estão dando nos nervos um do outro? Lembro-me de que eu só queria que me deixassem em paz nas últimas semanas.”

“Sei o que você quer dizer. Confesso que eu estava quase subindo pelas paredes. Por isso nem reclamei muito quando apareceu um caso de homicídio e ele teve que voltar ao trabalho.”

“Um assassinato? O que aconteceu?”

Erica contou-lhe sobre a jovem alemã que fora morta e as duas garotas desaparecidas que agora tinham sido encontradas.

“Jesus, isso é terrível.” Houve um ruído na conexão.

“E onde vocês estão agora? Estão se divertindo no barco?”

“Sim, estamos nos divertindo muito. Emma e Adrian estão adorando e logo vão ser marinheiros de primeira, se depender de Gustav.”

“Ah, Gustav. E como estão as coisas entre vocês? Ele já está pronto para ser apresentado à família?”

“É exatamente por isso que estou ligando. Estamos agora em Strömstad, e pensávamos em velejar para o sul e aparecer aí no seu pedaço. Se não estiver a fim, me diga. Caso contrário, planejamos dar uma parada em Fjällbacka amanhã e passar para dar um oi. Vamos dormir no barco, então, não vamos dar trabalho. Só queria saber se está tudo bem. Eu adoraria vê-la.”

“Claro que vocês podem vir. Dan e a namorada vão vir para um churrasco amanhã, e não vai ser problema nenhum colocar uns hambúrgueres a mais na grelha.”

“Ah, que legal, finalmente vamos conhecer a bezerrinha.”

“Escuta, Anna, Patrik já me passou um sermão para que eu seja boazinha, então, não me venha você...”

“Tudo bem, mas vai exigir alguma preparação extra. Temos que verificar que tipo de música está em alta com a garotada e que estilos estão na moda e se os brilhos labiais com sabor ainda são populares. Eis o plano: você checa a MTV, e eu vou comprar umas revistas de fofoca para adolescentes e fazer uma pesquisa. Aquela revista, *Starlet*, ainda existe? Seria uma boa.”

Erica segurava a barriga de tanto rir.

“Pare, não aguento mais. Vamos, seja boazinha. E não atire pedras quando você tem telhado de vidro. Ainda não conhecemos Gustav, e, pelo que sabemos, ele pode ser uma aberração.”

“Bom, não sei se eu usaria a palavra ‘aberração’ para me referir a Gustav.”

Erica pôde perceber que seu gracejo aborrecera Anna. E pensar que sua irmã pudesse ser tão sensível...

“Acho que tive sorte por um homem como Gustav, com sua posição social, sequer olhar para mim, uma mulher com duas crianças e tudo mais. Ele poderia escolher qualquer jovem da nobreza, mas ainda assim me escolheu, e acho que isso diz muito sobre ele. Sou sua primeira namorada que não pertence à nobreza, e por isso acho que tive muita sorte.”

Erica concordou que aquilo dizia muito sobre ele, mas infelizmente não no sentido que sua irmã dera. Anna nunca foi boa juíza do caráter masculino, e a forma como se referia a Gustav era um pouco preocupante. Mas Erica decidiu não julgá-lo de antemão. Com um pouco de sorte, suas suspeitas se dissipariam quando tivesse a chance de conhecê-lo.

“A que horas vão estar aqui?”, perguntou com empolgação.

“Por volta das quatro. Tudo bem?”

“Perfeito.”

“Então, nos vemos. Um abraço, tchau.”

Depois de desligar, Erica sentiu-se um pouco preocupada. Algo no tom de voz forçado de Anna a fazia pensar se a relação com o fantástico e refinado Gustav af Klint estava sendo tão boa assim para a irmã.

Ela ficou feliz quando Anna se divorciou de Lucas Maxwell, o pai de seus filhos. Anna retomara o antigo sonho de estudar arte e antiguidades, e teve a sorte grande de encontrar um emprego de meio período na Associação de Leilões de Estocolmo. Foi lá que conheceu Gustav. Ele pertencia a uma das famílias mais sangue azul da Suécia. Dedicava-se a administrar as propriedades da família em Hälsingland, que no século XVI fora conferida a um de seus antepassados pelo rei Gustavo Vasa. Sua família tinha contato social com a

família real, e quando seu pai estava ocupado era Gustav quem recebia o convite para participar da caçada anual do rei. Impressionada, Anna contou tudo isso a Erica, que sentiu um certo desconforto, pois já vira até demais como se comportavam os idiotas da alta sociedade que frequentavam as casas noturnas perto de Stureplan, na área mais badalada de Estocolmo. Ela nunca se encontrara com Gustav, e ele bem podia ser diferente dos herdeiros ricos que, protegidos atrás de suas fortunas e títulos, decidiam agir como suínos em locais como o Spy Bar e o Riche. Bem, descobriria no dia seguinte. Cruzou os dedos, desejando que estivesse errada e que Gustav fosse de um calibre muito diferente. Ninguém merecia felicidade e estabilidade mais do que Anna.

Erica ligou o ventilador e pensou em como passaria o dia. Sua obstetra havia explicado que a ocitocina, um hormônio cuja produção aumenta à medida que se aproxima a hora do parto, cria um forte instinto de nidificação em mulheres grávidas. Isso explicava por que, nas últimas semanas, Erica vinha empenhando-se de forma quase maníaca na classificação, numeração e catalogação de tudo que havia em casa, como se sua vida dependesse disso. Ela tinha a ideia fixa de que tudo tinha que estar em ordem antes de o bebê chegar, mas agora alcançara um estágio em que já quase não havia mais o que organizar. Os armários estavam limpos, o quarto do bebê estava pronto, as gavetas de talheres tinham sido organizadas. O último lugar que faltava arrumar era o porão, que estava repleto de tralhas. Era para já. Levantou-se ofegante e, resoluta, colocou o ventilador debaixo do braço. Seria melhor apressar-se e ir antes que Patrik chegasse.

Ele fez uma pausa de cinco minutos, e estava sentado do lado de fora da delegacia, tomando um sorvete, quando Gösta colocou a cabeça para fora de uma das janelas abertas e gritou-lhe.

“Patrik, recebemos uma ligação que acho que você deve atender.”

Terminou apressado seu sorvete e entrou. Ergueu o fone na mesa de Gösta e ficou surpreso ao saber quem estava ligando. Depois de uma conversa breve, durante a qual tomou algumas notas, desligou. Dirigiu-se então a Gösta, que observava tudo de sua cadeira.

“Você ouviu? Alguém quebrou as vidraças na casa de Gabriel Hult. Quer vir comigo e dar uma olhada?”

Gösta ficou surpreso por Patrik convidá-lo, e não Martin, mas aceitou.

Minutos depois, ao percorrerem a estrada de acesso à casa, não puderam evitar os suspiros de inveja. A mansão onde morava Gabriel Hult era realmente magnífica. Ela reluzia como uma pérola branca em meio a todo aquele verde, e os amieiros que orlavam a estrada curvavam-se com deferência ao vento. Patrik ponderou que Ephraim Hult devia ter sido um pregador genial para que a atividade lhe rendesse tanto esplendor.

Mesmo o rangido do cascalho sob seus pés, enquanto percorriam o caminho até os degraus dianteiros, pareceu-lhe luxuoso, e ele ficou curioso para ver o interior da casa.

Foi o próprio Gabriel quem abriu a porta. Patrik e Gösta limpavam os pés cuidadosamente no capacho antes de entrar no saguão.

“Obrigado por virem tão rápido. Minha esposa está muito abalada com tudo isso. Eu estava fora da cidade, a negócios, na noite passada, e ela estava sozinha em casa quando aconteceu.”

Enquanto falava, ele os conduziu até uma sala ampla, agradável, com janelas altas que deixavam entrar o máximo de sol possível. Sentada num sofá branco estava uma mulher com uma expressão preocupada. Ela se levantou para recebê-los quando eles entraram na sala.

“Laine Hult. Agradeço que tenham vindo tão rápido.”

Ela se sentou de novo, e Gabriel acenou para que Patrik e Gösta se acomodassem no sofá de frente para o dela. Ambos sentiam-se um tanto deslocados. Não usavam roupas formais para trabalhar, e vestiam shorts. Patrik pelo menos usava uma camiseta bonita, enquanto Gösta usava uma camisa de mangas curtas muito velha, de algum material sintético com um padrão verde-claro. O contraste era ainda maior, pois Laine usava um vestido leve de linho na cor natural, enquanto Gabriel trajava terno. Deve esquentar muito, pensou Patrik, torcendo para que Gabriel não tivesse sempre que usar esse tipo de roupa durante o calor do verão. Mas era bem difícil imaginá-lo usando algo menos formal, e ele não parecia estar sequer transpirando no terno azul-escuro. Patrik, por outro lado, transpirava debaixo dos braços só de pensar em usar um traje assim naquela época do ano.

“Seu marido contou-me brevemente pelo telefone o que aconteceu, mas talvez a senhora possa me dar mais detalhes.”

Patrik deu a ela um sorriso tranquilizador, enquanto pegava a caderneta de notas e uma caneta. Então esperou.

“Bem, eu estava sozinha em casa ontem. Gabriel viaja muito, e passo muitas noites solitárias aqui.”

Patrik sentiu a tristeza na voz dela ao dizer isso e perguntou a si mesmo se Gabriel também sentira.

“Sei que é bobagem”, prosseguiu ela, “mas tenho muito medo do escuro e em geral ocupo só dois aposentos quando estou sozinha, meu quarto e o cômodo ao lado, que é a sala de TV.”

Patrik notou que ela dissera “meu” quarto e não pôde evitar de pensar que situação deplorável era quando marido e mulher nem sequer dormiam na mesma cama. Isso jamais aconteceria com ele e Erica.

“Eu estava para ligar para o Gabriel quando vi algo se mexendo lá fora. No momento

seguinte, uma coisa veio voando e atravessou uma das janelas, no canto da casa, à esquerda de onde eu estava em pé. Consegui ver que era uma grande pedra antes que outra caísse do lado dela. Então, ouvi apenas o barulho de pés correndo lá fora e vi duas sombras sumindo na borda do bosque.”

Patrik fez anotações usando breves palavras-chaves. Gösta não dissera nada desde que chegaram, a exceção de seu nome ao ser apresentado a Gabriel e Laine. Patrik lançou-lhe um olhar inquisitivo, para ver se havia algo que ele quisesse perguntar sobre o incidente, mas Gösta estava sentado em silêncio, estudando com cuidado suas cutículas. Eu podia ter trazido um peso de porta em vez dele, pensou Patrik.

“Tem alguma ideia de um possível motivo?”

Gabriel respondeu depressa, quase como se quisesse evitar algo que Laine pudesse dizer.

“Não, nada, a não ser a boa e velha inveja. As pessoas não se conformam com o fato de que minha família vive aqui nesta casa, e ao longo dos anos temos sofrido vários ataques de bêbados. Apenas brincadeiras inocentes, e teria sido o mesmo desta vez se minha esposa não tivesse insistido em avisar a polícia.”

Ele lançou um olhar mal-humorado a Laine, que pela primeira vez durante a conversa demonstrou um pouco de energia e o encarou brava. O desafio daquele gesto pareceu acender uma faísca nela. Ela se dirigiu a Patrik, sem sequer olhar para o marido:

“Creio que vocês deveriam falar com Robert e Johann Hult, os sobrinhos de meu marido, e perguntar-lhes por onde andaram ontem.”

“Laine, isso não é necessário!”

“Você não estava aqui e não sabe como foi horrível ver as pedras atravessando a janela e caindo perto de mim. Elas podiam ter me acertado. E você sabe tão bem quanto eu que foram aqueles dois idiotas que fizeram isso.”

Gabriel falou entre dentes, os músculos da mandíbula numa tensão evidente:

“Laine, nós concordamos...”

“*Você* concordou.” Ela o ignorou e voltou-se para Patrik, fortalecida por seu arroubo de desafio tão inusitado. “Como eu disse, não os vi, mas podia jurar que eram Johann e Robert. A mãe deles, Solveig, esteve aqui ontem mais cedo e se comportou de forma muito desagradável. Aqueles dois são maus elementos, como vocês já sabem. Com certeza, já tiveram que lidar com eles antes.”

Ela fez um gesto para Patrik e Gösta, que não podiam fazer nada a não ser balançar a cabeça em concordância. Estava claro que eles lidavam com os notórios irmãos Hult, e com uma frequência alarmante, desde que eles ainda eram adolescentes cheios de espinhas.

Laine lançou a Gabriel outro olhar fulminante, como se o desafiasse a contradizê-la, mas ele apenas encolheu os ombros resignado. O gesto indicava que ele estava pouco se

importando com o caso.

“Qual foi o motivo da discussão com a mãe deles?”, perguntou Patrik.

“Não que alguém como ela precise muito de motivo. Ela sempre nos odiou, mas o que realmente a enfureceu ontem foram as notícias sobre os corpos que vocês acharam na Passagem do Rei. Com sua inteligência limitada, Solveig fez parecer que isso provava que seu marido Johannes fora acusado indevidamente, e ela culpou Gabriel por isso.”

Sua voz ergueu-se com a agitação, e ela apontou para o marido, que agora parecia ter se afastado da conversa.

“Examinei os documentos antigos, de quando as garotas desapareceram”, disse Patrik. “Vi que o senhor denunciou seu irmão à polícia, como suspeito. Poderia nos falar algo sobre isso?”

O rosto de Gabriel contraiu-se de forma quase imperceptível, um sinal de que a pergunta o incomodava, mas sua voz soou calma ao responder.

“Isso foi há muitos, muitos anos. Mas se está me perguntando se ainda sustento que vi meu irmão com Siv Lantin, então a resposta é sim. Eu tinha estado no hospital em Uddevalla, visitando meu filho, que estava com leucemia, e dirigia de volta para casa. No caminho para Bräcke, vi o carro do meu irmão. Achei meio estranho ele estar dirigindo no meio da noite e olhei com mais atenção. Foi quando vi a garota no banco do passageiro, com a cabeça apoiada no ombro dele. Parecia que estava dormindo.”

“Como o senhor sabia que era Siv?”

“Não sabia, mas a reconheci no momento em que vi a foto dela no jornal. Quero salientar que nunca disse que meu irmão matou as garotas, como o povo daqui da cidade gostaria que vocês acreditassem. Tudo que fiz foi informar que o vi com a garota chamada Siv, porque considereei que era meu dever cívico. Não tinha nada a ver com qualquer conflito entre nós, ou com vingança, como afirmam alguns. Contei à polícia o que vi. O significado disso, deixei que a polícia descobrisse. E eles, obviamente, nunca descobriram nenhuma evidência contra Johannes, de modo que me parece que toda esta discussão é irrelevante.”

“Mas o que *o senhor* pensa?”, perguntou Patrik, olhando Gabriel com curiosidade. Ele não estava conseguindo entender como alguém podia ser tão consciencioso a ponto de denunciar o próprio irmão.

“Eu não especulo. Atenho-me aos fatos.”

“Mas conhecia bem seu irmão. Acha que ele seria capaz de matar alguém?”

“Meu irmão e eu não tínhamos muita coisa em comum. Às vezes, me parecia incrível que compartilhássemos os mesmos genes, de tão diferentes que éramos. Você me pergunta se acho que ele seria capaz de tirar a vida de outra pessoa?” Gabriel ergueu as mãos. “Eu não sei. Não conhecia meu irmão bem o suficiente para conseguir responder a essa questão. E

ela parece ser supérflua, agora, levando em conta os acontecimentos recentes, não acha?”

Com isso, ele considerou a discussão encerrada e levantou-se de sua poltrona. Patrik e Gösta entenderam a deixa, agradeceram-lhe por recebê-los e se foram.

“O que você acha? Vamos bater um papo com os rapazes sobre suas atividades na noite passada?”

A pergunta era retórica, Patrik já havia tomado o caminho para a casa de Johann e Robert, sem esperar pela resposta de Gösta. A falta de participação do policial mais velho durante a entrevista o incomodava. O que seria necessário para injetar alguma vida no velhote? Era bem verdade que não faltava muito tempo para ele se aposentar, mas, até então, maldição, ele estava na ativa e tinha um trabalho a fazer.

“Bem, qual é sua opinião sobre tudo isso?” A irritação era clara na voz de Patrik.

“Bom, não sei que alternativa é pior. Temos um assassino que matou pelo menos três jovens nos últimos vinte anos e não temos ideia de quem seja. Ou realmente ter sido Johannes Hult quem torturou e matou Siv e Mona e agora temos um imitador. Quanto à primeira possibilidade, deveríamos talvez checar os registros prisionais. Houve alguém que deu entrada logo depois do desaparecimento de Siv e Mona e foi liberado antes do crime da jovem alemã? Isso explicaria o intervalo entre os crimes.” O tom de Gösta era pensativo, e Patrik olhou para ele admirado. O velho não estava tão perdido na névoa como ele pensava.

“Isso deve ser fácil de verificar. Não temos tantos presos na Suécia que tenham cumprido uma pena de vinte anos. Você pode dar uma olhada nisso quando voltarmos à delegacia?”

Gösta concordou com a cabeça e depois ficou em silêncio, olhando pela janela a seu lado.

O caminho que levava à antiga casa do guarda-parque ficou cada vez pior. Em linha reta, a casa de Gabriel e Laine e a casinha onde Solveig e os filhos viviam estavam a pouca distância uma da outra. Mas a distância social entre ambas era muito maior. O lugar parecia um depósito de ferro-velho: três carros decrepitos, em graus variáveis de desintegração, pareciam ter sido jogados ali, e havia ainda muitos outros detritos diversos, de natureza indeterminada. A família obviamente juntava cacarecos. Patrik supôs que, se procurassem, iam encontrar também boa parte dos bens dados como roubados em arrombamentos na área. Mas não era por isso que estavam ali. Era uma questão de escolher as batalhas.

Robert veio até eles, saído de um galpão onde estava mexendo em um dos carros destruídos. Vestia um macacão jeans desbotado e imundo. As mãos estavam sujas de óleo, e ele parecia tê-las esfregado no rosto, deixando marcas e respingos de óleo. Ele limpou as mãos num trapo antes de vir encontrá-los.

“Que diabos querem agora? Se estão procurando alguma coisa, vão ter que mostrar o mandado antes de tocarem em qualquer coisa.” Aquele tom era familiar. E devia mesmo ser,

pois eles já haviam se encontrado muitas vezes ao longo dos anos.

Patrik ergueu as mãos.

“Acalme-se, não estamos procurando nada. Só queremos bater um papo.”

Robert olhou-os desconfiado, mas assentiu.

“Queremos falar também com seu irmão. Ele está?”

Relutante, Robert confirmou com a cabeça.

“Johann, a polícia está aqui. Querem falar com a gente”, gritou na direção da casa.

“Que tal se formos lá para dentro e nos sentarmos?”

Sem esperar resposta, Patrik foi em direção à porta, com Gösta logo atrás. Robert não teve escolha senão segui-los. Nem se importou em tirar o macacão ou lavar as mãos. Depois das incursões anteriores ao local, Patrik sabia que ele não tinha por que fazê-lo. A sujeira cobria tudo no interior da casa. Muitos anos antes, a casinha sem dúvida teria sido agradável, apesar de pequena. Mas os anos de negligência haviam cobrado seu preço, e agora o lugar parecia uma zona de desastre. O papel de parede era de um marrom sombrio, com partes soltas e todo manchado. Além da sujeira, parecia que tudo estava revestido por uma fina camada de gordura.

Os dois detetives acenaram com a cabeça para Solveig, que estava sentada à mesa precária da cozinha, absorta em seus álbuns. O cabelo escuro pendia em mechas despenteadas ao redor do rosto e, quando ela afastou a franja dos olhos, seus dedos brilharam engordurados. Sem querer, Patrik limpou as mãos no short e depois sentou-se com cuidado na beirada de uma cadeira de espaldar reto. Johann veio de um dos outros aposentos e sentou-se de mau humor ao lado do irmão e da mãe, no banco da cozinha. Quando se sentaram enfileirados, Patrik pôde ver a semelhança da família. A antiga beleza de Solveig estava preservada, como um eco, na face dos filhos. De acordo com o que Patrik ouvira, Johannes fora um sujeito atraente, e se os seus filhos endireitassem as costas, pareceriam bastante decentes. Mas havia uma volatilidade neles que indicava um temperamento um tanto escorregadio. “Desonestidade” era talvez a palavra que Patrik buscava. Se a aparência de alguém pudesse ser desonesta, essa descrição com certeza se aplicava a Robert. Patrik ainda colocava alguma esperança em Johann. Nas ocasiões em que se confrontara com eles, em serviço, o rapaz mais novo sempre deu uma impressão menos endurecida que o irmão. Às vezes, Patrik podia sentir nele uma ambivalência quanto à vida que escolhera, seguindo os passos de Robert. Era uma pena que Robert exercesse tamanha influência sobre ele, pois, de outra forma, Johann talvez levasse uma vida muito diferente. Mas agora talvez fosse tarde demais.

“Que diabos querem agora?” Johann fez a mesma pergunta mal-humorada do irmão.

“Só gostaríamos de saber o que estavam fazendo na noite passada. Vocês dois foram

visitar seus tios e divertiram-se jogando umas pedras?”

Os irmãos trocaram um olhar cúmplice antes de colocarem uma máscara de completa ignorância.

“Não, por que faríamos isso? Estivemos em casa a noite toda, não foi, mamãe?”

Ambos viraram-se para Solveig, que acenou com a cabeça. Ela fechara o álbum por um instante e agora ouvia atenta a conversa entre seus filhos e a polícia.

“Sim, ambos estavam aqui ontem à noite. Estávamos vendo TV juntos. Tivemos uma linda noite em família.” Ela nem se preocupou em esconder o sarcasmo.

“E Johann e Robert não saíram nem por um instante? Por exemplo, lá pelas dez?”

“Não, eles não saíram nem por um minuto. Não foram nem ao banheiro, que eu me lembre.” Ainda o mesmo tom de voz sarcástico, e seus filhos não contiveram uma risadinha. “Então alguém andou quebrando as janelas da casa deles ontem à noite? Eles devem ter se borrado de medo.”

As risadinhas agora se transformaram num coro que fez Patrik pensar em Beavis e Butthead.

“Na verdade, apenas sua tia. Gabriel estava viajando ontem, e ela estava sozinha na casa.”

A decepção se espalhou pelos rostos deles. Provavelmente esperavam ter assustado os dois, e não tinham cogitado que Gabriel não estivesse em casa.

“Fiquei sabendo que você lhes fez uma visitinha ontem, Solveig, e que fez algumas ameaças. Tem algo a dizer sobre isso?” Foi Gösta quem fez a pergunta. Tanto Patrik quanto os irmãos Hult olharam espantados para ele.

Solveig deu uma risada vulgar.

“Então eles disseram que os ameacei, não é? Bom, eu não disse nada que eles não merecessem ouvir. Foi Gabriel quem denunciou meu marido como assassino. Foi ele quem tirou a vida de meu marido, como se tivesse sido ele mesmo que amarrou o laço.”

Um músculo se contraiu no rosto de Robert à menção do modo como o pai morrera. Patrik lembrou-se imediatamente de algo que lera: foi Robert quem achou o pai depois que ele se enforcou.

Solveig continuou com sua ladainha.

“Gabriel sempre odiou Johannes. Ele tinha ciúmes do irmão desde pequeno. Johannes era tudo que o outro não era, e Gabriel sabia disso. Ephraim sempre gostou mais de Johannes, e, de certa forma, eu o entendo. É claro que você não deve ter um filho preferido”, disse ela, indicando os filhos com a cabeça. “Mas Gabriel era uma pedra de gelo, ao passo que Johannes era cheio de vida. Eu sei bem. Fui noiva primeiro de um e depois do outro. Era impossível fazer Gabriel se interessar por algo. Ele era sempre tão respeitoso. Ele disse que

esperaríamos até o casamento. Isso me deu nos nervos. Então o irmão dele apareceu e começou a rondar, e era algo completamente diferente. As mãos dele eram capazes de passar por todo canto ao mesmo tempo. Ele conseguia me fazer arder de desejo só olhando para mim.” Ela deu uma risadinha e seu olhar se perdeu no espaço, como se revivesse as noites quentes da juventude.

“Caramba, mamãe, quer calar a boca?”

A repugnância era visível nas faces dos rapazes. Estava evidente que preferiam ser poupados dos detalhes do passado amoroso da mãe. Patrik imaginou Solveig nua, o corpo gorduroso contorcendo-se de paixão, e teve que piscar os olhos para livrar-se da cena.

“Assim que ouvi sobre a garota que foi assassinada e que também tinham encontrado Siv e Mona, fui até lá para dizer umas verdades. Gabriel destruiu Johannes por pura inveja e maldade. Ele destruiu nossas vidas também, a minha e a dos meninos, mas agora a verdade finalmente está na cara das pessoas. Agora elas vão sentir vergonha e perceber que deram ouvidos ao irmão errado. E espero que Gabriel arda no inferno por seus pecados!”

Ela começara a inflamar-se de ira, da mesma forma que no dia anterior. Johann colocou a mão em seu braço, para acalmá-la e alertá-la.

“Bom, não importa o motivo, não se pode sair por aí ameaçando as pessoas. E também não se deve atirar pedras nas janelas das pessoas.” Patrik apontou para Robert e Johann. Nem por um segundo acreditara na história da mãe de que tinham ficado em casa, diante da TV. Eles sabiam que Patrik sabia, e agora ele os estava avisando de que ficaria de olho neles. Eles apenas resmungaram em resposta.

Mas Solveig pareceu ignorar o aviso. Suas faces ainda estavam vermelhas de fúria.

“Aliás, Gabriel não é o único que deveria sentir vergonha! Quando teremos um pedido de desculpas da polícia? A forma como invadiram Västergården, virando tudo de cabeça para baixo e levando Johannes embora num carro de polícia para o interrogatório... Vocês colaboraram para levá-lo à morte. Não seria hora de pedir perdão a mim?”

Pela segunda vez, Gösta falou.

“Até descobirmos exatamente o que aconteceu com essas três garotas, não haverá pedidos de perdão por nada. E até que chegemos ao fundo dessa questão, quero que vocês ajam como pessoas decentes, Solveig.”

A firmeza na voz de Gösta parecia vir de algum lugar inesperado.

De volta ao carro, Patrik perguntou-lhe surpreso:

“Você e Solveig se conhecem?”

“Depende do que você quer dizer com ‘conhecer’”, grunhiu Gösta. “Ela tem a mesma idade do meu irmão mais novo e esteve muitas vezes em casa quando éramos crianças. Quando chegou à adolescência, todo mundo sabia quem Solveig era. Ela era a garota mais

linda do distrito, mesmo que seja difícil acreditar, por sua aparência de agora. Sim, é uma tremenda pena. E pensar que as coisas ficaram tão difíceis para ela e os garotos...” Ele sacudiu a cabeça penalizado. “E não sei nem se ela está certa quanto a Johannes ter morrido inocente. Nós de fato não sabemos droga nenhuma.”

Frustrado, ele bateu com o punho na coxa. Patrik achou que era como ver um urso acordando de uma longa hibernação.

“Você vai verificar as prisões quando voltarmos?”

“Sim, sim, eu já lhe disse isso! Não sou tão velho que não possa entender uma ordem da primeira vez. Aqui estou eu, recebendo ordens de um fedelho que mal sabe secar atrás das orelhas...” Gösta olhou com tristeza pelo para-brisa.

Ainda tinham um longo caminho a percorrer, pensou Patrik, cansado.

No sábado, Erica percebeu que estava ansiosa para ter Patrik de novo em casa. Ele prometera tirar o fim de semana de folga, e eles agora navegavam rumo às ilhas em seu barco de madeira de treze pés. Eles tiveram sorte em encontrar um barco que era quase exatamente igual ao *snipa* que Tore, o pai de Erica, tivera. Era o único tipo de barco que ela se imaginava tendo. Ela nunca gostara muito de velejar, embora tivesse saído algumas vezes, na escola de vela, e um barco de fibra de vidro a motor era mais rápido, mas quem tinha pressa?

O som do motor do *snipa* era o som de sua infância. Quando era uma garotinha, muitas vezes, ela adormecera no piso quente de madeira, embalada pelo ruído do motor em seus ouvidos. Naquela época, ela preferia sentar-se em cima da proa elevada, em frente ao para-brisa, mas em sua presente condição, nada graciosa, ela não ousava fazê-lo, e, em vez disso, sentou-se num dos bancos, atrás da proteção dos vidros. Patrik estava ao timão, com o vento em seu cabelo castanho e um sorriso na face. Eles saíram cedo para estar lá antes dos turistas, e o ar estava fresco e limpo. Um fino borrifo espirrava no barco de vez em quando, e Erica sentia o sal no ar que inspirava. Era difícil imaginar que dentro de si ela carregava uma pessoazinha minúscula que dali a alguns anos estaria sentada ao lado de Patrik na popa, vestindo um grande colete salva-vidas cor de laranja, do mesmo modo como ela fizera muitas vezes com seu pai.

Os olhos de Erica ficaram úmidos com o pensamento de que seu pai jamais conheceria o neto. Tampouco sua mãe, mas como ela nunca ligara muito para as filhas, seria improvável que sentisse alguma coisa por um neto. Sobretudo porque sua mãe costumava agir com uma rigidez pouco natural cada vez que se encontrava com os filhos de Anna. Ela lhes dava um abraço sem jeito se a situação parecesse exigir isso. A amargura brotou de novo dentro de Erica, e ela engoliu em seco para reprimi-la. Em seus momentos mais sombrios, ela temia

que a maternidade fosse para ela tão penosa quanto fora para Elsy e que de repente ela se transformasse em uma mãe fria e inacessível. A parte lógica de seu cérebro dizia que era ridículo pensar isso, mas o medo não era lógico. Por outro lado, Anna era uma mãe cordial e amorosa para Emma e Adrian; por que ela não o seria também? Era assim que ela tentava tranquilizar-se. Pelo menos, escolhera o pai certo para a criança, pensou enquanto observava Patrik. A calma e a confiança dele complementavam sua própria inquietação de um modo como ninguém fizera antes. Ele seria um pai perfeito.

Eles desembarcaram numa pequena baía protegida e estenderam suas toalhas sobre a rocha nua e plana. Era disso que ela sentira falta quando morou em Estocolmo. O arquipélago de lá era tão diferente, com suas florestas e toda a vegetação, que de certa forma sempre pareciam confusas e intrusivas. Um jardim inundado, como as pessoas da costa oeste costumavam desdenhosamente chamá-lo. O arquipélago era tão puro em sua simplicidade... O granito rosa e cinza refletia o brilho da água cristalina de encontro à beleza comovente de um céu sem nuvens. As flores pequeninas que cresciam nas fendas das rochas eram a única vegetação, e, nesse ambiente estéril, sua beleza podia ser apreciada por completo. Erica fechou os olhos e deixou-se deslizar para um sono agradável, ao som da água batendo e do barco roçando de leve contra suas amarras.

Quando Patrik a despertou com suavidade, a princípio, ela não sabia bem onde estava. O sol forte cegou-a por alguns segundos quando abriu os olhos, e Patrik era apenas uma sombra escura sobre ela. Quando se orientou, ela percebeu que havia dormido por quase duas horas. Agora estava faminta, ansiosa para comer o lanche que haviam trazido.

Serviram-se de café da garrafa térmica em grandes canecas, acompanhando-o com bolinhos de canela. Em nenhum outro lugar a comida parecia tão deliciosa quanto numa ilha, e eles desfrutaram ao máximo a sensação. Mas Erica não pôde evitar de trazer de novo à baila o tema de conversação proibido.

“E como estão indo as coisas?”

“Mais ou menos. Um passo para a frente e dois para trás.” A resposta de Patrik foi seca. Estava óbvio que ele não queria que a perversidade que com frequência permeava seu trabalho invadissem aquele sossego ensolarado.

Mas a curiosidade de Erica era grande demais, e ela tentou descobrir mais alguma coisa.

“Aquelas notícias que encontrei tiveram alguma utilidade? Você acha que a família Hult está envolvida em tudo ou foi só azar de Johannes ter sido envolvido?”

Sentado com a caneca de café nas mãos, Patrik suspirou.

“Se eu pudesse saber... Toda a família Hult é como um maldito ninho de vespas, e eu realmente preferiria não ter que me meter nos problemas internos deles. Mas tem algo que não está batendo direito. Se tem a ver com os assassinatos ou não, não sei. Talvez seja a

ideia de que nós da polícia possamos ter contribuído para que um inocente se matasse que me faz torcer para que as nossas suspeitas de então tenham fundamento. Afinal, o depoimento de Gabriel era a única pista sensata que a polícia tinha quando as garotas desapareceram. Mas não podemos nos concentrar só nele, precisamos ter uma perspectiva mais ampla.” Ele se interrompeu por alguns instantes e depois continuou. “Prefiro não falar nisso. Neste momento, sinto que preciso me desligar de tudo que tem a ver com o assassinato e pensar em outra coisa.”

Ela assentiu com a cabeça.

“Prometo não perguntar mais nada. Mais um bolinho?”

Ele não recusou, e depois de algumas horas lendo e tomando sol na ilha, olharam o relógio e viram que era hora de voltar para casa e prepararem-se para a chegada dos convidados. No último minuto, haviam decidido convidar também o pai de Patrik e a esposa, e assim, além das crianças, teriam oito adultos para alimentar durante o churrasco.

Gabriel sempre ficava inquieto no fim de semana, quando em teoria devia relaxar e não trabalhar. O problema era que ele não sabia o que fazer quando não estava trabalhando. O trabalho era sua vida. Não tinha passatempos, nenhuma vontade de ter a companhia da esposa, e agora os filhos haviam ido embora, ainda que a situação de Linda pudesse estar aberta a discussões. Como resultado, ele geralmente se trancava em seu escritório com o nariz enterrado nos livros contábeis. Os números eram a única coisa que ele entendia na vida. Ao contrário das outras pessoas, com suas emoções problemáticas e sua irracionalidade, os números obedeciam regras bem estritas. Eram sempre confiáveis, e ele sentia-se confortável no mundo deles. Não era preciso ser um gênio para entender de onde vinha sua ânsia por ordem e clareza. O próprio Gabriel havia muito atribuído isso a sua infância caótica, mas jamais se aprofundara no assunto. Sua necessidade de organização o ajudava; a origem dessa necessidade tinha pouca ou nenhuma importância.

A época em que viajara com o Pregador era algo em que ele tentava não pensar. Mas, quando ele relembrava a infância, a imagem do pai como o Pregador sempre se destacava. Uma figura sem rosto, aterrorizante, que enchia seus dias com gritos, palavrórios e gente histérica. Homens e mulheres que tentavam agarrar a ele e a Johannes. Que os seguravam com mãos em garra, tentando forçá-los a aliviar as dores físicas e mentais que os atormentava. Que acreditavam que ele e o irmão tinham a resposta para suas preces. Um canal direto com Deus.

Johannes amara aqueles anos. Ele vicejava com seu sucesso, e de bom grado colocava-se no centro das atenções. Às vezes, à noite, após a apresentação, Gabriel o via olhando as próprias mãos, fascinado, como se tentasse ver de onde aqueles milagres maravilhosos

provinham.

Gabriel sentiu uma imensa gratidão quando seu dom desapareceu, mas Johannes ficou desesperado. Ele não conseguia admitir que agora era apenas um garoto comum, sem nada de especial; ele era agora como todo mundo. Ele chorou e implorou ao Pregador que o ajudasse a reaver seu poder, mas o pai explicou de forma sucinta que estava tudo acabado e que dali em diante teriam outra vida. Inescrutáveis eram os caminhos do Senhor.

Quando se mudaram para a mansão nos arredores de Fjällbacka, o Pregador deixou de ser o pai e passou a ser Ephraim aos olhos de Gabriel, que amou a nova vida desde o primeiro momento. Não porque estivesse agora mais próximo do pai – Johannes fora sempre o favorito, e continuou a sê-lo –, mas porque agora tinha um lar. Um lugar onde podia ficar e organizar a vida, com horários a seguir e respeitar. Uma escola para frequentar. Ele também amava a fazenda e sonhava com o dia em que poderia administrá-la a seu modo. Sabia que poderia fazê-lo melhor do que Ephraim ou Johannes e durante a noite rezava para que o pai não cometesse o erro de deixar que seu filho favorito a assumisse quando eles crescessem. Não lhe importava que Johannes ficasse com todo o amor e carinho, desde que ele, Gabriel, ficasse com a fazenda.

E foi o que aconteceu. Mas não da forma como ele pensara. Em seu mundo imaginário, Johannes sempre esteve por perto. Só depois que ele morreu é que Gabriel entendeu a necessidade que tinha de seu irmão irresponsável; ele precisava preocupar-se com Johannes, aborrecer-se com ele. E, mesmo assim, Gabriel não poderia ter agido de modo diferente.

Ele pedira a Laine para não dizer que eles achavam que Johann e Robert tinham atirado as pedras nas janelas. Ele se surpreendera ao fazer isso. Haveria começado a perder seu senso de ordem pública ou teria algum sentimento subconsciente de culpa pelo destino da família? Ele não sabia, mas, depois de tudo, sentia-se grato a Laine por tê-lo desafiado e contado tudo à polícia. Mas também aquilo o aturdiu. A seus olhos, a esposa era muito mais um fantoche lamuriendo do que um ser humano com vontade própria. Ele ficara chocado com o tom pungente de sua voz e com o desafio que vira em seus olhos. Isso o perturbava. Com tudo o que acontecera na semana anterior, ele sentia como se a ordem de seu mundo estivesse prestes a mudar por completo. Para um homem que detestava mudanças, era uma visão assustadora do futuro. Gabriel retraiu-se ainda mais para o mundo dos números.

Os primeiros convidados foram pontuais. O pai de Patrik, Lars, e sua esposa, Bittan, chegaram às quatro em ponto, trazendo flores e uma garrafa de vinho para os anfitriões. O pai de Patrik era um homem grande, com uma barriga avantajada. A mulher com quem estava casado havia vinte anos era baixinha e redonda como uma bolinha. Mas caía-lhe bem, e as linhas de riso ao redor dos olhos mostravam uma disposição sempre presente para

sorrir. Erica sabia que, de certa forma, Patrik achava mais fácil conviver com Bittan do que com a própria mãe, Kristina, muito mais seca e rígida. O divórcio fora amargo, mas com o tempo Lars e Kristina haviam estabelecido um acordo de paz, embora nunca fossem ser amigos. Eles conseguiam até conviver em encontros sociais ocasionais. Mas ainda era mais fácil convidar cada um separadamente. Kristina estava em Gotemburgo naquele momento, visitando a irmã mais nova de Patrik, e, assim, não tinham que se preocupar por terem convidado apenas Lars e Bittan para o churrasco.

Quinze minutos depois, Dan e Maria chegaram. Eles mal haviam se acomodado em seus lugares, lá fora, no quintal, e cumprimentado Lars e Bittan quando Erica ouviu sua sobrinha Emma chamando no aclave que havia defronte à casa. Ela saiu para encontrá-los e, depois de abraçar as crianças, foi apresentada ao novo homem na vida de Anna.

“Olá, é um prazer conhecê-lo finalmente.”

Ela estendeu a mão para cumprimentar Gustav af Klint. A primeira impressão confirmou seus preconceitos. Ele tinha a aparência exata dos outros rapazes da alta sociedade que viviam no bairro nobre de Östermalm e frequentavam a região de Stureplan. Cabelo escuro bem penteado para trás. Camisa e calças de estilo casual, mas cujo preço Erica podia bem imaginar, com o suéter obrigatório jogado sobre os ombros. Ela teve que recordar a si mesma de que não devia julgá-lo de antemão. Ele mal abria a boca, e ela já o cobria mentalmente de escárnio. Por um instante, perguntou-se se não seria pura inveja o que a fazia eriçar-se toda vez em que tinha de lidar com alguém que nascera em berço de ouro. Ela torcia para que não fosse isso.

“E como está o nenezinho da titia? Você está sendo bonzinho com a mamãe?”

Anna colocou a orelha na barriga de Erica, para ouvir a resposta à sua pergunta. Então ela riu e deu um abraço apertado na irmã. Depois de abraçar também Patrik, ela foi até os demais convidados, no quintal, e fez as apresentações. As crianças ficaram à vontade no quintal, enquanto os adultos tomavam vinho, ou refrigerante, no caso de Erica, e a carne foi colocada na grelha. Como sempre, os homens se reuniram ao redor da churrasqueira, sentindo-se muito machos, e as mulheres ficaram sentadas, conversando. Erica nunca entendera essa relação dos homens com o churrasco. Homens que normalmente afirmariam não ter ideia de como fritar um bife numa frigideira consideravam-se especialistas completos em deixar a carne no ponto exato numa grelha ao ar livre. As mulheres podiam ficar encarregadas dos acompanhamentos e também funcionavam como excelentes apanhadoras de cerveja.

“Meu Deus, que casa deliciosa vocês têm!” Maria já estava em sua segunda taça de vinho, enquanto os outros mal haviam começado a primeira.

“Obrigada. Gostamos muito daqui.”

Erica tinha que fazer força para ser simpática com a namorada de Dan. Não conseguia entender o que ele via nela, sobretudo em comparação com sua ex-mulher, Pernilla. Ela desconfiava de que era mais um daqueles mistérios masculinos que as mulheres não conseguiam entender. A única coisa de que tinha certeza era que ele não escolhera Maria por sua habilidade de conversação. Aparentemente, porém, Maria havia despertado os instintos maternos de Bittan, que estava dando bastante atenção a ela. Com isso, Anna e Erica puderam conversar.

“Ele é tão lindo”, disse Anna, olhando Gustav com admiração. “Imagine um cara desses interessado em mim!”

Erica olhou para a irmã mais nova, tão bonita, e ficou pensando como uma pessoa como Anna podia ter perdido tão completamente a autoconfiança. Ela já fora uma alma forte, independente e livre, mas os anos com Lucas e toda a sua agressão haviam-na derrubado. Erica teve que reprimir o impulso de sacudi-la. Olhou para Emma e Adrian correndo como loucos ao redor e ficou pensando que a irmã deveria sentir orgulho e autoconfiança ao ver as belas crianças que criara. Apesar de tudo que haviam passado em suas curtas vidas, eles eram felizes e fortes e amavam a família e os amigos. Tudo isso graças a Anna.

“Ainda não tive chance de falar com ele”, disse Erica, “mas ele parece bacana. Dou um retorno a você mais tarde, com uma avaliação mais detalhada depois que puder conhecê-lo melhor. Mas parece que as coisas correram bem enquanto vocês estavam confinados juntos num barco pequeno. Isso é um bom sinal, acho.”

Ela sentia que seu sorriso era fixo e artificial.

“Eu não diria que é um barco pequeno”, disse Anna, rindo. “Ele pegou emprestado um Najad 400 de um amigo. Tem espaço suficiente para um batalhão.”

A conversa foi interrompida quando a carne foi trazida para a mesa e a metade masculina da festa sentou-se com elas, satisfeita por ter executado o equivalente moderno ao massacre de um tigre-dentes-de-sabre.

“E sobre o que estão tagarelando, meninas?”

Dan passou o braço ao redor de Maria, que se aconchegou nele. O abraço transformou-se numa cena romântica. Embora já fizesse anos que Erica e Dan tinham terminado o namoro, ela não gostou de ver aqueles dois aos beijos. Gustav também pareceu incomodado, mas Erica percebeu que, com o canto do olho, ele dera uma conferida no decote profundo de Maria.

“Lars, não ponha tanto molho em sua carne. Você sabe que tem de controlar o peso por causa do coração.”

“Do que você está falando? Sou forte como um cavalo! Tudo isto é puro músculo”, proclamou o pai de Patrik em voz alta, dando palmadinhas na barriga. “E Erica disse que

tem azeite de oliva no molho, e por isso é bom para mim. Azeite de oliva é bom para o coração. Qualquer um sabe disso.”

Erica controlou a vontade de observar que a quantidade de molho que ele colocou na carne estava muito além do recomendado. Eles já haviam tido a mesma discussão muitas vezes antes, e Lars era um especialista em seguir apenas os conselhos nutricionais que lhe conviessem. A comida era a grande paixão de sua vida, e ele encarava todas as tentativas de cercear seus hábitos alimentares como agressões pessoais. Bittan havia muito resignado-se às vontades dele, mas ela ainda se arriscava vez ou outra a dar-lhe pequenos conselhos. Todas as tentativas de fazê-lo seguir uma dieta haviam falhado, pois ele comia escondido quando ela virava as costas. Então, ele arregalava os olhos, assombrado por não ter perdido peso, já que, de acordo com ele mesmo, não comeria mais do que um coelho.

“Você conhece o E-Type?” Maria parara de sondar as profundezas da boca de Dan e agora olhava fascinada para Gustav. “Quer dizer, ele costumava sair com a princesa Vitória e seus amigos, e Dan disse que você conhece a família real, então achei que você talvez conhecesse ele. Ele é tão legal!”

Gustav pareceu surpreso por alguém considerar que seria mais legal conhecer E-Type do que o rei, mas ele respondeu com cautela à pergunta de Maria.

“Sou um pouco mais velho que a princesa herdeira, mas meu irmão mais novo a conhece, e também a Martin Eriksson.”

“Quem é Martin Eriksson?” Maria parecia confusa.

Gustav deu um suspiro pesado e disse relutante, depois de uma curta pausa:

“E-Type.”

“Ah, entendi. Legal.” Ela riu e pareceu muito impressionada.

Deus do céu. Será que ela já fez mesmo vinte e um, como Dan afirma?, pensou Erica. Ela teria chutado dezessete. Mas Maria era bonitinha, e até Erica tinha que admitir isso. Ela olhou para baixo, para seus próprios seios volumosos, confirmando que os dias em que os bicos apontavam para o céu como os de Maria já eram um passado distante.

A festa não era provavelmente a mais bem-sucedida que eles já haviam dado. Erica e Patrik fizeram o possível para manter a conversação, mas Dan e Gustav pareciam ter vindo de planetas diferentes e Maria tomara vinho demais, depressa demais. Ela teve que ir vomitar no banheiro. O único que estava se divertindo era Lars, que passou todo o tempo mordiscando os restos na bandeja, ignorando alegremente os olhares fulminantes de Bittan.

Às oito, todos haviam ido embora, e Patrik e Erica foram deixados a sós com a louça suja. Eles decidiram ignorá-la por um tempo e sentaram-se com os copos na mão.

“Ah, como eu desejaria uma taça de vinho neste momento.” Erica olhou com tristeza para seu refrigerante.

“Bom, depois desse jantar, posso entender você. Jesus, como é que conseguimos juntar um grupo tão heterogêneo? O que a gente tinha na cabeça?” Ele riu e sacudiu a cabeça. “Você conhece o E-Type?”, falou Patrik em falsete, imitando Maria, e Erica deu uma risada.

“Meu Deus, que legal”, ele continuou com o falsete, e as risadas de Erica viraram gargalhadas. “Mamãe diz que não tem importância ser meio tonta, desde que você seja lindinhaaaaa!”

Ele disse isso enquanto inclinava a cabeça de um jeito adorável, e Erica segurava a barriga e arquejava de tanto rir.

“Pare, não aguento mais. Não foi você quem disse que *eu* tinha que ser simpática?”

“Tudo bem, eu sei. Mas é que é tão difícil resistir.” Patrik ficou sério. “Erica, o que você acha de Gustav? Ele não parece a pessoa mais calorosa do mundo. Você acha que ele é o cara certo para Anna?”

O riso de Erica morreu de repente, e ela franziu o cenho.

“Não, estou um pouco preocupada. Qualquer um é melhor do que um cara que bate na mulher, mas eu teria...” Ela hesitou, buscando a palavra certa. “Eu teria desejado algo melhor para Anna. Você viu a cara de desaprovação dele quando as crianças estavam fazendo barulho e correndo? Aposto como ele é do tipo que acha que crianças devem ser vistas, mas não ouvidas. E isso seria tão ruim para Anna. Ela precisa de alguém que a faça sentir-se bem. Não importa o que ela diga agora, posso ver que não se sente bem. Mas ela não acredita que possa merecer algo melhor.”

Eles ficaram sentados, olhando o sol se pôr no mar como uma bola de fogo, mas toda a beleza do anoitecer foi em vão. A preocupação com a irmã pesava sobre Erica. Às vezes, ela sentia uma responsabilidade tão imensa que era difícil respirar. Se sentia tanta responsabilidade por sua irmã, como iria suportar a responsabilidade por aquela outra vida, tão pequenina?

Ela apoiou a cabeça no ombro de Patrik e deixou o crepúsculo cair sobre eles.

A segunda feira começou com boas notícias. Annika estava de volta das férias. Bronzeada e saudável, relaxada depois de ter feito muito sexo e bebido muito vinho, ela estava em sua mesa, na recepção da delegacia, e sorriu para Patrik quando ele entrou. Em geral ele odiava as manhãs de segunda-feira, mas a visão de Annika fez o dia melhorar de repente. De algum modo, ela era o eixo em torno do qual o resto da delegacia girava. Ela organizava, discutia, repreendia e elogiava, de acordo com a necessidade. Não importava qual fosse o problema, eles podiam sempre contar com uma palavra sábia e reconfortante. Até Mellberg começara a ter certo respeito por ela. Ele não ousava mais dar-lhe beliscões disfarçados ou os olhares safados que tinham sido frequentes quando ele fora para a delegacia.

Apenas uma hora depois de Patrik ter chegado à delegacia, Annika bateu à sua porta com expressão séria.

“Patrik, está aí um casal que veio dar queixa do desaparecimento da filha.”

Eles se entreolharam, ambos cientes do que o outro pensava.

Annika fez entrar na sala o casal preocupado. De ombros caídos, ambos sentaram-se diante da mesa de Patrik. Apresentaram-se como Bo e Kerstin Möller.

“Nossa filha Jenny não voltou para casa ontem à noite.”

Foi o pai quem falou. Era um homem baixo e robusto, com cerca de quarenta anos. Enquanto falava, tinha os olhos baixos, e seus dedos mexiam nervosos no short de cores berrantes. A realidade de estarem numa delegacia, registrando o desaparecimento da filha, fez com que o pânico deles finalmente aflorasse. A voz dele falhou, e a esposa, também baixa e gorducha, continuou.

“Estamos no camping de Grebbestad. Jenny vinha para Fjällbacka por volta de sete horas, com alguns jovens que ela conheceu. Eles vinham para ir a uma casa noturna, creio, mas ela prometeu voltar até uma da manhã. Eles haviam conseguido uma carona de volta e, para vir, tomariam um ônibus.”

A voz da esposa também ficou áspera, e ela teve que fazer uma pausa antes de prosseguir.

“Quando soubemos que ela não voltou para casa, começamos a ficar preocupados. Fomos até a barraca de uma das garotas com quem ela teria saído e acordamos ela e seus pais. Ela disse que Jenny não aparecera no ponto de ônibus onde tinham combinado de se encontrar. Eles pensaram que ela tivesse desistido de ir. Foi quando soubemos que algo sério havia acontecido. Jenny nunca faria algo assim conosco. Ela é nossa única filha e sempre avisa quando vai chegar tarde. O que pode ter lhe acontecido? Ouvimos falar sobre a garota que encontraram na Passagem do Rei. Você acha...”

A voz lhe faltou, e ela irrompeu em soluços de desespero. O marido a rodeou com os braços, mas também havia lágrimas em seus olhos.

Patrik estava inquieto. Muito inquieto. Mas tentou não demonstrar.

“Não acho que haja qualquer motivo para tirar conclusões no momento.”

Como devo parecer frio, pensou Patrik, mas ele sempre tinha dificuldade para enfrentar situações como essa. A angústia que essas pessoas sentiam formava um nó de piedade em sua garganta, mas ele não podia se deixar dominar. Sua defesa era uma frieza quase burocrática.

“Começemos com algumas informações sobre sua filha. O nome dela é Jenny, vocês disseram. Que idade ela tem?”

“Dezessete, quase dezoito.”

Kerstin ainda estava chorando, com o rosto apertado contra a camisa do marido, e foi Bo

quem deu a Patrik os detalhes necessários. Em resposta à pergunta sobre eles terem alguma foto recente dela, a mãe de Jenny secou os olhos com um lenço de papel e tirou da bolsa uma foto colorida de escola.

Patrik pegou a foto e a examinou. Era uma típica garota de dezessete anos, com algum excesso de maquiagem e um olhar um tanto desafiante. Ele sorriu para os pais e tentou transmitir um ar de confiança.

“Uma bonita garota. Estou certo de que têm muito orgulho dela.”

Ambos assentiram com a cabeça, ansiosos, e Kerstin conseguiu dar um sorrisinho.

“Ela é uma boa menina, mesmo que os adolescentes tenham lá seus problemas. Ela não queria acampar conosco este ano, embora tenhamos feito isso todos os verões, desde que era pequena, mas nós lhe pedimos que viesse. Dissemos que provavelmente seria o último verão em que poderíamos viajar juntos, e então ela concordou.”

Quando Kerstin ouviu-se falando sobre o último verão deles, começou a chorar de novo, e Bo afagou-lhe o cabelo.

“Vocês vão levar isso a sério, não é?”, disse o homem. “Ouvimos dizer que devem se passar vinte e quatro horas antes que a busca comece, mas devem acreditar em nós quando dizemos que algo deve ter acontecido. Senão, ela teria ligado para nós. Ela não é o tipo de garota que simplesmente vai embora e nos deixa esperando, preocupados.”

Uma vez mais, Patrik tentou parecer o mais calmo possível, mas, por dentro, seus pensamentos corriam alucinados. A imagem do corpo nu de Tanja na Passagem do Rei apareceu em sua mente, e ele piscou os olhos para livrar-se dela.

“Não vamos esperar vinte e quatro horas, isso só acontece em filmes americanos. Mas vocês têm que tentar não se preocupar. Mesmo que eu aceite sua palavra de que Jenny é uma garota muito responsável. Já vi essas coisas acontecerem antes. Um jovem encontra alguém, esquece do tempo e esquece que mamãe e papai estão em casa preocupados. Não é difícil de acontecer. Mas vou começar a procurar informações imediatamente. Quando saírem, deixem com Annika um número para o qual possamos ligar, e, assim que soubermos de algo, nós entraremos em contato. E, por favor, avisem-nos se tiverem notícias dela, ou se ela aparecer de volta no camping. Tudo vai se resolver, vocês verão.

Depois que eles partiram, Patrik se perguntou se não havia feito promessas demais. Ele tinha uma sensação ruim no estômago, que não era bom sinal. Olhou a foto de Jenny que os pais haviam deixado. Ele torcia para que ela estivesse apenas se divertindo.

Levantou-se e foi atrás de Martin. Seria melhor se comesçassem as buscas imediatamente. Se o pior tivesse acontecido, eles não tinham um minuto a perder. De acordo com o legista, Tanja ficara prisioneira por cerca de uma semana antes de morrer. O tempo estava correndo.

VI

Verão de 1979

A dor e a escuridão faziam com que o tempo escoasse numa névoa sem sonhos. Dia ou noite, vida ou morte, não importava. Nem mesmo os passos sobre sua cabeça, a certeza da aproximação do mal, podiam fazer com que a realidade penetrasse em sua sombria morada. Ou o som de ossos sendo quebrados, misturado aos gritos de dor de alguém. Talvez fossem seus. Ela realmente não sabia.

O isolamento era o pior. A total ausência de sons, movimento ou qualquer sensação de contato em sua pele. Ela jamais teria imaginado como era insuportável a falta de contato humano. Isso desafiava toda a dor, cortava sua alma como uma faca e dava-lhe acessos de tremedeira que sacudiam todo o seu corpo.

Àquela altura, o cheiro do estranho era bem familiar. Não era ruim. Não do jeito que ela imaginava que o mal pudesse cheirar. Em vez disso, era fresco, cheio de calor e das promessas do verão. Era uma sensação quase palpável se comparada ao ar úmido e escuro que ela respirava o tempo todo. O ar que a envolvia como um cobertor suave, devorando, pedacinho por pedacinho, os últimos vestígios de quem ela fora antes de vir para cá. Era por isso que ela sorvia com avidez o aroma cálido do estranho toda vez em que ele se aproximava. Valia a pena suportar o mal para poder sorver, por alguns instantes, o aroma da vida que ainda deveria prosseguir como antes lá em cima. Ao mesmo tempo, aquele aroma evocava um doloroso sentimento de perda. Ela não era mais a mesma pessoa de antes e sentia a falta da pessoa que jamais voltaria a ser. Era uma despedida dolorosa, mas para sobreviver tinha que fazê-la.

Porém, o que mais a afligia era pensar na criança. Desde o nascimento da filha, culpava-a por existir, mas agora, na última hora, ela compreendia que a filha fora na verdade uma dádiva. As lembranças dos bracinhos macios em torno de seu pescoço, ou dos grandes olhos, que a olhavam ávidos, procurando algo que ela era incapaz de dar, assombravam-na em visões muito nítidas. Ela podia ver diante de si cada detalhe da filha. Cada sarda, cada cachinho, até o redemoinho na parte de trás da cabeça, igualzinho ao dela própria. Ela prometeu a si e a Deus vezes seguidas que, se algum dia escapasse

daquela prisão, compensaria a pequenina por todos os segundos em que ela lhe negara o amor de mãe. Se...

“Você não vai sair desse jeito!”

“Vou sair do jeito que eu quiser, e você não tem nada a ver com isso.”

Melanie olhou furiosa para o pai, que lhe devolveu o olhar. O motivo da discussão já era familiar: o quanto, ou melhor, o quão pouco ela estava vestindo. Melanie tinha que admitir que não havia muito pano nas roupas que escolhera, mas ela gostava delas, e todas as suas amigas se vestiam daquele mesmo jeito. Afinal, ela tinha dezessete anos. Não era uma criança, e o que ela vestia era problema dela. Examinou o pai com desprezo. O rosto e o pescoço dele estavam vermelhos de raiva. O caramba que ela ia ficar velha e flácida. O short Adidas dele tinha saído de moda fazia 15 anos, e a camisa de manga curta estava manchada e não combinava com o short. A barriga que ele adquirira comendo sacos e mais sacos de batata frita no sofá em frente à TV ameaçava arrebentar os botões. Para coroar, ele usava chinelos de dedo nojentos. Ela se envergonhava de ser vista com ele e odiava ter que mofar naquela merda de camping o verão todo. Quando era pequena, adorava sair nas férias para acampar no trailer. Sempre havia muitas crianças para brincar, e elas podiam ir nadar e correr à vontade entre os trailers estacionados. Mas agora ela deixara os amigos em Jönköping e, pior, fora obrigada a deixar Tobbe. Agora que não estava lá para proteger seus interesses, ela tinha certeza de que ele ia se enroscar com aquela vaca da Made, que ficava grudada nele como cola. Ela prometeu solenemente que, se isso acontecesse, odiaria os pais pelo resto da vida.

Mofar ali no camping de Grebbestad era um saco de verdade, e, ainda por cima, eles a tratavam como se tivesse cinco anos, e não dezessete. Não podia nem escolher o que ia vestir. Ergueu o queixo, desafiante, e ajeitou o top pouco maior que a parte de cima de um biquíni. O minúsculo short jeans entrava em seu traseiro e incomodava, mas os olhares masculinos que rendia valiam todo o desconforto. O melhor eram os sapatos de salto plataforma altíssimos, que somavam uns dez centímetros a seu metro e sessenta.

“Enquanto pagarmos por sua comida e pelo teto sobre sua cabeça, nós é que decidimos, e você agora está tão...”

O pai foi interrompido por uma batida alta na porta do trailer. Grata pela interrupção, Melanie apressou-se em ir ver quem era. Lá fora havia um homem de cabelo escuro, com uns trinta e cinco anos. Ela se endireitou e empinou o peito. Talvez um pouco velho para seu gosto, mas tinha boa aparência, e, além disso, ela se divertia irritando o pai.

“Meu nome é Patrik Hedström e sou da polícia. Posso entrar um instante? É sobre Jenny.”

Melanie ficou de lado para deixá-lo entrar, mas só o suficiente para obrigá-lo a espremer-se de encontro a seu corpo seminu. Depois de Patrik e seu pai se cumprimentarem, sentaram-se à diminuta mesa.

“Devo chamar a minha esposa também? Ela está lá embaixo, na praia.”

“Não, isso não será necessário. É com Melanie que eu gostaria de conversar. Como já devem saber, Bo e Kerstin Möller deram queixa do desaparecimento de sua filha Jenny. Disseram que você e ela deveriam ter ido a Fjällbacka ontem, é isso mesmo?”

Melanie puxou um pouco o top para mostrar um pouco mais o espaço entre os seios e umedeceu os lábios antes de responder. Um policial. Isso era mesmo sexy.

“Ahã, a gente ia se encontrar no ponto de ônibus às sete para pegar o ônibus para a cidade. Uns caras que a gente conheceu iam dar um pulo no Hotel TanumStrand. A gente ia até lá para ver o que estava rolando. Não tínhamos nenhum plano em especial.”

“Mas Jenny não apareceu?”

“Não, foi esquisito. A gente não se conhece muito bem, mas ela parecia bastante confiável. Estranhei ela, tipo, não aparecer. Não vou dizer que fiquei tão decepcionada assim. Ela estava meio que grudando em mim, e não achei nada ruim ter o Micke e o Fredde só pra mim. Quero dizer, os caras do TanumStrand.”

“Melanie!”, disse o pai, dirigindo-lhe um olhar furioso. Ela o encarou também.

“Que foi? Que vou fazer se eu achava ela muito chata? E não tenho culpa se ela sumiu. Ela deve ter voltado pra casa, em Karlstad. Ela falou de um cara que tinha conhecido lá. Se ela tivesse algum juízo, mandava à merda essa droga de acampamento e voltava para ele.”

“Você nem pense em fazer uma coisa dessas! Aquele Tobbe...”

Patrik se viu forçado a interromper a discussão entre pai e filha. Ele acenou a mão de leve para chamar a atenção deles. Por sorte, eles se acalmaram.

“Então você não sabe por que ela não apareceu?”

“Não, nem faço ideia.”

“Você sabe se ela andava com mais alguém aqui do camping? Alguém em quem confiasse?”

Como se fosse por acaso, Melanie roçou a perna nua na do policial e se divertiu com o sobressalto dele. Os caras eram tão fáceis. Não importava a idade, eles só tinham uma coisa na cabeça, e qualquer garota que soubesse disso poderia forçá-los a fazer o que ela quisesse. Ela roçou a perna na dele outra vez. Ele estava suando um pouco no lábio superior. Tudo bem que estava abafado ali dentro.

Ela ficou em silêncio por um instante antes de responder.

“Tinha um cara, um nerd babaca que ela deve ter encontrado aqui desde que era pequena.

Um idiota total, mas, como já disse, ela também não era lá essas coisas, então, eles formavam um belo par.”

“Você sabe o nome dele, ou talvez onde posso encontrá-lo?”

“Os pais dele têm um trailer estacionado duas fileiras para lá. É aquele com o toldo listrado de branco e marrom e com um monte de vasos ridículos de gerânios na frente.”

Patrik agradeceu à garota pela ajuda e, com o rosto ruborizado, espremeu-se ao passar por Melanie para sair.

Ela tentou fazer uma pose bem sensual na porta, quando acenou despedindo-se do policial. O pai começara de novo com o blá-blá-blá, mas ela se fingiu de surda. De qualquer forma, ele nunca dizia nada aproveitável.

Suando por outros motivos além do calor opressivo, Patrik afastou-se depressa. Era um alívio sair do trailer apertado para o camping cheio de gente. Ele se sentira como um pedófilo quando aquela mocinha empinou os seios na cara dele e não soube o que fazer quando ela começou a encostar a perna na dele. Ele achou tudo muito desagradável. E, além disso, ela não vestia quase nada. Somando tudo, seu corpo estava coberto por uma extensão de tecido equivalente a um lenço de bolso. Num lampejo, ele percebeu que, dali a dezessete anos, talvez fosse sua própria filha vestida daquele jeito, insinuando-se para homens mais velhos. Ele estremeceu com o pensamento e torceu para que Erica estivesse esperando um menino. Pelo menos ele sabia como os adolescentes homens funcionavam. Essa garota parecia uma criatura de outro planeta, com toda aquela maquiagem e cheia de bijuterias enormes. Ele tampouco pudera deixar de notar a argola em seu umbigo. Talvez estivesse ficando velho, mas aquilo não lhe parecia nem um pouquinho sensual. Ao contrário, ele pensou no risco de infecção e nas cicatrizes. Mas aquilo devia ter a ver com a idade. Ele ainda se lembrava muito bem de como sua mãe ficara brava quando ele voltou para casa com um brinco numa orelha, e ele já tinha 19 anos, na época. O brinco foi tirado na hora, e aquela foi a maior ousadia que ele cometeu.

Ele se perdeu no meio dos trailers, tão próximos uns dos outros que pareciam ter sido empilhados. Pessoalmente, ele não conseguia entender por que as pessoas passavam as férias, por vontade própria, amontoadas como sardinhas junto com uma multidão de gente. Mas, de modo puramente intelectual, ele compreendia que para muitos aquilo se tornara um estilo de vida, e o que os atraía era a companhia dos outros campistas, que voltavam ao mesmo local todos os anos. Alguns dos trailers já não poderiam receber tal nome, pelo modo como tinham sido ampliados com barracas por todos os lados. Pareciam mais casinhas permanentes, montadas no mesmo lugar, ano após ano.

Depois de pedir informações, Patrik por fim achou o trailer que Melanie descrevera. Viu

um jovem alto, desengonçado e com o rosto todo cheio de espinhas sentado do lado de fora. Patrik sentiu pena dele ao ver as erupções vermelhas e brancas. O garoto com certeza não conseguia deixar de espremê-las, e provavelmente teria cicatrizes que ficariam por muito tempo depois que a acne sumisse.

O sol brilhou nos olhos de Patrik quando ele parou diante do jovem, e ele teve que protegê-los com a mão. Deixara os óculos escuros na delegacia.

“Olá, sou da polícia. Falei com Melanie, e ela disse que você conhece Jenny Möller, correto?”

O garoto concordou com a cabeça, sem falar. Patrik sentou-se na grama ao seu lado e viu que, ao contrário da Lolita logo ali perto, ele parecia preocupado de verdade.

“Meu nome é Patrik, e o seu?”

“Per.”

Patrik ergueu as sobrancelhas indicando que esperava algo mais.

“Per Thorsson.” Ele arrancava tufo de grama do chão, impaciente e com o olhar fixo no que fazia.

“Se algo aconteceu com ela, foi culpa minha”, disse, sem olhar para Patrik.

“O que você quer dizer?”, disse Patrik, espantado.

“Foi por minha causa que ela perdeu o ônibus. A gente se encontra aqui todo verão, desde pequenos, e sempre nos divertimos juntos. Mas, depois que ela conheceu aquela imbecil da Melanie, ficou um porre. Só falava em Melanie isso e Melanie aquilo, a Melanie diz isso, e por aí vai. Antes eu podia falar com Jenny sobre coisas importantes, coisas com algum sentido, mas agora era só maquiagem e roupas e merdas desse tipo. Ela nem se atrevia a contar para Melanie que ia se encontrar comigo, porque a Melanie obviamente achava que eu era um nerd ou coisa assim.”

Ele arrancava a grama mais depressa agora, e uma pequena área nua formava-se diante dele, aumentando a cada tufo que ele tirava. Um cheiro forte de comida assada pairava sobre eles e fez o estômago de Patrik roncar.

“É assim que as adolescentes são. Isso passa, juro. Então elas voltam a ser pessoas normais de novo.” Patrik sorriu, mas depois ficou sério. “O que você quer dizer com foi culpa sua? Você sabe onde ela está? Acho que você sabe que os pais dela estão terrivelmente preocupados...”

Per acenou com a mão, descartando a hipótese.

“Não tenho ideia de onde ela está, só sei que algo ruim deve ter acontecido. Jenny nunca fugiria desse jeito. E, considerando que ela ia pedir carona...”

“Carona? Para onde? Quando ela pediu carona?”

“É por isso que é tudo culpa minha.” Per falava com Patrik com uma paciência exagerada,

como se falasse com uma criança pequena. Ele prosseguiu. “Comecei a discutir com ela bem na hora em que ia para o ponto de ônibus encontrar Melanie. Eu estava puto porque parecia que Jenny achava que eu só servia para andar com ela se a maldita Melanie não soubesse. Agarrei Jenny quando ela passava e comecei a gritar com ela. Ela ficou chateada, mas não discutiu. Só ficou parada lá, ouvindo. Depois de um tempo, ela disse que tinha perdido o ônibus e que iria de carona até Fjällbacka. E então foi embora.”

Per tirou os olhos da área nua no gramado e olhou para Patrik. Seu lábio inferior tremia, e Patrik percebeu que ele lutava para evitar a humilhação de chorar no meio de tanta gente.

“É por isso que a culpa é minha. Se eu não tivesse começado a discutir com ela sobre algo que agora parece ridículo, ela teria pegado o ônibus e nada disso teria acontecido. Algum filho da puta psicopata lhe deu carona, e é tudo culpa minha.”

A voz dele subiu uma oitava e terminou num falsete. Patrik sacudiu a cabeça.

“Não é culpa sua. E nem sabemos se aconteceu algo com ela. É o que estamos tentando descobrir. Quem sabe, ela pode aparecer por aqui a qualquer hora. Talvez ela só tenha saído para se divertir.”

Seu tom era suave, mas até Patrik podia ouvir como soava falso. Ele sabia que o mal-estar que via nos olhos do garoto estava também nos seus. A poucas centenas de metros dali, os Möller estavam no trailer deles, esperando pela filha. Com um frio no estômago, Patrik teve a sensação de que Per estava certo e que eles talvez estivessem esperando em vão. Alguém pegara Jenny. Alguém que não tinha boas intenções.

Enquanto Jacob e Marita estavam no trabalho e as crianças estavam na creche, Linda esperava por Johann. Era a primeira vez que iriam se encontrar na casa em Västergården, e não no celeiro, e Linda achou que seria excitante. Saber que teriam um encontro clandestino na casa do irmão dava um sabor especial à coisa. Foi só ao ver a expressão no rosto de Johann, quando ele entrou, que ela percebeu que voltar à casa provocava nele emoções bem diferentes.

Ele não voltara ali desde que tiveram de deixar Västergården, logo após a morte de Johannes. Com passos hesitantes, Johann foi primeiro à sala, depois, à cozinha e ao banheiro. Ele parecia querer absorver cada detalhe. Muita coisa mudara. Jacob fizera trabalho de carpintaria e pintara as paredes. A casa não parecia mais como Johann se lembrava. Linda seguia logo atrás dele.

“Faz muito tempo que você não vem aqui.”

Johann concordou com a cabeça e correu os dedos pela lareira da sala.

“Vinte e quatro anos. Eu só tinha cinco anos quando nos mudamos daqui. Ele fez um monte de coisas aqui.”

“É, tudo para o Jacob tem que sempre estar em ordem. Ele está o tempo todo mexendo nas madeiras e consertando coisas. Tudo tem que ser perfeito.”

Johann não respondeu. Ele parecia estar em outro mundo. Ela começou a arrepender-se de tê-lo convidado para ir à casa. Tudo o que ela queria eram alguns bons momentos divertidos na cama, não uma viagem pelas tristes lembranças de infância de Johann. Ela preferia não pensar naquele lado dele, aquela parte com emoções e experiências que não a incluíam. Ele estava tão encantado com ela, quase cheio de veneração. O que ela queria dele era segurança, e não esse homem maduro que agora andava pela casa, pensativo e preocupado.

Ela o puxou pela manga, e ele se sobressaltou, como se acordasse de um transe.

“Por que não vamos lá para cima? Meu quarto fica no sótão.”

Johann a seguiu, dócil, pela escadaria íngreme. Eles passaram pelo segundo andar, mas, quando Linda começou a subir a escada para o sótão, Johann a seguiu com maior relutância. Os quartos dele e de Robert tinham sido ali em cima, assim como o quarto dos pais.

“Espere aí, eu já vou. Só preciso ver uma coisa.”

Ele não deu atenção aos protestos de Linda. Com a mão trêmula, abriu a primeira porta do corredor. Aquele era o quarto que ocupara na infância. Ainda era o quarto de um garotinho, mas agora pertencia a William, com seus brinquedos e roupas espalhados por todo lado. Ele se sentou na pequena cama e viu mentalmente como o quarto se parecia quando era seu. Depois de algum tempo, levantou-se e foi para o quarto ao lado, que havia sido de Robert. Estava ainda mais diferente e, obviamente, era agora um quarto de menina, pintado de rosa, decorado sobretudo com tule e lantejoulas. Ele saiu quase de imediato e foi atraído como um ímã para o quarto no fim do corredor. Quantas noites ele percorrera em silêncio o carpete que a mãe pusera no corredor, rumo à porta branca, que ele abria com cuidado, para então enfiar-se na cama dos pais. Ali ele podia dormir em segurança, livre de pesadelos e monstros embaixo da cama. Ele gostava mais de enroscar-se ao lado do pai para dormir. Ele viu que Jacob e Marita haviam conservado a imponente cama antiga; aquele era o quarto que menos mudara.

Ele podia sentir as lágrimas ardendo por trás das pálpebras e piscou para evitar que escapassem, antes de virar-se para encarar Linda. Ele não queria aparentar fraqueza diante dela.

“Já terminou de olhar? Não tem nada aqui para roubar, se é nisso que está pensando.”

O tom da voz dela tinha algo de desagradável que ele nunca ouvira antes. Sua ira acendeu-se como uma faísca. E a faísca irrompeu em chamas ao pensar como tudo poderia ter sido. Johann agarrou Linda com força pelo braço.

“De que diabos você está falando? Acha que estou olhando para ver se tem alguma coisa que poderia roubar? Você deve estar maluca. Morei aqui muito antes que seu irmão viesse

para cá e, se não fosse o filho da puta do seu pai, esta casa ainda seria nossa. Por isso, cale a boca.”

Por um segundo, Linda ficou muda pelo choque da mudança em Johann, que fora sempre tão gentil. Então ela soltou o braço e rosnou:

“Sabe de uma coisa? Não é culpa do meu pai se o seu pai jogava e esbanjou todo o dinheiro dele. E não importa o que o papai tenha feito, ele não podia evitar que seu pai fosse tão covarde a ponto de se matar. Foi ele que escolheu abandonar vocês, e você não pode culpar meu pai por isso.”

A raiva fez surgir pontos brancos na vista de Johann. Ele cerrou os punhos. Linda parecia tão pequena e frágil que ele ficou pensando se poderia quebrá-la ao meio, mas se obrigou a respirar fundo e acalmar-se.

“Tem muitas coisas pelas quais posso e quero culpar Gabriel”, disse numa estranha voz pesada. “Seu pai destruiu nossas vidas por pura inveja. Mamãe contou como foi. Ela disse que todos amavam meu pai e achavam que Gabriel era só um amargurado, e ele não conseguia tolerar isso. Mas mamãe foi à fazenda ontem e disse umas verdades a ele. Foi uma pena que ela também não tivesse lhe dado uma boa surra, mas acho que não se atreveria a encostar a mão nele.”

Linda riu com desdém.

“Já houve uma época em que ela não se importava de tocar nele. É nojento pensar em meu pai com a sua mãe imunda, mas as coisas eram assim, pelo menos até que ela percebeu que devia ser mais fácil tirar dinheiro do seu pai do que do meu. Foi então que se engraçou pro lado dele. Sabe como chamam gente assim, não sabe? Prostituta!”

Gotículas de saliva atingiram o rosto de Johann quando Linda, que tinha quase sua altura, jogou isso na cara dele.

Temendo não poder controlar-se, Johann recuou devagar até a escada. Ele desejou rodear com as mãos o pescoço esguio dela e apertar só para que se calasse, mas, em vez disso, ele fugiu.

Confusa com a forma como a situação se degenerara e furiosa por não ter sobre ele o controle que imaginava, Linda debruçou-se no corrimão e gritou-lhe, cheia de veneno:

“Vá em frente e fuja, seu fracassado. Você só prestava mesmo para uma coisa. E nem nisso era muito bom.”

Ela mostrou-lhe o dedo médio, mas ele já cruzava a porta da frente e não viu.

Linda desabou no chão. Com a mudança rápida de humor, típica dos adolescentes, já havia se arrependido do que dissera. Mas ela tinha ficado tão puta!

Quando o fax da Alemanha chegou, Martin acabara de desligar o telefone, depois de falar

com Patrik. A notícia de que Jenny talvez tivesse sido levada de carro por um desconhecido não melhorava em nada a situação. Qualquer um podia ter levado a garota; o melhor que podiam fazer agora seria contar com o olhar onipresente do público. Os jornalistas estavam ligando para Mellberg como loucos. Tendo cobertura da imprensa, Martin torcia para que alguém que tivesse visto Jenny entrar num carro fora do camping ligasse para eles. Ele torcia para que conseguissem distinguir as informações reais da avalanche de trotes, passados por gente mentalmente perturbada ou que queria encrencar seus desafetos.

Foi Annika quem trouxe o fax, que era breve e conciso. Ele deu uma olhada nas poucas frases e descobriu que o ex-marido de Tanja era o parente mais próximo. Martin surpreendeu-se por uma moça tão nova já ser divorciada, mas o fato estava lá, preto no branco. Depois de um instante de hesitação e de uma rápida consulta a Patrik pelo celular, ele ligou para o escritório de turismo de Fjällbacka. Ele não pôde evitar um sorriso ao ouvir a voz de Pia na linha.

“Alô, aqui é Martin Molin.” Houve um silêncio, um segundo longo demais. “Da polícia de Tanumshede.”

Ele ficou irritado por ter de explicar quem era. Ele seria capaz de dizer o número do sapato dela, se perguntassem.

“Ah, sim, oi, me desculpe. Eu sou uma completa inútil com nomes, mas sou melhor com fisionomias. Uma coisa boa em meu trabalho.” Ela riu. “Em que posso ajudá-lo hoje?”

Por onde começo?, pensou Martin, mas então se lembrou do motivo pelo qual estava ligando e se recompôs.

“Tenho que fazer uma ligação importante para a Alemanha e, com minhas notas baixas de alemão no colégio, não me atrevo. Você poderia escutar numa terceira linha e traduzir para mim?”

“Claro”, ela respondeu no mesmo instante, “só tenho que pedir para minha colega cuidar do atendimento enquanto eu estiver ocupada.”

Ele a ouviu falando com alguém fora do telefone e depois sua voz voltou à linha.

“Tudo bem, estou pronta. Como funciona? Você vai me ligar ou o quê?”

“É, vou conectá-la, então só espere ao lado do telefone até que eu ligue de novo em alguns minutos.”

Exatamente quatro minutos depois, ele tinha tanto o ex-marido de Tanja, Peter Schmidt, como Pia na linha ao mesmo tempo. Ele começou cauteloso, oferecendo suas condolências e dizendo que sentia muito por ligar em circunstâncias tão tristes. A polícia alemã já informara Peter da morte da ex-esposa, e Martin não precisava dar-lhe a notícia, mas era muito incômodo ligar tão pouco tempo depois de o homem ter sido informado. Aquele era um dos aspectos mais difíceis do trabalho de Martin. Graças a Deus, ocorrências como aquela eram

um tanto quanto raras em sua rotina diária de policial.

“O que sabe sobre a viagem de Tanja para a Suécia?”

Pia traduziu a pergunta fluentemente para o alemão e depois traduziu a resposta de Peter para o sueco.

“Não sabia de nada. Infelizmente, não nos separamos como amigos e depois do divórcio mal nos falávamos. Quando estávamos casados ela nunca disse que queria viajar à Suécia. Ela gostava mais de tirar férias no sul, como Espanha ou Grécia. Eu imaginaria que ela fosse achar a Suécia um país frio demais para visitar.”

Frio, pensou Martin ironicamente, olhando pela janela para o vapor de água que subia do asfalto. *Certo, e tem ursos polares andando nas ruas...* Ele continuou suas perguntas.

“Então, ela nunca mencionou que tivesse algum assunto para resolver na Suécia, ou qualquer outra ligação por aqui? Nada sobre um lugar chamado Fjällbacka?”

Peter respondeu mais uma vez que não, e Martin não conseguiu pensar em mais nada para perguntar. Ele ainda não sabia o que Tanja contara à companheira de viagem sobre o propósito de sua vinda. Uma última pergunta ocorreu-lhe quando estava prestes a agradecer a Peter e despedir-se.

“Há mais alguém a quem possamos perguntar? O único parente que a polícia alemã nos indicou foi você, mas talvez ela tivesse alguma amiga.”

“Vocês deviam ligar para o pai dela. Ele mora na Áustria. Talvez por isso a polícia não tenha o registro dele. Espere um minuto, vou pegar o número do telefone.”

Martin ouviu Peter afastar-se e o som de objetos sendo remexidos. Depois de um momento, ele voltou. Pia continuou traduzindo, falando com uma clareza especial quando repetiu os números que ele leu para ela.

“Não tenho certeza de que ele possa dizer-lhes algo. Dois anos atrás, logo depois de nosso divórcio, ele e Tanja brigaram feio. Ela não quis dizer por que, mas acho que ficaram muito tempo sem se falar. Mas nunca se sabe. Diga alô a ele por mim.”

A conversa não dera muito resultado, mas Martin agradeceu-lhe pela ajuda e perguntou se poderia telefonar de novo, caso outras questões surgissem.

Pia ficou na linha e, antecipando seu pedido, perguntou se ele queria telefonar para o pai de Tanja naquele momento, para que ela ajudasse na tradução.

O telefone tocou e tocou, mas não houve resposta. O comentário do ex-marido de Tanja sobre uma desavença entre ela e o pai atiçara a curiosidade de Martin. Sobre o que um pai e uma filha discutiriam que fosse sério o suficiente para fazê-los romper relações um com o outro por completo? E será que isso tinha algo a ver com a viagem de Tanja a Fjällbacka e o interesse dela pelo desaparecimento das duas moças?

Perdido em pensamentos, Martin quase se esqueceu de que Pia ainda estava na linha.

Apressou-se em agradecer-lhe profusamente pela ajuda. Combinaram que ela o ajudaria a telefonar para o pai de Tanja de novo no dia seguinte.

Por um bom tempo, Martin ficou olhando para a foto de Tanja tirada no necrotério. O que Tanja estava procurando em Fjällbacka e o que encontrara?

Bamboleando com cuidado, Erica caminhou pela plataforma flutuante na marina. Não era comum encontrar espaços vazios entre os atracadouros naquela época do ano. Em geral, os veleiros ficavam amarrados em fileiras duplas e até triplas, um atrás do outro. Mas o assassinato de Tanja dispersou a multidão e fez com que muitos marinheiros procurassem outros portos. Erica esperava de fato que Patrik e os colegas solucionassem logo o caso, ou o inverno seria difícil para muitos dos que ganhavam a vida com os turistas no verão. Anna e Gustav decidiram ir contra a corrente e ficar uns dois dias mais em Fjällbacka. Quando Erica viu o barco, entendeu por que não conseguira convencê-los a ficar na casa deles. Era magnífico. De um branco ofuscante, com convés de madeira e grande o suficiente para abrigar pelo menos mais duas famílias, erguia-se imponente no final do cais. Anna acenou feliz ao ver Erica se aproximando e a ajudou a subir no barco. Erica estava quase sem fôlego quando se sentou, e Anna se apressou a trazer-lhe um grande copo de refrigerante.

“Imagino que a essa altura, perto do final, você já esteja cheia e cansada disso.”

Erica revirou os olhos.

“E como. Mas deve ser desse jeito que a natureza nos faz ficar ansiosas pelo parto. E, também, se não fosse essa droga de calor...” Ela secou a testa com um lenço de papel, mas logo em seguida sentiu o suor escorrer de novo pelas têmporas.

“Coitadinha.” Anna deu um sorriso de solidariedade.

Gustav subiu da cabine e cumprimentou Erica com educação. Ele se vestia de forma tão impecável como da última vez, e os dentes brilhavam, muito brancos, no rosto bronzeado. Com tom de censura na voz, disse para Anna:

“A louça do café da manhã ainda está na mesa lá embaixo.” Eu falei para você manter um pouco de ordem no barco. Ou senão as coisas não vão funcionar.

“Ah, desculpe. Faço isso agora mesmo.”

O sorriso desapareceu do rosto de Anna, que baixou os olhos e desceu apressada. Gustav sentou-se ao lado de Erica com uma cerveja gelada na mão.

“É impossível viver num barco se você não mantiver tudo limpo e em ordem, sobretudo com crianças. Senão, fica tudo uma bagunça.”

Erica pensou por que ele mesmo não podia ter tirado a louça do café, se era algo tão importante. Ele não parecia aleijado.

O clima estava meio pesado entre eles. Erica sentiu que o abismo criado pelas diferenças

de origem e educação começava a aumentar. Achou que devia quebrar o silêncio.

“Este barco é muito bonito.”

“Sim, é uma verdadeira beleza.” Ele ficou inchado de orgulho. “Peguei-o emprestado de um grande amigo, mas agora estou ansioso para arriscar e comprar um para mim.”

Silêncio outra vez. Erica ficou grata quando Anna subiu a escada de volta e sentou-se ao lado de Gustav. Ela apoiou sua bebida do outro lado. Uma expressão contrariada surgiu no rosto de Gustav.

“Você pode, por favor, tirar esse copo daí? Vai deixar uma marca na madeira.”

“Desculpe”, disse Anna. Sua voz era baixa e obediente. Ela tirou o copo depressa.

“Emma.” Gustav desviou a atenção da mãe para a filha. “Você não pode brincar com a vela, já lhe disse isso. Saia daí já.”

A filha de Anna, com quatro anos de idade, se fez de surda e o ignorou. Gustav estava a ponto de levantar-se quando Anna ficou em pé num salto.

“Eu vou pegá-la. Ela não ouviu você.”

A menininha gritou de raiva ao ser tirada de lá e fez a cara mais enfurecida que pôde enquanto Anna a levava até os adultos.

“Você é estúpido.” Emma chutou a canela de Gustav, e Erica sorriu por dentro.

Gustav agarrou o braço de Emma para repreendê-la, e, pela primeira vez, Erica viu uma faísca no olhar de Anna. Ela arrancou a mão de Gustav e puxou Emma para si.

“Não toque nela!”

Ele ergueu as mãos diante de si.

“Desculpe-me, mas seus filhos sempre se comportam mal. Alguém tem de lhes ensinar boas maneiras.”

“Meus filhos são muito bem educados, obrigada, e eu mesma posso cuidar de seus modos. Vamos lá, vamos até o Acke comprar sorvete.”

Ela acenou para Erica, que estava mais do que feliz por ter a irmã e as crianças só para si por algum tempo, sem o Senhor Metido. Puseram Adrian no carrinho e Emma foi correndo na frente.

“Erica, você acha que estou sendo sensível demais? Ele só encostou no braço dela. Quer dizer, sei que o Lucas me deixou meio superprotetora com as crianças...”

Erica entrelaçou o seu braço no da irmã.

“Não acho você nem um pouco superprotetora. Na verdade, acho que sua filha é ótima para julgar o caráter das pessoas, e você devia tê-la deixado chutar de verdade a canela dele.”

O rosto de Anna se anuviou.

“Agora eu acho que é você quem está exagerando. Pensando bem, o que aconteceu não foi

tão ruim assim. Se você não está acostumado com crianças, não é de admirar que fique estressado.”

Erica suspirou. Por um instante, chegou a pensar que a irmã fosse demonstrar um pouco de fibra e exigir o tratamento que ela e as crianças mereciam, mas Lucas fizera um bom trabalho.

“Como está indo a disputa pela custódia?”

No começo, pareceu que Anna queria ignorar a pergunta de novo, mas então ela respondeu em voz baixa:

“Não está dando em nada. Lucas decidiu usar todos os truques sujos que pode, e eu ter conhecido Gustav o enfureceu ainda mais.”

“Mas ele não tem nenhuma carta na manga, tem? Quero dizer, como ele pode alegar que você não é uma boa mãe? Se alguém tem bons motivos para negar a custódia a outra pessoa, é você.”

“Claro, mas Lucas parece achar que se inventar um monte de mentiras, alguma vai colar.”

“E quanto a sua denúncia à polícia contra ele, por agressão a menor? Isso não devia contar mais do que tudo que ele inventar?”

Anna não respondeu, e um pensamento horrível surgiu na mente de Erica.

“Você nunca fez a denúncia, não é? Você mentiu para mim e disse que tinha feito, mas nunca fez.”

A irmã se recusou a olhá-la nos olhos.

“Vai, me responde. É verdade? Estou certa?”

Anna respondeu contrariada:

“É, você está certa, querida irmã mais velha. Mas, por favor, não me julgue. Você não estava no meu lugar e não sabe nada sobre como as coisas são. Vivia o tempo todo com medo do que ele pudesse fazer. Se o denunciasse, ele ia me perseguir onde quer que eu me escondesse. Eu imaginei que ele nos deixaria em paz se eu não fosse à polícia. E no começo pareceu funcionar, não acha?”

“Sim, mas agora não funciona mais. Droga, Anna, você tem que aprender a pensar mais longe do que a ponta do seu nariz.”

“É fácil para você dizer isso! Você fica aqui com toda a segurança do mundo, com um homem que adora você e nunca lhe faria mal. E depois do livro sobre Alex, até dinheiro no banco você tem. Droga, falar é fácil para você! Você não sabe o que é ficar sozinha com duas crianças e ser obrigada a pôr comida na mesa e comprar a roupa delas. Tudo dá sempre tão certo para você. E não pense que não vi como você olha para Gustav de nariz empinado. Droga, você acha que sabe tudo, mas não sabe merda nenhuma!”

Anna recusou-se a dar uma chance para que Erica respondesse a seu acesso de raiva. Saiu

depressa para a praça, com Adrian no carrinho e segurando Emma pela mão. Erica ficou em pé na calçada, com o choro subindo pela garganta e imaginando por que dera tão errado. Ela não pretendia fazer mal algum. Só queria que Anna tivesse a vida que merecia.

Jacob beijou a mãe no rosto e apertou com formalidade a mão do pai. A relação entre eles sempre fora assim. Mais distante e comedida do que calorosa e amigável. Era estranho ver o pai como um desconhecido, mas era a descrição mais exata. Ele ouvira, claro, as histórias de quando o pai cuidara dele dia e noite no hospital junto com a mãe, mas ele tinha apenas uma vaga lembrança daquele tempo. Aquilo não os aproximara. Ao contrário, ele se tornara próximo de Ephraim, a quem considerava mais como um pai do que um avô. Desde que Ephraim lhe salvara a vida doando a medula, aos olhos de Jacob o avô adquirira uma aura de herói.

“Não vai trabalhar hoje?”

Como sempre, sua mãe pareceu ansiosa ao sentar-se ao lado dele no sofá. Jacob imaginou que tipo de perigos ela achava que se escondiam pelos cantos. Por toda a vida ela pareceu estar se equilibrando à beira de um abismo.

“Pensei em chegar um pouco mais tarde hoje e compensar trabalhando um pouco à noite. Eu queria vir até aqui e ver como andam as coisas com vocês. Ouvi falar das janelas quebradas. Mamãe, por que não me ligou em vez de ligar para o papai? Eu poderia chegar aqui num segundo.”

Laine sorriu com carinho.

“Não queria incomodar você. Não lhe faz bem ficar nervoso.”

Jacob não respondeu, mas sorriu-lhe com ternura. Ela pôs sua mão sobre a dele.

“Eu sei, eu sei, mas me deixe fazer as coisas do meu jeito. Não se ensina um truque novo a um cachorro velho, você sabe.”

“Você não é velha, mamãe, ainda é uma menina.”

Ela corou, deliciada. Esse diálogo era uma brincadeira antiga deles. Ele sabia que ela adorava ouvir comentários assim, e ele tinha prazer em fazê-los. Todos aqueles anos ao lado de Gabriel não foram fáceis para ela, e elogios não eram lá o ponto forte do pai.

Em sua poltrona, Gabriel bufou com impaciência e se levantou.

“Bom, agora que a polícia já falou com os inúteis dos seus primos, vamos ver se eles se acalmam por uns tempos.” Ele foi para o escritório. “Tem um minuto para dar uma olhada nos números?”

Jacob beijou a mão da mãe, concordou com a cabeça e seguiu o pai. Gabriel começara a envolver o filho nos negócios da fazenda muitos anos antes, e o treinamento ainda prosseguia. O pai queria ter certeza de que Jacob seria um dia totalmente capaz de substituí-

lo. Por sorte, o filho tinha um dom natural para gerenciar a fazenda e lidava de forma admirável tanto com os números quanto com as tarefas mais braçais.

Depois de passarem algum tempo examinando juntos os livros, Jacob se espreguiçou e disse:

“Vou subir e visitar o vovô. Já faz muito tempo desde que fui lá em cima.”

“Hum... O quê? Ah, sim, vá lá.” Gabriel estava imerso no mundo dos números.

Jacob subiu as escadas até o segundo andar e foi devagar até a porta que dava para a ala esquerda da mansão. Foi lá que Ephraim viveu os últimos dias, e Jacob passara várias horas de sua infância ali. Ele entrou. Estava tudo intocado. Jacob pedira aos pais para não mover nem mudar nada naquela ala, e eles acataram seu desejo, cientes da ligação incomum que o unia a Ephraim.

O quarto era um testemunho de força. A decoração era masculina e sóbria. Fazia um forte contraste com a decoração alegre do resto da mansão, e Jacob sempre tinha a impressão de estar entrando num mundo diferente.

Sentou na poltrona de couro ao lado da janela e pôs os pés no pufe. Quando menino, ele se enroscava no chão aos pés do avô como um cachorrinho e ouvia, reverente, as histórias de antigamente.

As histórias sobre os encontros religiosos fascinavam-no. Ephraim descrevia em detalhes o êxtase nos olhos das pessoas e como a atenção de todos concentrava-se no Pregador e em seus filhos. Ephraim tinha uma voz de trovão, e Jacob nunca duvidou de que ela podia enfeitiçar as pessoas. A parte de que ele mais gostava era quando o avô contava sobre os milagres que Gabriel e Johannes tinham realizado. Cada dia trazia um novo milagre, e isso para Jacob era um assombro. Ele nunca entendeu por que o pai não queria falar sobre esse período de sua vida; ao contrário, Gabriel parecia envergonhar-se dele. Imagine ter o dom da cura: ser capaz de curar os doentes e aleijados. Que tristeza os irmãos devem ter sentido quando o dom desapareceu. De acordo com Ephraim, ele sumiu da noite para o dia. Gabriel não se importou, mas Johannes ficou desesperado. Ele rezava a Deus de noite para devolver-lhe o dom e sempre que achava um animal ferido corria até ele e tentava conjurar o poder que um dia tivera.

Jacob nunca entendeu por que Ephraim ria com tanto gosto ao falar sobre esses dias. Devia ter sido uma grande tristeza para Johannes, e um homem que estivera tão próximo a Deus como o Pregador devia entender isso. Mas Jacob amava o avô e nunca questionou nada do que ele dizia ou o jeito com que fazia. A seus olhos, o avô era infalível. Afinal, salvara-lhe a vida. Talvez não com o toque das mãos, mas lhe doando a medula, e, dessa forma, injetando-lhe a vida de novo. Por causa disso, Jacob o venerava.

Mas o melhor de tudo era o jeito com que Ephraim sempre terminava as histórias. Ele

fazia uma pausa dramática, olhava o neto bem nos olhos e dizia:

“E você, Jacob, você também tem o dom aí dentro. Em algum lugar, bem no fundo, ele está à espera de ser invocado.”

Jacob adorava tais palavras.

Ele nunca conseguiu achar o poder, mas lhe bastava saber que o avô dissera que estava lá. Quando Jacob ficou doente, tentou fechar os olhos e invocá-lo, para curar a si mesmo, mas tudo o que viu foi a escuridão, a mesma escuridão que agora o agarrava com força.

Talvez tivesse achado o caminho se o avô tivesse vivido mais tempo. Afinal, ele ensinara Gabriel e Johannes, por que não poderia ensinar também o neto?

Os gritos de uma ave lá fora arrancaram Jacob do devaneio. A escuridão em seu íntimo voltou a apertar-lhe o coração, e ele imaginou que o aperto poderia ficar forte o suficiente para fazê-lo parar. A escuridão agora vinha com mais frequência, e ele a sentia mais apertada do que nunca.

Ele ergueu as pernas e abraçou os joelhos. Se pelo menos Ephraim estivesse ali... Seu avô poderia ajudá-lo a encontrar a luz que curava.

“Neste momento, estamos supondo que Jenny Möller não está desaparecida por vontade própria. Gostaríamos de contar com a ajuda da população, e pedimos que qualquer um que a tenha visto nos ligue, sobretudo se a viram dentro ou perto de um carro. De acordo com a informação que temos, ela estava tentando pegar carona para Fjällbacka, e qualquer informação nesse sentido é do maior interesse.”

Patrik olhou nos olhos de cada um dos jornalistas ali reunidos. Ao mesmo tempo, Annika circulou entre eles com a foto de Jenny Möller. Ela também se encarregaria de que todos os jornais recebessem uma cópia para publicação. Não era um procedimento de rotina, mas naquele caso a imprensa poderia ser útil.

Para grande surpresa de Patrik, foi Mellberg quem sugeriu que ele conduzisse a conferência de imprensa convocada às pressas. O próprio Mellberg sentou-se no fundo da pequena sala de reuniões do posto de polícia e assistiu a Patrik, em pé na frente.

Várias mãos se ergueram.

“O desaparecimento de Jenny tem alguma conexão com o assassinato de Tanja Schmidt? E vocês encontraram alguma evidência que ligasse esse assassinato recente às mortes de Mona Thernblad e Siv Lantin?”

Patrik limpou a garganta.

“Em primeiro lugar, ainda não temos uma identificação positiva de Siv, e eu agradeceria se não escrevessem sobre isso. Por outro lado, não quero comentar sobre o que concluímos ou não, para não interferir no andamento da investigação.”

Os jornalistas suspiraram por mais uma vez ter sido alegado sigilo de investigação, mas continuaram agitando as mãos no ar para fazer perguntas.

“Os turistas começaram a deixar Fjällbacka. Eles estão certos ao se preocupar com a própria segurança?”

“Não há motivo para preocupação. Estamos empenhados em solucionar o caso, mas neste momento temos que nos concentrar em encontrar Jenny Möller. Isso é tudo o que tenho a dizer. Obrigado.”

Patrik deixou a sala apesar dos protestos dos jornalistas, mas, pelo canto do olho, viu que Mellberg havia ficado lá. Ele torcia para o chefe não dizer nada idiota.

Ele entrou na sala de Martin e sentou-se na beira da escrivaninha.

“Jesus, é como enfiar a mão num ninho de vespas.”

“É, mas desta vez eles podem ser úteis.”

“Sim, alguém pode ter visto Jenny entrar num carro, se ela estava pedindo carona, como disse o rapaz. Com tanto tráfego na estrada de Grebbestad, seria estranho ninguém ver nada.”

“Coisas mais estranhas do que essa aconteceram”, disse Martin, com um suspiro.

“Você ainda não conseguiu contato com o pai de Tanja?”

“Não tentei de novo, pensei em esperar até hoje à noite. Ele pode estar no trabalho.”

“Você deve ter razão. Sabe se Gösta verificou as prisões?”

“Sim, por incrível que pareça, ele verificou. Nada. Nenhum preso ficou na cadeia por tanto tempo e foi solto agora. Acho que você já esperava algo assim. Quero dizer, você precisaria atirar no rei, ou coisa parecida, e ainda assim estaria fora depois de alguns anos, por bom comportamento. Na verdade, acho que sairia em condicional depois de poucas semanas.”

Irritado, ele jogou a caneta na escrivaninha.

“Olha, não seja tão cínico. Você ainda é jovem demais para isso. Depois de dez anos nesse trabalho, vai ter o direito de começar a se sentir amargo, mas até lá você tem que continuar ingênuo e ter fé no sistema.”

“Está bem, velhinho.”

Martin fez uma continência fingida, e Patrik se levantou rindo.

“Falando nisso”, prosseguiu Patrik, “não podemos supor que o desaparecimento da Jenny tenha ligação com os assassinatos de Fjällbacka. Assim, por via das dúvidas, peça a Gösta para checar se algum estuprador ou agressor sexual foi solto da prisão recentemente. Peça-lhe que faça uma checagem de todo mundo que cumpriu pena por estupro, agressão a mulheres e coisas assim, qualquer um que possa estar agindo no distrito.”

“Bem lembrado, mas poderia ser alguém de fora que está aqui como turista.”

“Verdade, mas temos que começar por algum lugar, e esse é tão bom quanto qualquer

outro.”

Annika enfiou a cabeça pela porta.

“Perdão por incomodá-los, cavalheiros, mas há uma chamada da Criminalística para você, Patrik. Devo transferir para cá, ou vai atender na sua sala?”

“Vou atender na minha sala. Me dê meio minuto.”

Ele foi para sua sala e esperou que o telefone tocasse. O coração batia um pouco mais rápido. Receber um chamado da Criminalística era mais ou menos como esperar por Papai Noel. Você nunca sabe que surpresa pode haver dentro da caixa.

Dez minutos depois, ele estava de volta à sala de Martin, mas ficou em pé na porta.

“Foi confirmado que o segundo esqueleto é de Siv Lantin, como pensávamos. E a análise do solo está pronta. Talvez tenha alguma utilidade para nós.”

Martin inclinou-se para a frente com interesse e entrelaçou os dedos das mãos.

“Tá bom, não faça suspense. O que eles descobriram?”

“Em primeiro lugar, o mesmo tipo de solo encontrado no corpo de Tanja estava também no cobertor sobre o qual estava deitada e nos esqueletos. Isso quer dizer que em algum momento estiveram no mesmo lugar. Além disso, o Laboratório Sueco de Criminalística achou no solo um fertilizante que só é usado na agricultura. Eles conseguiram identificar de que tipo era e o nome do fabricante. Mas o melhor de tudo é que ele não é vendido no varejo: só pode ser comprado direto do fabricante. Também não é um dos mais comuns à venda. Assim, se você puder entrar em contato com eles e pedir uma lista dos clientes que compraram essa substância, talvez cheguemos a algum lugar. Tome, anotei aqui o nome do fertilizante e do fabricante. O número deles deve estar nas páginas amarelas.”

Martin dispensou-o com um aceno de mão e disse:

“Eu cuido disso. Aviso você assim que conseguir as listas.”

“Ótimo!” Patrik fez sinal de positivo com o polegar e bateu de leve no batente da porta.

“Aliás...”

Patrik, que já ia pelo corredor, virou-se ao ouvir Martin.

“Sim?”

“Eles disseram algo sobre o DNA que encontraram?”

“Ainda estão trabalhando nisso. O LSC está fazendo as análises, mas parece que há uma fila enorme de amostras. Você sabe, estupros aos montes nesta época do ano.”

Martin assentiu com tristeza. Ele sabia muito bem. Era uma das coisas boas do longo inverno. Muitos estupradores achavam que lá fora fazia frio demais para baixar as calças, mas no verão esse problema não existia. Patrik cantarolou ao voltar para sua sala. Finalmente, tinham uma pista. Mesmo que não fosse muito, pelo menos tinham algo de concreto.

Ernst serviu-se de um cachorro-quente com purê de batata no mercado, em Fjällbacka. Sentou-se então num dos bancos de frente para o mar e olhou desconfiado para as gaivotas que o rodeavam. Se tivessem chance, roubariam dele o cachorro-quente, e ele não tirou os olhos delas nem por um segundo. Aves burras de merda. Quando era criança, ele costumava divertir-se amarrando um peixe numa linha e segurando a outra ponta. Assim, quando uma gaivota desavisada engolia o peixe, virava uma espécie de pipa viva, que batia as asas no ar, em pânico e impotente. Outro de seus truques prediletos era roubar um pouco da bebida que o pai fabricava ilegalmente em casa e embeber pedaços de pão com ela. Depois, jogava o pão para as gaivotas. Ele ria tanto ao vê-las voando bêbadas que tinha que deitar no chão e segurar a barriga. Já não ousava mais fazer brincadeiras desse tipo, mas bem que gostaria de fazer. Malditos abutres, é o que elas eram.

De canto de olho, detectou um rosto familiar. Gabriel Hult estacionou sua BMW junto ao meio-fio em frente ao Quiosque Central. Ernst endireitou-se no banco. Ele se mantivera a par da investigação do assassinato da garota alemã, furioso por ter sido excluído dela, de modo que sabia tudo sobre o depoimento de Gabriel contra o irmão. Talvez, apenas talvez, pensou, houvesse algo mais para espremer daquele maldito esnobe. Só de pensar na fazenda e nas terras que Gabriel possuía, sua boca salivava de inveja, e seria uma delícia espremê-lo um pouco. E se houvesse a menor chance de descobrir algo novo para a investigação que ele pudesse mostrar para o merda do Hedström, seria um prêmio e tanto.

Ele atirou o resto do cachorro-quente com purê de batatas na lata de lixo mais próxima e foi, de forma casual, até o carro de Gabriel. O BMW prateado brilhava à luz do sol, e, sem poder resistir, ele passou a mão sobre o teto, cheio de desejo. Maldição! Esse era o carro que qualquer um gostaria de ter. Ele tirou depressa a mão quando Gabriel saiu do quiosque com um jornal. O dono do carro olhou desconfiado para Ernst, apoiado com displicência na porta do passageiro.

“Desculpe, mas está encostado em meu carro.”

“É, eu sei.”

O tom de Ernst era o mais insolente possível. Melhor impor respeito logo de cara.

“Ernst Lundgren, da delegacia de Tanumshede.”

Gabriel suspirou.

“Que foi agora? Johann e Robert aprontaram mais alguma?”

Ernst riu.

“Tenho certeza de que sim, pelo que conheço daqueles dois canalhas, mas nada de que tenha sido informado até o momento. Não, tenho algumas perguntas referentes às mulheres encontradas na Passagem do Rei.”

Ele indicou com a cabeça as escadas de madeira que subiam pelo lado da colina até o local que mencionara.

Gabriel cruzou os braços com o jornal debaixo de um deles.

“E o que eu poderia saber sobre isso? Espero que não seja aquela velha história com meu irmão de novo. Seus colegas já vieram falar comigo sobre isso. Já faz muito tempo e, considerando os acontecimentos desses últimos dias, devia ter ficado claro que Johannes não teve nada a ver com isso. Veja!”

Ele abriu o jornal e o segurou diante de Ernst. Na primeira página, destacava-se uma foto de Jenny Möller, ao lado da foto de passaporte meio borrada de Tanja Schmidt. Havia uma manchete sensacionalista, o que não era de estranhar.

“Você acha que meu irmão ergueu-se do túmulo e fez isso?” A voz de Gabriel tremia de emoção. “Quanto tempo vocês vão gastar interrogando minha família enquanto o verdadeiro assassino anda livre por aí? A única coisa que vocês têm contra nós é o depoimento que dei há mais de vinte anos. Naquela época, eu tinha certeza do que havia visto, mas, que diabo, ainda não era dia claro, eu tinha estado acordado ao lado do meu filho doente, e talvez eu tenha simplesmente cometido um erro!”

Furioso, Gabriel deu a volta em torno do carro até o lado do motorista e acionou o controle remoto para desativar a trava elétrica. Antes de entrar no carro, ele dirigiu mais um discurso indignado contra Ernst.

“Se isso continuar, terei de acionar os meus advogados. Estou cansado de ver as pessoas me olhando como se os olhos fossem pular fora desde que vocês acharam aqueles corpos. E não pretendo deixar que vocês fiquem espalhando boatos sobre minha família só porque não conseguem fazer nada melhor.”

Gabriel bateu a porta e saiu acelerando ao máximo. Ele saiu pela rua Galärbacken numa velocidade que fez os pedestres fugirem em busca de proteção.

Ernst riu para si mesmo. Gabriel Hult podia ter dinheiro, mas, como policial, Ernst tinha o poder de criar problemas a seu mundinho protegido. De repente, a vida pareceu muito melhor.

“Estamos enfrentando uma crise que vai afetar toda a comunidade.” Stig Thulin, o mais influente cidadão da comunidade, estreitou os olhos ao olhar para Mellberg, que não parecia muito impressionado.

“Pois é, como já lhe disse, e a todo mundo que ligou, estamos trabalhando o mais depressa possível nessa investigação.”

“Recebo todos os dias dezenas de chamadas de comerciantes inquietos e entendo a preocupação deles. Já viu como estão os campings e as marinas por aqui? Isso não está

afetando só os negócios em Fjällbacka, o que já seria bem ruim. Depois do último desaparecimento, os turistas estão fugindo das cidades vizinhas também. Os efeitos já estão sendo sentidos em Grebbestad, Hamburgsund, Kämpersvik e mesmo longe, como Strömstad. Quero saber que medidas concretas vocês vão tomar para resolver essa situação!”

Stig Thulin, que em geral exibia um sorriso cheio de dentes, tinha agora sua fronte aristocrática vincada por rugas de preocupação. Ele era o principal deputado da cidade havia mais de uma década e tinha a fama de ser uma espécie de líder no distrito. Mellberg devia admitir que podia entender por que as mulheres da cidade eram suscetíveis ao charme dele. Não que Mellberg se inclinasse para esse lado, observou rápido para si mesmo, mas nem mesmo um homem podia evitar de perceber que Stig estava em muito boa forma para um senhor de cinquenta anos, com atraentes têmporas grisalhas, combinando com olhos azuis de menino.

Mellberg sorriu, tranquilizador.

“Stig, você sabe tão bem quanto eu que não posso entrar em detalhes sobre a investigação. Você vai ter que aceitar minha palavra quando digo que estamos empregando todos os nossos esforços para encontrar a jovem Möller e a pessoa que cometeu esse crime.”

“Vocês têm mesmo os recursos para uma investigação tão complexa? Não deveriam pedir ajuda de, sei lá, Gotemburgo, talvez?”

As têmporas grisalhas de Stig reluziam de suor. Sua posição política dependia do grau de satisfação dos comerciantes da comunidade com seus esforços. Eles andavam tão perturbados naqueles últimos dias que os prognósticos não eram nada bons para a próxima eleição. Stig vicejava nos corredores do poder. Ele também supunha que sua notoriedade política era a principal razão de seu sucesso na cama.

Agora, uma ruga de irritação aparecia também na fronte igualmente nobre de Mellberg.

“Não precisamos de nenhuma ajuda com esse caso, posso lhe garantir. E devo dizer que não aprecio sua falta de confiança em nossa habilidade ao perguntar algo assim. Nunca tivemos queixas quanto a nossos métodos de trabalho, e não vejo motivo para qualquer crítica injustificada nessa situação em particular.”

Graças à sua enorme habilidade com as pessoas, que lhe servia tão bem na política, Stig sabia quando era hora de recuar. Respirou fundo e lembrou a si mesmo de que arrumar confusão com o departamento de polícia local não servia a seus propósitos.

“Está certo, talvez seja um pouco prematuro começar a questionar seus métodos. É claro que você goza de nossa total confiança. Mas devo reiterar a necessidade de resolver essa questão o mais rápido possível.”

Mellberg apenas acenou com a cabeça em resposta. Depois das costumeiras formalidades e cortesias de despedidas, o cidadão mais influente da comunidade deixou a delegacia.

Melanie examinou-se criticamente no espelho de corpo inteiro que ela infernizara o pai para colocar no trailer. *Nada mal. Se bem que perder uns quilinhos não seria ruim.* Alisou a pele da barriga e a encolheu. Assim, agora estava melhor. Ela não queria que nem um grama de gordura fosse visível. Decidiu que nas semanas seguintes almoçaria apenas uma maçã. A mãe poderia dizer o que quisesse, mas Melanie daria qualquer coisa para não ficar tão gorda e repulsiva quanto ela.

Depois de ajustar o biquíni uma última vez, Melanie pegou a sacola e a toalha e estava pronta para ir até a praia. Uma batida na porta a interrompeu. Ela achou que podia ser algum amigo que também ia nadar e talvez quisesse saber se ela iria junto. Abriu a porta. No instante seguinte, foi empurrada para dentro do trailer e bateu com as costas na mesinha. A dor fez sua vista escurecer. A pancada tirou o ar de seus pulmões e tornou impossível emitir qualquer som. Um homem entrou à força, e ela tentou se lembrar de onde o vira antes. Era vagamente familiar, mas o choque e a dor tornavam difícil a ela concentrar-se. Mas um pensamento ocorreu-lhe de repente: o desaparecimento de Jenny. Agora, o pânico a fazia sentir-se perdida, e ela caiu ao chão indefesa.

Ela não protestou quando ele a pôs em pé, puxando-a pelo braço, e a forçou a ir para a cama. Mas, quando ele começou a puxar as tiras do biquíni amarradas nas costas, o terror lhe deu forças, e ela deu um coice para trás, mirando a virilha dele. Errou, acertando-lhe a coxa, e a resposta veio de imediato. Um punho a atingiu na região lombar, bem no lugar onde batera na mesa, e ela perdeu o fôlego outra vez. Melanie caiu na cama e desistiu. A força do golpe do homem fez com que se sentisse pequena e indefesa, e sobreviver era o único pensamento em sua cabeça. Ela se preparou para morrer. Da mesma forma que – ela agora tinha certeza – Jenny morreria.

Um ruído fez com que o homem se voltasse no momento exato em que puxou a parte de baixo do biquíni de Melanie até os joelhos. Antes que o sujeito pudesse reagir, algo o atingiu na cabeça e, com um gemido gutural, ele caiu de joelhos. Atrás dele, Melanie viu Per, o nerd, com um bastão de beisebol na mão. Um bastão pesado. Foi o que ela pôde notar antes de tudo ficar escuro.

“Merda, eu deveria tê-lo reconhecido!”

Martin pisava duro, de pura frustração, e apontou para o homem algemado que, naquele momento, era empurrado para o banco de trás de um carro de polícia.

“Como diabos faria isso? Ele ganhou pelo menos uns vinte quilos na prisão e oxigenou os cabelos. Nem a própria mãe o teria reconhecido. Além disso, você só tinha visto uma foto.”

Patrik tentou consolar Martin o melhor que pôde, mas desconfiava de que estava falando a

ouvidos surdos. Estavam no camping de Grebbestad, em pé, ao lado do trailer dos pais de Melanie, e em torno deles uma grande multidão de curiosos se juntou para ver o que tinha acontecido. Melanie já havia sido levada por uma ambulância para o hospital de Uddevalla. Seus pais estavam no shopping center de Svinesund quando Patrik os contatou pelo celular, e, chocados, eles foram direto para o hospital.

“Eu olhei bem na cara dele, Patrik. Acho que até o cumprimentei. Ele deve ter morrido de rir depois que fomos embora. Além disso, a barraca dele estava bem do lado da de Tanja e Liese. Droga, que estúpido de merda eu sou?”

Ele bateu na própria testa com o punho para enfatizar suas palavras e sentiu a ansiedade começando a preencher o peito. O jogo do “e se” já iniciara sua ação demoníaca sobre ele. Se tivesse reconhecido Mårten Frisk, Jenny estaria agora em casa com os pais. Se, se, se.

Patrik sabia muito bem o que se passava na mente de Martin, mas ele não sabia que palavras usar para diminuir o tormento do colega. Em seu lugar, ele decerto passaria pela mesma coisa, mesmo que a autocrítica fosse totalmente infundada. Teria sido quase impossível identificar o estuprador que cinco verões atrás fora preso por quatro estupros. Na época, Mårten Frisk tinha apenas dezessete anos, um jovem magricela de cabelo escuro, que usava uma faca para submeter suas vítimas. Ele era agora uma montanha loira de músculos que parecia achar que só precisava usar sua própria força para ser o dono da situação. Patrik desconfiava, ainda, que os esteroides, fáceis de conseguir nas instituições penais do país, haviam desempenhado seu papel na transformação física de Mårten. E a recém-adquirida força do sujeito não diminuía em nada sua agressividade inata; pelo contrário, ela transformara uma brasa incandescente num inferno tempestuoso.

Martin apontou para o jovem um tanto desajeitado, parado em um canto, roendo as unhas. O bastão já tinha sido confiscado pela polícia, e o nervosismo era visível no rosto dele. Ele não devia saber ao certo se seria considerado herói ou criminoso pelo longo braço da lei. Patrik fez sinal para que Martin o acompanhasse, e ambos foram até onde estava o rapaz, trocando o peso do corpo de um pé a outro.

“Seu nome é Per Thorsson, não é?”

Ele concordou com a cabeça. Patrik explicou a Martin.

“Ele é amigo de Jenny Möller. Foi quem me disse que ela iria pegar carona para Fjällbacka.” Patrik voltou-se de novo para Per. “Você agiu muito bem hoje. Como sabia que Melanie estava prestes a ser violentada?”

Per olhou para o chão.

“Eu gosto de me sentar e olhar as pessoas que passam. Eu reparei nesse cara na hora, quando ele montou a barraca aqui no outro dia. Tinha alguma coisa no jeito com que ele se exibia por aí para todas as moças. Ele se achava tão legal com aquelas merdas de braços de

gorila. Vi também o jeito como ele olhava as garotas. Sobretudo se não estivessem vestindo muita coisa.”

“E o que aconteceu hoje?” Impaciente, Martin o conduziu para o rumo certo.

Ainda olhando fixo para o chão, Per continuou.

“Reparei que ele estava sentado, olhando, quando os pais da Melanie saíram de carro. Ele continuou lá sentado e esperou por um tempo.”

“Quanto tempo?”, perguntou Patrik.

Per pensou um pouco.

“Uns cinco minutos, acho. Então, ele foi até o trailer da Melanie com jeito decidido, e achei que talvez fosse dar em cima dela ou coisa assim. Mas, quando ela abriu a porta, ele já foi entrando, então, pensei, caramba, deve ter sido ele quem pegou a Jenny. Então fui e peguei um bastão de beisebol das crianças e aí corri lá para dentro e o atingi na cabeça com o bastão.”

Per teve de parar e tomar fôlego e, pela primeira vez, ergueu os olhos e olhou Patrik e Martin de frente. Eles podiam ver seu lábio inferior tremendo.

“Vou ficar encrencado por causa disso? Quer dizer, por ter acertado a cabeça dele?”

Patrik colocou a mão no ombro dele para confortá-lo.

“Posso lhe prometer que não vai haver qualquer repercussão por causa do que aconteceu. Não que encorajemos civis a agir por conta própria, que fique bem claro, mas a verdade é que, se você não tivesse interferido, ele provavelmente teria estuprado Melanie.”

Per literalmente desabou de alívio, mas logo se endireitou de novo e disse:

“Poderia ter sido ele quem... com Jenny, quero dizer.”

Ele não conseguiu dizer as palavras, e Patrik não pôde mais reconfortá-lo. A pergunta de Per fora direto ao âmago do que ele mesmo estava pensando.

“Eu não sei. Você notou se em algum momento ele olhou para Jenny daquele modo?”

Per pensou febrilmente, mas, por fim, sacudiu a cabeça.

“Não sei. Quero dizer, tenho certeza de que sim, ele olhava para todas as garotas que passavam, mas não posso dizer que ele olhou para ela em particular.”

Eles agradeceram a Per e o entregaram aos pais. Depois voltaram à delegacia. Ali, já sob custódia, talvez estivesse a pessoa que eles estavam procurando com tanto empenho. Martin e Patrik cruzavam os dedos para que ele fosse o criminoso.

Na sala de interrogatório, o clima estava tenso. A preocupação com Jenny Möller aumentava a pressão, e todos estavam ansiosos para obter de Mårten Frisk a verdade, mas sabiam que algumas coisas não podem ser apressadas. Patrik conduziu o interrogatório, e ninguém se surpreendeu quando pediu que Martin o acompanhasse. Depois de cumprir os procedimentos

obrigatórios para a gravação do depoimento, com a declaração de nomes, dia e hora, eles começaram o trabalho.

“Você está preso pela tentativa de estupro de Melanie Johansson. Tem algo a dizer sobre isso?”

“É, pode crer!”

Mårten reclinava-se displicente, com um dos enormes bíceps apoiado no encosto da cadeira. Usava roupas de verão: camiseta regata e short curto, com um mínimo de tecido para expor o máximo de músculos possível. O cabelo loiro oxigenado estava um pouco longo demais e a franja caía-lhe nos olhos o tempo todo.

“Eu não fiz nada com que ela não tivesse concordado, e se ela disser o contrário, estará mentindo! Combinamos de nos encontrar quando os pais dela saíssem, e estávamos começando a ficar à vontade quando aquele idiota entrou correndo com o bastão. E, falando nisso, quero dar queixa por agressão. Podem colocar isso nas suas notas.” Ele apontou para os blocos de anotações que tanto Patrik como Martin tinham diante de si e riu.

“Podemos falar sobre isso mais tarde. Agora estamos falando da acusação feita contra você.”

O tom ríspido de Patrik continha todo o desprezo que aquele homem lhe provocava. Em seu mundo, sujeitos grandes que atacavam menininhas pertenciam ao mais baixo do mais baixo.

Mårten encolheu os ombros como se não fizesse diferença para ele. Os anos na prisão haviam lhe ensinado muito. Da última vez em que estivera diante de Patrik, era um jovem magricela e inseguro de dezessete anos que, sem hesitar, confessou logo de cara os quatro estupros. Agora ele tinha aprendido com os meninos maiores, e sua transformação física combinava com o desenvolvimento mental que sofrera. O que continuava igual eram o ódio e as agressões contra as mulheres. Até onde a polícia sabia, no passado, isso o levava a cometer estupros brutais, mas não assassinatos. A preocupação de Patrik era de que os anos na prisão tivessem causado mais danos do que eles podiam imaginar. Teria Mårten Frisk evoluído de estuprador para assassino? Se fosse o caso, onde estava Jenny Möller e como seu desaparecimento estava ligado às mortes de Mona e Siv? Quando as duas moças foram mortas, Mårten ainda nem tinha nascido!

Patrik suspirou e prosseguiu com o interrogatório.

“Vamos fazer de conta que acreditamos em você. Ainda temos uma grande coincidência nos preocupando: você estava no camping de Grebbestad quando uma garota chamada Jenny Möller desapareceu. Você também estava no camping de Sälvik, em Fjällbacka, quando uma turista alemã desapareceu e foi depois encontrada morta. E sua barraca estava bem do lado

da barraca que pertencia a Tanja Schmidt e sua amiga. Achamos um pouco estranho.”

Mårten ficou visivelmente pálido.

“Ei, mas que inferno, não tenho nada a ver com isso.”

“Mas você sabe de que garota estamos falando?”

Ele respondeu relutante.

“É, eu vi aquelas lésbicas na barraca do lado, mas nunca me liguei muito no tipo e, além disso, elas eram meio velhas para o meu gosto. Para mim, elas pareciam umas bruxas feias.”

Patrik pensou no rosto de Tanja na foto do passaporte, meio sem graça, mas amistoso. Ele conteve o impulso de atirar o bloco de notas na cara de Mårten. Seus olhos estavam frios como gelo quando ele olhou para o homem à sua frente.

“E Jenny Möller? Dezesete, uma loira bonita. Ela era bem o seu tipo, certo?”

Gotículas de suor começaram a brotar na testa de Mårten. Ele tinha olhos pequenos, que piscavam depressa quando estava nervoso, e agora ele piscava freneticamente.

“Não tive merda nenhuma a ver com isso. Eu nunca encostei nela, juro!”

Ele ergueu as mãos, declarando inocência. Contra sua vontade, Patrik pensou ter ouvido um tom de verdade nos protestos do sujeito. O comportamento dele à menção de Tanja e Jenny foi bem diferente de quando o interrogaram sobre Melanie. Pelo canto do olho, Patrik viu que Martin também parecia pensativo.

“Tá legal, admito que a gata de hoje talvez não tenha concordado com tudo, mas vocês têm que acreditar em mim, não faço ideia do que estão falando quanto às outras duas. Eu juro!”

O pânico na voz de Mårten era evidente. Numa troca muda de olhares, Martin e Patrik concordaram em encerrar o interrogatório. Infelizmente, eles acreditavam no sujeito. Isso significava que, em algum lugar, outra pessoa mantinha Jenny Möller prisioneira, a não ser que já estivesse morta. De repente, pareceu muito improvável que pudessem cumprir a promessa feita a Albert Thernblad de encontrar o assassino de sua filha.

Gösta estava nervoso. Era como se uma parte de seu corpo tivesse subitamente voltado à vida depois de ficar entorpecida por um longo tempo. O trabalho da polícia o deixara indiferente por tanto tempo que era estranho sentir de novo algo que se assemelhava com envolvimento. Ele bateu com cautela na porta de Patrik.

“Posso entrar?”

“O quê? Ah, claro.” Patrik, distraído, ergueu os olhos da mesa.

Gösta entrou meio sem jeito e se sentou na cadeira dos visitantes. Ficou calado, e, depois de um momento, Patrik teve de encorajá-lo.

“Pois não? Você queria dizer alguma coisa?”

Gösta limpou a garganta e examinou as mãos apoiadas no colo.

“Eu consegui a lista ontem.”

“Que lista?” Patrik franziu a testa.

“A lista dos estupradores do distrito que foram soltos da prisão. Havia apenas dois nomes nela, e um deles era Mårten Frisk.”

“E está com essa cara por quê?”

Gösta ergueu os olhos. A angústia era como uma bola grande e dura em seu estômago.

“Não fiz meu trabalho. Pensei em checar os nomes, onde eles estavam, o que eles andavam fazendo, ter uma conversa com eles. Mas não tive energia. É a pura verdade, Hedström. Não estava me importando. E agora...”

Patrik não respondeu. Apenas esperou pelo resto.

“Agora percebo que, se tivesse feito meu trabalho, aquela garota talvez não tivesse sido atacada hoje e quase estuprada e teríamos a chance de interrogá-lo sobre Jenny um dia inteiro antes. Quem sabe, poderia ter feito a diferença entre vida e morte para ela. Ela podia estar viva ontem e hoje pode estar morta. E tudo porque sou um preguiçoso e não fiz meu trabalho!” Ele bateu o punho na coxa para dar ênfase.

Patrik ficou em silêncio por um tempo e depois inclinou-se sobre a mesa e juntou as mãos. Seu tom era encorajador, e não de censura, como Gösta esperava. Ele ergueu os olhos para o colega, espantado.

“É verdade, Gösta, às vezes, seu trabalho deixa a desejar. Nós dois sabemos disso. Mas não é minha função discutir isso; isso é coisa para o nosso chefe resolver. Quanto a Mårten Frisk e ao fato de você não tê-lo checado ontem, pode esquecer. Em primeiro lugar, você jamais o teria localizado tão depressa assim no camping; teria levado pelo menos uns dias. Em segundo, receio que não tenha sido ele quem sequestrou Jenny Möller.”

Gösta lançou a Patrik um olhar surpreso.

“Mas pensei que estava tudo resolvido...”

“Eu também. E ainda não estou completamente convencido, mas, durante o interrogatório, nem Martin nem eu tivemos a impressão de que ele fosse o sequestrador.”

“Merda”, pensou Gösta em silêncio. Mas sua ansiedade ainda não diminuía. “Tem alguma coisa que eu possa fazer?”

“Como disse, não temos certeza absoluta, mas colhemos uma amostra de sangue de Frisk que vai determinar de uma vez por todas se ele é o homem certo. Ela já foi enviada para o laboratório, e nós avisamos que era urgente. Eu ficaria grato se você os pressionasse um pouco. Se, afinal de contas, o Frisk for o tal, cada hora pode ser crucial para a garota Möller.”

“Claro, vou cuidar disso. Vou ficar em cima deles como um pit bull.”

Patrik riu da ideia. Se ele tivesse de comparar Gösta com uma raça de cães, provavelmente seria com um velho *beagle* cansado.

Agora, ansioso para agradar, Gösta pulou da cadeira e, com velocidade nunca antes vista, precipitou-se para fora da sala. O alívio por não ser acusado de um erro enorme fez com que se sentisse leve como um pássaro. Prometeu a si mesmo trabalhar com mais empenho do que nunca, e talvez até fizesse hora extra naquela noite. Não, ele quase esquecera, tinha um jogo agendado no campo de golfe para as cinco. Ah, bom, ele poderia trabalhar até tarde um outro dia.

Laine detestava ter que andar no meio de toda aquela sujeira e lixo. Era como pisar em outro planeta. Com cuidado, ela escolheu um caminho no meio de jornais velhos, sacolas de lixo e sabe lá Deus o que mais.

“Solveig?” Sem resposta. Ela apertou a bolsa de encontro ao corpo e seguiu pelo corredor. Então a viu. A repulsa que sentiu percorreu-lhe todo o corpo. Ela odiava aquela mulher mais do que jamais odiara alguém, incluindo seu pai. Ao mesmo tempo, dependia dela. Pensar nisso sempre virava seu estômago.

Solveig abriu um sorriso quando viu Laine.

“Ora, vejam só isso. Pontual como sempre. Você é mesmo de confiança, Laine.”

Ela fechou o álbum no qual estava mexendo e acenou para que Laine se sentasse.

“Eu preferia só entregar. Estou com um pouquinho de pressa...”

“Olha, Laine, você conhece as regras do jogo. Primeiro, uma xícara de café, com paz e sossego, e depois o pagamento. Seria uma grosseria terrível da minha parte não oferecer algo ao receber uma visita tão ilustre.”

A voz de Solveig estava carregada de desprezo. Laine sabia que não adiantava recusar. Elas haviam dançado aquela dança muitas vezes ao longo dos anos. Com cuidado, espanou algumas migalhas do banco da cozinha e não pôde evitar uma careta de nojo ao sentar-se. Toda vez que ia ali, sentia-se suja por muitas horas depois.

Devagar, Solveig levantou-se da cadeira de espaldar reto e pôs os álbuns de lado com cuidado. Serviu café em duas xícaras lascadas, e Laine teve de resistir ao impulso de limpar a sua. Depois, surgiu uma cesta com umas rosquinhas meio despedaçadas, e Solveig insistiu para que ela se servisse. Ela pegou um pedacinho, rezando em silêncio para que a visita terminasse logo.

“Como isso tudo é agradável, você não acha?”

Solveig mergulhou uma rosquinha no café e observou Laine, que ficou calada. Solveig prosseguiu:

“É difícil acreditar que uma de nós mora numa mansão e a outra numa cabana humilde. E,

no entanto, aqui estamos, sentadas como duas velhas amigas. Estou certa, Laine?”

Laine fechou os olhos e desejou que a humilhação acabasse logo. Até a vez seguinte. Ela uniu as mãos por baixo da mesa e lembrou-se do porquê de submeter-se àquele tormento uma vez após outra.

“Sabe o que me incomoda, Laine?” Solveig falava com a boca cheia de doce. Migalhas voavam de sua boca para a mesa. “O fato de você ter mandado a polícia atrás de meus meninos. Sabe, Laine, achei que tínhamos um acordo, você e eu. Mas a polícia veio aqui e alegou algo absurdo. Disseram que você lhes contou que meus meninos quebraram umas janelas na sua casa. Assim, não é de surpreender que eu comece a pensar.”

Tudo o que Laine podia fazer era concordar com a cabeça.

“Acho que mereço desculpas, não? Porque, como expliquei à polícia, os meninos ficaram aqui a noite toda. Assim, não poderiam estar jogando pedras na mansão.” Solveig tomou um gole de café e acenou com a xícara na direção de Laine. “E então? Estou esperando.”

“Eu peço desculpas”, murmurou Laine olhando para seu próprio colo, humilhada.

“Perdão, quase não ouvi o que você disse.” Para deixar claro, Solveig curvou uma das mãos atrás da orelha.

“Eu peço desculpas. Devo ter cometido um engano.” Os olhos estavam cheios de ódio quando encontraram os de Solveig, mas a cunhada pareceu satisfeita.

“Bom, agora está tudo esclarecido. Não foi tão difícil assim, foi? Será que devemos tentar esclarecer também aquele outro probleminha?”

Ela se debruçou na mesa e lambeu os lábios. Com relutância, Laine ergueu a bolsa do colo e tirou um envelope. Solveig o agarrou com avidez e, com dedos engordurados, contou com destreza o que havia lá dentro.

“Tudo certinho. Como sempre. É, Laine, como eu sempre digo, você tem tudo organizado, com toda a certeza. Você e o Gabriel são tão responsáveis.”

Com a sensação de estar presa como um hamster numa roda, Laine levantou-se e foi para a porta. Uma vez lá fora, respirou fundo o ar puro de verão. Atrás de si, pôde ouvir Solveig berrando antes que a porta se fechasse.

“É sempre um prazer ver você, Laine. Temos que fazer isso de novo no mês que vem.”

Laine fechou os olhos e obrigou-se a respirar com calma. Às vezes, ela pensava se tudo isso valia mesmo a pena.

Então, se lembrava do hálito fétido do pai em sua orelha e do motivo pelo qual a vida que construía para si devia ser preservada a qualquer custo. Simplesmente tinha que valer a pena.

Assim que Patrik entrou, percebeu que havia algo errado. Erica estava sentada na varanda de

costas para ele, mas tudo em sua postura lhe dizia que alguma coisa não estava certa. Por um segundo, a ansiedade o dominou, antes que se desse conta de que ela teria ligado para ele no celular se houvesse algo errado com o bebê.

“Erica?”

Ela se virou, e ele viu que seus olhos estavam vermelhos de chorar. Com passos largos, chegou até ela e sentou-se a seu lado no sofá de vime.

“Que foi, querida?”

“Eu briguei com a Anna.”

“O que foi desta vez?”

Ele sabia tudo sobre as idas e vindas do complicado relacionamento delas e todos os motivos pelos quais sempre acabavam em rota de colisão. Mas, desde que Anna se separara de Lucas, as duas irmãs pareciam ter entrado numa espécie de cessar fogo temporário. Patrik pensava no que teria dado errado daquela vez.

“Ela nunca denunciou Lucas à polícia pelo que ele fez a Emma.”

“O quê?”

“Isso mesmo, e, como Lucas começou uma disputa pela custódia das crianças, achei que esse seria o trunfo dela. Mas não há nada nos registros da polícia sobre ele, e ele vai inventar quantas mentiras puder para mostrar que Anna não é uma boa mãe.”

“Tá, mas ele não tem provas.”

“Não tem, sabemos disso. Mas imagine que ele jogue tanta porcaria nela que alguma acabe grudando. Você sabe como ele é astuto. Eu não ficaria nem um pouco admirada se ele conseguisse conquistar a corte e ganhar o juiz para o lado dele.” Erica encostou o rosto no ombro de Patrik. “Imagine se Anna perder as crianças. Será o fim dela.”

Patrik colocou o braço em torno dela e a apertou.

“Não vamos deixar a imaginação correr solta. Foi idiotice de Anna não dar queixa, mas posso entender por que não fez isso. Lucas sempre demonstrou que não ia deixar barato, e não é de estranhar que ela tivesse medo dele.”

“Você deve estar certo. Mas o que mais me magoou foi ela ter mentido para mim esse tempo todo. Agora eu me sinto enganada também. Sempre que eu perguntava a ela sobre a denúncia, ela me dava respostas vagas sobre como a polícia de Estocolmo era tão ocupada que levava muito tempo para analisar todas as denúncias recebidas. Mas era tudo mentira. E, de algum modo, ela sempre dá um jeito de fazer parecer que a vilã sou eu.”

Erica rompeu em lágrimas.

“Vamos, querida. Acalme-se. Não queremos que o bebê tenha a impressão de que está vindo para um vale de lágrimas.”

Erica teve que rir daquilo e enxugou os olhos na manga.

“Agora, me escute”, disse Patrik. “Às vezes, você e Anna agem mais como mãe e filha do que como irmãs. Você cuidou dela quando a mãe de vocês não o fez. E isso faz Anna precisar de você para tomar conta dela ao mesmo tempo que precisa se libertar de você. Você entende o que eu quero dizer?”

Erica concordou com a cabeça.

“Claro, eu sei. Mas me parece muito injusto que eu tenha de ser punida por ter tomado conta dela.” Ela começou a soluçar de novo.

“Você provavelmente só está sentindo um pouco de pena de si mesma, não é?” Ele ajeitou um cachinho da testa de Erica. “Mais cedo ou mais tarde, você e Anna vão resolver isso, como sempre acabam fazendo. Além disso, acho que você pode bancar a boazinha desta vez. Parece que Anna está passando por um mau bocado agora. Lucas é um adversário forte, e posso entender que ela esteja preocupada. Então, relaxe um pouco com ela e pare de sentir pena de si mesma.”

Erica se desvencilhou do abraço de Patrik e lançou-lhe um olhar hostil.

“Você não vai me apoiar?”

“É o que estou fazendo, querida, é o que estou fazendo.” Ele afagou-lhe o cabelo, mas em pensamento parecia estar a quilômetros de distância.

“Desculpe”, disse Erica. “Eu fico aqui me lamentando por meus problemas pessoais. Como a coisa está indo para vocês?”

“Caramba, nem queira saber. Hoje foi realmente uma merda...”

“Mas você não pode entrar em detalhes.” Erica terminou a frase por ele.

“Não, não posso. Mas hoje foi mesmo um dia de merda.” Ele suspirou e depois se endireitou. “Então, por que não passamos uma noite gostosa juntos? Parece que nós dois estamos precisando nos animar. Vou até o mercado de peixes e compro algo gostoso enquanto você põe a mesa. Que acha disso?”

Erica assentiu com a cabeça e virou o rosto para receber um beijo. Patrik, o pai de seu filho, era basicamente um otimista.

“Compre também batatas fritas e molho, por favor. Já que eu estou tão gorda, não preciso mais vigiar meu peso!”

Ele riu.

“Pode deixar, chefe.”

Martin batucava com a caneta na escrivadinha. Estava aborrecido consigo mesmo. Os eventos do dia anterior tinham feito com que esquecesse por completo de ligar para o pai de Tanja Schmidt. Ele poderia chutar-se a si mesmo. Sua única desculpa era ter achado que não era mais importante, depois de terem detido Mårten Frisk. Agora, ele provavelmente só

conseguiria contatar o pai de Tanja naquela noite, mas pelo menos podia tentar. Olhou o relógio. Nove horas. Ele decidiu verificar primeiro se *Herr* Schmidt estava em casa, antes de ligar para Pia pedindo que traduzisse.

O telefone tocou uma vez, duas, três, quatro, e ele pensou em desligar. Mas no quinto toque uma voz sonolenta atendeu. Constrangido por tê-lo acordado, Martin conseguiu explicar, em seu alemão hesitante, quem era e disse que voltaria a ligar. Ele estava com sorte, pois Pia atendeu ao telefone no escritório de informações turísticas. Ela prometeu ajudá-lo mais uma vez e, minutos depois, Martin tinha os dois na linha.

“Eu gostaria de começar expressando minhas condolências.”

Do outro lado, o homem agradeceu-lhe a consideração, mas Martin podia sentir sua tristeza pairar sobre a conversa como uma pesada mortalha. Ele não sabia bem como continuar. A voz suave de Pia traduzia tudo o que ele dizia, mas, enquanto ele pensava no que dizer, não se ouviu nada além da respiração deles.

“Vocês sabem quem fez isso a minha filha?” A voz do pai tremeu um pouco, e Pia não precisou traduzir. Martin compreendeu.

“Ainda não. Mas vamos descobrir.”

Do mesmo modo que Patrik ao encontrar Albert Thernblad, Martin imaginou se não estava prometendo demais, mas ele queria atenuar o pesar do homem da única forma que podia.

“Conversamos com a companheira de viagem de Tanja, e ela disse que sua filha tinha um motivo para vir a Fjällbacka, aqui na Suécia. Mas quando perguntamos ao ex-marido de Tanja, ele não tinha ideia do motivo pelo qual ela queria vir. O senhor sabe algo sobre isso?”

Martin prendeu a respiração. Um silêncio excruciante se seguiu. Então, o pai de Tanja começou a falar.

Quando Martin deu por encerrada a conversa com *Herr* Schmidt, ele ficou pensando se tinha mesmo escutado bem. A história parecia fantástica demais. Mas tinha um tom indiscutível de verdade, e ele acreditava no pai de Tanja. Estava a ponto de desligar o telefone quando percebeu que Pia ainda estava na linha.

Hesitante, ela perguntou:

“Você conseguiu tudo aquilo de que precisava? Acho que traduzi tudo direito.”

“Tenho certeza de que foi tudo bem. E, sim, consegui saber o que precisava. Sei que não preciso dizer isso, mas...”

“Eu sei, não posso contar a ninguém. Prometo não dizer uma palavra.”

“Isso é ótimo. Aliás...”

“Sim?”

Ele ouvira bem? O tom dela era mesmo esperançoso? Mas a coragem faltou-lhe, e, além

disso, ele sentiu que não era o momento.

“Não, nada. Em outra hora.”

“Tudo bem.”

Ela agora parecia quase desapontada, mas a autoconfiança dele ainda estava baixa demais depois do último fracasso sentimental. Ele devia estar imaginando coisas.

Depois de agradecer a Pia e desligar, seus pensamentos se voltaram para outra direção. Ele digitou depressa suas notas da conversa e levou a transcrição até a sala de Patrik. Finalmente, o caso avançava.

Estavam ambos na defensiva quando se encontraram. Era a primeira vez desde o desastroso encontro em Västergården, e cada um esperava que o outro desse o primeiro passo para a reconciliação. Johann foi quem telefonou, mas Linda sentia-se culpada por sua parte na briga e foi ela quem falou primeiro.

“Sabe, eu disse umas coisas idiotas no outro dia. Não foi por querer. Eu estava morrendo de raiva.”

Estavam sentados no local onde costumavam se encontrar, na parte de cima do celeiro em Västergården. O perfil de Johann parecia ter sido esculpido em pedra. Então, Linda viu suas feições relaxarem.

“Ah, vamos esquecer tudo. Eu também devo ter reagido um pouco demais. É que...” Ele hesitou e procurou as palavras certas. “Foi tão difícil estar lá, com todas as lembranças e coisas assim. Não teve muito a ver com você.”

Ainda um pouco cautelosa, Linda rastejou por trás de Johann e colocou os braços ao redor dele. A briga tivera um resultado inesperado, e ela adquiriu certo respeito por ele. Ela sempre o vira como um garotinho, alguém que se pendurava na barra da saia da mãe e grudava no irmão mais velho, mas, naquele dia, ela vira um homem. Aquilo o tornou atraente. Incrivelmente atraente. Ela também vira nele uma faceta perigosa, e, a seus olhos, isso aumentava ainda mais sua atração. Ele esteve muito perto de bater nela, ela viu isso em seus olhos. Agora que apertava o rosto ao encontro das costas dele, a lembrança a fez vibrar por dentro. Era como voar em torno de uma vela acesa, perto o suficiente para sentir o calor, mas com controle o bastante para não se queimar. Se havia alguém que dominava esse tipo de equilíbrio, era ela.

Ela deixou suas mãos deslizarem para a frente. Famintas e exigentes. Ela ainda sentia nele alguma resistência, mas sentia-se segura sabendo que era ela quem detinha o poder. Apesar de tudo, a relação entre eles fora definida a partir de uma perspectiva puramente física, e, nesse aspecto, ela sentia que as mulheres em geral e ela em particular tinham vantagem. Uma vantagem que ela agora utilizava. Satisfeita, notou que a respiração dele ficara mais

profunda e que a resistência interior amolecera.

Linda moveu-se para o colo dele e, quando seus lábios se encontraram, ela soube que vencera a batalha. Ela se agarrou àquela ilusão até sentir a mão de Johann puxando seu cabelo com força e curvando-a para trás, para que pudesse olhar de cima, dentro dos olhos dela. Se a intenção era fazê-la sentir-se pequena e indefesa, funcionou. Por um instante, ela viu nos olhos dele o mesmo brilho da briga em Västergården. Ela imaginou se o seu grito de socorro chegaria até a casa principal e se seria ouvido. Provavelmente, não.

“Sabe, é melhor você ser boazinha comigo”, disse Johann. “Ou então um passarinho pode contar à polícia o que eu vi aqui na fazenda.”

Os olhos de Linda se arregalaram. Sua voz saiu num sussurro.

“Você não faria isso! Você prometeu, Johann.”

“De acordo com o que as pessoas dizem por aí, a promessa de um Hult não significa muita coisa. Mas você sabe disso.”

“Não faça isso, Johann. Por favor, eu faço o que você quiser.”

“Então, parece que afinal o sangue é mesmo mais grosso que a água.”

“Você mesmo disse que não consegue entender o que o papai fez com o tio Johannes. Você vai agir da mesma forma?” A voz dela tremeu. A situação fugira completamente a seu controle. Espantada, ela se perguntou como chegara a uma posição de tanta fraqueza. Sempre fora ela quem estivera no controle.

“E por que não deveria? De certa forma, você poderia dizer que é carma. As coisas se fecham num círculo.” Ele lançou-lhe um sorriso maldoso. “Mas talvez você tenha razão. Vou ficar calado. Mas não esqueça de que posso mudar de ideia a qualquer momento, e por isso é melhor você ser legal comigo... querida.”

Johann acariciou o rosto dela, mas ainda segurava-lhe o cabelo com força. Então, ele forçou a cabeça dela ainda mais para baixo. Ela não reagiu. Definitivamente, o equilíbrio do poder mudara.

VII

Verão de 1979

*E*la acordou com o som de alguém chorando na escuridão. Era difícil dizer de onde o som estava vindo, mas ela deslizou devagar pelo chão, até que sentiu um tecido e algo que se movia sob seus dedos. O amontoado que estava no chão começou a gritar de terror, mas ela acalmou a garota murmurando-lhe e afagando seu cabelo. Mais do que qualquer um, ela sabia como o medo podia dilacerar seu coração até ser substituído por uma desesperança apática.

Ela sabia que era um sentimento egoísta, mas não podia deixar de alegrar-se por não estar mais sozinha. Parecia uma eternidade desde que tivera a companhia de outra pessoa, mas ela não acreditava que tivessem sido mais do que alguns dias. Era tão difícil calcular a passagem do tempo ali no escuro. O tempo era algo que só existia lá em cima. Na luz. Ali embaixo, o tempo era um inimigo. Ele fazia com que ela se desse conta de que existia outra vida, que agora talvez já não estivesse a seu alcance.

Quando o choro da garota se acalmou, começou uma avalanche de perguntas. Ela não tinha respostas para dar. Em vez disso, tentou explicar a importância de submeter-se, de não lutar contra o mal. Mas a garota não queria entender. Ela chorava e fazia perguntas, implorava e orava a um Deus em quem nunca acreditara, nem por um momento, senão talvez muito tempo atrás, na infância. Porque, pela primeira vez, ela se viu torcendo para ter estado errada, para que realmente existisse um Deus. De outro modo, o que pensaria da vida seu bebê, sem mãe e sem Deus para ajudá-lo? Era pelo bem de sua filha que ela se rendera ao medo, mergulhara nele. A insistência da outra garota em resistir começou a enfurecê-la. Uma vez e outra, ela tentou explicar que não adiantaria nada, mas a garota não ouvia. Logo a menina a contaminaria com seu espírito de luta, e então não demoraria para que a esperança também voltasse e a tornasse vulnerável.

Ela ouviu o alçapão se abrir e os passos se aproximarem. Apressou-se a empurrar longe a menina, que estivera deitada com a cabeça em seu colo. Talvez daquela vez ela tivesse sorte. Talvez ele ferisse a outra garota em vez dela.

O silêncio era ensurdecedor. Em geral, o tagarelar de Jenny enchia todo o reduzido espaço do trailer, mas agora havia apenas silêncio. Eles estavam sentados à mesa, um de frente para o outro, em suas bolhas separadas. Cada um estava perdido num mundo de lembranças.

Dezessete anos se passaram depressa, como algum filme interior. Kerstin sentiu nos braços o peso do corpinho recém-nascido de Jenny. Sem perceber, posicionou os braços como se a embalasse. O bebê cresceu e dali a pouco tudo pareceu ir muito mais depressa. Depressa demais. Por que elas tinham de passar tanto tempo discutindo e brigando? Se soubesse o que ia acontecer, ela jamais teria dito uma única palavra áspera a Jenny. Sentada ali à mesa, com um buraco no coração, ela jurou que, se tudo acabasse bem, nunca mais ergueria a voz para a filha.

Bo refletia como um espelho a confusão interior da esposa. Em poucos dias, ele envelhecera uma década, e sua face estava enrugada e resignada. Agora era o momento em que um teria de estender a mão para o outro, amparando-se mutuamente, mas o terror paralisara ambos.

As mãos dele tremiam sobre a mesa. Bo entrelaçou os dedos, numa tentativa de controlar o tremor, mas separou as mãos depressa, porque parecia que estava rezando. Até então ele se recusara a apelar para os poderes superiores. Tal coisa o forçaria a admitir o que ele ainda não ousara confrontar. Ele se apegava a uma esperança vã de que sua filha tivesse fugido numa aventura inocente. Mas, no fundo, sabia que tempo demais havia se passado para que isso fosse plausível. Jenny era responsável e carinhosa demais para causar deliberadamente tanta preocupação aos pais. Eles tinham suas discussões, claro, sobretudo nos dois últimos anos, mas ele sempre se sentira seguro sabendo que existia uma ligação muito forte entre eles. Ele sabia que Jenny os amava. A única resposta para o fato de ela não ter voltado para casa devia ser algo assustador. Algo acontecera. Alguém fizera alguma coisa a sua querida Jenny. Ele tentou romper o silêncio. Mas sua voz falhou, e ele teve de limpar a garganta antes de poder continuar.

“Vamos ligar para a polícia de novo e perguntar se descobriram algo?”

Kerstin fez que não com a cabeça.

“Já ligamos para lá duas vezes hoje. Eles vão entrar em contato se descobrirem algo.”

“Mas não podemos ficar só sentados aqui, caramba.” Bo se levantou de repente e bateu a cabeça num armário acima dele. “Merda, é tão apertado aqui. Por que tínhamos de obrigá-la a passar as férias de novo neste maldito trailer? Ela não queria vir. Se tivéssemos ficado em casa desta vez... Deixado que ela saísse com os amigos em vez de forçá-la a se enfiar

conosco neste buraco de merda!”

Ele começou a esmurrar o armário. Kerstin deixou que o fizesse. Quando a fúria dele se transformou em lágrimas, ela ergueu-se sem dizer palavra e o abraçou. Eles ficaram ali em silêncio por muito tempo, unidos no terror e num sentimento crescente de perda que não podiam evitar, apesar de todos os esforços de se apegarem à esperança.

Kerstin ainda podia sentir o peso do bebê em seus braços.

Naquele dia, o sol brilhava enquanto Patrik caminhava pela Norra Hamngatan. Ele hesitou um instante antes de bater à porta, mas seu senso de dever venceu e ele bateu com força. Ninguém atendeu. Tentou de novo, com mais força ainda. Também sem resposta. Ele deveria ter ligado antes de ir. Mas quando Martin o procurou e lhe contou o que o pai de Tanja dissera, ele agiu de imediato. Patrik olhou ao redor. Uma mulher cuidava das plantas no jardim da casa ao lado.

“Desculpe, saberia me dizer onde os Struwer estão? O carro está aqui, então suponho que estejam em casa.”

Ela interrompeu o que estava fazendo e fez que sim com a cabeça.

“Eles estão na garagem de barco.” Ela apontou com uma pazinha de jardim para uma das pequenas construções de frente para o mar.

Patrik agradeceu-lhe e desceu por uma curta escada de pedra na frente da garagem. Havia uma espreguiçadeira no cais, e ele viu que Gun estava tomando sol num biquíni minúsculo. Notou que todo o corpo dela tinha o mesmo tom marrom coriáceo do rosto, e era igualmente enrugado. Algumas pessoas pareciam não ligar para o risco de câncer de pele. Ele pigarreou para chamar a atenção.

“Bom dia, desculpe-me por vir aqui incomodá-la, mas gostaria de saber se podemos trocar algumas palavras.” Patrik assumiu um tom formal, como sempre fazia quando era portador de más notícias. Assumir o papel de policial, e não de ser humano, era o único modo de poder voltar para casa e ter um sono tranquilo.

“Sem problema. Só um minutinho, deixe-me vestir alguma coisa.” Ela sumiu no interior da garagem de barco.

Patrik sentou-se a uma mesa para esperar, permitindo-se apreciar a vista por alguns instantes. O porto estava mais vazio do que de costume, mas o mar brilhava e as gaivotas ainda voavam ao longo do cais em busca de comida. Demorou alguns minutos, e quando Gun finalmente surgiu, vestia short e um top, e trazia Lars a reboque. Ele cumprimentou Patrik com formalidade e sentou-se à mesa com a esposa.

“O que aconteceu? Conseguiram pegar a pessoa que matou Siv?” A voz de Gun estava ansiosa.

“Não, não é por isso que estou aqui.” Patrik fez uma pausa e pesou suas palavras seguintes. “Nesta manhã, falamos com o pai da jovem alemã cujo corpo foi achado junto com o de Siv.” Outra pausa.

Gun ergueu as sobrancelhas, intrigada.

“Sim?”

Patrik disse-lhe o nome do pai de Tanja, e não ficou desapontado com a reação de Gun. Ela estremeceu e arquejou. Lars lançou-lhe um olhar curioso, sem entender qual poderia ser a conexão.

“Mas é o pai de Malin. O que você está dizendo? Malin está morta, não está?”

Era difícil dizer aquilo de modo diplomático. Mas, colocando de modo bem rude, não era sua função ser diplomático. Ele decidiu dizer a verdade sem retoques.

“Ela não havia morrido. Foi exatamente o que ele disse. De acordo com o que nos relatou, ele considerou seu pedido de indenização um tanto, como direi, problemático. Então inventou a história da morte de sua neta.”

“Mas a garota que morreu aqui se chamava Tanja, e não Malin, não é?” Gun parecia confusa.

“Ele mudou o nome dela para outro que soasse mais alemão. Mas não há dúvida de que Tanja era na verdade sua neta Malin.”

Dessa vez, Gun Struwer não soube o que dizer. Então Patrik viu que a fúria começava a ferver dentro dela. Lars tentou acalmá-la, pondo a mão em seu ombro, mas ela a afastou.

“Quem ele pensa que é? Você já ouviu falar de algo tão descarado, Lars? Contar uma mentira desaforada para mim, dizer que minha neta, sangue do meu sangue, estava morta! Todos esses anos, ela viva e saudável enquanto eu achava que minha queridinha havia tido uma morte horrível! E ele tem o descaramento de dizer que fez isso porque eu era problemática, você já ouviu algo tão descarado, Lars? Só porque exigi algo que era meu por direito, sou problemática?”

Lars tentou mais uma vez acalmá-la, mas de novo ela o afastou. Ela estava tão transtornada que espumava pelos cantos da boca.

“Bom, eu certamente vou lhe dizer umas verdades. Vocês têm o número de telefone dele. Gostaria que me passassem, por favor. Esse alemão filho de uma cadela vai ter que ouvir o que acho de toda essa história.”

Patrik suspirou. Ele compreendia que ela tivesse o direito de estar transtornada, mas pelo visto ela ignorara completamente a essência do que ele dissera. Ele a deixou vociferar por alguns instantes e então disse-lhe, com calma:

“Sei que pode ser difícil ouvir isso, mas foi sua neta quem encontramos assassinada, uma semana atrás. Junto com Siv e Mona. Assim, tenho que perguntar-lhe: teve algum contato

com uma jovem que se chamava Tanja Schmidt? Ela entrou em contato de alguma forma?”

Gun negou com a cabeça, enfaticamente, mas Lars pareceu pensativo.

“Houve alguém que ligou algumas vezes e não disse nada”, disse ele, hesitante. “Não se lembra disso, Gun? Deve ter sido uma ou duas semanas atrás, e achamos que fosse algum trote. Acha que poderia ter sido ela?”

“É muito provável”, concordou Patrik. “O pai contou-lhe toda a história dois anos atrás, e ela talvez tenha achado que seria difícil entrar em contato com vocês. Ela também foi à biblioteca e fez cópias das matérias de jornal sobre o desaparecimento da mãe, então é possível que tenha vindo para descobrir o que de fato ocorreu com a mãe.”

“Meu pobre docinho.” Gun percebeu o que era esperado dela e começou com as lágrimas de crocodilo. “E pensar que minha queridinha ainda estava viva e tão perto. Se pelo menos pudéssemos ter nos encontrado... Que tipo de pessoa faria algo assim comigo? Primeiro, Siv e, depois, a minha pequena Malin.” Uma ideia ocorreu-lhe. “Acha que corro algum perigo? E se alguém estiver tentando me atingir? Preciso de proteção policial?” Os olhos dela moviam-se nervosos entre Patrik e Lars.

“Não creio que seja necessário. Não acreditamos que os assassinatos tenham qualquer ligação com a senhora, de forma que não precisa se preocupar.” Por fim, não podendo resistir à tentação, concluiu: “Além do mais, o assassino só ataca mulheres jovens.”

Na mesma hora, ele se arrependeu de ter dito isso e levantou-se para mostrar que a conversa havia terminado.

“Realmente, lamento ter sido o portador de notícias tão terríveis. Mas agradeço se me ligarem caso se lembrem de mais alguma coisa. Vamos começar checando as chamadas telefônicas.”

Antes de partir, Patrik lançou um último olhar de inveja à vista para o mar. Gun Struwer era a prova definitiva de que coisas boas nem sempre acontecem a quem as merece.

“O que ela disse?”

Martin estava sentado no refeitório com Patrik. Como sempre, a cafeteira ficara ligada tempo demais, mas eles já estavam acostumados e tomavam avidamente o café.

“Eu não devia dizer isso, mas, caramba, que pessoa horrível ela é. Ela não ficou incomodada por ter perdido tantos anos da vida de sua neta nem por a garota ter acabado de ser assassinada. Estava mais irritada porque o pai da garota achou uma maneira eficiente de acabar com as exigências dela de indenização.”

“Isso é terrível.”

O humor deles era sombrio enquanto deixavam-se ficar ali sentados, pensando em como os seres humanos podiam ser mesquinhos. Havia uma tranquilidade fora do comum na

delegacia. Mellberg não aparecera. Pelo visto, ele permitira-se dormir até mais tarde. Gösta e Ernst estavam fora, “caçando piratas do asfalto”, como diziam. Na verdade, deviam estar fazendo um lanche em alguma área de descanso à beira da estrada, esperando que os piratas viessem até eles, se apresentassem e pedissem para ser levados para a cadeia. Eles chamavam isso de “policiamento preventivo”. E deviam ter razão. Aquela área de descanso estaria segura, ao menos enquanto eles estivessem ali.

“O que você acha que Tanja planejava vindo até aqui? Com certeza, não queria brincar de detetive e descobrir o que acontecera com sua mãe.”

“Não, acho que não.” Patrik sacudiu a cabeça. “Mas imagino que estivesse curiosa com o que aconteceu. Ela provavelmente queria ver pessoalmente o lugar. Tenho certeza de que mais cedo ou mais tarde ela teria entrado em contato com a avó. Mas eu diria que o que ela ouviu do pai não deve ter sido nada lisonjeiro, e posso entender que tenha adiado a visita. Eu não ficarei nem um pouco surpreso se, quando Telia nos mandar os registros telefônicos, descobrirmos que as ligações para Lars e Gun Struwer vieram de um dos telefones públicos em Fjällbacka, talvez o do camping.”

“Mas como Tanja foi parar na Passagem do Rei junto com os esqueletos da mãe e de Mona Thernblad?”

“Sei tanto quanto você. A única coisa que posso imaginar é que ela deve ter descoberto algo, ou alguém, que estava envolvido com o desaparecimento da mãe e de Mona.”

“Bom, isso exclui automaticamente Johannes. Ele está bem seguro em seu túmulo no pátio da igreja de Fjällbacka.”

Patrik ergueu os olhos.

“Podemos garantir que ele está lá mesmo? Podemos saber sem a menor sombra de dúvida que ele está mesmo morto?”

“Você está brincando?” Martin riu. “Ele se enforcou em 1979. Não dá para ficar muito mais morto que isso.”

Certa agitação infiltrou-se na voz de Patrik.

“Sei que isso parece incrível, mas escute só: imagine que a polícia tenha começado a chegar perto demais da verdade, e que ele tenha sentido a lei chegando por trás dele. Ele era um Hult, e poderia conseguir muito dinheiro, por si só ou por intermédio de seu pai. Uma propina aqui, outra ali, e bingo. Você tem um atestado de óbito falso e um caixão vazio.”

Martin riu tanto que teve que segurar a barriga.

“Você está maluco! Você está falando de Fjällbacka, não de Chicago na década de 1920. Você tem certeza de que não ficou tempo demais ao sol? Parece que está com insolação. Foi o filho dele quem o encontrou. Como você faz um garoto de seis anos contar uma história se ela não for verdadeira?”

“Não sei, mas pretendo descobrir. Você vem comigo?”

“Aonde?”

Patrik revirou os olhos e pronunciou bem cada sílaba.

“Falar com Robert, é claro.”

Martin suspirou, mas ficou em pé.

“Como se não tivéssemos o suficiente para fazer”, resmungou. Enquanto saíam, ele se lembrou de algo. “E quanto ao fertilizante? Achei que eu iria atrás disso antes do almoço.”

“Peça a Annika para fazer isso”, disse Patrik por cima do ombro.

Martin parou na recepção e passou para Annika toda a informação de que ela precisaria. Ela tinha pouca coisa para fazer e ficou feliz por ter uma tarefa específica.

Martin ficou pensando se não estavam perdendo um tempo precioso. A teoria de Patrik parecia extravagante demais, delirante demais para ter alguma relação com a realidade. Mas ele era o chefe naquele caso...

Annika lançou-se ao trabalho. Os últimos dias tinham sido agitados, uma vez que era ela quem ficava como uma aranha no centro da teia, organizando as buscas por Jenny. Mas agora elas tinham sido interrompidas, depois de três dias de buscas infrutíferas. Como a maior parte dos turistas partira da área, resultado direto dos eventos da semana anterior, a central telefônica da delegacia estava num silêncio estranho. Até os jornalistas tinham começado a perder o interesse, em favor da próxima manchete sensacional.

Annika examinou a informação que Martin lhe passara e procurou o telefone no catálogo. Depois de ser jogada de um lado para outro, nas várias seções da empresa, ela finalmente conseguiu o nome de um dos gerentes de venda. Ela foi colocada numa fila de chamadas telefônicas e, com a musiquinha soando em seu ouvido, esperou, com lembranças sonhadoras da semana que passara na Grécia, que agora parecia ter sido há uma eternidade. Ao voltar das férias, ela sentia-se descansada, fortalecida e bela. Depois de ser atirada no turbilhão da delegacia, os efeitos do descanso desapareceram. Ela ansiava pelas praias brancas, pela água turquesa e pelas grandes tigelas de *tzatziki*. Tanto ela quanto seu marido haviam engordado uns bons quilos comendo a maravilhosa comida mediterrânea, mas isso não os preocupava. Eles nunca tinham sido magros e aceitavam isso como um fato da vida. Ambos ignoravam alegremente as dicas de emagrecimento que os jornais ofereciam. Quando se deitavam juntos, suas curvas se encaixavam com perfeição, e ambos tornavam-se uma única onda de carne ondulante, grande e cálida. Houvera bastante disso durante as férias...

As lembranças de Annika foram interrompidas de súbito por uma voz masculina melodiosa, com o inconfundível sotaque de Lysekil, ao sul. Diziam que a tendência dos grã-finos de Estocolmo de usar muitas letras *i* na pronúncia era um meio de mostrar que eram ricos o suficiente para ter casas de veraneio na costa oeste. Ela não sabia se era verdade,

mas era uma boa história.

Annika disse-lhe o que precisava.

“Ah, que emocionante. Uma investigação de assassinato. Já faz trinta anos que estou trabalhando no ramo de fertilizantes, mas é a primeira vez que me pedem ajuda com um homicídio.”

Que bom poder alegrar seu dia, pensou Annika, ácida, mas manteve para si o comentário cáustico, para não diminuir o prazer dele em ajudar. Às vezes, o apetite das pessoas por sensacionalismo beirava o mórbido.

“Precisamos de ajuda para obter uma lista de clientes que comprem seu fertilizante FZ-302”, disse Annika.

“Bem, isso não vai ser fácil. Paramos de comercializá-lo em 1985. Um produto fantástico, mas as normas ambientais nos forçaram a parar de fabricá-lo.” O gerente de vendas deu um suspiro profundo ante a injustiça em que consistia leis de proteção ambiental atrapalharem a venda de um produto bem-sucedido.

“Mas suponho que vocês tenham algum tipo de documentação.” Annika tentou persuadi-lo.

“Sim, preciso checar com o departamento administrativo, mas é possível que haja alguma informação nos arquivos velhos. Até 1987, os dados eram armazenados manualmente; depois disso, tudo foi computadorizado. Mas acho que não jogaram nada fora.”

“Não se lembra se alguém comprou...” Ela consultou as notas de novo. “O produto FZ-302 nesta área?”

“Não, minha cara. Foi há tantos anos que não tenho a informação de cabeça.” Ele riu. “Muita água passou debaixo da ponte desde então.”

“Tubo bem, eu não esperava que fosse fácil. Quanto tempo levaria para conseguir a informação?”

Ele pensou por um instante.

“Deixe-me ver, se eu levar alguns bombons para as meninas da administração, com algumas palavras suaves, quem sabe, posso lhe dar uma resposta ainda hoje à tarde, ou amanhã cedo. Está bem assim?”

Isso era mais rápido do que Annika ousara esperar quando ele começou a falar sobre arquivos velhos, e ela agradeceu-lhe profusamente. Ela escreveu um bilhete para Martin sobre o resultado da conversa e colocou-o sobre a mesa dele.

“Hã, Gösta...”

“Sim, Ernst?”

“A vida pode ficar melhor que isso?”

Eles estavam numa área de descanso na estrada, na saída de Tanumshede, ocupando uma das mesas de piquenique. Não eram amadores no assunto, e haviam sido previdentes o suficiente para levarem uma garrafa térmica de café da casa de Ernst e compraram um grande saco de bolinhos numa padaria em Tanumshede. Ernst desabotoara a camisa, para expor o peito branco ao sol. Pelo canto do olho, ele vigiava discretamente um grupo de garotas de uns vinte anos, que riam alto, fazendo uma pausa em sua viagem.

“Ei, pare de babar. E, aliás, arrume essa camisa. E se algum de nossos colegas passar por aqui? Deve parecer que estamos trabalhando.”

“Ah, relaxe, ok? Eles estão ocupados, procurando aquela mocinha. Ninguém está ligando para o que fazemos.”

A face de Gösta anuviou-se.

“O nome dela é Jenny Möller. Não é ‘aquela mocinha’. E nós também não devíamos estar ajudando em vez de ficarmos aqui como dois velhos safados?”

Ele indicou com a cabeça as garotas de roupas escassas a algumas mesas de distância deles. Ernst mal podia tirar os olhos delas.

“Veja quem fala. Você não reclamou quando o salvei da rotina sem graça. Não me diga que o diabo virou religioso depois de velho.”

Ernst voltou-se para olhá-lo, e seus olhos estreitaram-se de modo alarmante. Gösta se arrepiou. Talvez tivesse sido idiotice dizer aquilo. Ele sempre tivera um pouco de medo de Ernst. Ele o fazia recordar demais os garotos da escola, que ficavam à sua espera no pátio. Garotos que podiam farejar a fraqueza e usavam sua superioridade sem dó. Gösta já tinha visto por si mesmo o que acontecia a quem ousava contradizer Ernst, e arrependeu-se de suas palavras. Ele murmurou uma resposta.

“Ah, eu não quis dizer nada. Só estou com pena dos pais dela. Ela só tem dezessete.”

“De qualquer modo, eles não querem a nossa ajuda. Por algum motivo, Mellberg começou a puxar o saco daquele merda do Hedström, e eu não vou ficar por aí me acabando por nada.” O tom dele era tão alto e raivoso que as jovens se viraram para olhá-los.

Gösta não ousou pedir a Ernst para que se acalmasse, mas baixou o tom da própria voz, na esperança de que o colega seguisse seu exemplo. Ele não ia dizer de quem era a culpa por Ernst não tomar parte na investigação. Por conveniência, o próprio Ernst se calara quanto a sua omissão em registrar o desaparecimento de Tanja.

“Acho que Hedström está fazendo um ótimo trabalho. Molin também está trabalhando duro. E, para ser honesto, não acho que eu tenha contribuído tanto quanto poderia”, disse Gösta.

Ernst olhou-o como se não pudesse crer em seus ouvidos.

“Que diabos você está dizendo, Flygare? Você está dizendo que dois molecotes que não

têm uma fração de nossa experiência combinada podem fazer um trabalho melhor do que nós? É o que você está querendo dizer, seu imbecil?”

Se Gösta tivesse pensado antes de abrir a boca, teria previsto o efeito que seu comentário faria no ego ferido de Ernst. Agora, ele precisava recuar o mais rápido que pudesse.

“Não, não foi bem isso que eu disse. Eu só disse que... não, claro que eles não têm a experiência que temos. E até agora eles não tiveram nenhum resultado, então...”

“Não, claro que não tiveram”, concordou Ernst, um pouco mais calmo. “Eles não conseguiram mostrar nenhuma merda de resultado até agora.”

Gösta respirou aliviado. Seu desejo de demonstrar um pouco de caráter desapareceu depressa.

“E então, Flygare? Vamos tomar mais um café com bolinhos?”

Gösta apenas fez que sim com a cabeça. Ele vivera tanto tempo pela lei do mínimo esforço que agora essa era a única coisa natural para ele.

Martin olhou em volta com interesse quando chegaram à cabana. Ele nunca visitara Solveig e seus filhos e contemplou fascinado todo o caos.

“Como é que alguém pode viver assim?”

Eles saíram do carro e Patrik abriu os braços.

“Está além do meu entendimento. Meus dedos ficam coçando para arrumar essa bagunça. Acho que alguns desses carros quebrados já estavam aqui no tempo de Johannes.”

Ouviram passos arrastados quando bateram à porta. Solveig devia ter estado sentada em seu lugar habitual, à mesa da cozinha, e não tinha pressa em vir atender.

“Que foi agora? Gente honesta não pode ter sossego?”

Martin e Patrik trocaram um olhar. A ficha corrida dos filhos contradizia a afirmação dela.

“Gostaríamos de falar com você. E com Johann e Robert, se estiverem em casa.”

“Eles estão dormindo.”

De mau humor, Solveig ficou de lado e deixou-os entrar. Martin não pôde esconder a expressão de nojo, e Patrik cutucou-o com o cotovelo, advertindo-o. De imediato, Martin fez sua melhor cara de indiferença e seguiu Patrik e Solveig até a cozinha. Ela deixou-os ali enquanto ia acordar os filhos, que, como ela dissera, estavam dormindo no quarto que dividiam.

“Levantem, meninos, a polícia está bisbilhotando por aqui de novo. Vamos logo, assim nos livramos rápido desses caras.”

Ela parecia não se importar que Patrik e Martin podiam ouvi-la. Ela veio bamboleando de volta para a cozinha e sentou-se calmamente em seu lugar.

Zonzos de sono, Johann e Robert apareceram vestidos apenas de cuecas.

“Esses caras gostam de passear por aqui, não é? Para mim, está começando a parecer assédio”, disse Robert. Ele se mostrava frio como sempre.

Johann olhou para eles por baixo da franja que lhe caía sobre os olhos. Pegou um maço de cigarros em cima da mesa, acendeu um e começou a brincar com o cinzeiro, nervoso, até que Robert lhe pediu para que parasse.

Martin perguntou-se como o colega lidaria com esse assunto delicado. Ele ainda estava convencido de que Patrik estava lutando contra moinhos de vento.

“Temos algumas perguntas referentes à morte de seu marido.”

Solveig e os filhos olharam-no espantados.

“A morte de Johannes? Por quê? Ele se enforcou, e não há mais nada a dizer. Exceto que foi gente como você que o levou a isso!”

Irritado, Robert mandou que a mãe se calasse. Olhou furioso para Patrik.

“Afinal, o que você está procurando? Minha mãe está certa. Ele se enforcou, e isso é tudo.”

“Nós apenas queremos esclarecer tudo. Foi você quem o encontrou?”

“Sim...”, assentiu Robert com a cabeça, “e vou ter que conviver com aquela imagem pelo resto de minha vida.”

“Pode nos dizer exatamente o que aconteceu naquele dia?”

“Não vejo muito bem para quê”, disse Robert, ácido.

“Ainda assim, eu agradeceria se nos contasse”, adulou-o Patrik, e depois de um instante viu o jovem encolher os ombros, indiferente.

“Bom, se está interessado, então...” Assim como o irmão, ele também acendeu um cigarro. A fumaça agora pairava espessa sobre um canto da cozinha.

“Cheguei da escola e fui para o quintal, brincar um pouco. Vi que a porta do celeiro estava aberta e fiquei curioso. Fui até lá ver. Estava escuro lá dentro, como sempre. A única luz era a que entrava entre as tábuas.” Robert parecia estar perdido em seu mundo próprio. Ele continuou: “Algo não estava certo.” Fez uma pausa. “Não sei bem o quê, mas havia algo diferente.”

Johann observava o irmão, fascinado. Martin teve a impressão de que era a primeira vez em que ele ouvia os detalhes do dia em que seu pai se enforcou.

“Fui ainda mais para dentro”, continuou Robert, “fazendo de conta que estava tocaiando os índios. Sempre em silêncio, comecei a subir para a parte de cima, e já tinha subido alguns degraus quando vi que havia algo no chão. Subi até lá. Quando vi que era papai, fiquei feliz. Achei que ele estava brincando comigo. Pensei que estava esperando que eu fosse até ele, e que então fosse se erguer de repente e começar a me fazer cócegas ou algo assim.” Robert

engoliu com dificuldade. “Mas ele não se mexeu. Eu o cutuquei com o pé, mas ele estava totalmente imóvel. Então vi que havia uma corda em torno de seu pescoço. Quando olhei para cima, vi que também havia um pedaço de corda pendendo de uma trave.”

A mão com que segurava o cigarro tremia. Martin lançou um olhar a Patrik para ver como ele reagira à história. Para ele, estava claro que Robert não tinha inventado nada. Para Martin, a dor de Robert era tão palpável que parecia a ele que poderia estender a mão e tocá-la. Ele viu que o colega pensava da mesma forma. Deprimido, Patrik prosseguiu:

“E, então, o que fez?”

Robert soprou um anel de fumaça e ficou olhando enquanto ele se dissolvia e sumia no ar.

“Fui chamar mamãe, claro. Ela foi até o celeiro e começou a gritar tão alto que achei que ia arrebentar meus tímpanos. Ela então ligou para o vovô.”

Patrik ficou surpreso.

“Não para a polícia?”

Solveig arranhou a toalha da mesa, nervosa, e disse:

“Não, chamei Ephraim. Foi a primeira coisa que me ocorreu.”

“Então a polícia não chegou a vir aqui?”

“Não, Ephraim cuidou de tudo. Ele ligou para o doutor Hammarström, que era o médico do distrito naquela época, e ele veio e examinou Johannes. Então, o doutor escreveu uma daquelas declarações sobre a causa da morte, ou sei lá como se chama, e chamou um agente funerário, que veio e o levou embora.”

“Mas nada de polícia?”, insistiu Patrik.

“Não, eu já disse. Ephraim cuidou de tudo. O doutor Hammarström com certeza falou com a polícia, mas eles nunca vieram aqui. E por que viriam? Foi suicídio!”

Patrik preferiu não explicar que a polícia sempre deve ser chamada em caso de suicídio. Estava óbvio que Ephraim Hult e esse doutor Hammarström haviam decidido por conta própria não comunicar à polícia antes de remover o corpo do local. A questão era: por quê? De qualquer forma, estava claro que eles não iriam muito adiante naquele momento. Mas Martin teve uma ideia.

“Vocês não viram uma jovem por aqui? Vinte e cinco anos, cabelo castanho, estatura média.”

Robert riu. A natureza grave de sua história não deixara traço algum em sua voz.

“Considerando a quantidade de garotas que passam por aqui, você vai ter que ser um pouco mais específico.”

Johann olhava-os com atenção e disse a Robert:

“Você viu a foto dela. É a que está na primeira página dos jornais. A turista alemã que acharam junto com as outras garotas.”

Solveig reagiu de forma explosiva.

“De que diabos você está falando? Por que ela estaria por aqui? Vai nos arrastar de novo pela lama? Primeiro, vocês acusam Johannes de raptar garotas e, agora, vêm aqui e fazem perguntas incriminadoras. Saiam daqui! Não quero vê-los aqui de novo! Vão para o inferno!”

Ela se pôs em pé e expulsou-os apenas com o tamanho de seu corpo enorme. Robert riu, mas Johann parecia pensativo.

Quando Solveig retornou, fungando depois de bater a porta às costas de Martin e Patrik, Johann voltou para o quarto sem dizer uma palavra. Puxou as cobertas sobre a cabeça e fingiu dormir. Havia algo em que precisava pensar.

Anna sentia-se infeliz, sentada no luxuoso veleiro. Sem hesitar, Gustav concordara em zarpar de imediato, e deixou-a em paz na proa, onde ela agora envolvia os joelhos com os braços. Com ar magnânimo, ele havia aceitado as desculpas de Anna e prometeu levar ela e as crianças até Strömstad. Lá poderiam tomar um trem de volta para casa.

Toda a vida dela fora um maldito caos. A injustiça das palavras de Erica fez seus olhos arderem com lágrimas de fúria, mas a raiva estava mesclada com o pesar por terminarem sempre em rota de colisão. Tudo era sempre tão complicado com Erica. Ela nunca estava satisfeita em ser a irmã mais velha, oferecendo conselhos e palavras de incentivo. Em vez disso, assumira o papel de mãe, sem entender que isso só aumentava o vácuo deixado pelo amparo materno que deveriam ter tido.

Diferentemente de Erica, Anna nunca culpava Elsy pela indiferença que demonstrara com as filhas. Ou pelo menos Anna acreditava que a irmã aceitara aquilo como um dos duros fatos de sua vida. Mas, quando os pais morreram de repente, Anna percebeu que ela sempre esperara que Elsy se suavizasse com o passar do tempo e assumisse o papel de mãe. Isso teria dado a Erica o espaço para ser apenas a irmã. Porém, quando a mãe morreu, as duas irmãs se viram presas em papéis que nenhuma das duas sabia como abandonar. Períodos de trégua silenciosa eram inevitavelmente substituídos pela guerra aberta, e, cada vez que isso acontecia, uma parte da alma de Anna lhe era arrancada do corpo. Ao mesmo tempo, Erica e as crianças eram tudo o que ela tinha agora. Mesmo que Anna não quisesse admitir para Erica, ela via Gustav como ele era – um garotinho superficial e mimado. Mas, ainda assim, ela não podia resistir à tentação; fazia bem à sua autoestima ser vista com um homem como Gustav. De braço dado com ele, ela se tornava visível. As pessoas sussurravam e se perguntavam quem seria ela. As mulheres olhavam com aprovação para as lindas roupas de grife com as quais ele a cobria. Mesmo enquanto navegavam, todos se voltavam e apontavam para o magnífico veleiro, e ela sentia um orgulho tolo, enquanto ficava ali como uma figura

de proa.

Mas em outros momentos ela se envergonhava de notar que eram seus filhos que tinham que pagar o preço de sua necessidade de reafirmação. Eles já haviam aguentado muita coisa durante os anos com o pai, e Anna não podia, em sã consciência, alegar que Gustav era um substituto decente para um pai. Ele era rígido e impaciente com crianças, e ela ficava relutante em deixá-las sozinhas com ele.

Às vezes, sentia tanta inveja de Erica que achava que iria vomitar. Enquanto Anna estava no meio de uma guerra ferrenha com Lucas pela custódia, com dificuldades financeiras e envolvida no que era (para ser bem franca) uma relação vazia, Erica seguia adiante como uma madona grávida. O homem que Erica escolhera para ser o pai de seu filho era exatamente o tipo de homem que a própria Anna precisava para ser feliz. Mas ela continuava indo atrás dos caras errados, num comportamento puramente autodestrutivo. Erica vivia agora uma vida livre de preocupações financeiras, e gozando até de certo *status* de celebridade. E isso fazia com que os pequeninos demônios da inveja fraterna reaparecessem. Anna não queria ser mesquinha, mas era difícil resistir à tentação de sentir-se amarga quando sua própria vida estava pintada apenas com tons opacos de cinza.

Os gritos agitados das crianças, seguidos pelas exclamações frustradas de Gustav, arrancaram-na de sua autopiedade, trazendo-a de volta à realidade. Ela ajeitou o casaco e dirigiu-se cautelosamente em direção à popa. Depois de conseguir acalmar as crianças, ela se forçou a sorrir para Gustav. Mesmo quando suas cartas são ruins, você deve jogar com o que tem.

Como tantas vezes antes, Laine vagou pela casa enorme. Gabriel estava fora, em mais uma de suas viagens de negócios, e ela estava sozinha. O encontro com Solveig deixara um gosto horrível em sua boca, e de novo ela sentiu uma total falta de esperança quanto àquela situação. Ela nunca seria livre. O mundo nauseante e distorcido de Solveig grudava-se nela como um cheiro ruim.

Laine parou diante da escada que levava para o andar de cima da ala esquerda da mansão. O andar de Ephraim. Ela não subira até lá desde a morte dele, e antes disso tampouco havia subido muitas vezes. Sempre foi o domínio de Jacob e, às vezes, também de Gabriel. Ephraim vivera lá e recebia em audiência apenas os homens, como um senhor feudal. Para ele, as mulheres eram meras sombras, com a incumbência de agradar e cuidar das instalações no térreo.

Ela subiu a escada com hesitação. Parou em frente à porta e, resoluta, abriu-a. O apartamento estava do mesmo jeito que se lembrava. Um ar masculino ainda pairava nos cômodos silenciosos. Foi ali que seu filho passou tantas horas da infância. Ela sentira tanto

ciúme. Em comparação com o avô Ephraim, tanto ela quanto Gabriel deixavam a desejar. Para Jacob, eles pareciam comuns, tristes e entediados, enquanto Ephraim tinha *status* quase de divindade. Quando ele morreu tão subitamente, a primeira reação de Jacob foi de choque. Como Ephraim podia desaparecer tão de repente assim? Presente num dia, ausente no outro. Ele parecia uma fortaleza inexpugnável, um fato inescapável.

Laine tinha vergonha de admitir, mas, quando ouviu que Ephraim estava morto, a primeira coisa que sentiu foi alívio. E também uma alegria triunfante em saber que nem ele podia controlar as leis da natureza. Às vezes, até mesmo ela duvidara da mortalidade dele. Ele parecia tão seguro de que podia manipular e influenciar até Deus.

A poltrona de Ephraim estava ao lado da janela, com vista para o bosque lá fora. Assim como Jacob, ela não pôde resistir à tentação de sentar-se e, por um instante, pensou ter sentido o espírito dele no quarto. Seus dedos roçaram, pensativos, as costuras do estofamento.

A história da habilidade de cura de Johannes e Gabriel afetara Jacob. Ela não gostava daquilo. Às vezes, ele voltava lá para baixo com uma expressão de transe na face. Isso sempre a assustava. Então, ela abraçava o filho com força, pressionando o rosto dele contra seu corpo até que ele relaxasse. Quando ela o soltava, tudo voltava ao normal. Até a vez seguinte.

Mas agora fazia muito tempo que o velho estava morto e enterrado. Graças a Deus.

“Você acha que sua teoria pode fazer algum sentido? Johannes pode não estar morto?”

“Não sei, Martin”, respondeu Patrik enquanto dirigia. “Mas no momento estou disposto a me agarrar a qualquer possibilidade. Você tem que admitir que é meio esquisito que não tenham deixado que a polícia visse o corpo no local do suicídio.”

“Eu sei, mas isso supõe que tanto o médico quanto o agente funerário estavam envolvidos”, disse Martin.

“Não é tão absurdo quanto parece. Não se esqueça de que Ephraim era muito rico. O dinheiro já comprou serviços bem maiores. E não me surpreenderia se eles se conhecessem muito bem. Todos eram homens proeminentes na comunidade, com certeza, pertencentes a associações, o Lions, a câmara de comércio, coisas assim.”

“Mas ajudar um suspeito de assassinato a fugir?”

“Suspeito de assassinato, não. Suspeito de rapto. Pelo que sei, Ephraim Hult era um homem com grande poder de persuasão. Talvez ele os tenha convencido de que Johannes era inocente, mas que a polícia estava decidida a prendê-lo, e esse era o único meio de salvá-lo.”

“Mas, ainda assim, Johannes deixaria a família desamparada desse jeito? Com dois filhos

pequenos?”

“Não se esqueça de como Johannes foi descrito. Um jogador, um homem que sempre seguia pelo caminho mais fácil. Alguém que não levava a sério regras e compromissos. Se havia alguém que estaria pronto para salvar a pele à custa da família, seria Johannes. O cenário é perfeito.”

Martin ainda estava cético.

“Então, se é assim, por onde ele tem andado todos estes anos?”

Patrik olhou com cuidado para os dois lados antes de entrar à esquerda na direção de Tanumshede.

“Talvez no exterior. Com um monte de dinheiro do papai no bolso.” Ele olhou para Martin. “Você não parece muito convencido do brilhantismo da minha teoria.”

Martin riu.

“Não, pode ter certeza. Acho que é totalmente descabida, mas, por outro lado, nada tem sido muito lógico em todo esse caso, então, por que não?”

Patrik ficou sério.

“Eu só fico vendo Jenny Möller na minha mente. Aprisionada em algum lugar, por alguém que a está torturando. É por causa dela que fico tentando ver novos ângulos. Não podemos ser convencionais como costumamos ser. Não há tempo suficiente para isso. Temos de levar em consideração até o que é muito improvável. Talvez essa seja só uma ideia doida de minha parte, mas ainda não achei nada que me convença do contrário. Pelo bem da jovem Möller, preciso investigar todas as possibilidades, mesmo que, no final, me chamem de idiota.”

Martin agora compreendia bem melhor o raciocínio de Patrik. Ele estava até inclinado a admitir que o colega podia estar certo.

“Mas como vai conseguir um pedido de exumação com argumento tão frágil e em tão pouco tempo?”

A expressão no rosto de Patrik era sombria quando respondeu:

“Com teimosia, Martin, com pura teimosia.”

Foram interrompidos pelo celular de Patrik. Ele atendeu, respondendo com palavras curtas, enquanto Martin olhava nervoso, tentando descobrir sobre o que falava. Depois de um minuto, ele desligou.

“Quem era?”

“Annika. O laboratório ligou para dar um retorno sobre a amostra de DNA que tiramos de Mårten Frisk.”

“E?” Ele torcia sinceramente para que ele e Patrik estivessem errados, e que o assassino de Tanja estivesse agora na prisão.

“As amostras não combinam. O esperma encontrado em Tanja não veio de Mårten Frisk.”

Martin não percebera que havia prendido a respiração até soltar o ar devagar, numa única e longa expiração.

“Droga. Mas, de qualquer forma, não foi uma grande surpresa, foi?”

“Não, mas ainda tínhamos esperança.”

Ficaram num silêncio pesado por algum tempo. Então Patrik deu um suspiro profundo, como se reunisse forças para a tarefa que se avolumava à sua frente, tão imensa como o Monte Everest.

“Não, o que temos a fazer agora é conseguir autorização para uma exumação em tempo recorde.”

Patrik pegou o celular e entrou em ação. Teria que ser mais persuasivo do que jamais fora em sua vida profissional. E nem ele estava convencido de que conseguiria fazê-lo.

O humor de Erica estava rapidamente chegando ao fundo do poço. A inatividade forçada a fazia andar pela casa, mexendo em uma coisinha aqui, outra ali. A lembrança da discussão que tivera com a irmã ficava incomodando no fundo de sua mente como uma ressaca, arrastando seu humor ainda mais para baixo. Ela também sentia um pouco de pena de si mesma. Na verdade, ficara meio aliviada quando Patrik voltou a trabalhar, mas não contava com o fato de que ele se envolveria tanto com o caso. Mesmo quando estava em casa, ela via que a mente dele ainda estava ocupada com o homicídio. Ela reconhecia a seriedade do que ele estava fazendo, e compreendia, mas havia uma vozinha lamurienta dentro dela com o desejo egoísta de que ele lhe desse mais de sua atenção.

Ela ligou para Dan. Talvez ele estivesse em casa e pudesse ir tomar uma xícara de café. A filha mais velha atendeu e disse que o pai saíra de barco com Maria. Típico. Todos estavam ocupados com suas próprias vidas enquanto ela ficava ali sentada com seu barrigão, contando moscas.

Quando o telefone tocou, ela se jogou sobre ele tão ansiosa que quase o derrubou do banco.

“Alô, Erica Falck.”

“Por favor, estou procurando Patrik Hedström.”

“Ele está no trabalho. Posso ajudá-lo em algo, ou quer o número do celular dele?”

O homem do outro lado hesitou.

“Bem, é o seguinte. Consegui esse número por intermédio da mãe dele. Nossas famílias se conhecem há muito tempo, e da última vez em que falei com Kristina ela disse que eu poderia ligar para Patrik, caso nossos caminhos se cruzassem. Minha esposa e eu acabamos de chegar a Fjällbacka, e...”

Erica teve uma ideia brilhante. Era a solução para seu tédio.

“Gostariam de vir até aqui? Patrik vai chegar às cinco, e vocês podem fazer-lhe uma surpresa. E teremos tempo para nos conhecer. Vocês foram amigos de infância, não?”

“Sim, seria fantástico. Passávamos muito tempo juntos quando éramos pequenos. Não nos vimos muito depois de adultos, mas de vez em quando conseguimos nos encontrar. O tempo voa.” Ele deu uma risadinha.

“Bem, então temos realmente de remediar essa situação. Quando podem vir?”

Ele falou algo com alguém, fora do fone, e logo voltou à linha.

“Não temos nada especial planejado, e podemos ir agora mesmo, se estiver bom para você.”

“Ótimo!”

Erica sentiu seu entusiasmo voltar, com a perspectiva de uma quebra da rotina. Ela lhes deu indicações de como chegar e correu para fazer café. Quando a campainha soou, ela percebeu que se esquecera de perguntar o nome deles. Bem, podiam começar se apresentando...

Três horas mais tarde, Erica estava à beira das lágrimas de tanto tédio. Ela piscou os olhos e reuniu as últimas forças, na tentativa de parecer interessada.

“Um dos aspectos mais interessantes de meu trabalho é seguir o fluxo dos CDR. Como já expliquei, CDR significa Call Data Record, ou Registro Detalhado de Chamada, que são os valores que contêm a informação sobre quanto tempo alguém fala ao telefone, para qual número está ligando, entre outras. Quando compilamos todos os CDRs, temos uma fonte fantástica de informação sobre os padrões de comportamento de nossos clientes...”

Parecia que fazia uma eternidade que ele estava falando. Esse cara nunca calava a boca? Jörgen Berntsson era tão chato que fazia os olhos de Erica lacrimejarem, e a esposa não ficava muito atrás. Não que ela emitisse o mesmo tipo de explanação interminável e totalmente sem interesse, mas por não ter dito nada além de seu nome.

Quando Erica ouviu os passos de Patrik na varanda da frente, saltou do sofá, agradecida, e foi encontrá-lo.

“Temos visitas”, sussurrou ela.

“Quem?”, sussurrou ele de volta.

“Um dos seus amigos de infância. Jörgen Berntsson. E a esposa.”

“Ah, não. Me diga que está brincando”, gemeu ele.

“Desculpe, não estou.”

“Como diabos ele chegou até aqui?”

“Eu os convidei.” Erica baixou os olhos, cheia de culpa. “Como uma surpresa para você.”

“Você fez *o quê?*” A voz saiu um pouco mais alta do que ele pretendia, e depois ele sussurrou: “Por que você o convidou?”

Erica ergueu as mãos.

“Eu estava tão entediada, e ele disse que era um velho amigo, e então eu achei que você iria gostar.”

“Você faz ideia de quantas vezes ele foi empurrado para cima de mim quando éramos crianças? E ele não era nem um pouco mais divertido naquela época.”

Eles perceberam que haviam ficado no hall por um tempo suspeitosamente longo. Ambos respiraram fundo para reunir coragem.

“Ora, olá! Que surpresa!”

Erica ficou impressionada com a representação de Patrik. Ela apenas deu um sorriso amarelo quando se sentaram ao lado de Jörgen e Madeleine. Uma hora mais tarde, ela estava pronta para cometer haraquiri. Patrik ainda tinha algumas horas pela frente e conseguia continuar parecendo interessado.

“Então, vocês estão de passagem.”

“Sim, decidimos viajar ao longo da costa. Paramos para visitar uma antiga colega de classe de Made em Smögen, e um cara em Lysekil com quem uma vez fiz um curso. O melhor de dois mundos. Sair de férias e retomar velhas amizades ao mesmo tempo.”

Jörgen espanou uma poeira imaginária de sua calça e trocou um olhar com a esposa antes de voltar a atenção de novo para Patrik e Erica. Na verdade, ele nem teve que abrir a boca. Eles sabiam o que estava por vir.

“Bom, agora que já vimos que linda casa vocês têm aqui... e tão espaçosa também...” Ele avaliou a sala com um único olhar. “Pensamos em perguntar se seria possível passarmos uma noite ou duas aqui.” Os hotéis estão lotados.

Jörgen e Madeleine olharam para Patrik e Erika cheios de expectativa. Erica não precisava ser telepata para sentir os pensamentos de vingança que Patrik lhe enviava. Mas a hospitalidade era como uma lei natural para ambos. Não havia como escapar.

“Claro que podem passar a noite, se quiserem. Temos um quarto de hóspedes que podem usar.”

“Ótimo! Meu Deus, vai ser divertido. Onde eu estava, mesmo? Ah sim, quando tivermos reunido material de CDR suficiente para análises estatísticas, então...”

A noite desapareceu como num nevoeiro. Mas eles aprenderam mais do que jamais teriam esperança de esquecer sobre a tecnologia por trás das telecomunicações.

O telefone tocou do outro lado. Sem resposta. O correio de voz atendeu. “*Oi, aqui é Linda. Deixe uma mensagem depois do bip, e ligarei de volta assim que puder.*”

Aborrecido, Johann bateu o telefone. Já tinha deixado quatro mensagens, e ela não retornara. Hesitante, ele ligou para o telefone de Västergården, torcendo para que Jacob estivesse no trabalho. Deu sorte. Marita atendeu.

“Por favor, Linda está?”

“Sim, ela está no quarto dela. Quem quer falar?”

Ele hesitou de novo. Mas provavelmente Marita não reconheceria sua voz, mesmo que lhe dissesse seu nome.

“Diga que é Johann.”

Ele a ouviu deixar o fone e subir as escadas. Em sua mente, ele visualizou o interior da casa principal em Västergården, muito mais claro em suas lembranças agora, depois de tê-lo visto pela primeira vez em tantos anos.

Dali a pouco, Marita voltou. Agora sua voz soava desconfiada.

“Ela disse que não quer falar com você. Posso perguntar Johann de quê?”

“Obrigado por sua ajuda, mas tenho que ir.” Ele se apressou a desligar.

Emoções conflitantes o invadiram. Ele nunca amara alguém do modo como amava Linda. Se fechasse os olhos, podia ainda imaginar o toque de sua pele nua. Ao mesmo tempo, ele a odiava. A reação em cadeia fora desencadeada quando eles se encontraram, como dois combatentes, em Västergården. O sentimento de ódio e o desejo de feri-la tinham sido tão fortes que ele quase não pôde controlar-se. Como podiam dois sentimentos tão diferentes existir lado a lado?

Talvez ele tivesse sido estúpido em crer que tinham algo bom juntos. Que aquilo era mais que uma brincadeira para ela. Sentado ao lado do telefone, ele se sentia um idiota, e aquela sensação alimentava ainda mais a fúria que queimava dentro dele. Mas havia algo que ele podia fazer para forçá-la a partilhar sua humilhação. Ela iria se arrepender de ter achado que podia fazer dele o que quisesse.

Ele ia contar o que tinha visto.

Patrik nunca pensou que algum dia encararia uma exumação como uma distração bem-vinda. Mas depois da longa e dolorosa noite com Jörgen e Madeleine, até aquilo parecia uma atividade agradável.

Mellberg, Martin e Patrik estavam em silêncio no cemitério atrás da igreja, em Fjällbacka, observando a cena macabra que se desenrolava a sua frente. Eram sete da manhã, e a temperatura estava agradável, apesar de o sol já estar brilhando havia horas. Poucos carros passavam na rua, e, exceto pelo canto dos pássaros, o único som era o das pás entrando na terra.

Era uma experiência inédita para os três. Uma exumação era ocasião rara na rotina diária

de um policial, e nenhum deles tinha muita ideia de como se realizava do ponto de vista prático. Será que usavam uma pequena retroescavadeira para ir removendo as camadas de terra, até chegarem ao caixão? Ou uma equipe de coveiros profissionais realizava manualmente a terrível tarefa? A segunda opção estava mais próxima da realidade. Os mesmos homens que cavavam as sepulturas para os funerais estavam agora tentando retirar alguém que já fora enterrado. Compenetrados, eles enfiavam as pás na terra, sem uma palavra. Que havia para dizer? Comentar o jogo de ontem na TV? Falar sobre o churrasco da semana passada? Não, a solenidade do momento lançava um manto pesado de silêncio sobre o trabalho deles, que permaneceria até que o caixão pudesse por fim ser erguido de onde estava.

“Tem certeza de que sabe o que está fazendo, Hedström?”

Mellberg parecia preocupado, e Patrik compartilhava a apreensão. Ele usara todo o seu poder de persuasão no dia anterior, pedindo, ameaçando e implorando, para conseguir que as engrenagens da Justiça girassem mais rápido que nunca, para que obtivessem permissão para abrir o túmulo de Johannes Hult. Mas a suspeita ainda era apenas um palpite e nada mais.

Patrik não era uma pessoa religiosa, mas a ideia de perturbar a paz do túmulo incomodava-o do mesmo jeito. Havia algo sagrado na calma do cemitério, e ele torcia para que descobrissem que o morto fora perturbado por uma boa razão.

“Stig Thulin me telefonou ontem da prefeitura, e não estava feliz, eu lhe garanto. Parece que uma das pessoas para quem você ligou e ficou incomodando ontem foi procurá-lo e disse a ele que você estava delirando sobre uma conspiração entre Ephraim Hult e dois dos homens mais respeitados de Fjällbacka. Você havia mencionado subornos e sabe lá Deus o que mais. Ele estava aborrecido. Ephraim pode estar morto, mas o doutor Hammarström está bem vivo, assim como o agente funerário daquela época. Se vier à tona que estamos espalhando acusações infundadas, então...”

Mellberg ergueu os braços. Não precisava terminar a sentença. Patrik sabia quais seriam as consequências. Primeiro, ele receberia a maior descompostura de sua vida, depois, iria tornar-se motivo de chacota para sempre na delegacia.

Mellberg pareceu ler sua mente.

“Por isso é melhor que esteja certo.”

Ele apontou com um dedo grosso para o túmulo de Johannes, e, impaciente, trocou o pé de apoio. O monte de terra crescera para mais de um metro de altura, e o suor brilhava na testa dos coveiros. Agora, não iria demorar muito mais.

O bom humor de Mellberg arrefecera um pouco aquela manhã. E parecia que não era só por ser tão cedo ou por causa da tarefa desagradável. Havia algo mais. O mau humor que

antes fora parte integrante de sua personalidade voltara depois de algumas semanas notáveis de temperamento diferente. Por enquanto, a rabugice ainda não alcançara força total, mas estava no caminho. Ele não fizera nada senão reclamar, praguejar e resmungar durante todo o tempo que estavam esperando. De algum modo, isso parecia mais confortável do que o breve período de afabilidade. Ou, pelo menos, mais familiar. Mellberg afastou-se deles, ainda xingando, e foi adular a equipe que acabava de chegar de Uddevalla para ajudar.

“O que quer que tenha sido, parece que acabou”, murmurou Martin, de canto de boca.

“O que você acha que era?”, perguntou Patrik.

“Insanidade temporária?”

“Annika ouviu um boato engraçado ontem.”

“O quê? Me conta.”

“Ela saiu cedo do trabalho ontem...”, começou Patrik.

“Até aí, nada de revolucionário.”

“Bom, você provavelmente tem razão. Mas Annika o ouviu ligando para o aeroporto de Arlanda, em Estocolmo. E ele parecia estar com uma pressa tremenda.”

“Arlanda? Será que ele precisava ir buscar alguém lá? Ele está aqui, então, não foi ele quem viajou de avião.”

Martin parecia tão atônito quanto Patrik se sentia. E curioso.

“Sei tanto quanto você sobre o que ele estaria fazendo lá. Mas a coisa vai se complicando...”

Um dos coveiros acenou para eles. Eles se aproximaram cautelosos da grande pilha de terra e olharam para dentro do buraco. Um caixão marrom havia sido exposto.

“Eis aí o garotão. Trazemos para cima?”

Patrik assentiu com a cabeça.

“Só tenham cuidado. Vou avisar o pessoal, e eles assumirão assim que vocês tiverem erguido o caixão.”

Ele foi até os três peritos de Uddevalla. Pareciam sérios enquanto falavam com Mellberg. Um carro fúnebre da funerária viera pelo caminho de cascalho e esperava com a porta traseira aberta, pronto para transportar o caixão, com ou sem corpo.

“Estão quase prontos. Vamos abrir o caixão aqui ou vocês o farão em Uddevalla?”

O chefe da equipe, Torbjörn Ruud, não respondeu a Patrik, mas em vez disso instruiu a única mulher do grupo a ir até lá e tirar algumas fotos. Só depois disso ele se voltou para Patrik.

“Provavelmente, vamos abrir a tampa aqui. Se você estiver certo e não houver corpo no caixão, então nossa participação se encerra. Se ocorrer o cenário mais provável, e existir um corpo, então o levaremos a Uddevalla para identificação. Bom, suponho que é isso que você

quer que seja feito, certo?” O bigode de morsa ondulava para cima e para baixo enquanto ele lançava a Patrik um olhar inquisitivo.

Patrik fez que sim com a cabeça.

“Sim, se houver um corpo no caixão, eu gostaria muito que fosse confirmado com cem por cento de certeza de que é Johannes Hult.”

“Nós podemos fazer isso. Já pedi ontem seus registros dentários, e você não terá que esperar muito. Sei que é urgente, afinal de contas...”

Ruud baixou os olhos. Ele tinha uma filha de dezessete anos, e não precisava que lhe explicassem o porquê da pressa. Era suficiente imaginar por uma fração de segundo o horror que os pais de Jenny Möller deviam estar sentindo.

Em silêncio, eles observaram o caixão aproximando-se devagar da borda da cova. Por fim, viram a tampa aparecer, e as mãos de Patrik começaram a formigar de nervoso. Logo saberiam. Pelo canto do olho, ele viu algo movendo-se nos limites do cemitério. Virou-se para olhar. Maldição! Pelo portão que dava para o quartel dos bombeiros, ele viu Solveig vindo a todo vapor. Era-lhe impossível correr, e ela vinha oscilando como um navio em mares revoltos, com os olhos fixos na cova onde o caixão agora estava totalmente visível.

“Que diabos acham que estão fazendo, seus veados de merda?”

Os peritos de Uddevalla, que nunca haviam encontrado Solveig Hult antes, estremeceram com sua linguagem grosseira. Patrik percebeu que devia ter previsto isso e providenciado alguma espécie de cordão de isolamento. Ele achara que o fato de ser tão cedo manteria todo mundo afastado da exumação. Mas Solveig Hult não era todo mundo, claro. Ele foi ao encontro dela.

“Solveig, você não devia estar aqui.”

Patrik segurou-a de leve pelo braço. Ela se soltou e passou ventando por ele.

“Você nunca desiste? Agora vai perturbar Johannes no túmulo? Está tentando destruir nossas vidas a qualquer preço?”

Antes que alguém pudesse reagir, Solveig chegou diante do caixão e atirou-se sobre ele. Ela uivava como uma matrona italiana num funeral, martelando a tampa com os punhos. Todos pareciam estar congelados. Ninguém sabia o que fazer. Então, Patrik viu dois vultos correndo, vindos da mesma direção de onde Solveig aparecera. Johann e Robert lançaram aos policiais um olhar raivoso enquanto corriam até a mãe.

“Não faça isso, mamãe. Vamos, vamos para casa.”

Ninguém se moveu. No cemitério, ouviam-se apenas a lamentação de Solveig e as vozes suplicantes de seus filhos. Johann virou-se.

“Ela esteve acordada a noite toda. Desde que você ligou e lhe disse que iria fazer isso. Tentamos impedi-la, mas ela escapou. Seus filhos da puta, isso nunca vai acabar?”

Suas palavras eram como o eco das palavras de sua mãe. Por um instante, todos sentiram uma culpa coletiva pelo trabalho sujo que tinham sido forçados a fazer, mas forçados era a palavra certa. Eles tinham de terminar o que haviam começado.

Torbjörn Ruud acenou com a cabeça para Patrik, e ambos foram ajudar Johann e Robert a afastar Solveig do caixão. Era como se as últimas forças dela tivessem se esgotado, e ela colapsou ao encontro do peito de Robert.

“Façam o que tiverem que fazer, mas depois nos deixem em paz”, disse Johann, sem olhar para eles.

Os filhos ampararam a mãe entre eles, levando-a em direção ao portão de saída do cemitério. Ninguém se mexeu até que eles sumissem de vista. Ninguém comentou o que havia acontecido.

O caixão estava ao lado da cova aberta, ainda guardando seus segredos.

“Pelo peso, parece que tem um corpo dentro?”, perguntou Patrik aos coveiros.

“Difícil dizer. O caixão em si é muito pesado. E, às vezes, a terra escorre para dentro por algum buraco. O único jeito de saber é abrindo.”

O momento já não podia ser adiado. A fotógrafa já tirara todas as fotos de que precisava. Ruud e seus colegas puseram suas luvas e entraram em ação.

Devagar, a tampa do caixão foi aberta. Todos prenderam a respiração.

Annika ligou às oito em ponto. Eles tiveram toda a tarde do dia anterior para vasculhar os arquivos e, a essa altura, já deviam ter achado algo. Ela estava certa.

“Que *timing* você tem. Acabamos de encontrar a pasta com a lista de cliente para o FZ-302. Mas lamento dizer que não tenho boas notícias. Ou talvez sejam boas notícias, no fim das contas. Tínhamos um só cliente na sua região. Rolf Persson, que aliás ainda é cliente, mas não com esse produto, é claro. Eis o endereço.”

Annika anotou num post-it a informação que o homem lhe dera. Na verdade, era decepcionante não ter mais nomes. Parecia que faltava informação, com apenas um nome para checar, mas o gerente de vendas podia ter razão. Talvez fosse uma boa notícia. Um único nome era realmente tudo de que precisavam.

“Gösta?” Ela rolou com a cadeira de rodinhas até a porta e colocou a cabeça para fora, no corredor, para chamá-lo. Sem resposta. Ela chamou de novo, mais alto, dessa vez, e ficou aliviada ao ver Gösta também colocar a cabeça no corredor.

“Tenho um trabalho para você. Temos o nome de um fazendeiro nesta área que usava o fertilizante que foi achado nos corpos das garotas.”

“Não seria melhor perguntar para Patrik antes?”

Gösta estava relutante em mover-se. Ainda estava meio sonolento, e passara os últimos

quinze minutos diante do teclado, bocejando e esfregando os olhos.

“Patrik, Mellberg e Martin estão na exumação. Não podemos incomodá-los agora. Você sabe por que temos pressa. Não podemos seguir o manual desta vez, Gösta.”

Mesmo em circunstâncias normais era difícil dizer não a Annika quando ela insistia, e naquele momento Gösta estava inclinado a concordar com o fato de que as razões dela para pedir-lhe ajuda eram particularmente urgentes. Ele suspirou.

“Não vá sozinho”, disse Annika. “Não se esqueça de que não estamos investigando um safado qualquer fabricante de bebidas ilegais. Leve Ernst com você.” Depois, ela murmurou algo tão baixo que Gösta teve que esforçar-se para ouvir. “Temos que usar aquele bunda-mole para alguma coisa.” Aí ela falou de novo em tom normal. “E assegure-se de examinar o lugar com atenção. Se vir o menor sinal de qualquer coisa suspeita, finja que não viu nada, volte para cá e reporte-se a Patrik. Ele pode decidir o que fazer.”

“Eu não sabia que você tinha sido promovida de secretária a delegada, Annika. Aconteceu durante suas férias?”, murmurou Gösta, ácido. Mas ele não ousou dizê-lo alto o suficiente para que ela escutasse. Aquilo seria procurar encrenca, e ele não era tão doido assim.

Sentada atrás de seu guichê, Annika sorriu. Os óculos de leitura estavam acomodados bem na ponta do nariz, como sempre. Ela sabia exatamente que tipo de pensamentos rebeldes estavam ricocheteando entre as orelhas de Gösta, mas não ligava. Ela deixara de respeitar as opiniões dele fazia muito tempo. E esperava que ele pelo menos fizesse seu trabalho e não ferrasse com aquela missão. Gösta e Ernst podiam ser uma combinação perigosa, mas, naquele caso, ela podia citar Kajsa Warg, autora de um famoso livro de culinária sueca, “use o que tiver”.

Ernst não gostava de ser arrancado da cama. Saber que o chefe estava fora naquela manhã levava-o a planejar um sono extra antes que sua presença fosse exigida na delegacia. O som estridente da campainha perturbava seus planos de forma cabal.

“Que diabos é isso?”

Do lado de fora, estava Gösta, com o dedo apertando teimosamente a campainha.

“Temos trabalho.”

“Não pode esperar uma hora?”, disse Ernst, de mau humor.

“Não. Temos que ir falar com um fazendeiro que comprou o fertilizante que os peritos encontraram nos corpos.”

“Foi aquele merda do Hedström que deu a ordem? Foi ele que disse para eu ir junto? Achei que tivesse me banido dessa maldita investigação.”

Gösta debateu consigo mesmo se mentiria ou diria a verdade. Decidiu pelo último.

“Não, Hedström está em Fjällbacka, com Molin e Mellberg. Foi Annika quem pediu para irmos.”

“Annika?” Ernst soltou uma risada seca. “Desde quando você e eu recebemos ordem de uma droga de secretária? Não, vou voltar para a cama.”

Ainda rindo, começou a fechar a porta na cara de Gösta, mas um pé enfiado na abertura o impediu.

“Olha, eu acho mesmo que devemos ir ver isso.” Gösta interrompeu-se e usou o único argumento que sabia que Ernst ia escutar. “Imagine olhar na cara de Hedström se conseguirmos resolver o caso. Quem sabe esse maldito fazendeiro está com a garota lá. Não seria ótimo dar a notícia a Mellberg?”

O rosto de Ernst se iluminou, confirmando que o argumento acertara no alvo. Ele já podia ouvir os elogios do chefe.

“Ok, espere, que vou trocar de roupa. Encontro você no carro.”

Dez minutos depois, eles rodavam para Fjällbacka. A fazenda de Rolf Persson fazia limite, a norte, com a propriedade da família Hult, e Gösta não pôde deixar de imaginar se seria coincidência. Depois de pegar a entrada errada, acharam o caminho certo e estacionaram no pátio. Não havia sinal de vida à vista. Saíram do carro e olharam ao redor enquanto iam até a casa.

A fazenda parecia com qualquer outra na região. Havia um celeiro vermelho de madeira bem perto da casa, que era branca com detalhes azuis ao redor das janelas. A despeito das notícias da imprensa de que os subsídios da União Europeia caíam como um maná sobre os fazendeiros suecos, Gösta sabia que a realidade era mais sombria. Um ar indiscutível de decadência pairava por todo o lugar. Os proprietários pareciam estar dando o melhor de si para manter a fazenda, mas a tinta começava a descascar tanto na casa quanto no celeiro, e uma vaga sensação de desespero agarrava-se às paredes. Gösta e Ernst subiram os degraus até a varanda, onde a belíssima carpintaria revelava que a casa fora construída antes que os tempos modernos transformassem velocidade e eficiência em conceitos sagrados.

“Entrem.”

A voz trêmula de uma mulher de idade os chamou, e eles limparam os pés com cuidado no capacho diante da porta antes de entrar. O teto baixo forçou Ernst a baixar a cabeça, mas Gösta, que nunca pertencera à imponente tribo das pessoas altas, foi em frente sem ter que se preocupar.

“Bom dia, somos da polícia. Estamos procurando por Rolf Persson.”

A mulher, que preparava o café da manhã, limpou as mãos em um pano de prato.

“Só um momento, vou buscá-lo. Ele está tirando uma soneca no sofá, sabe? É o que acontece quando a gente fica velho.” Ela deu uma risadinha e desapareceu no interior da

casa.

Gösta e Ernst olharam ao redor, indecisos, e então se sentaram à mesa da cozinha. A cozinha lembrava a Gösta a casa de sua infância, mesmo que os Persson fossem só dez anos mais velhos que ele. A mulher parecera velha, a princípio, mas, olhando melhor, ele viu que os olhos eram mais jovens do que o corpo aparentava. Era o que o trabalho duro fazia com as pessoas.

Eles ainda usavam um velho fogão a lenha para cozinhar. O chão estava revestido com linóleo, que devia esconder um belíssimo piso de madeira de lei. A geração mais nova gostava muito de deixar tais pisos à vista, mas para a geração dele e dos Perssons, aquilo ainda era uma lembrança forte demais da pobreza durante a infância. Quando o linóleo começou a ser usado, tornou-se um símbolo claro de uma vida livre da miséria da geração anterior.

O revestimento gasto das paredes também despertou lembranças sentimentais. Gösta não resistiu a deslizar o dedo ao longo da fenda entre dois painéis. A sensação era a mesma que ele tinha quando era garoto e fazia isso na cozinha de seus pais.

O tique-taque abafado do relógio da cozinha era o único som que se ouvia, mas, depois de esperar um pouco, ouviram um murmúrio no aposento ao lado. Podiam ouvir o suficiente para saber que uma voz estava agitada e a outra suplicava. Depois de alguns minutos, a velha voltou com o marido atrás. Ele também parecia mais velho do que os setenta anos que deveria ter. Ter acabado de despertar de sua soneca não ajudava muito. O cabelo estava despenteado, e havia profundos sulcos de cansaço em sua face. A mulher voltou ao fogão e manteve os olhos baixos, concentrada na panela de mingau que estava mexendo.

“Qual é o problema que traz a polícia até aqui?”

A voz dele era autoritária, e Gösta percebeu que a velha estremecera. Ele começou a entender o motivo de ela parecer tão mais velha do que era. Ela fez um ruído com as panelas, e Rolf gritou:

“Pode parar com isso? Termine de fazer o café mais tarde. Deixe-nos em paz.”

Ela curvou a cabeça e apressou-se em tirar a panela do fogo. Sem dizer uma palavra, saiu da cozinha. Gösta teve o impulso de ir atrás dela e dizer algo amigável, conciliador, mas conteve-se.

Rolf serviu-se de uma bebida e sentou-se. Não perguntou a Ernst e Gösta se queriam e eles tampouco teriam ousado aceitar. Depois de entornar tudo de um só gole, ele limpou a boca com as costas da mão e lançou-lhe um olhar de desafio.

“Bom, o que vocês querem?”

Ernst olhava com desejo para o copo vazio. Foi Gösta quem falou.

“Você já usou um fertilizante chamado...” Ele consultou suas notas. “FZ-302?”

O fazendeiro Persson riu com gosto.

“Foi por isso que me tirou do meu sono de beleza? Para perguntar que fertilizante eu uso? Caramba, a polícia não deve ter muito que fazer hoje em dia.”

A expressão de Gösta não se alterou.

“Temos motivos para perguntar. E gostaríamos de ter uma resposta.” Sua antipatia pelo homem crescia a cada minuto.

“Tudo bem, tudo bem, não há motivo para ficar exaltado. Não tenho nada a esconder.” Ele riu de novo e serviu-se de outra dose.

Ernst lambeu os beijos e fixou o olhar no copo. A julgar pelo hálito, aquela não era a primeira bebida do dia para Rolf Persson. Com as vacas que precisavam ser ordenhadas, ele já devia estar acordado havia algumas horas, e para ele devia ser como a hora do almoço, mas mesmo assim talvez ainda fosse um pouco cedo para beber, pensou Gösta. Ernst não parecia concordar.

“Acho que usei esse tipo de fertilizante até 1984 ou 1985. Então apareceu uma merda de órgão ambiental que decidiu que ele podia ter ‘um efeito negativo no equilíbrio ecológico’.” Ele disse isso com voz estridente e fazendo sinal de aspas com os dedos. “Então tivemos que mudar para um fertilizante que é dez vezes pior e dez vezes mais caro. Idiotas de merda.”

“Por quanto tempo usou esse fertilizante?”

“Ah, talvez por uns dez anos. Devo ter tudo anotado nos livros, mas acho que comecei a usá-lo em meados dos anos 70. Por que está tão interessado?” Ele olhou desconfiado para Ernst e Gösta.

“Tem a ver com uma investigação na qual estamos trabalhando.”

Gösta não disse mais nada, mas viu uma luz acender-se lentamente para o fazendeiro.

“Tem a ver com aquelas garotas, não é? Aquelas da Passagem do Rei? E a que desapareceu? Você acha que tenho algo a ver com isso? É o que estão pensando? Seus filhos da mãe!”

Ele se levantou cambaleante. Rolf Persson era um homem grande. Ele não exibia nenhum dos sinais normais de decadência física que vinham com a idade. Seus braços eram musculosos e fortes por baixo da camisa. Ernst ergueu as mãos e também ficou em pé. Ele sempre era útil nesse tipo de situação, pensou Gösta, aliviado. Ele ansiava por momentos assim.

“Agora vamos todos nos acalmar. Estamos seguindo uma pista e temos várias pessoas a visitar. Não há razão para sentir-se perseguido. Mas gostaríamos de dar uma olhada por aí, e assim poderemos riscá-lo da lista.”

O fazendeiro olhou desconfiado, mas depois concordou. Gösta aproveitou a oportunidade para perguntar:

“Poderia usar seu banheiro?”

Sua bexiga já vira dias melhores. A necessidade de aliviar-se foi crescendo, e agora era urgente. Rolf concordou com a cabeça e apontou para uma porta com as iniciais WC.

“Ah, droga, as pessoas roubam como corvos. O que as pessoas honestas como você e eu...” Ernst interrompeu-se, com ar de culpa, quando Gösta voltou. Um copo vazio diante dele revelava que tomara a bebida que tanto desejava, e ele e o fazendeiro pareciam velhos amigos.

Meia hora mais tarde. Gösta reuniu coragem e repreendeu o colega.

“Caramba, você está cheirando a álcool. Como acha que vai passar por Annika com esse hálito?”

“Com os diabos, Flygare. Não seja tão puritano. Só tomei um golinho, não tem nada de errado com isso. Além do mais, é falta de educação recusar quando alguém lhe oferece um drinque.”

Gösta bufou, mas não fez nenhum comentário. Ele se sentia desanimado. Meia hora de perambulação pela propriedade do fazendeiro não revelara porcarias nenhuma. Não havia nenhuma vestígio de nenhuma garota ou de alguma cova escavada recentemente, e parecia que a manhã fora desperdiçada. Mas Ernst e o fazendeiro haviam descoberto coisas em comum enquanto Gösta foi ao banheiro esvaziar a bexiga e ficaram batendo papo durante todo o tempo que percorreram a área. Por ele, Gösta teria achado mais apropriado manter distância de um possível suspeito numa investigação de assassinato, mas Ernst tinha suas próprias ideias, como sempre.

“Rolf Persson disse algo de útil?”

Ernst expirou na mão em concha e cheirou. A princípio, ignorou a pergunta de Gösta.

“Ei, Flygare, poderia parar aqui para eu comprar umas pastilhas para a garganta?”

Aborrecido e calado, Gösta entrou num posto de gasolina e esperou no carro enquanto Ernst ia comprar algo que resolvesse seu problema de mau hálito. Só depois de voltar ao carro Ernst respondeu à pergunta.

“Não, nós só perdemos tempo lá. Mas ele é um ótimo sujeito, e posso jurar que não tem nada a ver com isso. Não, já podemos abandonar essa teoria. E essa coisa do fertilizante também deve ser um beco sem saída. Aqueles idiotas da criminalística ficam lá sentados o dia inteiro no laboratório, analisando a si mesmos até morrerem de tédio, enquanto nós, que trabalhamos no mundo real, vemos como são ridículas as teorias deles. DNA e pelos e fertilizantes e rastros de pneus e todas aquelas porcarias que eles ficam estudando. Não, uma boa surra no momento certo é o que faz um caso se abrir como um livro, Flygare.” Ele cerrou o punho para ilustrar seu ponto de vista. Satisfeito por ter demonstrado como o trabalho policial de verdade deve ser conduzido, ele apoiou a cabeça no descanso do banco e fechou

os olhos.

Gösta dirigiu em silêncio até Tanumshede. Ele não tinha tanta certeza.

As notícias também chegaram até Gabriel e sua família. Os três ficaram sentados em silêncio à mesa do café, cada um perdido em seus pensamentos. Para grande surpresa deles, Linda chegara em casa na noite anterior com suas coisas para passar a noite e sem dizer palavra fora direto para o quarto, que sempre estava pronto para recebê-la.

Laine, hesitante, quebrou o silêncio.

“Que bom que veio para casa, Linda.”

Linda murmurou algo em resposta, com os olhos fixos no pedaço de pão em que passava manteiga.

“Fale um pouco mais alto, Linda, não é educado resmungar desse jeito.”

Gabriel recebeu um olhar fulminante de Laine, mas não ligou muito. Aquela era sua casa, e ele não tinha intenção de ficar agradando à garota apenas pelo dubio prazer de tê-la de volta por algum tempo.

“Eu disse que vou ficar só uma noite ou duas aqui, e depois volto para Västergården. Só precisava de uma mudança de cenário. Toda aquela porcaria de aleluia, irmão, estava dando nos meus nervos. É deprimente ver como eles tratam as crianças. É assustador também o jeito que as crianças saem por aí falando de Jesus...”

“Sim, eu já disse a Jacob que os acho um pouco severos demais com as crianças. Mas eles têm boa intenção. E a fé é importante para Jacob e Marita, e temos que respeitar. Sei, por exemplo, que Jacob fica muito irritado quando escuta você praguejando. E não é uma linguagem apropriada para uma juvenzinha.”

Linda revirou os olhos, aborrecida. Ela só queria se afastar de Johann por um tempo e sabia que ele não ousaria ligar para ela ali. Mas a conversa mole já estava começando a dar-lhe nos nervos. Provavelmente teria que voltar aquela noite mesmo para a casa do irmão. Não aguentaria conviver com aquilo.

“Você deve ter ouvido falarem na casa de Jacob sobre a exumação”, disse Laine. “Seu pai ligou para lá ontem quando a polícia entrou em contato com ele. Que teoria idiota eles inventaram! Estão falando de algum plano que Ephraim teria armado para fazer parecer que Johannes estava morto. É a coisa mais tonta que já ouvi na vida.”

Manchas vermelhas surgiram na pele branca do colo de Laine. Ela ficava mexendo o tempo todo no colar de pérolas. Linda teve que reprimir o impulso de inclinar-se para a frente, arrancar o colar e enfiar-lhe goela abaixo as malditas pérolas.

Gabriel pigarreou e juntou-se à discussão, com voz taxativa. Aquela história da exumação incomodava-o, perturbava a rotina e levantava a poeira em seu mundo bem organizado. Ele

se opunha totalmente à ideia, e não achava nem por um instante que a polícia tivesse alguma base para suas alegações. Mas não era esse o problema, tampouco era a ideia de que fosse perturbada a paz do irmão em seu repouso final, embora isso não fosse algo agradável. Não, era a perturbação causada por todo aquele procedimento. Os caixões deviam ser enterrados, e não trazidos de volta. Uma vez que os túmulos fossem cavados, deviam ser deixados em paz, e os caixões que foram fechados deviam ficar fechados. É como as coisas deviam ser. Débito e crédito. Tudo na devida ordem.

“Bom, acho um pouco estranho que seja permitido à polícia realizar uma ação arbitrária como essa”, disse Gabriel. “ Não sei o que eles tiveram que fazer para conseguir a permissão, mas pretendo chegar ao fundo disso, podem ter certeza. Não vivemos num estado policial, afinal de contas.”

Uma vez mais, Linda resmungou algo em seu prato.

“Perdão, o que você disse, querida?”, disse Laine, voltando-se para a filha.

“Eu disse que vocês deviam pensar pelo menos um pouco no que Solveig, Robert e Johann estão sentindo. Vocês fazem ideia de como deve ser para eles Johannes ser desenterrado desse jeito? Mas não, a única coisa que vocês fazem é reclamar sobre a vergonha que é para vocês. Por que não pensam um pouco nos outros, só para variar?”

Ela jogou o guardanapo no prato e saiu da mesa. As mãos de Laine subiram para seu colar de novo, e ela pareceu perguntar-se se devia ir atrás da filha ou não. Um olhar de Gabriel fez com que ficasse onde estava.

“Bem, sabemos de onde veio esse temperamento esquentado.”

O tom dele era acusador. Laine não disse palavra.

“Ela teve a audácia de dizer que não ligamos para o que Solveig e os garotos possam estar passando. É claro que ligamos, mas quantas vezes eles demonstraram que não querem nossa pena. Você faz a cama e deita nela...”

Às vezes, Laine odiava seu marido. Ele ficava ali, tão confiante, comendo seus ovos com tanto apetite. Em sua mente, ela viu-se indo até ele, pegando o prato e esfregando tudo no peito dele. Em vez disso, começou a tirar a mesa.

VIII

Verão de 1979

Agora elas compartilhavam a dor. Como gêmeas siamesas, estavam unidas por uma relação forte, simbiótica, mantida por partes iguais de amor e ódio. Por um lado, havia a segurança de não ter de ficar sozinha ali, no escuro. Por outro lado, uma relação de antagonismo surgira do desejo de ser poupada, o desejo de que a outra tivesse de suportar a dor na próxima vez em que ele aparecesse.

Elas não falavam muito. O som de suas vozes era fantasmagórico demais na escuridão subterrânea. Quando os passos se aproximavam, elas se afastavam depressa, abrindo mão do contato de pele contra pele, sua única defesa contra o frio e as trevas. Agora, a única coisa que importava era fugir da dor, e elas se empurravam entre si, lutando para que a outra fosse a primeira a cair nas mãos do ser cruel.

Daquela vez, ela venceu e ouviu os gritos começarem. De certa forma, era quase tão ruim ser a que escapava. O som de ossos partindo-se estava bem gravado em sua memória auditiva, e ela sentia cada grito em seu próprio corpo maltratado. Ela também sabia o que viria depois dos gritos. As mãos que haviam puxado e retorcido, cortado e ferido, transformavam-se. Agora eram quentes e suaves, pousando no ponto onde a dor era pior. Agora ela conhecia aquelas mãos tão bem como as suas. Eram grandes e fortes, mas ao mesmo tempo macias, sem asperezas ou irregularidades. Os dedos eram longos e sensíveis como os de um pianista. E, mesmo sem nunca tê-los visto de verdade, ela podia imaginá-los com clareza em sua mente.

Agora os gritos ficaram mais fortes, e ela desejou poder levantar os braços e tampar os ouvidos com as mãos. Mas seus braços pendiam flácidos e inúteis, recusando-se a obedecer sua vontade.

Quando os gritos cessaram, e o alçapão sobre suas cabeças se abriu e se fechou de novo, ela se arrastou pela superfície fria e úmida até o lugar de onde vinham os gritos.

Agora era a hora de consolar.

Quando a tampa do caixão foi erguida, fez-se silêncio total. Patrik pegou-se virando o rosto para fixar o olhar nervoso na igreja. Não sabia o que esperar. Talvez um raio saindo da torre para fulminá-los em plena atividade profana. Mas nada aconteceu.

Ao ver o esqueleto no caixão, seu coração afundou. Ele se equivocara.

“Bom, Hedström. Você nos meteu numa encrenca danada.”

Mellberg sacudiu a cabeça, arrependido. Com aquela única frase dele, Patrik sentiu sua cabeça sendo colocada na guilhotina. Mas o chefe tinha razão. Era uma encrenca danada.

“Vamos levar o corpo para confirmar se é o cara certo. Mas não deve haver surpresas. Você não tem nenhuma teoria sobre troca de corpos ou algo assim, tem?”

Patrik só sacudiu a cabeça. Ele supôs que teve o que merecia. Os peritos entraram em ação e, pouco depois, quando o esqueleto estava a caminho de Gotemburgo, Patrik e Martin entraram no carro e voltaram à delegacia.

“Você podia estar certo. Não era tão absurdo.”

O tom de Martin era de consolo, mas Patrik apenas meneou a cabeça outra vez.

“Não, você estava certo. A teoria da conspiração era exagerada demais para ser plausível. Acho que vou ter de conviver com esse erro por muito tempo, daqui em diante.”

“Sim, acho que pode apostar nisso”, disse Martin, solidário. “Mas pense: você conseguiria viver consigo mesmo se não o tivesse feito? E se depois descobrisse que estava certo, e que isso custou a vida de Jenny Möller? Você pelo menos tentou. Temos que trabalhar com qualquer ideia que pinte na cabeça, maluca ou não. É nossa única esperança de encontrá-la a tempo.”

“Se já não for tarde demais”, disse Patrik, desanimado.

“Viu? É exatamente assim que não devemos pensar. Ainda não a achamos morta, então deve estar viva. Não há outra opção.”

“Tem razão. Mas é que não sei para que lado correr. Onde devemos procurar? O tempo todo voltamos para aquela maldita família Hult, mas nunca conseguimos nada de concreto para seguir em frente.”

“Sabemos que há conexão entre os assassinatos de Siv, Mona e Tanja.”

“Mas nada que os relacione ao desaparecimento de Jenny.”

“Não”, admitiu Martin. “Mas isso não importa de verdade, não é? O mais importante é fazermos todo o possível para encontrar o assassino de Tanja e quem quer que tenha raptado Jenny. Se é a mesma pessoa, ou se são dois criminosos diferentes, o tempo dirá. Mas estamos fazendo tudo que podemos.”

Martin enfatizou cada palavra da última frase, na esperança de deixar claro o que queria

dizer. Ele entendia por que Patrik mortificava-se após a exumação haver refutado sua teoria, mas naquela hora não podiam permitir-se ter alguém sem autoconfiança conduzindo a investigação. Patrik precisava acreditar no que estavam fazendo.

Quando chegaram à delegacia, Annika os deteve na mesa de recepção. Ela segurava o telefone com uma das mãos e cobria o bocal com a outra, para que a pessoa do outro lado da linha não a ouvisse falar com Patrik e Martin.

“Patrik, é Johann Hult. Está aflito para falar com você. Pode atender na sua sala?”

Patrik concordou com a cabeça e saiu apressado. Um segundo depois, o telefone tocou em sua mesa.

“Alô, Patrik Hedström.”

Ele ouviu ansioso, interrompeu com algumas perguntas e depois correu até a sala de Martin, com energia renovada.

“Vamos lá, Molin, estamos indo para Fjällbacka.”

“Mas acabamos de vir de lá. Aonde vamos?”

“Vamos ter uma conversinha com Linda Hult. Acho que temos algo interessante, algo bem interessante mesmo.”

Erica tinha esperança de que os hóspedes quisessem, assim como a família Flood, passear de barco durante o dia, para que pudesse livrar-se deles por um tempo. Mas estava enganada.

“Made e eu não gostamos muito do mar. Preferimos ficar com você aqui no jardim. A vista é tão bonita.”

Jörgen passou os olhos pelas ilhas, feliz, e preparou-se para passar o dia ao sol. Erica conteve o riso. A aparência dele era idiota. Ele era branco como um albino e, pelo visto, pretendia continuar daquele jeito. Tinha se lambuzado da cabeça aos pés com filtro solar, que o deixou mais branco ainda, se isso era possível. Para proteção extra, o nariz estava coberto com algum creme de cor fluorescente. Um chapéu de sol enorme completava o visual, e, depois de enrolar por meia hora, ele se sentou com um suspiro satisfeito numa cadeira de jardim, ao lado da esposa. Erica se sentira na obrigação de trazer as cadeiras para eles.

“Ah, isso é o paraíso, não acha, Made?”

Ele fechou os olhos, e Erica achou que poderia escapar para dentro de casa por uns instantes. Então, ele abriu um olho e disse:

“Seria muito incômodo pedir que você nos trouxesse algo para beber? Um grande copo de suco seria ótimo. Acho que a Made também quer.”

A esposa só concordou com a cabeça, sem olhar para cima. Desde que viera para o

jardim estava absorta num livro sobre direito tributário e também parecia ter uma terrível fobia a pegar o menor bronzado. Evitava tal risco com calças que iam até o tornozelo e uma camisa de mangas compridas. Exibia também chapéu de sol e um nariz de cor berrante. Estava óbvio que nenhuma precaução era exagerada. Lado a lado, pareciam dois alienígenas que tinham aterrissado no gramado de Erica e Patrik.

Erica entrou, bamboleando, e fez um suco. Tudo, desde que não precisasse falar com eles. Ambos formavam o casal mais absurdamente chato que ela já conhecera. Se na noite anterior alguém lhe perguntasse se preferia conversar com eles ou ficar olhando a tinta secar, ela não teria dúvidas na escolha. Quando tivesse chance, diria um monte de coisas à mãe de Patrik, pela gentileza de dar o telefone deles para aqueles dois.

Ao menos Patrik podia escapar, indo trabalhar. Mas ela percebia que estava exausto. Nunca antes o vira tão obcecado, tão determinado em obter resultados. Mas nunca houvera tanta coisa em jogo antes.

Ela gostaria de poder ajudá-lo mais. Na investigação da morte de sua amiga Alex, ajudara a polícia de várias formas, mas naquele caso ela tinha um envolvimento pessoal. Agora, ainda por cima, o corpo gigantesco atrapalhava. A barriga e o calor conspiravam para obrigá-la a uma inatividade involuntária pela primeira vez na vida. Parecia que o cérebro também estava em ponto morto. Todos os pensamentos concentravam-se no bebê em sua barriga e no esforço hercúleo que logo seria exigido dela. Sua mente se recusava com teimosia a ocupar-se com outros assuntos por muito tempo. Ela ficava pasmada com as mães que trabalhavam até o dia anterior ao parto. Talvez ela fosse diferente, pois, à medida que a gravidez progredia, sentia-se mais e mais reduzida – ou promovida, dependendo de como se encarava a coisa – a uma entidade de propagação, pulsante e nutritiva. Cada fibra em seu corpo estava concentrada em dar à luz o bebê, e isso tornava os intrusos ainda mais incômodos. Eles perturbavam a concentração. Ela não podia acreditar que ficara tão incomodada por estar sozinha em casa. Naquele instante, tal perspectiva parecia um paraíso.

Suspirando, encheu um grande jarro com suco e gelo moído e o levou para fora, com dois copos, para os marcianos que estavam em seu gramado.

Uma olhada rápida em Västergården revelou que Linda não estava lá. Marita pareceu confusa quando os dois policiais apareceram, mas não perguntou nada. Em vez disso, disse-lhes para irem à mansão. Pela segunda vez em dois dias, Patrik percorreu o longo caminho. E de novo ficou impressionado com a beleza do lugar. Ele via Martin, a seu lado, de boca aberta.

“Caramba, tem gente que sabe mesmo viver.”

“Pois é, alguns têm sorte”, disse Patrik.

“Quer dizer que só duas pessoas moram nessa casa enorme?”

“Três, contando Linda.”

“Jesus, não é de se estranhar que haja escassez de moradias na Suécia.”

Daquela vez, foi Laine quem atendeu à porta quando tocaram a campainha.

“Em que posso ajudá-los?”

Teria Patrik sentido uma ponta de nervosismo na voz dela?

“Estamos procurando Linda”, disse Martin. “Estivemos em Västergården, mas sua nora disse que ela estava aqui.” Martin acenou vagamente na direção oposta.

“O que vocês querem com ela?” Gabriel apareceu por trás de Laine, que ainda não abria a porta o suficiente para deixá-los entrar.

“Temos algumas perguntas a fazer-lhe.”

“Ninguém pergunta nada a minha filha a não ser que saibamos do que se trata.” Gabriel estufou o peito, pronto para defender a cria.

Patrik estava prestes a explicar quando Linda apareceu, dando a volta em uma esquina da mansão. Vestia roupas de montaria e parecia estar indo ao estábulo.

“Estão procurando por mim?”

Patrik concordou com a cabeça, aliviado por não ter de entrar em confronto direto com o pai dela.

“Sim, temos algumas perguntas a fazer-lhe. Quer entrar ou prefere ficar aqui fora?”

“Do que se trata, Linda?”, interrompeu Gabriel. “Está envolvida em algo que deveríamos saber? Não planejamos permitir que a polícia a interrogue a não ser em nossa presença, você sabe.”

Linda, que de repente parecia uma garotinha amedrontada, assentiu de leve.

“Vamos entrar”, disse.

Apática, ela seguiu Martin e Patrik para dentro, rumo à sala de estar. Não pareceu ter qualquer preocupação com a mobília ao deixar-se cair no sofá com roupas que fediam a cavalo. Laine não pôde evitar de franzir o nariz e olhou preocupada para o estofado branco. Linda dirigiu à mãe um olhar de desafio.

“Tudo bem se lhe fizermos algumas perguntas com seus pais presentes? Se fosse uma entrevista de caráter oficial, não poderíamos proibi-los de participar, já que é menor de idade, mas agora só queremos fazer algumas perguntas, assim...”

Gabriel parecia a ponto de lançar-se numa nova discussão sobre o tema, mas Linda deu de ombros. Por um instante, Patrik pensou ter vislumbrado certa satisfação ansiosa misturada ao nervosismo, que no entanto sumiu depressa.

“Recebemos há pouco um telefonema de Johann Hult, seu primo. Tem ideia do que se tratava?”

Linda deu de ombros de novo e passou a cutucar as cutículas, com ar distraído.

“Vocês dois têm se encontrado um bocado, certo?”

Patrik avançava com cautela, um passo de cada vez. Johann explicara um pouco a relação entre eles, e Patrik sabia que a novidade não seria bem recebida por Gabriel e Laine.

“É, é isso mesmo, temos nos encontrado um bocado.”

“Que diabos você está dizendo?”

Tanto Laine quanto Linda se sobressaltaram. Como o filho, Gabriel nunca usava linguagem grosseira. Elas não se lembravam de tê-lo ouvido proferir tais palavras antes.

“O que você tem com isso? Eu me encontro com quem quiser. Não é da sua conta.”

Patrik interferiu antes que a situação se deteriorasse.

“Não temos interesse em saber se vocês se encontram ou com que frequência, e, para nós, isso é assunto pessoal seu. Mas há uma ocasião sobre a qual queremos muito saber. Johann disse que vocês se encontraram numa noite, há cerca de duas semanas, no palheiro no alto do celeiro, em Västergården.”

O rosto de Gabriel ficou roxo de fúria, mas ele não disse nada enquanto esperava a resposta de Linda.

“Pode ser. Nós nos encontramos lá várias vezes, mas não sei exatamente quando.”

Ela ainda cutucava as unhas, concentrada, sem olhar para nenhum dos adultos a sua volta. Martin prosseguiu de onde Patrik parara.

“De acordo com Johann, nessa noite em particular você viu algo especial. Ainda não sabe a que nos referimos?”

“Já que parece que você sabe, por que não me diz?”

“Linda! Não piore as coisas com desaforos! Agora, por favor, responda às perguntas do policial. Se sabe do que ele está falando, então, conte-nos. Mas, se for algo em que aquele... vagabundo envolveu você, então eu vou...”

“Você? Você não sabe merda nenhuma sobre Johann. Você é um porra de um hipócrita...”

“Linda...” A voz de Laine a advertiu. “Não piore as coisas para você mesma. Faça o que seu pai diz e responda às perguntas do policial. Discutiremos o resto depois.”

Depois de pensar por um instante, Linda pareceu aceitar a repreensão da mãe e continuou, mal-humorada.

“Acho que Johann lhe contou que vimos aquela garota.”

“Que garota?” O ponto de interrogação era visível no rosto de Gabriel.

“A garota alemã, aquela que foi assassinada.”

“É, foi isso que Johann nos contou”, disse Patrik e, em silêncio, esperou que Linda continuasse.

“Não estou tão certa quanto Johann de que era ela. Vimos a foto nos panfletos e parecia

um pouco com ela, mas deve ter um monte de garotas parecidas. Além do mais, o que ela iria fazer em Västergården? O lugar não está exatamente no roteiro turístico.”

Martin e Patrik ignoraram a pergunta. Eles sabiam muito bem o que ela fazia em Västergården. Estava seguindo a única pista que tinha sobre o desaparecimento da mãe: Johannes Hult.

“Onde estavam Marita e as crianças naquela noite? Johann disse que não estavam em casa, mas não sabia aonde tinham ido.”

“Estavam passando uns dias com os pais de Marita, em Dals-Ed.”

“Jacob e Marita fazem isso de vez em quando”, explicou Laine. “Quando Jacob quer um pouco de paz e silêncio para fazer alguma carpintaria na casa, ela e os filhos passam uns dias com os avós maternos. Assim, podem se ver com alguma frequência. Nós moramos tão perto que vemos as crianças quase todos os dias.”

“Vamos deixar de lado se era ou não Tanja Schmidt que vocês viram. Conseguiria descrever como a garota era?”

Linda hesitou.

“Cabelo escuro, porte normal. Cabelo na altura dos ombros. Como quase todo mundo. Não muito bonita”, acrescentou, com a superioridade de quem sabe que nasceu com boa aparência.

“E como estava vestida?” Martin se inclinou para a frente, tentando atrair o olhar da adolescente. Não conseguiu.

“Bom, não me lembro de verdade. Faz umas duas semanas, e estava escurecendo lá fora...”

“Tente”, insistiu Martin.

“Jeans, acho. Uma camiseta justa e casaco. Casaco azul e camiseta branca, acho, ou era o contrário? Ah, e uma bolsa a tiracolo vermelha.”

Patrik e Martin se entreolharam. Ela descrevera exatamente o que Tanja usava no dia em que sumiu. A camiseta era branca e o casaco azul, e não o contrário.

“A que horas vocês a viram?”

“Bem cedo, naquela noite, eu acho. Talvez lá pelas seis.”

“Você viu se o Jacob a fez entrar?”

“Ninguém atendeu à porta. Ao menos não quando ela bateu. Então ela virou a esquina da casa, e não pudemos mais vê-la.”

“Você viu se ela foi embora?”, disse Patrik.

“Não, do celeiro também não dá para ver a estrada. E, como eu disse, não estou tão certa quanto Johann de que a garota fosse Tanja Schmidt.”

“Tem alguma ideia de quem mais poderia ser? Quer dizer, não aparece muita gente de fora

para bater à porta em Västergården, aparece?”

Ela de novo encolheu os ombros, indiferente. Depois de um instante, Linda disse:

“Não faço ideia de quem poderia ser. Podia ser até alguém vendendo algo.”

“Mas Jacob não mencionou a visita mais tarde?”

“Não.”

Ela não deu mais detalhes, e tanto Patrik como Martin perceberam que estava bem mais preocupada com o que vira do que queria deixar transparecer, tanto para eles como para os pais.

“Posso perguntar o que buscam?”, disse Gabriel. “Como já disse, acho que está começando a parecer assédio a minha família. Como se não fosse ruim o bastante terem desenterrado meu irmão! Aliás, o que aconteceu? O caixão estava vazio?”

O tom de Gabriel era de desprezo, e, para Patrik, o comentário áspero foi um ataque pessoal.

“Achamos de fato um corpo no caixão. Provavelmente é seu irmão Johannes.”

“Provavelmente”, bufou Gabriel, cruzando os braços. “Vão começar a infernizar o pobre Jacob também?”

Laine lançou um olhar desalentado para o marido. Só agora parecia ter entendido as implicações das perguntas dos policiais.

“Vocês não acham que Jacob...” As mãos dela moveram-se para o pescoço.

“No momento, não achamos nada. Mas temos muito interesse em descobrir onde Tanja esteve antes de desaparecer. Assim, Jacob pode ser uma testemunha importante.”

“Testemunha! Vocês querem mesmo encerrar o caso depressa, devo reconhecer. Mas não pensem, nem por um minuto, que vão nos enganar. Estão tentando terminar o que seus colegas trapalhões começaram em 1979, e não interessa quem joguem na cadeia, desde que seja um Hult, certo? Primeiro, você faz parecer que Johannes ainda está vivo e depois de vinte e quatro anos começou a matar jovens. Então, quando ele aparece morto no caixão, vocês passam a mirar Jacob.”

Gabriel levantou-se e apontou para a porta.

“Saiam! Não quero vê-los aqui outra vez a menos que tenham um mandado judicial e que eu possa ligar para meu advogado. Até lá, podem ir para o inferno!”

As pragas saíam agora com facilidade de seus lábios, e uma espuma de saliva começou a formar-se nos cantos da boca. Patrik e Martin sabiam quando sua presença não era mais bem-vinda e então pegaram suas coisas e foram para a porta. Enquanto esta se fechava com um baque surdo detrás deles, a última coisa que ouviram foi a voz de Gabriel berrando com a filha.

“Que diabos você aprontou agora, mocinha?”

“Mesmo nas águas mais tranquilas...”

“É, eu jamais acreditaria que havia um vulcão adormecido sob aquela superfície”, disse Martin.

“Se bem que não posso culpá-lo. Vendo pelo lado dele...” Os pensamentos de Patrik voltaram-se outra vez para o fracasso monumental daquela manhã.

“Já lhe disse para não pensar mais nisso. Você fez o melhor que pôde. Não pode ficar chafurdando em autopiedade para sempre”, disse Martin, ríspido.

Patrik olhou-o surpreso. Martin percebeu e encolheu os ombros, desculpando-se.

“Perdão. Acho que a tensão também está começando a me afetar.”

“Não. Você tem toda a razão. Não é hora de sentir pena de mim mesmo.” Ele tirou os olhos da estrada por um segundo e olhou o colega. “E nunca se desculpe por ter sido franco.”

“Ok.”

Por um momento, eles rodaram num silêncio constrangedor. Ao passarem pelo campo de golfe de Fjällbacka, Patrik levantou o astral, dizendo:

“Você vai arranjar logo um cartão de sócio do clube, para jogarmos uma partida?”

Martin deu um sorriso travesso.

“Você teria coragem? Posso me revelar um golfista nato e acabar com você!”

“Duvido. Sou bem talentoso com uma bola de golfe.”

“Bom, vamos ter que nos apressar, porque depois não vai haver muito tempo para jogos.”

“O que você quer dizer?” Patrik parecia confuso de verdade.

“Talvez tenha esquecido, mas você tem um filho chegando em poucas semanas. Então, não vai sobrar muito tempo para você se divertir, sabe?”

“Ah, tudo vai dar certo. Os bebês dormem tanto que vamos poder encaixar uma partida de golfe. E Erica aceita o fato de eu ter de sair de vez em quando para fazer alguma coisa sozinho. Concordamos quanto a isso quando decidimos ter um bebê. Concordamos em dar espaço um ao outro para fazer coisas nossas em vez de sermos só pais o tempo todo.”

Quando Patrik terminou a última frase, os olhos de Martin estavam cheios de lágrimas de tanto rir. Ele ria e sacudia a cabeça ao mesmo tempo.

“Ah, claro, vai ter tempo de sobra para você fazer as suas coisas. Eles dormem tanto, os bebês.” Martin o imitava. Isso o fazia rir ainda mais.

Patrik, que sabia que a irmã de Martin tinha cinco filhos, começou a parecer um pouco preocupado. Ele ficou imaginando se Martin sabia algo de que ele não sabia. Mas, antes que pudesse perguntar, seu celular tocou.

“Hedström.”

“Alô, é Pedersen. Pode falar agora?”

“Na verdade, não. Espere um segundo, vou encontrar um lugar para estacionar.”

Estavam perto do camping de Grebbestad, o que fez o rosto de Patrik anuviar-se. Ele rodou algumas centenas de metros até chegar ao estacionamento do cais de Grebbestad. Entrou e estacionou ali para poder falar ao celular.

“Agora estou parado. Descobriu algo?”

Ele não conseguia esconder a ansiedade na voz, e Martin o observava tenso. Do lado de fora, os carros dos turistas circulavam, entrando e saindo das lojas e dos restaurantes. Patrik olhou com inveja seus rostos felizes e despreocupados.

“Sim e não, ainda vamos examinar com mais cuidado, mas dadas as circunstâncias achei que você gostaria de saber que algo de bom resultou da sua ordem de exumação, que foi executada às pressas, pelo que eu entendi.”

“É, não posso negar. Sinto-me um pouco idiota, de modo que tudo o que você tiver será interessante.” Patrik prendeu a respiração.

“Em primeiro lugar, verificamos os registros da arcada dentária, e o cara no caixão é, sem dúvida, Johannes Hult, nesse ponto não posso lhe oferecer nada de interessante. Por outro lado...” E o patologista não resistiu à tentação de fazer uma pausa de suspense. “É tolice pura supor que tenha morrido enforcado. É muito provável que a morte tenha sido causada por um objeto duro que o atingiu atrás da cabeça.”

“De que diabos está falando?”, gritou Patrik, fazendo Martin pular. “Que tipo de objeto duro? Acertaram a cabeça dele ou algo assim?”

“Algo assim. Mas ele está na mesa de autópsia neste instante, e, assim que eu souber de mais alguma coisa, volto a ligar. Até que consiga fazer um exame mais detalhado, isso é tudo o que eu posso lhe dizer.”

“Obrigado por ligar tão depressa. Me avise assim que souber de algo mais.”

Triunfante, Patrik fechou a tampa do telefone.

“O que ele disse, o que ele disse?” Martin estava morrendo de curiosidade.

“Que eu não sou um completo idiota.”

“Bom, precisaríamos de um psiquiatra para confirmar isso, mas o que mais ele disse?”, perguntou Martin com secura, pois não gostava de ficar em suspense.

“Ele disse que Johannes Hult foi assassinado.”

Martin baixou a cabeça e esfregou o rosto com as mãos fingindo desespero.

“Eu me demito desta maldita investigação. Isso é loucura. Está me dizendo que, ao que tudo indica, o principal suspeito pelo desaparecimento ou pela morte de Siv e Mona também foi assassinado?”

“É exatamente o que estou dizendo. E, se o Gabriel Hult acha que pode berrar alto o

suficiente para nos impedir de mexer na roupa suja da família, ele vai ouvir umas boas. Se existe algo que prove que eles têm um esqueleto no armário, então vão ver só. Um deles sabe quando e por que Johannes foi assassinado, e de que forma sua morte está relacionada aos assassinatos das moças, aposto isso com você!” Ele socou a palma da mão, indicando que os maus momentos daquela manhã tinham agora sido substituídos por uma nova energia.

“Só espero que consigamos resolver isso rápido o bastante. Pelo bem de Jenny Möller”, disse Martin.

O comentário foi como um balde de água fria na cabeça de Patrik. Ele não devia deixar seu espírito competitivo assumir o controle. Não devia esquecer o motivo de estarem fazendo aquele trabalho. Ficaram um instante ali sentados, olhando as pessoas passarem. Então, Patrik ligou o carro e foram para a delegacia.

Kennedy Karlsson acreditava que tudo começara com seu nome. Na verdade, não havia muito mais em que jogar a culpa. A maioria dos outros tinha boas desculpas; os pais bebiam e batiam neles. Mas parecia que ele só tinha o nome para culpar.

Depois de se formar, a mãe dele morou alguns anos nos Estados Unidos. Antes, seria uma grande notícia na cidade se alguém fosse para lá. Mas no meio da década de 80, quando a mãe viajou, a passagem para os Estados Unidos já não era mais só de ida. Muitos jovens partiam para cidades grandes da Suécia ou para o exterior. A única coisa que não mudava era que, se alguém deixasse a segurança da cidade pequena, o falatório começava, prevendo as coisas ruins que iam acontecer. E, no caso da mãe dele, eles estavam mais ou menos certos. Depois de alguns anos na Terra Prometida, ela voltou com um bebê na barriga. Sobre o pai, Kennedy Karlsson nunca ouviu uma palavra. Mas nem isso era uma boa desculpa. Pouco antes de seu nascimento, a mãe se casara com Christer, que fora um pai de verdade. Não, tinha tudo a ver com o nome. Ele achava que ela queria chamar a atenção para si e mostrar que saíra para o vasto mundo lá fora, mesmo tendo voltado com o rabo entre as pernas. Ele seria sempre uma lembrança disso. Assim, ela nunca perdia a oportunidade de dizer que o nome de seu filho mais velho era uma homenagem a John F. Kennedy, “porque nos seus anos de Estados Unidos ela tinha admirado muito aquele homem”. Ele se perguntava por que então ela não podia tê-lo batizado apenas como John.

Sua mãe e Christer deram a seus irmãos um destino melhor. Ficaram satisfeitos em batizá-los de Emelie, Mikael e Thomas. Nomes comuns, bem suecos, o que o deixava ainda mais deslocado. O fato de seu pai ser negro não tornava as coisas mais fáceis, mas Kennedy não acreditava que era isso que o fazia tão esquisito. Ele estava convencido de que era aquela merda de nome.

Quando pequeno, até se sentira impaciente para ir à escola. Lembrava disso muito bem. A

emoção, a alegria, a ansiedade de começar algo diferente, de ver um mundo totalmente novo se abrir. Levou só uns dias para que acabassem com o entusiasmo dele. Por causa do maldito nome. Ele aprendeu depressa que era um crime destacar-se na multidão. Um nome engraçado, um corte de cabelo esquisito, roupas fora de moda eram coisas que mostravam que alguém não era como os outros. No caso dele, diziam ainda que havia o agravante de achar-se superior por causa do nome estranho. Como se ele o tivesse escolhido. Se tivesse chance, ele teria optado por um típico nome sueco como Johann ou Oskar ou Fredrik. Algo que garantisse sua aceitação automática.

Os primeiros dias de horror na escola tinham ido de mal a pior. Os insultos, as surras, seu *status* de excluído, tudo isso o fez construir a sua volta uma muralha dura como granito. Depois, suas ações foram afetadas por seus pensamentos. Toda a raiva que acumulara dentro da muralha começou a escapar como vapor, por pequenos orifícios que ficavam cada vez maiores, até que todos puderam ver seu ódio. Àquela altura, já era tarde demais. A escola estava perdida para ele, assim como a confiança da família. E seus amigos não eram o tipo de amigos que devia ter.

Kennedy resignou-se ao destino que o nome reservara para ele. A palavra “problema” estava escrita em sua testa, e tudo o que ele precisava fazer era corresponder à expectativa. Uma maneira fácil, embora paradoxal, de viver. Isso tudo mudou quando ele, contra a vontade, chegou à fazenda em Bullaren. Era uma das exigências da condicional, depois de ter sido pego num malfadado roubo de carro. No começo, sua atitude foi oferecer a menor resistência possível, para poder sair daquele lugar o mais depressa que pudesse. Então, ele conheceu Jacob. E por meio de Jacob encontrou Deus.

Mas a seus olhos os dois eram quase a mesma coisa.

Não acontecera por nenhum milagre. Ele não ouvira uma voz trovejante vinda de cima, nem vira um relâmpago atingir o chão a seus pés para provar que Deus existia. Havia acontecido durante as horas que passara com Jacob, em suas conversas. Aos poucos, ele viu a imagem do Deus de Jacob aparecer. Como num quebra-cabeça que vai formando devagar a imagem mostrada na tampa da caixa.

No início, Kennedy resistiu. Ele fugiu, juntando-se aos comparsas. Ficou bêbado de cair e foi arrastado de volta, de forma vergonhosa. No dia seguinte, a cabeça doendo, ele encontrou o olhar suave de Jacob, que estranhamente parecia nunca ser de reprovação.

Ele se queixara a Jacob sobre seu nome, explicando que era o culpado por todos os erros que cometera. Jacob o corrigira, explicando que seu nome era algo positivo e que, na verdade, indicava como seria sua vida. Seu nome era um dom, explicou Jacob. Receber, desde o primeiro instante de sua vida, uma identidade tão única só poderia significar que Deus o escolhera entre todos os outros. O nome o tornava especial e não esquisito.

Com o mesmo entusiasmo que um homem faminto demonstra à mesa do jantar, Kennedy agarrou-se às palavras de Jacob. Aos poucos, percebeu que Jacob estava certo. O nome era um dom. Ele o tornava especial e indicava que Deus tinha um plano específico para ele, Kennedy Karlsson. E ele tinha de agradecer a Jacob Hult por descobrir isso antes que fosse tarde demais.

Incomodava-o o fato de Jacob aparentar tanta preocupação ultimamente. Kennedy não pôde evitar de ouvir os mexericos sobre a conexão entre a família dele e as jovens mortas, e ele achava que entendia o motivo da preocupação de Jacob. Ele mesmo já sentira a hostilidade de uma comunidade sedenta por sangue. Estava óbvio que agora era a vez de a família Hult ser o alvo. Kennedy bateu com cautela na porta de Jacob. Ele pensou ter ouvido vozes alteradas vindo de lá de dentro. Quando abriu a porta, Jacob estava desligando o telefone com uma expressão aborrecida no rosto.

“O que foi?”

“Só um probleminha de família. Nada com que deva se preocupar.”

“Seus problemas são meus problemas, Jacob. Sabe disso. Não pode me dizer o que é? Confie em mim, assim como confiei em você.”

Cansado, Jacob esfregou os olhos e pareceu desabar.

“Isso tudo é tão absurdo. Por um erro que meu pai cometeu há vinte e quatro anos, a polícia acha que temos algo a ver com o assassinato daquela turista alemã, aquele que estava em todos os jornais.”

“Isso é terrível.”

“É, e a última novidade é que eles desenterraram meu tio Johannes, nesta manhã.”

“O quê? Eles violaram a paz da sepultura?”

Jacob lhe deu um sorriso torto. Um ano antes, Kennedy não teria compreendido o que isso queria dizer.

“Infelizmente, sim. Toda a família está sofrendo. Mas não há nada que possamos fazer.”

Kennedy sentiu uma sensação familiar de ódio crescer no peito. Mas ela agora parecia uma coisa boa. Agora, ela era a fúria de Deus.

“Mas não pode denunciá-los? Por assédio ou coisa assim?”

Mais uma vez, o sorriso torto e triste de Jacob.

“Você está dizendo que sua experiência com a polícia demonstra que algo assim funcionaria?”

Não, isso estava claro. O respeito dele pela polícia era pequeno, quase inexistente. Ele, entre todas as pessoas, podia entender a frustração de Jacob. Kennedy sentiu uma gratidão imensa por Jacob tê-lo escolhido para dividir suas preocupações. Era uma nova dádiva, pela qual ele se lembraria de agradecer a Deus em suas preces noturnas. Estava prestes a abrir a

boca para dizer isso a Jacob quando o telefone tocou, interrompendo-os.

“Desculpe-me.” Jacob ergueu o fone.

Ao desligar, vários minutos depois, parecia ainda mais pálido. Ouvindo apenas metade da conversa, Kennedy concluiu que era o pai de Jacob quem ligara. Fez um esforço para não demonstrar que estivera escutando com atenção.

“Aconteceu algo?”

Devagar, Jacob tirou os óculos.

“Diga-me, o que ele disse?” Kennedy não podia esconder o fato de que seu coração doía de ansiedade e preocupação.

“Era meu pai. A polícia esteve lá fazendo perguntas a minha irmã. Meu primo Johann telefonou para a polícia e alegou que ele e ela viram a garota assassinada em minha fazenda. Pouco antes de ela desaparecer. Deus me ajude.”

“Deus o ajude”, sussurrou Kennedy como um eco.

Eles se reuniram na sala de Patrik. Estava apertado, mas com um pouco de esforço deram um jeito de espremer-se lá dentro. Mellberg oferecera sua sala, três vezes maior que as outras, mas Patrik não quis levar tudo o que pregara no quadro de avisos que ficava atrás de sua mesa.

O quadro estava cheio de notas e pedaços de papel, e no meio estavam as fotos de Siv, Mona, Tanja e Jenny. Patrik estava sentado na beirada da mesa, meio de costas para os outros. Pela primeira vez em muito tempo, estavam todos reunidos no mesmo lugar: Patrik, Martin, Mellberg, Gösta, Ernst e Annika. Toda a equipe de investigação da delegacia de Tanumshede. Todos com os olhos fixos em Patrik. De repente, ele sentiu o peso da responsabilidade sobre os ombros, e pequenas gotas de suor começaram a formar-se em suas costas. Ele sempre odiara ser o centro das atenções, e só de pensar que todos esperavam o que ele tinha a dizer fazia sua pele arrepiar-se. Ele pigarreou.

“Há meia hora, recebi um chamado de Tord Pedersen, da Criminalística, e ele me contou que a exumação desta manhã não foi um esforço perdido.”

Nesse ponto, fez uma pausa, permitindo-se um momento de satisfação pelo que acabava de dizer. Ele não estivera nada ansioso para se tornar alvo da gozação dos colegas por um bom tempo dali em diante.

“A autópsia feita no corpo de Johannes Hult mostra que ele não se enforcou. Em vez disso, parece que foi golpeado com algo duro na parte de trás da cabeça.”

Houve um arquejo de surpresa na sala. Patrik continuou, ciente de que agora tinha a atenção de todos.

“Então, temos mais um assassinato, embora não recente. Achei que seria hora de termos

uma reunião para rever o que sabemos. Alguma pergunta até aqui?” Silêncio. “Está bem. Então, vamos começar.”

Patrik começou repassando todo o material antigo que tinham sobre Siv e Mona, incluindo o depoimento de Gabriel. Ele prosseguiu com a morte de Tanja e a evidência médica que mostrava que ela tinha exatamente o mesmo tipo de ferimento que Siv e Mona. Mencionou também uma conexão adicional, que Tanja era filha de Siv, e então falou do relato de Johann, que vira Tanja em Västergården.

Gösta se fez presente:

“Mas... e quanto a Jenny Möller? Ao menos eu não estou convencido de que há conexão entre seu desaparecimento e os assassinatos.”

Todos os olhos pousaram na foto da loira de dezessete anos, sorrindo-lhes do quadro de avisos. Patrik também a olhou.

“Concordo com você, Gösta”, disse. “Neste instante, é só mais uma hipótese entre muitas. Mas as equipes de busca ainda não descobriram nada, e nossa pesquisa sobre os agressores sexuais nesta área só nos levou ao beco sem saída de Mårten Frisk. Assim, nossa única esperança é de que a população ajude e que alguém tenha visto algo. Ao mesmo tempo, devemos seguir trabalhando com a possibilidade de que a mesma pessoa que assassinou Tanja também tenha raptado Jenny. Isso responde à sua pergunta?”

Gösta concordou com a cabeça. No fundo, aquilo queria dizer que eles não sabiam coisa alguma, e isso concordava exatamente com o que ele achava.

“Falando nisso, Gösta, Annika me disse que você e Ernst foram verificar a pista do fertilizante. Conseguiram algum resultado?”

Ernst respondeu no lugar de Gösta.

“Não deu em droga nenhuma. O fazendeiro com quem falamos não tem nada a ver com isso tudo.”

“Mas vocês deram uma olhada por lá, só por garantia?” Patrik não se convencera com as afirmações de Ernst.

“Sim, claro que demos. E, como eu disse, não havia nada”, respondeu Ernst com azedume.

Patrik lançou um olhar indagador a Gösta, e ele acenou confirmando.

“Então está certo. Vamos ter de pensar um pouco se algo útil pode aparecer se continuarmos por esse caminho. Enquanto isso, como já disse, recebemos um relato de alguém que viu Tanja pouco antes de ela desaparecer. O filho de Johannes, Johann, ligou nesta manhã e relatou ter visto em Västergården uma jovem que ele jura que era Tanja. Sua prima, Linda, filha de Gabriel, estava com ele. Martin e eu fomos até lá e falamos com ela hoje. Ela confirmou que viram uma garota, mas não estava tão certa quanto Johann de que

fosse Tanja.”

“Mas podemos confiar nessa testemunha? Não acha que a ficha policial de Johann e as brigas na família fazem com que o que ele diz seja muito duvidoso? Quanto crédito podemos lhe dar?”, disse Mellberg.

“Sim, isso também me preocupa. Talvez tenhamos de esperar e ver o que diz Jacob Hult. Mas o interessante é que estamos sempre voltando àquela família, de um jeito ou de outro. Para onde quer que nos viremos, acabamos trombando com a família Hult.”

A temperatura estava subindo depressa no escritório apinhado. Patrik abriu uma janela, mas isso não ajudava muito, pois lá fora tampouco havia qualquer ar fresco. Annika tentou abanar-se com o caderno de notas. Mellberg limpou o suor da testa com a mão, e o rosto de Gösta adquiriu um tom cinza alarmante sob o bronzeado. Martin abriu os botões de cima da camisa, o que fez Patrik notar com inveja que algumas pessoas conseguiam arrumar tempo para ir à academia. Só Ernst parecia bem à vontade.

“É, nesse caso, eu apostaria num desses safados filhos da mãe”, disse ele. “São os únicos que já tiveram problemas com a polícia antes.”

“Com exceção do pai deles”, lembrou Patrik.

“Exatamente, com exceção do pai deles. Isso só mostra que tem algo de podre naquele ramo da família.”

“E sobre a informação de que Tanja foi vista pela última vez em Västergården? De acordo com a irmã, Jacob estava em casa naquela hora. Isso não parece apontar para ele?”

“E quem foi que disse que a jovem esteve mesmo lá?”, bufou Ernst. “Johann Hult. Não, eu não acreditaria numa palavra do que aquele cara diz.”

“Quando acha que devemos ir falar com Jacob?”, perguntou Martin.

“Eu estava pensando que você e eu devíamos ir a Bullaren logo após esta reunião. Liguei para verificar, e ele está trabalhando hoje.”

“Você não acha que Gabriel deve ter ligado para avisá-lo?”

“Claro, mas não podemos fazer nada sobre isso. Teremos de ver o que ele diz.”

“O que vamos fazer com a informação de que Johannes foi assassinado?”, insistiu Martin, com teimosia.

Patrik não queria admitir que na verdade não sabia. Havia coisas demais a levar em conta no momento, e ele temia que, se desse um passo atrás e olhasse para o quadro geral, a magnitude da tarefa o fizesse perder a energia para agir.

“Vamos ter que fazer uma coisa de cada vez. Não diremos nada sobre isso a Jacob quando falarmos com ele. Não quero que Solveig e os filhos sejam avisados.”

“Então, o próximo passo será falar com eles?”

“Sim, acho que seria melhor. A não ser que alguém tenha uma sugestão melhor.”

Silêncio. Ninguém parecia ter qualquer outra ideia.

“E o que o resto de nós vai fazer?” Gösta respirava pesado.

De repente, Patrik ficou preocupado, achando que ele poderia sofrer um ataque cardíaco com aquele calor.

“Annika disse que informações da população estão chegando aos poucos desde que distribuímos as fotos de Jenny nos panfletos. Ela as organizou de acordo com o grau de interesse, e você e Ernst podem começar dando uma olhada na lista.”

Patrik esperava não estar cometendo um erro ao deixar que Ernst voltasse para a investigação. Ele daria ao colega mais uma chance. Era o que ele decidira depois que Ernst aparentemente entrou na linha, seguindo com Gösta a pista do fertilizante.

“Annika, gostaria que você entrasse em contato com a companhia que vendeu o fertilizante outra vez e pedisse que ampliassem a área de busca pelos clientes. Acho difícil acreditar que os corpos tenham sido levados para muito longe, mas, ainda assim, seria uma boa ideia verificar.”

“Sem problema.”

Annika abanou-se ainda mais forte com o caderno de anotações. Gotas de suor haviam se formado em seu lábio superior. Mellberg não recebeu nenhuma tarefa. Patrik sabia que tinha dificuldade para dar ordens ao chefe e, assim, preferiu não envolvê-lo nas tarefas diárias da investigação. Apesar de ter que admitir que Mellberg fizera um trabalho admirável ao manter os políticos longe de seu caminho.

Ainda havia nele algo que não era normal. Em geral, a voz de Mellberg era a mais alta de todas, mas, naquele momento, ele estava sentado quieto e parecia estar em outro país. A animação que surpreendera a todos nas últimas semanas fora substituída por um silêncio ainda mais preocupante.

“Bertil, há algo que queira dizer?”, perguntou Patrik.

“O quê?” Mellberg teve um sobressalto. “Perdão, o que disse?”

“Você tem algo a acrescentar?”

“Ah, sim”, disse Mellberg, limpando a garganta ao reparar que todos os olhos estavam voltados para ele. “Não, acho que não. Você parece ter a situação sob controle.”

Annika e Patrik trocaram olhares. Em geral, o chefe mantinha uma vigilância de águia sobre tudo o que acontecia na delegacia, mas agora apenas encolhia os ombros e erguia as sobrancelhas para mostrar que não tinha nenhuma sugestão a oferecer.

“Alguma pergunta? Não? Tudo bem. Vamos voltar ao trabalho.”

Todos saíram aliviados da sala abafada, em busca de um lugar mais fresco. Só Martin ficou para trás.

“Quando saímos?”

“Pensei em almoçar primeiro e sair logo em seguida.”

“Tudo bem. Quer que eu dê uma saída e compre algo para nós? Podemos comer no refeitório.”

“Claro, seria ótimo. Assim tenho tempo de ligar para Erica antes.”

“Diga alô por mim.”

Martin já estava de saída. Patrik discou o número de casa. Ele torcia para que Jörgen e Made não a estivessem entediando mortalmente...

“Este é mesmo um lugar bem isolado.” Martin olhou ao redor e viu apenas árvores. Tinham rodado uns quinze minutos por estradas estreitas em meio ao bosque, e ele começava a perguntar-se se não estariam perdidos.

“Não se preocupe, já estive por aqui. Vim uma vez, quando um dos rapazes saiu um pouco da linha, e posso encontrar o lugar.”

Patrik estava certo. Minutos depois, entraram no acesso à fazenda.

“Parece um lugar legal”, disse Martin.

“Sim, e eles têm uma reputação bastante boa. Ou, pelo menos, conseguiram manter uma boa fachada para o mundo exterior. Fico um tanto cético sempre que vejo tanto “aleluia, irmão” assim, mas é só minha opinião. Mesmo que o objetivo inicial dessas sociedades de religião livre seja bom, mais cedo ou mais tarde elas sempre tendem a atrair um monte de pessoas estranhas. Elas oferecem um sentimento forte de comunhão e de família que atrai pessoas que se sentem deslocadas de tudo.”

“Você parece saber do que está falando.”

“Bom, minha irmã uma vez foi atraída para uma situação meio esquisita. Sabe, naquele período de busca da adolescência? Ela saiu daquilo sã e salva, não foi tão mal assim. Mas aprendi o suficiente sobre o funcionamento dessas coisas para desenvolver um ceticismo saudável. Porém, como disse, nunca escutei nada de ruim sobre esse grupo em especial, e, portanto, é provável que não haja motivos para suspeitar do contrário.”

“Bem, na verdade, isso não tem nada a ver com nossa investigação”, disse Martin.

Aquilo soou como uma advertência, e era mais ou menos o que ele pretendia. Em geral, Patrik era bem estável, mas havia um desprezo tão forte em sua voz que Martin ficou um pouco preocupado quanto à interferência de seus sentimentos pessoais na entrevista deles com Jacob.

Patrik pareceu ter lido sua mente e sorriu.

“Não se preocupe. É só mais uma de minhas implicâncias de estimação, mas não tem nada a ver com o caso.”

Eles estacionaram e saíram do carro. A fazenda fervia de atividade. Parecia que rapazes e

moças trabalhavam por todo o lugar, tanto dentro como fora das casas. Um grupo nadava no lago, e o nível de ruído era alto. Tudo parecia tão idílico. Martin e Patrik bateram à porta. Um rapaz no fim da adolescência atendeu. Ambos se espantaram. Não fosse pela expressão carrancuda, não o reconheceriam.

“Olá, Kennedy.”

“O que vocês querem?” Seu tom era agressivo.

Nem Patrik nem Martin puderam evitar encará-lo. Fora-se o cabelo comprido que ele sempre usou caído sobre o rosto. Foram-se também as roupas pretas e a aparência doentia. O rapaz em pé diante deles agora estava tão asseado e arrumado que quase brilhava. Mas o olhar agressivo era algo de que eles se lembravam das várias vezes em que o haviam autuado por roubo de carros, posse de drogas e outras coisas.

“Parece que você vai indo bem, Kennedy”, disse Patrik num tom amigável. Ele sempre sentira pena do rapaz.

Kennedy não se dignou a responder. Em vez disso, repetiu:

“Que querem?”

“Gostaríamos de falar com o Jacob. Ele está?”

Kennedy bloqueou a passagem.

“O que vocês querem com ele?”

Ainda amistoso, Patrik disse:

“Não tem nada a ver com você. Então, vou perguntar de novo, ele está?”

“Sem chance de vocês entrarem aqui para atormentá-lo ou incomodar a família dele. Já ouvi dizer o que estão tentando fazer, e fiquem sabendo que acho que é tudo uma merda. Mas vocês vão receber o que merecem. Deus tudo vê, e Ele pode ver dentro de seus corações.”

Martin e Patrik olharam um para o outro.

“Certo, tudo bem, Kennedy, mas é melhor você se afastar e nos deixar entrar.”

Agora o tom de Patrik era ameaçador e, após um momento daquela guerra de vontades, Kennedy se afastou e, relutante, deixou-os entrar.

“Obrigado”, disse Martin, seco, e seguiu Patrik pelo corredor. Aparentemente, Patrik sabia onde estava indo.

“Se bem me lembro, o escritório dele fica no fim do corredor.”

Como uma sombra silenciosa, Kennedy seguia-os, alguns passos atrás. Apesar do calor, Martin estremeceu. Bateram na porta. Jacob estava sentado à escrivaninha quando entraram. Não pareceu surpreso ao vê-los.

“Bem, vejam quem está aqui. O longo braço da lei. Vocês não têm nenhum bandido de verdade para pegar?”

Atrás deles, Kennedy estava em pé na porta com os punhos cerrados.

“Obrigado, Kennedy, pode ir agora. E feche a porta.”

Em silêncio, mas relutante, ele obedeceu à ordem.

“Suponho que saiba por que estamos aqui”, disse Patrik.

Jacob tirou os óculos e inclinou-se para a frente. Parecia angustiado.

“Sim, meu pai ligou há cerca de uma hora. Ele contou uma história maluca de que meu querido primo alega ter visto a garota assassinada em minha casa.”

“E a história é verdadeira?” Patrik olhava Jacob com atenção.

“Claro que não.” Ele batia de leve com os óculos na escrivania. “Por que ela viria a Västergården? Pelo que entendi, era turista, e a fazenda está longe da rota turística. E, com relação ao assim chamado testemunho de Johann... Bom, a essa altura, vocês sabem qual é nossa situação familiar. Infelizmente, Solveig e os filhos aproveitam qualquer chance para denegrir nossa família. É muito irritante, mas certas pessoas não têm Deus no coração. O que elas têm é algo completamente diferente...”

“Que seja”, disse Patrik, sorrindo com educação. “Na verdade, temos uma ideia do motivo que a traria a Västergården.” Teria ele visto um brilho de preocupação nos olhos de Jacob? Prosseguiu. “Ela não estava em Fjällbacka como turista, mas em busca de suas raízes. E talvez para descobrir algo sobre o desaparecimento da mãe dela.”

“Mãe dela?”, disse Jacob, assombrado.

“Sim, ela era a filha de Siv Lantin.”

Os óculos de Jacob caíram sobre a mesa. A surpresa era fingida ou genuína, perguntou-se Martin, deixando que Patrik continuasse a entrevista. Enquanto isso, dedicou-se a observar as reações de Jacob ao longo da conversa.

“Bom, é uma notícia e tanto. Mas ainda não entendi o que ela tinha para resolver em Västergården.”

“Como eu disse, parece que ela tentava obter mais informações sobre o que aconteceu com a mãe. E, tendo em vista que seu tio era o principal suspeito no caso...” Ele não concluiu a frase.

“Devo dizer que, para mim, isso tudo soa como especulação sem fundamento. Meu tio era inocente, e vocês o levaram ao suicídio com suas suspeitas. Com ele morto, parece que estão querendo pôr um de nós na prisão. Digam-me, que tipo de chaga vocês têm no coração que os fere por dentro e faz com que sintam tanta necessidade de destruir o que outra pessoa criou? É a nossa fé e a alegria que encontramos nela que estão atravessadas em sua garganta?”

Jacob engatara um sermão, e Martin compreendeu por que ele tinha tanta reputação como pastor. Havia algo fascinante na cadência ondulada de sua voz suave.

“Estamos apenas fazendo nosso trabalho.”

O tom de Patrik era seco, e ele teve que conter-se para não demonstrar a aversão que sentia por aquilo tudo, que para ele não passava de conversa fiada religiosa. Mas também tinha que admitir que Jacob exercia certo poder ao falar. Pessoas mais fracas que ele cederiam facilmente àquela voz e seriam atraídas por sua mensagem. Ele prosseguiu:

“Então você alega que Tanja Schmidt nunca veio a Västergården?”

Jacob ergueu as mãos.

“Eu juro que nunca vi a garota. Mais alguma coisa?”

Martin pensou no que tinham descoberto por intermédio de Pedersen, o patologista. O fato de Johannes não ter cometido suicídio. Era provável que essa informação abalasse Jacob um bocado. Mas ele sabia que Patrik estava certo. Provavelmente, os telefones estariam tocando nas casas do resto da família Hult assim que eles saíssem daquela sala.

“Não, acho que isso é tudo. Mas é possível que voltemos mais tarde.”

“Eu não ficaria surpreso.”

A voz de Jacob perdera o tom de pregação e se tornara mansa e calma de novo. Martin estava quase tocando na maçaneta da porta quando esta se abriu com suavidade. Kennedy estivera do lado de fora em silêncio e abriu a porta no momento exato. Não havia dúvida de que ficara escutando. Uma fúria intensa ardia em seus olhos. Martin arrepiou-se ao ver tanto ódio. Jacob devia ter ensinado mais sobre “olho por olho” do que “amai o próximo”.

O clima estava pesado ao redor da mesa. Não que tivesse sido alegre antes. Não desde a morte de Johannes.

“Quando isso vai acabar?”, disse Solveig, apertando a mão contra o peito. “Por que temos sempre que cair na merda? Parece que todos acham que ficamos sentados aqui esperando que venham nos chutar!”, lamentou-se. “O que as pessoas vão dizer quando souberem que a polícia desenterrou Johannes? Achei que o falatório finalmente ia acabar quando encontraram a última moça, mas agora está começando tudo de novo.”

“Droga, deixe que falem! Que importa o que fuxicam na casa deles?” Robert apagou o cigarro com tanta força que o cinzeiro virou.

Solveig afastou seus álbuns.

“Robert! Tenha cuidado! Você pode deixar marcas de queimado nos álbuns.”

“Estou cheio da porra dos seus álbuns! Entra dia, sai dia, e você fica sentada aí remexendo nessas malditas fotos velhas. Você não entende? Esses dias acabaram. Já faz uns cem anos, mas você continua suspirando e brincando com essas fotos estúpidas. Papai se foi, e você não é mais uma rainha da beleza. Olhe só para você.”

Robert agarrou os álbuns e atirou-os pelo chão. Solveig jogou-se atrás deles com um grito agudo e começou a recolher as fotos que se espalhavam por todo o chão. Isso só enfureceu

Robert ainda mais. Ele ignorou o olhar suplicante de Solveig, abaixou-se, pegou um punhado de fotos e começou a rasgá-las em pedacinhos.

“Não, Robert, não, as minhas fotos não! Por favor, Robert!” Sua boca era como uma ferida aberta.

“Você é uma mulher velha e gorda, ainda não percebeu isso? E papai se matou. Já é hora de você viver com isso.”

Durante todo o ocorrido, Johann ficou sentado, como se estivesse congelado. Depois se levantou e segurou o pulso de Robert com firmeza. Forçou-o a abrir a mão e soltar o resto das fotos que ele ainda segurava, obrigando-o a ouvi-lo.

“Acalme-se, vamos. Não vê que isso é exatamente o que eles querem? Querem que nos viremos um contra o outro, para destruir nossa família. Mas não vamos dar esse prazer a eles, está ouvindo? Vamos ficar unidos. Agora, ajude mamãe a pegar os álbuns.”

A raiva de Robert se dissipou como o ar que escapa de um balão. Ele esfregou os olhos com as mãos e olhou horrorizado para a bagunça que fizera. Solveig estava caída no chão como uma grande montanha de desespero, fungando, com pedaços das fotos saindo por entre os dedos. Seus soluços eram de partir o coração. Robert caiu de joelhos e rodeou-a com os braços. Com carinho, afastou uma mecha ensebada de cabelo da testa dela e então ajudou-a a erguer-se.

“Desculpe-me, mamãe, eu sinto muito mesmo. Eu ajudo a senhora a consertar os álbuns de novo. Não posso consertar as fotos que rasguei, mas não eram muitas. Viu? As melhores ainda estão aqui. Olhe só você nesta aqui, como estava bonita.”

Ele segurou uma foto diante dela. Solveig posava num maiô recatado, com uma faixa que cruzava o peito dizendo “Rainha de Maio 1967”. E ela estava mesmo linda. Os soluços transformaram-se numa tosse seca. Ela tomou as fotos dele e sorriu.

“Eu era mesmo bonita, não era, Robert?”

“Sim, mamãe, era. A garota mais bonita que eu já vi!”

“Você acha mesmo?”

Ela deu-lhe um sorriso coquete e afagou-lhe o cabelo. Ele a levou até a cadeira da cozinha.

“Acho, sim. Juro.”

Momentos depois, estava tudo arrumado, e ela outra vez remexia feliz em seus álbuns. Johann acenou para Robert, chamando-o para fora. Sentaram-se nos degraus, do lado de fora do casebre, e cada um acendeu um cigarro.

“Droga, Robert, você não pode pirar agora.”

Robert esfregou o pé no cascalho. Ele ficou em silêncio. Que podia dizer?

Johann tragou fundo e saboreou a sensação da fumaça saindo por entre os lábios.

“Não podemos fazer o jogo deles. Falei sério lá dentro. Temos que ficar unidos.”

Robert ficou em silêncio. Estava envergonhado. Uma grande depressão formara-se no cascalho onde ele arrastava o pé para a frente e para trás. Ele jogou a guimba no buraco e cobriu-a com terra, apesar de ser completamente inútil. O chão ao redor deles estava emporcalhado com guimbas velhas. Momentos depois, ele se virou e olhou para Johann.

“Johann, você disse que viu aquela garota em Västergården.” Ele hesitou. “É verdade?”

Johann deu uma última tragada em seu cigarro e também jogou a guimba no chão. Depois se levantou sem olhar para o irmão.

“É a mais pura e maldita verdade.” E voltou para dentro da cabana.

Robert ficou sentado ali e, pela primeira vez na vida, sentiu que um abismo se abria entre ele e o irmão. Aquilo o apavorou.

A tarde passou numa tranquilidade enganosa. Até saberem mais sobre a autópsia de Johannes, Patrik não queria fazer nada precipitado, e apenas ficou esperando que o telefone tocasse. Ele se sentia inquieto e foi bater um papo com Annika.

“Como estão as coisas?” Como de costume, ela o olhou por cima da armação dos óculos.

“Esse calor não torna as coisas nada fáceis.” Assim que disse aquilo, ele sentiu uma brisa agradável vindo da sala de Annika. Um grande ventilador girava na mesa dela, e Patrik fechou os olhos de prazer.

“Por que não pensei nisso? Comprei um ventilador para Erica usar lá em casa, então por que também não comprei um para minha sala? Essa vai ser com certeza a primeira coisa que vou fazer pela manhã.”

“E como vai a gravidez de Erica? Esse calor deve estar sendo terrível para a pobre moça.”

“Sim, antes de comprar o ventilador, ela estava quase subindo pelas paredes. Não está dormindo bem, tem câimbras na panturrilha e simplesmente não consegue deitar de barriga. Sabe como é?”

“Não, não posso dizer que saiba”, disse Annika.

Patrik percebeu, com um choque, o que dissera. Annika e o marido não tinham filhos, e ele nunca ousara perguntar o motivo. Talvez não pudessem ter. Se fosse o caso, ele tinha colocado o dedo na ferida com seu comentário indelicado. Ela percebeu o constrangimento dele.

“Não se preocupe. Foi uma decisão consciente de nossa parte. Nunca tivemos vontade de ter filhos. Para nós, é suficiente dedicar toda a nossa afeição aos cachorros.”

Patrik podia sentir a cor voltando à sua face.

“Achei que tinha dado um fora. De qualquer modo, está difícil para nós agora, se bem que

é óbvio que está mais difícil para a Erica. Só queremos que isso acabe. E nossa casa tem sido meio invadida ultimamente.”

“Invadida?” Annika ergueu uma sobrancelha.

“Parentes e conhecidos que acham que Fjällbacka em julho é uma ótima ideia.”

“E adoram abusar de vocês, certo?”, disse Annika. “É, sabemos como é isso. No começo, tivemos o mesmo problema com nossa casa de verão, até que nos enchemos e dissemos a todos os penetras para sumirem. Desde então, nunca mais ouvimos falar deles, mas reparamos que não sentimos a mínima falta. Os verdadeiros amigos aparecem em novembro também. Os outros você pode se dar ao luxo de perder.”

“É verdade, é a pura verdade”, disse Patrik, “mas é mais fácil falar do que fazer. Erica conseguiu enxotar o primeiro grupo que apareceu, mas agora estamos encalhados com um nova rodada deles e tentando ser hospitaleiros. Pobre Erica, que está em casa o dia todo, tendo que ficar a serviço deles.” Ele suspirou.

“Então, acho que você terá que bancar o homem da casa e resolver a situação.”

“Eu?” Patrik olhou para Annika ofendido.

“Claro, se Erica fica estressada enquanto você consegue escapar o dia todo, talvez você tenha que ser firme e garantir-lhe um pouco de paz. Não deve ser nada fácil para ela. Está acostumada a ter a própria carreira e tudo mais e, de repente, tem que ficar sentada em casa, olhando o próprio umbigo, enquanto a sua vida continua como sempre foi.”

“Nunca pensei na coisa por esse ângulo”, disse Patrik, envergonhado.

“Imaginei. Assim, esta noite, você tem que expulsar os convidados, não importa o que Martin Luther lhe sussurre no ouvido. E depois tem que se derreter todo pela mãe que está esperando nenê. Já conversou com ela e perguntou como se sente, sozinha em casa o dia todo? Suponho que, com esse calor, ela também não possa sair, tornando-se uma verdadeira prisioneira naquela casa.”

“Está certo.” Àquela altura, Patrik estava sussurrando. Era como ser atropelado por um rolo compressor. Ele sentiu a garganta trancar de preocupação. Não precisava ser um gênio para ver que Annika estava certa. Uma mistura de egoísmo míope e do hábito de deixar-se absorver pelo trabalho o fizera negligenciar Erica. Ele imaginou que devia ser ótimo para ela tirar férias e devotar-se à gravidez. O que mais o envergonhava era que ele conhecia Erica muito bem. Sabia como era importante para ela fazer algo significativo. Ela não era de ficar à toa. Sem dúvida, fora conveniente para ele enganar a si próprio.

“Então, não acha que devia ir para casa mais cedo e tomar conta de sua esposa?”

“Mas estou esperando um telefonema.” Foi a resposta automática. O olhar de Annika mostrou que era a resposta errada.

“Quer dizer que o seu celular só funciona dentro da delegacia? Um alcance meio limitado,

não acha?”

“Está certo”, choramingou Patrik. Ergueu-se da cadeira de um salto. “Vou para casa agora mesmo. Você pode transferir as ligações para meu celular...?”

Annika olhou-o como se fosse mentalmente retardado, e ele recuou até a porta. Se usasse boné, estaria apertando-o entre as mãos, fazendo reverências ao sair...

Contudo, eventos inesperados interferiram, e passou-se mais de uma hora antes que ele pudesse deixar a delegacia.

Ernst tentava escolher um doce na Hedemyr. Ele quis ir à padaria, mas o tamanho da fila o fez mudar de ideia. Enquanto se decidia entre um pão doce de canela e as bolas de chocolate, uma agitação terrível no andar superior chamou sua atenção. Ele largou os doces e foi ver o que acontecia. A loja tinha três andares. No térreo, ficavam o restaurante, a banca de jornal e a livraria; no primeiro andar, ficavam os alimentos; e no último, as roupas, sapatos e presentes. Duas mulheres estavam em pé ao lado da caixa registradora, disputando uma bolsa. Uma delas usava um crachá que a identificava como funcionária, e a outra parecia ter saído de um filme russo de orçamento baixo. Minissaia curta, meia arrastão, um top que serviria em uma menina de doze anos e maquiagem suficiente para parecer um mapa rodoviário colorido.

“Não, não, minha bolsa!”, berrava a mulher num inglês rudimentar.

“Vi você pegando algo”, respondeu a funcionária da loja, também em inglês, mas com um sotaque claramente sueco. Ela pareceu aliviada ao ver Ernst.

“Graças a Deus, por favor, prenda esta mulher. Eu a vi andando por aí e enchendo a bolsa de coisas, e depois tentou sair daqui na cara dura.”

Ernst não hesitou. Com dois passos largos, chegou até elas e agarrou pelo braço a possível ladra. Como ele não falava inglês, nem se incomodou em fazer perguntas. Em vez disso, puxou a bolsa volumosa a que ela se aferrava e simplesmente esvaziou o conteúdo no chão. Caíram da bolsa um secador de cabelos, um depilador, uma escova de dentes elétrica e, por alguma razão desconhecida, um porco de cerâmica com uma guirlanda de flores na cabeça.

“Que tem a dizer sobre isso, hein?”, disse Ernst, em sueco. A funcionária traduziu.

A mulher apenas sacudiu a cabeça e tentou parecer atordoada.

“Não sei nada”, disse ela. “Fala com meu namorado, ele vai resolver isso. Ele é chefe de polícia!”

“O que esta senhora está dizendo?”, sibilou Ernst. Irritava-o ter que depender de uma mulher para traduzir o que ele dizia.

“Ela diz que não sabe nada. E que você deve falar com o namorado dela. Ela disse que é

o delegado?”

A funcionária olhou espantada para Ernst e para a mulher, que naquele momento exibia no rosto um sorriso de superioridade.

“Ah, claro, ela terá a chance de falar com a polícia, com certeza. Então vamos ver se ela mantém essa história idiota sobre o ‘namorado que é delegado’. Esse teatro pode funcionar na Rússia ou no lugar de onde quer que tenha vindo, dona, mas não vai funcionar aqui”, gritou ele, o rosto a centímetros do da mulher. Ela não entendeu uma palavra, mas, pela primeira vez, pareceu um pouco insegura.

Sem qualquer delicadeza, Ernst a puxou para fora da Hedemyr e cruzou a rua até a delegacia. Ele quase arrastava a mulher de salto alto atrás de si, e os carros reduziam a velocidade para apreciar o espetáculo. Annika arregalou os olhos quando ele passou pela recepção.

“Mellberg!”, chamou Ernst, sua voz ecoando pelo corredor. Patrik, Martin e Gösta puseram as cabeças para fora para ver o que acontecia. Ernst berrou de novo na direção da sala de Mellberg. “Mellberg, venha cá, estou aqui com a sua namorada!”

Ele riu por dentro. Agora ela iria receber sua merecida punição. Na sala de Bertil, o silêncio era assustador, e Ernst começou a perguntar-se se o chefe não teria saído enquanto ele fazia compras.

“Mellberg?”, chamou pela terceira vez, agora um pouco menos entusiasmado com o plano de fazer a mulher engolir as palavras. Ficou parado no corredor segurando a mulher, e todos os olhos se grudaram nele. Por fim, Mellberg emergiu da sala com os olhos postos no chão. Ernst sentiu uma bola formando-se no estômago à medida que percebia que as coisas talvez não funcionassem da forma esplêndida que imaginara.

“Be-e-ertil!” A mulher se soltou e correu para Mellberg, que ficou paralisado como um cervo diante dos faróis de um carro. Como ela era vinte centímetros mais alta que ele, foi cômico quando o apertou num abraço. Ernst ficou boquiaberto. Querendo sumir num buraco no chão, decidiu começar de imediato a escrever sua carta de demissão. Antes de ser chutado. Horrorizado, percebeu que anos e anos de constante adulação ao chefe haviam sido arruinados por um único ato infeliz.

A mulher libertou Mellberg de seus braços e voltou-se para apontar Ernst, que permanecia ali envergonhado, segurando a bolsa dela.

“Esse homem bruto pôs mãos em mim! Ele diz eu roubo! Oh, Bertil, você tem que ajudar sua pobre Irina!”

Constrangido, Mellberg deu palmadinhas no ombro dela, o que exigia que ele levantasse a mão até a altura do próprio nariz.

“Vá para casa, Irina, certo? Para casa. Eu vou mais tarde. Certo?”

O inglês dele podia ser classificado, na melhor das hipóteses, como deficiente, mas ela entendeu o que ele disse e não gostou.

“Não, Bertil, eu fica aqui. Você fala com esse homem, e eu fico aqui e vejo você trabalhar, certo?”

Ele sacudiu a cabeça com firmeza e começou a enxotá-la para fora. Ela virou-se ansiosa.

“Mas, Bertil, querido, Irina não rouba, certo?”

Então, ela saiu pavoneando-se nos saltos altos, depois de lançar a Ernst um olhar vingativo e triunfante. Ele, por sua vez, ficou olhando fixo para o carpete, sem se atrever a olhar Mellberg nos olhos.

“Lundgren! Na minha sala, agora!”

Aos ouvidos de Ernst, aquilo soou como o dia do Juízo Final. Encurvado e obediente, ele seguiu Mellberg. As cabeças ainda estavam no corredor de queixos caídos. Pelo menos agora sabiam a causa de todas as mudanças de humor.

“Agora, pode me dizer o que aconteceu?”, disse Mellberg.

Ernst acenou com a cabeça, inseguro. O suor brotou-lhe na testa. Daquela vez não era por causa do calor.

Ele contou ao chefe sobre a confusão na Hedemyr e como vira a mulher envolvida num cabo de guerra com a funcionária. Numa voz trêmula, contou ainda como tinha despejado o conteúdo da bolsa, que incluía certa quantidade de itens não pagos. Então calou-se e esperou o julgamento. Para sua surpresa, Mellberg recostou-se para trás na cadeira e deu um suspiro profundo.

“Eu me meti numa encrenca infernal.” Ele fez uma pausa antes de curvar-se para abrir uma gaveta. Tirou algo que jogou sobre a mesa, na direção de Ernst.

“Era isso o que eu esperava. Página três.”

Curioso, Ernst pegou o que parecia ser um catálogo e abriu na página três. As páginas estavam repletas de fotos de mulheres, com breves descrições de altura, peso, cor dos olhos e interesses. De repente, entendeu o que Irina era: uma “noiva de encomenda”. Mas não havia muita semelhança entre a Irina de verdade e o retrato no catálogo. Na descrição, ela subtraía ao menos dez anos, dez quilos no corpo e um quilo de maquiagem. Nas fotos, ela parecia bela e inocente, olhando para a câmera com um sorriso largo. Ernst olhou para o retrato e depois para Mellberg, que abriu os braços.

“Você entende? Era *isso* que eu aguardava. Trocamos cartas por um ano, e eu mal podia esperar que ela chegasse aqui.” Apontou com o queixo para o catálogo no colo de Ernst. “E, então, ela chegou”, suspirou ele. “Vou lhe dizer, foi um banho de água fria. E começou na hora: ‘Bertil, querido, compre isso e compre aquilo’. Eu até a peguei xeretando em minha carteira quando ela achava que eu não estava olhando. Juro, é uma tremenda de uma

encrenca.”

Ele passou a mão pela massa de cabelo no alto da cabeça, e Ernst reparou que o Mellberg tão cuidadoso com a aparência se fora. Agora, a camisa estava manchada de novo, e as nódoas de suor sob os braços eram do tamanho de um prato de sobremesa. De certa forma, isso parecia reconfortante. As coisas tinham voltado a seu curso natural.

“Conto com você para não sair por aí tagarelando sobre isso.” Mellberg apontou o dedo para Ernst, que sacudiu a cabeça com vigor. Não diria uma palavra. Ele ficou coberto de alívio. Não seria demitido, afinal.

“Podemos então esquecer esse pequeno incidente? Vou providenciar para que seja tudo resolvido. Vai ser o primeiro avião para casa.”

Ernst levantou-se e, com uma mesura, retrocedeu para a porta.

“E pode dizer para todos lá fora pararem de cochichar e trabalharem duro.”

Ernst abriu um sorriso de orelha a orelha ao ouvir a voz rabugenta de Mellberg. O chefe estava de volta ao comando.

Se Patrik tinha alguma dúvida sobre a sabedoria do conselho de Annika, ela desapareceu assim que ele entrou pela porta. Erica jogou-se em seus braços, e ele viu a exaustão cobrindo-lhe o rosto como um véu. A consciência pesada começou a corroê-lo de imediato. Ele devia ter sido mais sensível, mais atencioso para com o estado de espírito de Erica. Em vez disso, enterrara-se no trabalho mais do que o normal, largando-a em casa sem nada interessante para ocupar-lhe o tempo.

“Onde eles estão?”, murmurou ele.

“Lá fora, no jardim”, respondeu Erica, também murmurando. “Ah, Patrik, não vou conseguir aturá-los mais um dia. Eles ficaram lá sentados o dia todo esperando que eu os servisse. Não aguento mais.”

Ela desabou nos braços dele, e ele afagou-lhe o cabelo.

“Não se preocupe, vou cuidar disso. Desculpe-me, eu não devia ter trabalhado tanto, esta semana toda.”

“Você me perguntou se estava tudo certo, e eu concordei. E, na verdade, você não teve escolha”, murmurou Erica ao encontro da camisa dele.

Apesar da consciência pesada, Patrik estava disposto a concordar. Como poderia ter agido de outra forma quando uma garota estava desaparecida, talvez mantida em cativeiro em algum lugar? Ao mesmo tempo, ele precisava colocar Erica e o bebê e a saúde deles em primeiro lugar.

“Não sou o único lá na delegacia. Posso transferir muita coisa para os outros. Mas primeiro temos assuntos mais urgentes para resolver.”

Ele soltou Erica, respirou fundo e saiu para o jardim.

“Olá, todo mundo. Estão se divertindo?”

Jörgen e Made viraram-se para ele, os narizes coloridos, e acenaram as cabeças, felizes. *Aposto que se divertiram*, pensou ele, *com serviço completo o dia todo, achando que isso aqui é uma merda de um hotel.*

“Escutem só, resolvi seu problema. Dei uns telefonemas e descobri que há vagas no Grande Hotel porque muita gente deixou Fjällbacka. Mas, como vocês estão viajando com um orçamento apertado, ele talvez não seja adequado, não é?”

Jörgen e Made, que a princípio pareciam nervosos, concordaram com entusiasmo. Não, não era adequado.

“Mas não se preocupem”, disse Patrik, vendo satisfeito as rugas surgirem de novo nas testas deles. “Liguei também para o albergue da juventude em Valö, e vocês acreditam? Eles têm uma vaga! Legal, não é? Barato e limpo. Não podia ser melhor!”

Ele bateu palmas, numa felicidade exagerada, adiantando-se às objeções que via formando-se nos lábios dos hóspedes.

“Assim, é melhor comecem a fazer as malas já. O barco sai da praça Ingrid Bergman em uma hora.”

Jörgen começou a dizer algo, mas Patrik ergueu as mãos.

“Não, não, não precisa me agradecer. Não foi trabalho nenhum. Tudo que fiz foi dar uns telefonemas.”

Ele voltou com um sorriso para a cozinha, de onde Erica espiava pela janela. Eles bateram as palmas das mãos em triunfo e tiveram de reprimir o riso.

“Demais”, murmurou Erica, admirada. “Eu não sabia que vivia com um mestre maquiavélico desse calibre!”

“Tem muita coisa que você não sabe sobre mim, querida. Sou uma pessoa muito complexa, sabe...”

“E é mesmo. E eu que sempre achei que você fosse meio limitado.” Ela provocou, sorrindo.

“Bom, se você não tivesse esse barrigão no caminho, ia ver só como sou limitado”, devolveu Patrik. Ele sentia a tensão do dia começar a ceder com as provocações carinhosas. Ele ficou sério.

“Tem notícias de Anna?”

O sorriso de Erica desapareceu.

“Não, nada. Fui até o cais, mas o barco não estava atracado lá.”

“Você acha que ela foi para casa?”

“Não sei. Ou isso, ou eles estão velejando em algum lugar costa acima. Mas quer saber?”

Não tenho mais energia para pensar nisso. Estou de saco cheio com o jeito como ela se irrita à toa cada vez que digo algo que não devia.”

Ela suspirou e ia começar a dizer alguma coisa mais, mas foram interrompidos pela passagem de Jörgen e Made, indo pegar suas coisas.

Mais tarde, depois de Patrik ter dado uma carona aos veranistas relutantes até o barco para Valö, eles se sentaram na varanda para desfrutar o silêncio. Ansioso por agradar e sentindo que ainda tinha uma grande dívida a saldar, Patrik massageou os pés e os tornozelos inchados de Erica enquanto ela suspirava de prazer. Ele afastou todos os pensamentos relativos às garotas assassinadas e à desaparecida Jenny Möller. De vez em quando, sua alma precisava de um pouco de descanso.

O telefonema veio pela manhã. Como parte da resolução de cuidar um pouco melhor da esposa, Patrik decidira tirar a manhã de folga. Estavam sentados na tranquilidade do jardim, tomando café da manhã, quando Pedersen ligou. Com um olhar de desculpas para Erica, ele se levantou da mesa, mas ela apenas sorriu e fez sinal para que ele fosse em frente. Ela já parecia muito mais feliz.

“Descobriu algo interessante?”, perguntou Patrik.

“Pode-se dizer que sim. Primeiro, a causa da morte de Johannes Hult, minha primeira observação estava correta. Johannes não se enforcou. Se você diz que ele foi encontrado no chão, com um laço no pescoço, então o laço foi colocado depois da morte. Na verdade, a causa da morte foi uma pancada forte na parte de trás da cabeça com um objeto duro, mas não rombudo. Algo com uma ponta aguda. Ele tem também uma fratura na mandíbula, que indicaria um golpe frontal.”

“Então não há dúvida de que estamos falando de assassinato?” Patrik segurava o fone com força.

“Nenhuma, é impossível que esses ferimentos tenham sido autoinfligidos.”

“Há quanto tempo ele está morto?”

“É difícil dizer. Mas ele esteve enterrado muito tempo. Meu palpite é de que o momento da morte corresponde muito bem com a época em que supostamente teria se enforcado. Ele não foi enterrado numa data posterior, se é atrás disso que você está”, disse Pedersen num tom divertido.

Um momento de silêncio se seguiu enquanto Patrik pensava sobre o que Pedersen contara. Então, algo lhe ocorreu.

“Você deu a entender que encontrou algo mais ao examinar Johannes. O que foi?”

“Ah, sim, você vai gostar. Temos aqui uma estagiária de verão que é dedicada de verdade, e ela teve a ideia de tirar uma amostra do DNA de Johannes, uma vez que, de

qualquer modo, ele já tinha sido desenterrado, e comparar com a amostra de esperma encontrada em Tanja Schmidt.”

“Sim?” Patrik podia ouvir a si mesmo respirando fundo, tenso de ansiedade.

“Diabos me carreguem se não há uma semelhança enorme! A pessoa que matou Tanja Schmidt é, definitivamente, parente de Johannes Hult.”

Patrik nunca ouvira Pedersen, sempre tão formal, praguejar, e agora estava propenso a fazer-lhe coro. *Raios que me partam*, pensou. Fez uma pausa para recompor-se e disse:

“Pode dizer o grau de parentesco?” Seu coração batia forte no peito.

“Posso, e estamos trabalhando nisso agora, mas precisamos de mais material de referência, sendo assim, seu trabalho agora é recolher amostras de sangue de todos os membros conhecidos da família Hult.”

“De todos eles?”, disse Patrik. Ele ficou exausto só de pensar na reação do clã à invasão de privacidade.

Ele agradeceu a Pedersen pela informação e voltou à mesa do café, onde Erica estava sentada como uma madona, a camisola branca ondulando e o cabelo loiro voando. Ela ainda o deixava sem fôlego.

“Vá em frente”, disse ela, dispensando-o com um aceno, e ele, agradecido, a beijou no rosto.

“Tem algo para fazer hoje?”, perguntou ele.

“Uma das vantagens de se ter hóspedes exigentes é que não vejo a hora de passar o dia descansando. Em outras palavras, resolvi não fazer nada hoje. Apenas deitar lá fora, ler e comer uma comidinha gostosa.

“Parece um plano muito bom. Vou fazer de tudo para chegar cedo em casa hoje. Estarei aqui lá pelas quatro, o mais tardar, prometo.”

“Faça o melhor que puder. Agora, corra, posso ver as solas de seus sapatos queimando.”

Ela não precisou falar duas vezes. Ele saiu apressado para a delegacia.

Quando chegou lá, vinte minutos depois, os demais estavam sentados no refeitório tomando o café do meio da manhã. Culpado, ele percebeu que era mais tarde do que pensava.

“Olá, Hedström, você esqueceu de ligar o despertador hoje?”

Agora que sua autoconfiança fora completamente restaurada, Ernst parecia tão arrogante como de costume.

“Só tirando umas horas de folga para compensar todas as horas extras. Minha esposa também estava precisando de um pouco de carinho”, disse Patrik, piscando para Annika, que acabava de aparecer vinda da recepção.

“Bem, aposto que é um dos privilégios de ser o chefe da investigação, dormir umas horas

a mais quando quiser.” Ernst não pode evitar a provocação.

“Estou encarregado da investigação, claro, mas não sou o chefe”, observou Patrik com calma. O olhar que Annika lançou a Ernst não era tão amigável. Patrik prosseguiu. “E, como responsável pela investigação, tenho novidades... e novas atribuições.”

Ele transmitiu a todos o que Pedersen contara, e, por um momento, houve um clima de triunfo no refeitório da delegacia de Tanumshede.

“Então, agora, reduzimos de repente as opções a quatro suspeitos possíveis”, disse Gösta. “Johann, Robert, Jacob e Gabriel.”

“Sim, e não se esqueçam de onde Tanja foi vista pela última vez”, disse Martin.

“Quer dizer, de acordo com Johann”, lembrou-os Ernst. “Não se esqueçam de que é Johann quem *alega* tê-la visto. Por mim, eu gostaria de achar uma testemunha um pouquinho mais confiável.”

“Mas Linda também disse que eles viram alguém lá, naquela noite, portanto...”

Patrik interrompeu Ernst e Martin.

“Esta pode ser uma discussão retórica. Assim que trouxermos todos os membros da família Hult e fizermos neles o teste de DNA, não vamos mais ter que especular. Vamos saber. Enquanto vinha para cá, liguei para pedir as permissões necessária. Todos sabem o porquê de isso ser tão urgente, de modo que estou esperando o sinal verde da promotoria pública a qualquer momento.”

Ele se serviu de uma xícara de café e sentou-se com os demais. Colocou o celular no centro da mesa, e ninguém pôde evitar olhá-lo.

“Então, o que acharam da cena de ontem?” Ernst deu uma risadinha. Ele esquecera depressa a promessa de não espalhar o que Mellberg lhe dissera em confidência. A essa altura, todos já sabiam sobre a noiva por encomenda de Mellberg e haviam rido como não faziam em anos. Era algo sobre o que falariam por um bom tempo, fora do alcance dos ouvidos do chefe.

“Pobre diabo!” Gösta riu. “Se você está tão desesperado por mulher a ponto de ter que encomendar uma por catálogo, então só pode culpar a si mesmo.”

“A cara que ele deve ter feito quando foi buscá-la no aeroporto e viu que não era nada do que esperava...” Annika deu uma bela gargalhada à custa do chefe. Rir da desgraça alheia não parecia tão ruim quando o alvo era Mellberg.

“Bom, devo dizer que ela não descansou sobre os louros de sua conquista. Foi direto para a loja encher a bolsa. Também não parecia se importar muito com o que estaria roubando, contanto que tivesse uma etiqueta de preço.” Ernst riu. “Se bem que, falando em roubo, ouçam só isso. O velho Persson, aquele que Gösta e eu fomos ver ontem, contou que algum idiota costumava roubar aquele maldito fertilizante dele. Uns bons sacos sumiam cada vez

que ele recebia uma nova remessa. Dá pra acreditar que alguém possa ser tão mão de vaca a ponto de roubar sacos de merda? É claro que é merda, cara, mas ainda assim...” Ele deu um tapa no joelho. “Ah, Deus”, disse, secando uma lágrima do canto do olho. Então percebeu que a seu redor havia um silêncio mortal.

“O que foi que você acabou de dizer?”, perguntou Patrik com uma voz ameaçadora. Ernst ouvira aquela voz fazia poucos dias e percebeu que tinha se ferrado de novo.

“É, bom, ele disse que alguém costumava roubar sacos de fertilizante dele.”

“E, considerando que a fazenda mais próxima é Västergården, não ocorreu a você que essa poderia ser uma informação valiosa?”

A voz do colega era tão fria que Ernst sentiu a pele congelar. Patrik voltou-se para Gösta.

“Você ouviu isso, Gösta?”

“Não, o fazendeiro deve ter contado a ele quando fui ao banheiro por uns minutos.” Ele olhou ameaçador para Ernst.

“Na hora, não achei que importasse”, gemeu Ernst. “Droga, não posso me lembrar de tudo.”

“Isso é exatamente o que se espera de você. Mas discutiremos depois. A questão é: o que isso significa para nós?”

Martin levantou a mão, como se ainda estivesse na escola.

“Sou o único que acha que devemos nos concentrar em Jacob?” Ninguém respondeu, e ele explicou. “Em primeiro lugar, temos um depoimento, embora de fonte duvidosa, dizendo que Tanja esteve em Västergården pouco antes de desaparecer. Segundo, o DNA encontrado no corpo de Tanja é de algum parente de Johannes. E, terceiro, sacos de fertilizante foram roubados da fazenda ao lado de Västergården. São motivos suficientes para me fazer pensar que deveríamos trazê-lo para uma conversinha. E, nesse meio-tempo, poderíamos dar uma olhada em sua propriedade.

Ainda não houvera comentários, e Martin continuou com seu raciocínio.

“Como você mesmo disse, Patrik, é urgente. Não temos nada a perder dando uma olhada em volta e espremendo Jacob um pouco. Só perderemos se não fizermos nada. É claro que vamos descobrir algo depois de testar todos os Hult e comparar o DNA, mas até lá não podemos ficar aqui sentados à toa. Temos que fazer algo!”

Finalmente, Patrik tomou a palavra.

“Martin está certo. Há bons motivos para crer que vale a pena falar com ele, e também não vai fazer mal dar uma olhada em Västergården. Assim, é isso o que faremos: Gösta e eu vamos trazer Jacob. Martin, entre em contato com Uddevalla e peça reforços para fazermos uma busca em toda a fazenda. Peça ajuda a Mellberg para conseguir os mandados e assegure-se de que eles não cubram só a residência, mas também as demais edificações do

terreno. Se necessário, contatem Annika. Certo? Alguma pergunta?”

“Sim, o que faremos com relação às amostras de sangue?”, perguntou Martin.

“Droga, me esqueci disso. Precisamos nos clonar.” Patrik pensou por um instante. “Martin, se conseguir ajuda de Uddevalla, poderia cuidar disso também?” Martin concordou com a cabeça. “Ótimo, então entre em contato com o hospital em Fjällbacka e leve com você alguém que saiba coletar amostras de sangue. E certifique-se de que as amostras sejam identificadas corretamente. Depois, leve-as ao laboratório de Pedersen o mais rápido que puder. Tudo bem, vamos nos mexer. E não se esqueçam do motivo de termos pressa!”

“Então, o que vou fazer?” Ernst viu a oportunidade de recuperar as boas graças.

“Você fica aqui”, disse Patrik, e não desperdiçou mais palavras discutindo.

Ernst resmungou, mas sabia que aquela era a hora de baixar a cabeça. Mas ia mesmo ter uma conversa com Mellberg quando tudo aquilo acabasse. Ele não tinha feito tanto estrago assim. Afinal, era apenas humano.

O coração de Marita inflamou-se no peito. O culto ao ar livre estava magnífico como sempre, e lá no centro estava seu Jacob. Ereto, forte e de voz segura, proclamando a palavra de Deus. Muita gente estava ali. Além da maioria do pessoal da fazenda – alguns ainda não tinham visto a luz e por isso se recusavam a participar –, mais uma centena de fiéis compareceu. Sentavam-se na grama com os olhos fixos em Jacob, que assumira seu lugar de sempre sobre a pedra, de costas para o lago. Ao redor dele, erguia-se alto um bosque de bétulas, proporcionando sombra quando o calor era mais intenso e farfalhando como pano de fundo para a voz melodiosa de Jacob. Às vezes, ela nem acreditava em sua sorte. Que o homem que todos olhavam com admiração a tivesse escolhido.

Quando conheceu Jacob, ela tinha apenas dezessete anos. Jacob tinha vinte e três e já conquistara uma reputação como elemento poderoso na congregação. Isso se devia em parte ao avô, cuja fama passara para ele, mas a maior parte devia-se a seu próprio carisma. A combinação incomum de bondade e força conferia-lhe um brilho que ninguém podia ignorar. Marita e os pais eram membros da congregação havia muito tempo e nunca tinham perdido um culto. Mesmo antes de assistirem ao primeiro serviço religioso liderado por Jacob Hult, Marita sentiu um formigamento por dentro, como uma premonição de que algo maravilhoso estava para acontecer. E aconteceu. Ela não foi capaz de tirar os olhos dele. Ela fixara o olhar na boca dele, da qual a palavra de Deus se derramava com a facilidade da água corrente. Quando os olhos de Jacob começaram a encontrar os seus, ela passou a dirigir preces a Deus. Preces febris, suplicando, implorando. Ela, que fora ensinada que nunca se deve rezar por nada para si mesmo, orava por algo tão mundano como um homem. Mas ela não podia parar. Apesar de sentir as chamas do purgatório começando a queimá-la em sua

caçada por pecadores, continuou as preces ardentes e não parou até ver Jacob olhando-a com desejo nos olhos.

Na verdade, ela não entendia por que Jacob a escolhera para esposa. Ela sabia que sua aparência sempre fora bastante comum e que sua personalidade era silenciosa e tímida. Mas ele a quis, e, no dia em que se casaram, ela prometeu a si mesma jamais se preocupar ou questionar a vontade de Deus. Era óbvio que o Senhor vira ambos na multidão e decidira que o casamento deles seria bom, e ela devia ficar feliz com isso. Talvez uma pessoa forte como Jacob precisasse de uma companheira fraca para não se desgastar com oposições. O que sabia ela?

As crianças se agitavam inquietas, sentadas no chão a seu lado. Marita silenciou-as com severidade. Sabia que as pernas delas coçavam de vontade de correr e brincar, mas haveria tempo para isso mais tarde. Naquele momento, deviam escutar o pai pregar a palavra de Deus.

“A fé é testada quando enfrentamos dificuldades. É também nesses momentos que nossa fé se fortalece. Sem desafios, a fé enfraquece e nos deixa saciados e indolentes. Começamos a esquecer por que devemos pedir a Deus orientação. E acabamos nos perdendo. Eu mesmo tive que passar por provações ultimamente, vocês sabem. E minha família também tem sido testada. As forças do mal trabalham para testar nossa fé. Mas estão condenadas ao fracasso. Nossa fé tornou-se tão forte que os poderes do mal não têm chance de me atingir. Louvado seja o Senhor, que me dá essa força!”

Ele ergueu as mãos para o céu, e a multidão explodiu num “Aleluia”, os rostos brilhando de alegria e convicção. Marita ergueu as mãos para o céu e agradeceu a Deus. As palavras de Jacob fizeram com que esquecesse os problemas da última semana. Ela confiava nele e confiava no Senhor, e, se ambos estavam unidos, nada poderia afetá-los.

Jacob terminou o culto, e, pouco depois, uma multidão o rodeou. Todos queriam apertar-lhe a mão, agradecer e oferecer apoio. Todos pareciam ter necessidade de tocá-lo e, assim, poder levar consigo para casa algo de sua calma e convicção. Todos queriam um pedaço dele. Marita ficou de lado, triunfante, consciente de que Jacob era seu. Às vezes, ela se perguntava, com a consciência pesada, se era pecado sentir tamanho desejo de possuir seu marido, de ter cada fibra dele para si mesma, mas sempre rejeitava tais pensamentos. Era óbvio que estarem juntos era a vontade de Deus, e isso jamais poderia ser considerado errado.

Quando a multidão ao redor de Jacob começou a dispersar-se, ela pegou as crianças pela mão e foi até ele. Ela o conhecia muito bem. Ela sabia que o que o preencheria durante o culto começava a esvair-se, e o cansaço enchia seus olhos.

“Venha, vamos para casa, Jacob.”

“Ainda não, Marita. Há algo que preciso fazer antes.”

“Não há nada que não possa esperar até amanhã. Vou levá-lo para casa agora, para que descanse. Posso ver que está cansado.”

“Como sempre, você está certa, minha sábia esposa.” Ele sorriu e tomou a mão dela. “Só tenho que pegar minhas coisas no escritório, depois podemos ir.”

Estavam indo para casa quando dois homens vieram andando na direção deles. A princípio, com o sol nos olhos, não conseguiram ver quem eram, mas, quando chegaram mais perto, Jacob deu um gemido de irritação.

“O que querem agora?”

Marita, espantada, correu os olhos de Jacob para os homens, até perceber que, pelo tom de voz dele, deviam ser da polícia. Ela lançou-lhes um olhar feroz. Eram eles quem, recentemente, estavam causando tantos problemas a Jacob e à família.

“Precisamos conversar com você, Jacob.”

“O que mais há para dizer que eu já não tenha dito ontem?”, perguntou ele com um suspiro. “Tudo bem, podemos acabar com isso de vez. Vamos para meu escritório.”

Os policiais não se moveram. Olharam constrangidos para as crianças, e Marita farejou problemas. Instintivamente, puxou as crianças para mais perto de si.

“Aqui, não. Queremos conversar com você lá na delegacia.”

Foi o policial mais jovem quem falou. O mais velho, um pouco de lado, olhava Jacob com expressão solene. O medo cravou as garras no coração de Marita. Eram, na verdade, as forças do mal que se aproximavam, bem como Jacob dissera no sermão.

IX

Verão de 1979

*E*la sabia que a outra garota se fora. Em seu canto escuro, ela a ouviu dar seu último suspiro e, de mãos postas, rezou com fervor para que Deus aceitasse sua companheira de sofrimento. De certa forma, ela tinha inveja da garota. Inveja de que o sofrimento dela agora tivesse terminado.

A garota estava aqui antes que ela viesse para o inferno. A princípio, o medo a paralisara, mas os braços da garota a sua volta e seu corpo quente deram-lhe uma segurança estranha. Ao mesmo tempo, ela não foi gentil o tempo todo. A luta pela sobrevivência as aproximara, mas também as afastara. Ela própria mantivera a esperança. A outra garota, não. Ela sabia que às vezes fora odiada por ter esperança. Mas como poderia abandonar a esperança? Durante toda a vida lhe disseram que toda situação impossível tem uma solução, e por que esta seria diferente? Ela podia ver na mente as faces do pai e da mãe, e estava convencida de que logo a encontrariam.

Aquela pobre garota, que não tinha nada. Ela percebeu quem ela era assim que sentiu-lhe o corpo quente no escuro, mesmo que nunca tivessem trocado uma palavra durante suas vidas anteriores, lá em cima. E, por um acordo tácito, elas nunca se chamaram pelos nomes, o que teria parecido normal demais. Nenhuma delas seria capaz de suportar aquele fardo. Mas a outra garota falara sobre a filha. Foi a única vez em que houve alguma vida em sua voz.

Juntar as mãos e rezar por aquela que agora se fora tinha-lhe custado um esforço quase sobre-humano. Os membros não lhe obedeciam, mas, reunindo toda a força que restava, ela fez as mãos rebeldes adotarem uma posição que parecia de prece.

Ela esperou paciente no escuro, com sua dor. Agora seria apenas uma questão de tempo antes que a encontrassem. Mamãe e papai. Logo...

“Sim, eu vou à delegacia”, disse Jacob, irritado. “Mas vai ser o fim dessa história, estão

me ouvindo?”

De canto de olho, Marita viu Kennedy aproximando-se. Ela nunca gostou dele. Havia algo ruim em seus olhos que se mesclava à adoração cada vez que ele olhava para Jacob. Mas Jacob a repreendera quando ela lhe disse o que sentia. Kennedy fora uma criança infeliz, que finalmente começava a sentir alguma paz interior. O que ele precisava agora era de amor e respeito, e não de suspeitas. Mas o nervosismo nunca a abandonou de fato. Um aceno de dispensa de Jacob fez Kennedy virar-se relutante e voltar para a casa. Era como um cão de guarda querendo defender o dono, pensou Marita.

Jacob virou-se para ela e segurou-lhe o rosto entre as mãos.

“Vá para casa com as crianças. Não há perigo. A polícia só quer jogar um pouco mais de lenha numa fogueira que, no fim, vai consumi-los.”

Ele sorriu para tirar a amargura das palavras, mas ela agarrou-se às crianças com ainda mais força. Elas olhavam de um para o outro com preocupação no rosto. A seu próprio modo, podiam sentir que algo perturbava o equilíbrio de seu mundo.

O policial mais jovem falou de novo. Dessa vez, parecia um pouco embaraçado.

“Eu aconselho que não leve as crianças para casa até de noite. Nós...”, ele hesitou, “vamos vasculhar a propriedade esta tarde.”

“Que tipo de brincadeira vocês acham que estão fazendo?” Jacob estava tão transtornado que as palavras ficavam presas em sua garganta.

Marita sentia as crianças agitando-se nervosas. Não estavam acostumadas a ouvir o pai erguer a voz.

“Explicaremos tudo na delegacia. Podemos ir?”

Não querendo perturbar as crianças ainda mais, Jacob assentiu, resignado. Afagou a cabeça dos filhos, beijou Marita no rosto e caminhou entre os dois policiais até o carro deles.

Quando a polícia partiu com Jacob, ela ficou como se estivesse paralisada, no mesmo lugar, observando-os partir. Na casa, Kennedy também observava. Seus olhos estavam sombrios como a noite.

As emoções também eram fortes na mansão.

“Vou chamar meu advogado! Isto é um absurdo completo! Tirando amostras de sangue e tratando-nos como criminosos comuns!”

Gabriel estava tão encolerizado que sua mão tremia na maçaneta da porta. Martin manteve-se em pé nos degraus da frente e sustentou com calma o olhar de Gabriel. Atrás dele, estava o médico distrital de Fjällbacka, doutor Jacobsson, transpirando muito. Seu corpo imenso não estava adaptado ao calor que fazia, mas o principal motivo pelo qual o

suor escorria por sua testa era que ele achava a situação desagradável ao extremo.

“Tem toda a liberdade de fazê-lo, mas assegure-se de informá-lo de que estamos dentro dos direitos que a lei nos outorga. Se ele não puder estar aqui em quinze minutos, temos o direito de executar o mandado na ausência dele, tendo em vista a natureza urgente da situação.”

Martin falava conscientemente da forma mais burocrática que podia. Ele imaginava que era o tipo de linguagem que Gabriel entenderia melhor. E funcionou. Relutante, Gabriel deixou que entrassem. Pegou o documento que Martin lhe apresentou e foi direto para o telefone, ligar para seu advogado. Martin sinalizou para que os dois policiais de Uddevalla vindos como reforço entrassem e preparou-se para esperar. Gabriel falava agitado ao telefone, gesticulando. Minutos depois, retornou até onde eles esperavam, no saguão de entrada.

“Ele estará aqui em dez minutos”, disse Gabriel, carrancudo.

“Ótimo. Onde estão sua mulher e sua filha? Temos que pegar amostras delas também.”

“No estábulo.”

“Poderia ir buscá-las, por favor?”, disse Martin a um dos policiais de Uddevalla.

“Claro. Onde fica o estábulo?”

“Há um caminho que passa pela ala esquerda da casa”, disse Gabriel. “Siga por ele. O estábulo fica a uns duzentos metros daqui.” Com uma linguagem corporal que deixava evidente como estava desgostoso com a situação, Gabriel ainda tentava manter uma postura superior. Disse, cauteloso: “Creio que o resto de vocês pode vir para a sala enquanto esperamos.”

Todos estavam sentados em silêncio na beirada do sofá, sentindo-se pouco à vontade, quando Linda e Laine entraram.

“Que está acontecendo, Gabriel? O policial disse que o doutor Jacobsson está aqui para tirar amostras de sangue de todos nós. Só pode ser brincadeira!”

Linda, que não conseguia desgrudar os olhos do jovem uniformizado que fora buscá-las no estábulo, tinha outra opinião.

“Legal”, disse.

“Infelizmente, parece que estão falando sério, Laine. Mas já chamei nosso advogado, Lövgren, e ele vai chegar a qualquer segundo. Nenhuma amostra será tirada antes disso.”

“Mas não entendo. Por que eles querem isso?” Laine parecia contida, mas intrigada.

“Sinto não poder revelar por razões técnicas referentes à investigação. Mas tudo será explicado no devido momento.”

Gabriel estava examinando o mandado à sua frente.

“Diz aqui que vocês também têm permissão para tirar amostras de Jacob, de Solveig e

dos rapazes, isso está correto?”

Seria imaginação sua ou Martin teria visto uma sombra passar pela face de Laine? Um segundo depois, ouviu-se uma batida leve na porta, e o advogado de Gabriel entrou.

Após serem cumpridas as formalidades e o advogado explicar a Gabriel e a sua família que a polícia tinha todos os documentos necessários, as amostras sanguíneas foram colhidas uma a uma. Primeiro, Gabriel, depois, Laine, que para surpresa de Martin ainda parecia ser a mais tranquila de todos. Ele notou que Gabriel também olhava surpreso para a esposa. Por fim, tiraram uma amostra de Linda, que trocava olhares de tal forma com o jovem policial que Martin lançou a ele um olhar contrariado.

“Bem, é isso.” O doutor Jacobsson levantou-se da cadeira e recolheu os tubos de sangue. Foram cuidadosamente rotulados com o nome de cada um dos Hults e colocados num recipiente térmico.

“Vocês vão à casa de Solveig, agora?”, perguntou Gabriel. Ele riu de repente. “Assegurem-se de usar capacetes e terem os cassetetes à mão, porque ela provavelmente não vai deixar que lhe tirem sangue sem luta.”

“Podemos lidar com a situação”, disse Martin, seco. Ele não gostava do brilho malicioso nos olhos de Gabriel.

“Bom, não diga que não avisei.” Ele riu.

“Gabriel, aja como um adulto”, disse-lhe Laine, áspera.

Atônito por ser repreendido como uma criança pela esposa, Gabriel se calou e sentou-se. Olhou-a como se a visse pela primeira vez.

Martin conduziu os colegas e o médico para fora, onde dividiram-se em dois carros. Quando estavam a caminho da casa de Solveig, Patrik ligou para o celular dele.

“Oi, como estão indo?”

“Como esperado”, disse Martin. “Gabriel ficou furioso e chamou o advogado. Mas conseguimos o que queríamos, e agora estamos indo para a casa de Solveig. Não espero que as coisas sejam tão fáceis por lá.”

“Não, provavelmente, não. Só certifique-se de que a situação não fuja ao controle.”

“Com certeza, vou ser muito diplomático. Não se preocupe. E com você, como vão as coisas?”

“Tudo bem. Colocamos Jacob no carro e logo estaremos em Tanumshede.”

“Boa sorte, então.”

“Para você também.”

Martin fechou o celular justo quando chegavam à casinha decrepita de Solveig. Dessa vez, Martin não ficou tão chocado com o estado de desmazelo. Mas ele ainda se perguntava como havia gente que podia viver daquele jeito. Ser pobre é uma coisa, mas isso não impede

alguém de manter o lugar limpo e arrumado.

Com algum nervosismo, ele bateu à porta, mas nem em suas fantasias mais loucas iria imaginar a recepção que teria.

Plaft! A mão pesada acertou sua face esquerda, fazendo-a arder. O choque tirou-lhe o fôlego. Ele sentiu, mais do que viu, os policiais atrás de si retesarem-se para entrar em ação, mas ele ergueu a mão para impedi-los.

“Calma, calma. Não há necessidade de usar a força aqui. Há, Solveig?”, disse ele numa voz conciliatória para a mulher parada a sua frente. Ela respirava pesado, mas pareceu tranquilizada pelo tom da voz dele.

“Como se atreve a aparecer aqui depois de ter desenterrado Johannes?” Ela colocou as mãos nas cadeiras e bloqueou o acesso à casa.

“Entendo que isso seja difícil, Solveig, mas estávamos só fazendo nosso trabalho. E temos que fazê-lo agora também. Eu agradeceria muito se cooperasse.”

“O que você quer agora?”, cuspiu ela.

“Posso entrar por um momento para conversar? Então, poderei explicar.” Ele se voltou para os três homens atrás de si e disse: “Esperem aqui um minuto, vou entrar e bater um papo com Solveig.”

A seguir, ele simplesmente entrou e fechou a porta atrás de si. Espantada, Solveig recuou e deixou-o passar. Martin se utilizou de toda a sua habilidade diplomática e explicou cuidadosamente a situação. Dali a pouco, os protestos dela morreram e, minutos depois, ele abriu a porta e pediu que os demais entrassem.

“Temos que trazer os rapazes também. Onde eles estão?”

Ela riu.

“Eles devem estar atrás da casa, lá fora, escondendo-se até saberem por que vocês estão aqui. Tenho certeza de que estão tão fartos quanto eu de ver suas caras feias.” Ela riu e abriu uma janela imunda. “Johann, Robert, venham para dentro. Aquele policial está aqui de novo!”

Houve um farfalhar nos arbustos, e, então, Johann e Robert entraram com ar de pouco-caso. Lançaram um olhar desconfiado ao grupo que se espremia na cozinha.

“O que está acontecendo?”

“Agora, eles também querem tirar nosso sangue”, disse Solveig friamente.

“Que merda! Vocês estão malucos? O caramba que vou dar meu sangue a vocês.”

“Robert, não crie confusão”, disse Solveig, cansada. “A polícia e eu conversamos, e eu disse que tentaríamos não interferir. Então, sente-se e cale a boca. Quanto mais rápido nos livrarmos deles, melhor.”

Para alívio de Martin, eles decidiram obedecer. Emburrados, ambos deixaram que o

doutor Jacobsson tirasse uma amostra de sangue. Depois de colher também uma amostra de Solveig, o médico guardou os tubos identificados e declarou que sua parte estava encerrada.

“Que vão fazer com esse sangue?”, perguntou Johann, mais curioso do que qualquer outra coisa.

Martin deu-lhe a mesma resposta que dera a Gabriel. Então, voltou-se para o policial mais jovem de Uddevalla.

“Vá pegar as amostras de Tanumshede e encarregue-se de levá-las a Gotemburgo o mais rápido possível.”

O jovem que flertara demais com Linda na mansão assentiu.

“Ok, eu faço isso. Mais dois policiais estão vindo de Uddevalla para ajudá-lo...” Ele baixou a voz e lançou um olhar desconfiado a Solveig e seus filhos, que ouviam a conversa com atenção. “Naquele outro assunto. Eles vão encontrá-lo...” De novo, uma pausa incômoda. “No outro local.”

“Ótimo”, disse Martin. Ele se virou para Solveig. “Quero agradecer a vocês pela cooperação.”

Por um instante, ele pensou em contar-lhes sobre Johannes, mas não se atrevia a ir contra uma ordem direta de Patrik. O colega não queria que ninguém soubesse ainda, e ele se absteve de dizer qualquer coisa.

Do lado de fora da casa, Martin deteve-se por um instante. Ignorando a casinha dilapidada e as carcaças de carros e o resto da tralha ao redor, eles viviam em um lugar muito bonito. Ele torceu para que eles às vezes conseguissem tirar os olhos de sua própria miséria para ver a beleza ao redor deles. Mas ele duvidava disso.

“Muito bem, agora vamos para Västergården”, disse Martin, apressando-se em direção aos carros. Uma tarefa completada, outra à espera. Ele se perguntou como estariam indo Patrik e Gösta.

“Por que você acha que está aqui?”, perguntou Patrik. Ele e Gösta estavam sentados lado a lado, de frente para Jacob, na pequena sala de interrogatório.

Jacob olhou-os com tranquilidade, as mãos entrelaçadas sobre a mesa.

“Como poderia saber? Não há lógica nenhuma na forma como vocês vêm assediando minha família, de modo que tudo que posso fazer é relaxar e tentar manter a cabeça acima da água.”

“Está dizendo, com toda a seriedade, que a polícia crê que sua principal função é perseguir sua família? Que motivo teríamos para isso?” Patrik debruçou-se para a frente, interessado.

De novo, o mesmo tom calmo de Jacob.

“O mal e a má vontade não precisam de motivo. Mas que sei eu? Talvez vocês achem que fizeram bobagem com Johannes e agora estejam tentando de algum modo justificar isso para si mesmos.”

“O que você quer dizer?”, disse Patrik.

“Quero dizer que talvez vocês achem que se puderem nos culpar por algo agora, então talvez estivessem certos sobre Johannes.”

“Não acha que isso parece um tanto improvável?”

“Em que devo acreditar? Tudo o que sei é que vocês grudaram em nós como carrapatos e não querem largar. Meu único consolo é que Deus vê a verdade.”

“Você fala bastante de Deus, meu rapaz”, disse Gösta. “Seu pai também é tão devoto assim?”

A pergunta pareceu incomodar Jacob, e era isso que Gösta pretendia exatamente.

“A fé de papai está em algum lugar bem profundo dentro dele. Mas sua...” Ele pareceu pensar nas palavras que usaria. “... relação *complicada* com o próprio pai afetou sua fé em Deus. Mas ela ainda está lá.”

“Ah, o pai dele. Ephraim Hult. O Pregador. Você e ele tinham uma relação muito próxima”, disse Gösta. Era mais uma afirmação que uma pergunta.

“Não entendo por que isso poderia interessar a vocês, mas, sim, vovô e eu éramos muito próximos.” Jacob apertou os lábios.

“Ele salvou sua vida, não?”, perguntou Patrik.

“Sim, salvou.”

Patrik prosseguiu.

“Como seu pai se sente quanto ao fato de o pai dele, com quem tinha uma... ‘relação complicada’ – suas próprias palavras –, ter sido capaz de salvar sua vida, quando ele não pôde?”

“Todo pai quer ser o herói de seu filho, mas não acho que papai viu isso dessa forma. De qualquer modo, vovô salvou minha vida, e meu pai é eternamente grato a ele por isso.”

“E Johannes? Como era a relação dele com Ephraim... e com seu pai?”

“Honestamente, não sei que importância isso pode ter. Tudo aconteceu faz mais de vinte anos!”

“Sabemos disso, mas, mesmo assim, agradeceríamos se respondesse a nossas perguntas”, disse Gösta.

A fachada calma de Jacob começara a ruir, e ele passou a mão pelo cabelo.

“Johannes... bem, ele e papai sem dúvida tinham seus problemas, mas Ephraim o amava. Não que demonstrassem externamente algum tipo de proximidade, mas naquela geração era assim. Não esperavam que você demonstrasse suas emoções o tempo todo.”

“Seu pai e Johannes brigavam muito?”, perguntou Patrik.

“Não sei se eu chamaria de brigas. Tinham seus desentendimentos, mas irmãos sempre discutem entre si.”

“Pelo que dizem por aí, eram mais que desentendimentos. Há quem diga mesmo que Gabriel odiava o irmão”, pressionou Patrik.

“Ódio é uma palavra forte, que você não deveria usar levianamente. Não, papai, decerto, não cultivava nenhuma ternura por Johannes, mas, se tivessem tido tempo, estou certo de que Deus interviria. Um irmão não deve ir contra o outro.”

“Suponho que esteja se referindo a Caim e Abel. É interessante que você se refira a essa história da Bíblia em particular. As coisas estavam tão mal assim entre eles?”, perguntou Patrik.

“Claro que não. E é claro que papai não matou seu irmão!” Jacob parecia estar recuperando a calma que começara a perder e juntou as mãos de novo, como se orasse.

“Tem certeza disso?” A voz de Gösta estava cheia de subentendidos.

Espantado, Jacob encarou os dois homens a sua frente.

“Do que estão falando? Johannes enforcou-se, todos sabem disso.”

“Bom, o problema é que examinamos os restos mortais de Johannes, e eles mostram algo diferente. Johannes não se suicidou. Ele foi assassinado.”

As mãos de Jacob, apoiadas na mesa, começaram a tremer de forma incontrollável. Ele parecia tentar formar palavras com a boca, mas nenhuma emergia. Patrik e Gösta recostaram-se para trás em sincronia, como se fossem coreografados, e observaram Jacob em silêncio. Aquilo parecia ser novidade para ele.

“Como seu pai reagiu à notícia da morte de Johannes?”

“Eu, eu... eu não sei, de fato”, gaguejou Jacob. “Eu ainda estava no hospital.” Um pensamento o atingiu com o impacto de um raio. “Estão tentando fazer parecer que papai matou Johannes?” A ideia provocou-lhe um riso. “Vocês estão malucos. Meu pai, assassinar seu irmão? Não, isso é impossível!” Ele começou a rir.

Nem Gösta nem Patrik pareciam achar engraçado.

“Você acha que é algo para rir? O fato de o seu tio Johannes ter sido assassinado? Isso lhe parece divertido?”, disse Patrik, pronunciando com cuidado cada palavra.

Jacob de repente silenciou e baixou o olhar.

“Não, é claro que não. É que foi um choque.” Ele ergueu de novo os olhos. “Mas agora eu entendo menos ainda por que é que querem falar comigo. Eu tinha apenas dez anos e estava hospitalizado na época, de modo que suponho que vocês não estejam tentando insinuar que *eu* tenha algo a ver com isso”, disse, enfatizando o *eu*, para mostrar quanto aquilo era absurdo. “Parece bem óbvio o que aconteceu. Quem quer que tenha matado Siv e Mona deve

ter achado perfeito quando vocês escolheram Johannes para bode expiatório. E como o verdadeiro assassino não conseguiria se esconder para sempre, matou Johannes e fez com que parecesse suicídio. O assassino sabia como as pessoas reagiriam. Iriam considerar o suicídio como prova da culpa dele; seria tão óbvio como uma confissão escrita. E a mesma pessoa deve ter assassinado a turista alemã. Faz sentido, não faz?”, disse ele, ansioso. Seus olhos brilhavam.

“Uma boa teoria”, disse Patrik. “Nada má, se ignorar o fato de que comparamos o DNA que tiramos ontem de Johannes com uma amostra de DNA obtida do esperma no corpo de Tanja. A questão é que Johannes é parente da pessoa que matou Tanja.” Ele esperou pela reação de Jacob. Não houve nenhuma. Ele parecia petrificado. Patrik continuou. “Assim, hoje tiramos amostras de sangue de todos em sua família. Vamos mandá-las para Gotemburgo, para análise, junto com a amostra que tiramos de você quando chegou aqui. Com certeza, logo teremos uma prova, preto no branco, de quem foi o assassino. Assim, não acha que é uma boa ideia se nos disser o que sabe, Jacob? Tanja foi vista em sua casa, o assassino é parente de Johannes... É muita coincidência, não acha?”

O rosto de Jacob mudara de cor. Ela alternava entre a palidez e o vermelho vivo, e Patrik podia ver que ele rangia os dentes.

“Aquele testemunho não vale uma merda, e vocês sabem. Johann só quer que eu seja preso porque detesta nossa família. E no que diz respeito a testes de sangue, DNA e tudo mais, vocês vão implorar por meu perdão quando receberem os resultados!”

“Nesse caso, prometo implorar por seu perdão pessoalmente”, respondeu Patrik, calmamente. “Mas, até lá, pretendo ter as respostas de que preciso.”

Ele teria preferido que Martin e seu grupo tivessem terminado de vasculhar a casa antes de interrogar Jacob, mas, com a pressão do tempo, eles tinham que fazer o melhor que podiam. A pergunta que ele mais queria ver respondida era se o solo em Västergården exibia traços de FZ-302. Patrik sabia que Martin comunicaria de imediato qualquer vestígio físico de Tanja ou Jenny, mas eles não poderiam fazer a análise do solo na hora; isso levaria algum tempo. Na verdade, ele estava cético quanto a descobrir alguma coisa na fazenda. Seria possível esconder e matar alguém sem que Marita e as crianças vissem algo? Por instinto, Patrik sentia que Jacob se encaixava no papel de suspeito principal, mas aquele fato o perturbava. Como poderia Jacob esconder suas vítimas na fazenda onde morava, sem que a família suspeitasse?

“Com certeza, espero que vocês não tenham virado tudo de cabeça para baixo em casa”, disse Jacob, como se lesse os pensamentos de Patrik. “Marita vai ficar fora de si se voltar para casa e encontrar tudo completamente desarrumado por lá.”

“Acho que os homens serão cuidadosos”, disse Gösta.

Patrik olhou para o telefone. Ele torcia para que Martin ligasse logo.

Johann recolhera-se ao silêncio do galpão. As reações de Solveig, primeiro, quanto à exumação e, depois, quanto aos testes de sangue tinham lhe dado calafrios. Ele não conseguia lidar com tanta emoção e precisava ficar um pouco a sós e pensar sobre tudo o que acontecera. O piso de concreto sobre o qual se sentava era frio, mas o frio era bom. Ele abraçou as pernas contra si e repousou a face em um dos joelhos. Naquele momento, ele sentia mais que nunca a falta de Linda, mas sua saudade ainda estava mesclada à fúria. Talvez isso nunca mudasse. Pelo menos, ele perdera algo de sua ingenuidade e retomara o controle. Mas ela era como veneno em sua alma. Seu corpo jovem e vigoroso o transformara num idiota balbuciante. Ele estava furioso consigo mesmo por deixar que uma garota o afetasse tanto assim.

Ele sabia que era um sonhador. Era por isso que se apaixonara tanto por Linda, mesmo ela sendo nova demais, autoconfiante demais, egoísta demais. Ele tinha certeza de que ela nunca ficaria em Fjällbacka e que não tinham a mínima chance de um futuro em comum. O sonhador nele não conseguira aceitar isso. Mas agora ele aprendera.

Johann prometeu a si próprio melhorar. Ele tentaria ficar mais parecido com Robert. Duro, resistente, invencível. Robert sempre caía de pé. Nada parecia afetá-lo, e Johann invejava isso.

Um som atrás dele fez com que começasse a se virar, achando que era Robert que entrava. Mãos apertaram-lhe a garganta, e ele quase não conseguiu respirar.

“Não se mova, ou quebro seu pescoço.”

Johann reconhecia vagamente a voz, mas não conseguia identificá-la.

Quando a pressão em torno de seu pescoço foi aliviada, ele foi jogado com violência contra a parede. Isso o deixou sem fôlego.

“Que diabo está fazendo?” Johann tentou se virar, mas alguém o segurava e forçava seu rosto contra a parede fria de concreto.

“Cale-se.” A voz era implacável. Johann perguntou a si mesmo se conseguiria gritar por socorro, mas achou que ninguém poderia ouvi-lo em casa.

“Que merda você quer?” Era difícil falar com metade da cara pressionada contra a parede.

“O que eu quero? Bom, você vai descobrir.”

Quando o atacante fez suas exigências, a princípio, Johann não entendeu nada. Mas quando foi virado e ficou cara a cara com a pessoa que o atacara, as peças caíram no lugar. Um soco no rosto informou-lhe que o agressor falava sério. Mas o desafio brotou dentro dele.

“Dane-se”, resmungou Johann. Sua boca aos poucos enchia-se com um líquido que só podia ser sangue. Os pensamentos começaram a ficar difusos, mas ele recusava-se a ceder.

“Você vai fazer o que estou mandando.”

“Não”, murmurou Johann.

Então, ele começou a ser esmurrado. Os golpes atingiram-no ritmicamente, até que uma vasta escuridão o engoliu.

A fazenda era maravilhosa. Martin não pôde evitar de fazer esse comentário quando deram início à tarefa de mergulhar na vida privada de Jacob e sua família. As cores da casa eram em tons pastel, os cômodos irradiavam calor e tranquilidade, com um toque rural, com toalhas de mesa de linho branco e cortinas finas e esvoaçantes. Ele teria adorado ter uma casa assim. E agora tinham de perturbar aquela paz. Vasculharam metodicamente a casa, centímetro a centímetro. Ninguém disse palavra; trabalhavam em silêncio completo. Martin concentrou-se na sala. O mais frustrante era não saber o que buscavam. Martin não tinha certeza de que poderia reconhecer algum vestígio das garotas, mesmo que encontrasse algum.

Pela primeira vez desde que afirmara, com tanta convicção, que Jacob era quem eles buscavam, ele começou a duvidar. Era impossível imaginar que alguém que vivia num lugar tão pacífico fosse capaz de matar alguém.

“Como estão indo?”, gritou ele para os policiais no andar de cima.

“Nada ainda”, gritou de volta um deles.

Martin suspirou e continuou abrindo gavetas e dando volta em tudo que não estivesse pregado.

“Vou sair e começar a examinar o celeiro”, disse ao policial de Uddevalla que ajudava a revistar o térreo.

O celeiro estava deliciosamente fresco. Ele entendeu por que Linda e Johann faziam dele seu ninho de amor. O cheiro do feno fazia cócegas em seu nariz e trazia de volta lembranças dos verões da infância. Ele subiu a escada até a parte de cima e olhou para fora pelas fendas entre as tábuas. Sim, dali havia uma boa vista de Västergården, como dissera Johann. Não haveria problemas para reconhecer alguém daquela distância.

Martin desceu de novo. O celeiro estava vazio, exceto por alguns velhos implementos agrícolas enferrujados. Ele não achava que encontrariam nada ali, mas pediria a um dos homens para dar uma olhada, de qualquer modo. Ele deixou o celeiro e esquadrinhou a área. Além da casa e do celeiro, havia apenas um barracão e uma casa de bonecas que eles não tinham examinado. Ele não tinha esperança de achar nada em nenhum dos dois lugares. Eram ambos pequenos demais para comportar uma pessoa, mas por via das dúvidas deveriam

examiná-los.

O sol queimava-lhe o couro cabeludo e formava gotas de suor em sua testa. Ele voltou para dentro da casa para ajudar a busca, mas o entusiasmo de antes começava a desaparecer. Seu coração se apertou. Jenny Möller estava em algum lugar. Mas não ali.

Até Patrik começara a perder as esperanças. Depois de algumas horas de interrogatório, não haviam chegado a parte alguma com Jacob. Ele parecia chocado de verdade com a notícia de que Johannes fora assassinado e recusou-se terminantemente a dizer algo senão que estavam assediando sua família e que era inocente. Uma vez após outra, Patrik pegou-se olhando para o celular, que zombava dele com seu silêncio, enquanto repousava sobre a mesa à sua frente. Ele precisava desesperadamente de boas notícias. Não teriam nenhum resultado das amostras de sangue ao menos até a manhã do dia seguinte, ele sabia, de modo que centrara suas esperanças em Martin e no grupo que revistava Västergården. Mas não houve nenhuma ligação. Foi só pouco depois das quatro da tarde que Martin ligou e disse desanimado que não haviam achado nada e estavam encerrando a busca. Patrik fez sinal a Gösta para saírem da sala de interrogatório.

“Era Martin. Não encontraram nada.”

A esperança morreu nos olhos de Gösta.

“Nada?”

“Absolutamente nada. Parece que não temos outra escolha senão liberá-lo. Merda!” Patrik bateu com a palma da mão na parede, mas recompôs-se depressa. “Bom, tudo bem, é só temporário. Amanhã, espero receber um relatório sobre as amostras de sangue e, quem sabe, poderemos prendê-lo de vez.”

“Sim, mas pense o que ele pode fazer antes. Ele sabe que estamos na cola dele agora e, se o soltarmos, pode ir direto matar a garota.”

“E que diabos você acha que devemos fazer então?” A frustração de Patrik transformou-se em fúria, mas ele percebia a injustiça de descontar em Gösta e, de imediato, pediu desculpas.

“Quero tentar só mais uma vez conseguir alguma informação das amostras de sangue, antes de deixá-lo ir. Podem ter conseguido encontrar algo que possamos usar agora. Eles sabem por que temos pressa e deram prioridade a nós.”

Patrik foi até sua sala e ligou do telefone fixo para a Patologia. A essa altura, ele sabia o número de cor. Do lado de fora da janela, o tráfego passava de um lado para outro, como era habitual durante o verão ensolarado. Por um instante, ele sentiu inveja dos veranistas que rodavam em seus carros lotados, sem saber de nada. Ele desejou também poder ser desinformado como eles.

“Alô, Pedersen, é Patrik Hedström. Pensei em dar uma checada com você, para ver se descobriram algo, antes de liberar o suspeito.”

“Já não lhe disse que não terminaríamos antes de amanhã, bem cedo? E vamos ter que fazer um bocado de horas extras esta noite, como sabe.” Pedersen soava estressado e irritado.

“Eu sei, mas pensei que pudessem ter descoberto algo.”

Um longo silêncio indicava que Pedersen lutava uma batalha interior quanto a alguma coisa, e Patrik sentou-se mais apertado em sua cadeira.

“Vocês descobriram algo, não é?”

“É apenas preliminar. Temos que checar mais uma e outra vez antes de liberar qualquer informação, pois de outra forma as consequências podem ser desastrosas. Além do mais, os testes têm que ser repetidos pelo Laboratório Sueco de Criminalística. Nosso equipamento não chega aos pés do deles em sofisticação, e...”

“Sim, sim”, interrompeu Patrik, “sei disso, mas a vida de uma garota de dezessete anos está em risco, de modo que, se há alguma situação em que as regras devem ser relaxadas, é agora.” Ele prendeu a respiração e esperou.

“Tudo bem, mas use a informação com cautela. Você não tem ideia da merda em que posso me meter se...” Pedersen não terminou a sentença.

“Palavra de honra, agora me conte o que você conseguiu.” Ele segurava com tanta força o fone que estava todo suado.

“Naturalmente, começamos analisando a amostra sanguínea de Jacob Hult. E descobrimos algumas coisas interessantes... preliminares, é claro”, alertou Pedersen de novo.

“Sim?”

“De acordo com nosso primeiro teste, o DNA de Jacob Hult *não* combina com a amostra de esperma obtida no corpo da vítima.”

Patrik expirou devagar. Nem percebera que estivera prendendo a respiração.

“Quanta certeza vocês têm?”

“Como eu disse, temos que fazer o teste várias vezes para termos certeza absoluta, mas, na verdade, é apenas uma formalidade para proteger os direitos legais do indivíduo. Provavelmente, pode confiar que esteja correto.”

“Maldição. Isso lança uma luz muito diferente sobre o caso.” Patrik não conseguiu evitar a decepção em sua voz. Ele percebia agora que estivera totalmente certo de que Jacob era quem procuravam. Isso os levava de volta à estaca zero.

“E você não encontrou uma correspondência quando examinou as outras amostras?”

“Ainda não chegamos lá. Imaginamos que você iria querer que nos concentrássemos em Jacob Hult, e foi o que fizemos. Assim, além da análise dele, só analisamos mais uma

pessoa. Mas em algum momento da manhã poderei dar-lhe informações sobre o resto.”

“Bom, até lá, terei que deixar o sujeito sair da sala de interrogatório. E pedir-lhe desculpas”, suspirou Patrik.

“Ah, tem mais uma coisa.”

“Sim?”

Pedersen hesitou.

“A segunda amostra que começamos a fazer é de Gabriel Hult. E...”

“Sim?”, disse Patrik, com ainda mais insistência.

“Bem, de acordo com nossa análise da estrutura de seus respectivos DNA, é impossível que Gabriel seja o pai de Jacob.”

Patrik ficou sentado imóvel em sua cadeira, atordado.

“Você ainda está aí?”

“Sim, estou. É que eu não esperava nada assim. Você tem certeza?” Ele soube qual seria a resposta e adivinhou o que Pedersen diria. “É só preliminar, e você vai ter que fazer mais testes etc. etc. Eu sei, você não precisa me dizer de novo.”

“Isso é algo que pode ser importante para a investigação?”

“Neste momento, tudo é importante e, com certeza, é algo que posso usar. Obrigado por tudo.”

Patrik ficou sentado por um instante, espantado, pensando profundamente, com as mãos entrelaçadas por trás da cabeça e os pés sobre a mesa. O teste negativo de Jacob iria forçá-lo a repensar completamente o caso. Prosseguia o fato de que o assassino de Tanja era parente de Johannes e, com Jacob fora do jogo, só ficavam Gabriel, Johann e Robert. Um fora, faltavam três. Mas, mesmo que Jacob não fosse o criminoso, Patrik podia apostar que sabia de algo. Durante todo o interrogatório, ele percebera algo evasivo em Jacob, algo que o homem se esforçava em não trazer à tona. A informação que Patrik recebera de Pedersen podia dar à polícia a vantagem de que necessitavam para abalar Jacob o suficiente e forçá-lo a falar. Patrik tirou os pés de cima da mesa e levantou-se. Fez a Gösta uma breve síntese do que descobrira, e então ambos voltaram à sala de interrogatório, onde Jacob, num tédio de morrer, examinava as unhas. Às pressas, eles haviam combinado a tática que usariam.

“Quanto tempo mais vou ter que ficar aqui?”

“Temos o direito de mantê-lo por seis horas. Mas, como já dissemos, você também tem o direito de ter um advogado presente na hora em que quiser. Quer chamar um advogado?”

“Não, não é necessário”, respondeu Jacob. “Um homem inocente não precisa de outra coisa para se defender além da fé em que Deus colocará tudo em ordem.”

“Bem, então você deve estar bem equipado. Você e Deus parecem ser assim”, disse Patrik, erguendo a mão com o dedo indicador e o médio juntos.

“Sabemos em que pé estamos um com o outro”, disse Jacob, na defensiva. “E tenho pena de qualquer um que achesse a vida sem Deus.”

“Então, sente pena de nós, pobres infelizes, é o que está dizendo?”, disse Gösta, com um tom de gozação na voz.

“É uma perda de tempo falar com vocês dois. Vocês fecharam seus corações.”

Patrik se debruçou na direção de Jacob.

“Interessante, toda essa conversa sobre Deus e o Demônio e pecado e por aí afora. Como seus pais se encaixam nesse quadro todo? Eles vivem de acordo com os mandamentos de Deus?”

“Meu pai pode ter se afastado da congregação, mas sua fé mantém-se forte. Tanto ele quanto minha mãe são pessoas tementes a Deus.”

“Você tem certeza quanto a isso? Quero dizer, o que você sabe de fato sobre a forma como vivem?”

“O que quer dizer? Conheço meus próprios pais. Vocês inventaram mais alguma coisa para arrastar o nome deles na lama?”

As mãos de Jacob estavam tremendo, e Patrik sentiu alguma satisfação em poder transtornar aquela calma tão estoica.

“Eu só quis dizer que não há meio de saber de fato o que acontece na vida de outra pessoa. Seus pais podem ter pecados na consciência deles sobre os quais você não faz ideia, correto?”

Jacob levantou-se e foi em direção à porta.

“Não, agora já é demais. Prenda-me ou deixe-me ir, porque não vou ficar aqui sentado ouvindo suas blasfêmias!”

“Você sabia, por exemplo, que Gabriel não é seu pai?”

Jacob estacou, a mão a meio caminho da maçaneta da porta. Ele se voltou devagar.

“O que você disse?”

“Perguntei se sabia que Gabriel não é seu pai. Acabo de falar com o laboratório que está testando as amostras de sangue que vocês forneceram, e não há dúvida quanto a isso. Gabriel não é seu pai.”

Toda cor foi drenada da face de Jacob. A notícia certamente o pegou de surpresa.

“Eles testaram meu sangue?”, disse ele, com voz trêmula.

“Sim, e prometi pedir desculpas se estivesse errado.”

Jacob apenas o olhou.

“Peço desculpas”, disse Patrik. “Seu sangue não combina com o DNA que encontramos na vítima.”

Jacob desabou como um balão furado. Ele caiu pesadamente na cadeira.

“E agora, que acontece?”

“Você não é mais suspeito do assassinato de Tanja Schmidt. Mas ainda acho que está escondendo algo de nós. Agora, você tem uma chance de contar-nos o que sabe. Acho que devia aproveitá-la, Jacob.”

Ele apenas sacudiu a cabeça.

“Eu não sei nada. Eu já não sei mais nada. Por favor, posso ir agora?”

“Ainda não. Queremos falar com sua mãe primeiro, antes que você se vá. Suponho que há algumas coisas que você queira perguntar-lhe.”

Jacob assentiu com a cabeça, apático.

“Mas por que querem falar com ela? Com certeza vocês não têm nada a ver com a investigação.”

Patrik viu-se repetindo o que dissera a Pedersen.

“Neste momento, tudo tem a ver com a investigação. Todos vocês estão escondendo algo. Eu apostaria um mês de salário nisso. E nós pretendemos descobrir o que é, do modo que for necessário.”

Toda a resistência parecia ter abandonado Jacob, e tudo o que ele podia fazer era concordar com a cabeça, resignado. A notícia parecia tê-lo posto em estado de choque.

“Gösta, você poderia pegar o carro e ir buscar Laine?”

“Não temos um mandado para trazê-la, temos?”, disse Gösta, sombrio.

“Ela sem dúvida já sabe que estamos interrogando Jacob, acho que não vai ser difícil convencê-la a vir voluntariamente.”

Patrik virou-se para Jacob.

“Vamos trazer algo para você comer e beber, e então terá que esperar aqui até que tenhamos conversado com sua mãe. Depois disso, terá uma chance de falar com ela. Certo?”

Jacob fez que sim com a cabeça, apático. Parecia mergulhado em seus próprios pensamentos.

Foi com sentimentos contraditórios que Anna colocou a chave na porta, de volta a sua casa em Estocolmo. Sair por uns dias fora maravilhoso, para ela e para as crianças, mas também esfriara seu entusiasmo por Gustav. Para ser franca, fora um sacrifício ficar confinada num barco com ele e sua obsessão por detalhes. E também havia algo no tom de voz de Lucas na última vez em que se falaram que a deixara preocupada. A despeito de todas as agressões a que ele a submetera, ele sempre dera a impressão de estar em pleno controle de si mesmo e da situação. Agora, pela primeira vez, ela ouvira uma nota de pânico na voz dele, um indício de que aconteciam coisas que não estavam em seu controle. De um conhecido comum, ela ouvira o rumor de que as coisas estavam começando a dar errado no trabalho dele. Ele

estourara durante uma reunião interna e insultara um cliente em outra ocasião. Rachaduras começavam a aparecer em sua fachada. E isso a assustava. Assustava muito.

Havia algo errado com a fechadura. A chave não virava na direção certa. Depois de tentar um pouco, ela percebeu que era porque a porta não estava trancada. Ela tinha certeza de tê-la trancado ao sair de casa, uma semana antes. Anna pediu às crianças que esperassem onde estavam e abriu a porta com cuidado. Ela soltou uma exclamação. O primeiro apartamento que era dela própria, do qual ela tinha tanto orgulho, estava destruído. Não havia uma única peça de mobília que estivesse intacta. Tudo estava aos pedaços, e alguém escrevera nas paredes com spray preto, como uma pichação. Estava escrito “PUTA” em letras grandes na parede da sala, e ela tampou a boca com a mão quando as lágrimas subiram a seus olhos. Ela não precisava imaginar quem havia feito aquilo. O que a incomodava no fundo de sua mente desde a conversa com Lucas agora se tornava uma certeza. Era evidente que ele estava começando a ruir. O ódio e a fúria que sempre rondaram logo abaixo da superfície estavam aflorando através da máscara. Anna voltou para o corredor. Pegou as duas crianças e as abraçou com força. Seu primeiro instinto foi de ligar para Erica. Mas decidiu que teria que cuidar disso sozinha.

Ela estivera tão feliz com sua nova vida, sentindo-se tão forte. Pela primeira vez na vida sentira-se uma mulher independente. Não a irmã menor de Erica. Não a mulher de Lucas. Ela mesma. E agora tudo estava destruído.

Ela sabia o que devia fazer. O gato vencera. O rato só tinha um lugar onde refugiar-se. Qualquer coisa para não perder as crianças.

Mas havia uma coisa. Ela iria desistir de si mesma, e ele poderia fazer o que quisesse com ela. Mas, se tocasse em um de seus filhos de novo, ela o mataria. Sem hesitação.

Não fora um bom dia. Gabriel estivera tão aborrecido pelo que chamava de agressão pela polícia que trancou-se em seu escritório e se recusou a sair. Linda voltara para os cavalos, e Laine estava sentada sozinha no sofá da sala, olhando para as paredes. A ideia de Jacob sendo interrogado na delegacia trouxe lágrimas de humilhação aos olhos dela. Era seu instinto de mãe protegê-lo de qualquer mal, fosse ele uma criança ou um adulto.

Mesmo sabendo que a situação estava fora de sua alçada, ela sentia que falhara. Um relógio tiquetaqueava no silêncio, e o som monótono quase a pôs em transe. Quando alguém bateu à porta, ela quase deu um pulo de onde estava sentada. Abriu a porta com nervosismo. Nos últimos tempos, cada batida à porta parecia trazer notícias desagradáveis. Assim, ela não ficou muito surpresa ao deparar-se com Gösta.

“O que você quer?”

Gösta estava constrangido.

“Precisamos de sua ajuda com algumas perguntas. Na delegacia.” Ele parecia estar à espera de uma enxurrada de protestos. Mas Laine apenas assentiu e desceu a escada atrás dele.

“Não vai dizer a seu marido onde está indo?”, perguntou Gösta, surpreso.

“Não”, disse ela, seca, e ele lhe lançou um olhar inquisitivo. Por um breve segundo, ele se perguntou se haviam pressionado demais a família Hult. Então, lembrou-se de que, em algum lugar entre suas relações complicadas, havia um assassino e uma jovem desaparecida. A porta pesada de carvalho fechou-se atrás deles, e, como uma esposa japonesa, Laine seguiu alguns passos atrás de Gösta, até o carro. Rodaram todo o caminho até a delegacia num silêncio pesado, quebrado apenas por uma pergunta de Laine, que queria saber se a polícia ainda estava detendo seu filho. Gösta apenas fez que sim com a cabeça, e Laine passou o resto da viagem até Tanumshede olhando para a paisagem através da janela. Já era começo de noite, e o sol começara a colorir de vermelho os campos. Mas a beleza dos arredores era algo que nenhum dos dois notava.

Patrik pareceu aliviado quando eles cruzaram a porta da delegacia. Por todo o tempo que Gösta levou para ir e voltar, Patrik ficou andando de um lado para o outro, nervoso, no corredor do lado de fora da sala de interrogatório, desejando com fervor poder ler a mente de Jacob.

“Olá”, disse, acenando com a cabeça para Laine quando ela chegou. Estava começando a parecer supérfluo ficar se apresentando, e naquelas circunstâncias apertar as mãos parecia um gesto amigável demais. Eles não estavam ali para trocar gentilezas. Patrik estivera um pouco preocupado quanto à forma como Laine suportaria o interrogatório. Ela parecera tão frágil, tão vulnerável, com nervos terrivelmente expostos. Depressa, ele percebeu que não precisava ter se preocupado. Enquanto caminhava atrás de Gösta, ela parecia resignada, mas calma e controlada.

Como a delegacia de Tanumshede só tinha uma sala de interrogatório, eles foram até o refeitório, onde se sentaram. Laine disse “não, obrigada” a uma xícara de café, mas tanto Patrik quanto Gösta sentiram necessidade de uma infusão com cafeína. O café tinha gosto amargo, mas eles o tomaram assim mesmo, embora não sem uma careta. Nenhum deles sabia como começar, e, para surpresa de ambos, foi Laine a primeira a falar.

“Seu colega”, falou ela, indicando Gösta com a cabeça, “disse que vocês tinham algumas perguntas.”

“Si-i-im”, disse Patrik, hesitante. “Obtivemos uma informação e não sabemos bem como lidar com ela. Não sabemos como ela se encaixa na investigação. Talvez não se encaixe, mas nesse instante o tempo é curto demais para tratar qualquer coisa com luvas de pelica. Assim,

vou direto ao ponto.” Patrik respirou fundo. Laine continuava a sustentar impassível seu olhar, mas quando ele baixou os olhos para as mãos dela, entrelaçadas sobre a mesa, viu que os nós dos dedos estavam brancos.

“Recebemos um resultado preliminar da análise das amostras de sangue de sua família.” Agora ele viu que as mãos dela começavam a tremer. Ele perguntou a si mesmo por quanto tempo ela conseguiria manter sua aparente compostura. “Primeiramente, quero dizer-lhe que o DNA de Jacob não combina com o DNA que encontramos na vítima.”

Bem diante de seus olhos, Laine começou a cair aos pedaços. As mãos dela agora tremiam incontrolavelmente, e ele percebeu que ela tinha ido preparada para a notícia de que seu filho havia sido preso por assassinato. O alívio brilhou no rosto dela, e ela teve que engolir várias vezes para conter os soluços que subiam em sua garganta. Ela não disse nada, então ele prosseguiu.

“No entanto, descobrimos algo estranho ao comparar o sangue de Jacob e de Gabriel. O resultado mostra claramente que Jacob não pode ser filho de Gabriel...?” Com o tom de voz, ele transformou a afirmação numa pergunta, e então esperou a reação de Laine.

Mas o alívio por Jacob ter sido inocentado da acusação de homicídio parecia ter tirado uma pedra de cima de seu peito. Ela hesitou só um instante antes de dizer:

“Sim, isso é correto. Gabriel não é o pai de Jacob.”

“Nesse caso, quem é?”

“Não entendo o que isso tem a ver com os assassinatos. Sobretudo agora que Jacob aparentemente não é culpado.”

“Como eu disse antes, neste momento, não temos tempo para sentar e decidir o que é importante e o que não é, e, sendo assim, eu agradeceria se pudesse por favor responder à minha pergunta.”

“É claro que não podemos forçá-la”, disse Gösta, “mas uma jovem está desaparecida e precisamos de toda informação que pudermos conseguir, mesmo que pareça irrelevante.”

“Vocês vão informar meu marido sobre isso?”

Patrik hesitou.

“Não posso prometer nada, mas não vejo motivo pelo qual devêssemos sair correndo para contar-lhe. Mas...”, ele hesitou. “Jacob sabe.”

Ela teve um sobressalto. Suas mãos começaram a tremer de novo.

“O que ele disse?” A voz dela não era mais do que um sussurro agora.

“Não vou mentir para você. Ele ficou transtornado. E é claro que deve estar imaginando quem é seu verdadeiro pai.”

Um silêncio pesado instalou-se à mesa, mas Gösta e Patrik esperaram pacientes. Depois de algum tempo, ela respondeu, ainda num sussurro.

“É Johannes.” A voz dela ganhou força. “Johannes é o pai de Jacob.”

Ela pareceu surpresa por ter dito aquela frase em voz alta sem que um raio atravessasse o teto, matando-a ali mesmo. O segredo devia ter ficado mais pesado e mais difícil de carregar a cada ano que passava, e agora devia ser quase um alívio para ela deixar que as palavras saíssem de seus lábios. Ela continuou falando, depressa.

“Tivemos um breve caso. Não pude resistir a ele. Johannes era como uma força da natureza, que apenas chegava e tomava o que queria. E Gabriel era tão... diferente.” Laine hesitou quanto à escolha de palavras, mas Patrik e Gösta podiam entender bem o que ela queria dizer.

“Gabriel e eu já vínhamos tentando ter um filho havia algum tempo, e quando ficou evidente que eu estava grávida, ele ficou muito feliz. Eu sabia que o bebê podia ser dele ou de Johannes, mas, a despeito de todas as complicações que aquilo envolveria, eu desejava com fervor que fosse de Johannes. Um filho dele seria... magnífico! Ele era tão cheio de vida, tão lindo, tão... vibrante.”

A luz que lhe encheu os olhos iluminou suas feições, e de um único golpe fez com que parecesse dez anos mais jovem. Não havia dúvida de que ela tinha sido apaixonada por Johannes. A lembrança do caso, mesmo após tantos anos, ainda a fazia ruborizar-se.

“Como você sabia que o filho era de Johannes e não de Gabriel?”

“Eu soube assim que o vi, no mesmo segundo em que foi colocado em meu peito.”

“E Johannes, ele sabia que Jacob era filho dele e não de Gabriel?”, perguntou Patrik.

“Ah, sim. E ele o amava. Eu sempre soube que era apenas uma diversão inconsequente para Johannes, não importava o quanto eu quisesse algo mais, mas com Jacob era diferente. Quando Gabriel viajava, Johannes muitas vezes vinha ver o garoto e brincar com ele. Até que Jacob ficou grande o bastante para poder dizer algo, e então Johannes teve que parar”, disse Laine com tristeza. “Ele odiava ver o irmão criando seu primogênito, mas ele não estava preparado para abrir mão da vida que estava levando. E também não estava preparado para abrir mão de Solveig”, admitiu Laine, relutante.

“E como era a vida para você?”, perguntou Patrik, penalizado.

Ela deu de ombros.

“No começo, era um inferno. Morando tão perto de Johannes e Solveig, vendo-os com os filhos, irmãos de Jacob. Mas eu tinha meu filho e, mais tarde, muitos anos mais tarde, tive Linda. E isso pode parecer improvável, mas com os anos eu, na verdade, passei a amar Gabriel. Não do mesmo modo como amava Johannes, mas talvez de uma forma mais realista. Johannes não era uma pessoa que alguém pudesse amar de perto sem ser destruída. Meu amor por Gabriel não era tão emocionante, mas era mais fácil conviver com ele.”

“Você não teve medo de que a verdade viesse à tona quando Jacob ficou doente?”,

perguntou Patrik.

“Não, havia outras coisas das quais eu tinha muito mais medo”, disse Laine, seca. “Se Jacob morresse, nada teria sentido, e importaria menos ainda quem era seu pai.” Então, sua voz se tornou suave. “Mas Johannes ficou tão preocupado. Ele se desesperava por Jacob estar doente e não haver nada que ele pudesse fazer. Ele não podia sequer demonstrar seu medo abertamente, não podia ficar ao lado do filho no hospital. Foi duro para ele.” Ela se perdeu num tempo distante, mas forçou-se a abandoná-lo e voltar para o presente.

Gösta levantou-se para encher de novo sua xícara e ergueu o bule para Patrik, que acenou com a cabeça, aceitando. Quando voltou a sentar-se, perguntou:

“Não havia de fato ninguém que suspeitasse de algo, ninguém que sabia? Você nunca fez confidências a ninguém?”

Laine franziu o cenho brevemente.

“Sim, num momento de fraqueza, Johannes contou a Solveig sobre Jacob. Enquanto ele estava vivo, ela nunca ousou fazer nada sobre isso, mas, depois que Johannes morreu, ela começou a insinuar coisas que foram se tornando exigências, cada vez maiores, à medida que o dinheiro dela ia acabando.”

“Então ela pratica extorsão?”, disse Gösta.

Laine fez que sim com a cabeça.

“Sim, por vinte e quatro anos venho pagando a ela.”

“Como conseguiu fazer isso sem que Gabriel notasse? Porque suponho que grandes somas de dinheiro estejam envolvidas.”

Ela confirmou de novo.

“Não foi fácil. Mas, mesmo sendo minucioso ao extremo com a contabilidade da fazenda, Gabriel nunca foi sovina comigo. Sempre me deu dinheiro quando eu pedia, para fazer as compras e para gastos pessoais, e para a casa de forma geral. Eu tinha que economizar para pagar Solveig. Eu lhe dei quase tudo o que eu tinha.” Sua voz ficou amarga, com uma ponta de algo ainda mais forte. “Mas suponho que agora não terei mais esse problema com Solveig.”

Ela deu um sorriso irônico, mas logo sua expressão ficou séria de novo. Ela olhou bem nos olhos de Patrik.

“Se há alguma coisa boa em tudo isso, é o fato de que não terei de me preocupar mais com o que Gabriel vai pensar, mesmo sendo algo que me perturba há trinta e cinco anos. O mais importante para mim são meus filhos, Jacob e Linda. É por isso que nada mais importa, exceto que Jacob foi inocentado... Pois suponho que seja esse o caso?”, disse ela, desafiante, estreitando os olhos para ambos.

“Sim, parece que sim.”

“Então, por que ainda o estão detendo? Posso ir embora agora e levar Jacob comigo?”

“Sim, pode”, disse Patrik com tranquilidade. “Mas gostaríamos de pedir-lhe um favor. Jacob sabe algo sobre tudo isso, e para o bem dele é importante que ele nos diga. Fique aqui algum tempo com ele e conversem bastante sobre tudo isso. Tente convencê-lo de que não deve esconder nada do que sabe.”

Laine bufou.

“Na verdade, eu o entendo. Por que ele os ajudaria, depois de tudo o que vocês fizeram a ele e a nossa família?”

“Porque quanto mais depressa solucionarmos tudo, mais cedo todos vocês poderão continuar com suas vidas.”

Era difícil para Patrik soar convincente. Ele não queria contar-lhe sobre o resultado da análise que mostrara que o criminoso podia não ser Jacob, mas ainda era *alguém* aparentado a Johannes. Aquele era o trunfo deles, e ele não pretendia usá-lo até que fosse absolutamente necessário. Até lá, torcia para que Laine acreditasse no que ele dizia e aceitasse seu raciocínio. Depois de esperar um instante, ele obteve o que queria. Laine assentiu.

“Vou fazer o que puder. Mas não creio que você esteja certo. Não acredito que Jacob saiba mais sobre isso do que qualquer outra pessoa.”

“É o que veremos”, respondeu ele, seco. “Quer ir falar com ele?”

Com passos hesitantes, ela foi rumo à sala de interrogatório.

Gösta virou-se para Patrik franzindo o cenho.

“Por que não lhe contou que Johannes foi assassinado?”

Patrik encolheu os ombros.

“Não sei, mas tenho a sensação de que quanto mais puder agitar a coisa entre eles ali dentro, melhor. Jacob vai contar a Laine, e pode ser que isso também a tire do prumo. E talvez, apenas talvez, consigamos fazer um deles se abrir.”

“Você acha que Laine também está escondendo algo?”, disse Gösta.

“Não sei, mas você não viu a expressão no rosto dela quando dissemos que Jacob estava fora da lista de suspeitos? Era de surpresa.”

“Espero que você esteja certo”, disse o outro, esfregando o rosto, cansado. Havia sido um longo dia.

“Vamos esperar até que tenham tido chance de conversar um com o outro ali dentro. Então, vamos para casa, comemos algo e dormimos um pouco. Não vamos servir para nada se estivermos completamente exaustos”, disse Patrik.

Eles se sentaram para esperar.

Solveig achou ter ouvido algo lá fora. Mas então fez-se silêncio de novo. Ela deu de ombros

e retornou sua atenção para os álbuns. Depois de todas as turbulências emocionais dos últimos dias, era muito agradável mergulhar na segurança de suas fotografias tão manuseadas. Elas nunca mudavam, embora pudessem ter desbotado e ficado amareladas com os anos.

Ela olhou o relógio da cozinha. Os meninos entravam e saíam quando bem entendiam, mas naquela noite tinham prometido estar em casa para a janta. Robert ia trazer pizzas de Captain Falck, e ela podia sentir as pontadas de fome começando a torturar seu estômago. Na mesma hora, ouviu passos no cascalho lá fora, e ergueu-se para pegar copos e talheres. Os pratos não seriam necessários. Eles sempre comiam direto da caixa.

“Onde está Johann?”, disse Robert, colocando as pizzas no banco e olhando ao redor.

“Achei que você soubesse. Faz horas que não o vejo”, disse Solveig.

“Ele deve estar no galpão. Vou lá ver.”

“Diga para se apressar, não pretendo esperar”, gritou Solveig a suas costas, erguendo gulosa a tampa da caixa para pegar sua pizza.

“Johann?”, chamou Robert, antes de chegar ao galpão, mas não teve resposta. Tudo bem, não devia ser nada; às vezes, Johann parecia quase surdo e cego quando estava sentado ali.

“Johann?”, ele ergueu um pouco a voz, mas ouviu apenas a si mesmo.

Contrariado, abriu a porta do galpão, pronto para repreender o irmão mais novo por ficar ali dentro devaneando. Mas esse pensamento sumiu depressa de sua mente.

“Johann! Que porra...?”

Seu irmão jazia no chão, com uma grande auréola vermelha ao redor da cabeça. Levou um segundo antes que Robert percebesse que era sangue. Johann não se movia.

“Johann!” A voz de Robert tornou-se um lamento, e um soluço começou a formar-se em seu peito. Ele caiu de joelhos ao lado de Johann, com as mãos pairando indecisas sobre o corpo ferido. Ele queria ajudar, mas não sabia como, e tinha medo de que piorassem os ferimentos se o tocasse. Um gemido do irmão o fez tomar uma atitude. Ele se ergueu, com os joelhos sujos de sangue, e correu para casa.

“Mamãe, mamãe!”

Solveig abriu a porta e olhou para o filho desconfiada. Tinha a boca e os dedos engordurados, pois já havia começado a comer. Agora estava aborrecida por ser perturbada.

“Que diabos é essa gritaria?” Então ela viu as manchas na roupa de Robert. Ela sabia que não eram de tinta. “O que aconteceu? É Johann?”

Ela correu até o galpão, o mais rápido que seu corpo disforme conseguia, mas Robert a deteve antes que chegasse lá.

“Não entre. Ele está vivo, mas alguém o surrou com vontade. Ele está mal. Temos que chamar uma ambulância!”

“Quem...?”, soluçou Solveig, e desabou como um boneco desarticulado nos braços de Robert. Contrariado, ele se soltou e a forçou a ficar em pé sozinha.

“Não importa muito agora. Primeiro, temos que conseguir ajuda para Johann. Vá para dentro e telefone agora mesmo, e eu vou voltar para perto dele. E ligue para o hospital, a ambulância tem que vir de Uddevalla.

Ele deu ordens com a autoridade de um general, e Solveig reagiu de imediato. Ela correu de volta para casa, e, seguro de que a ajuda logo estaria a caminho, Robert correu de volta até o irmão.

Quando o doutor Jacobsson chegou, nenhum deles sequer pensou nas circunstâncias em que haviam se encontrado mais cedo naquele mesmo dia. Robert afastou-se aliviado, reconfortado porque o controle da situação estava sendo assumido por alguém que sabia o que estava fazendo. Ele esperou, tenso, para ouvir o prognóstico.

“Ele está vivo, mas temos que chegar ao hospital o mais rápido possível. A ambulância já está vindo, creio.”

“Sim”, disse Robert, numa voz débil.

“Vá pegar um cobertor.”

Robert era esperto o suficiente para entender que o pedido do médico era mais para dar-lhe o que fazer do que por alguma necessidade real. Mas ele estava grato por ter uma tarefa específica a realizar e obedeceu de boa vontade. Robert teve que espremer-se para passar por Solveig, parada na porta do galpão, chorando em silêncio e tremendo. Não lhe restavam forças suficientes para oferecer-lhe qualquer consolo. Ele estava totalmente ocupado, tentando manter-se inteiro. Ela teria que se virar o melhor que pudesse. Na distância, ouviu sirenes. Nunca antes ele ficou tão feliz em ver o brilho do giroflex azul entre as árvores.

Laine ficou na sala com Jacob por meia hora. Patrik teria gostado de encostar o ouvido na parede, mas ele disse a si mesmo que deveria ser paciente. O pé que sacudia para cima e para baixo era o único sinal que denunciava sua ansiedade. Ele e Gösta foram para suas respectivas salas, para tentar trabalhar um pouco, mas era difícil. Patrik desejou saber com exatidão o que ele esperava conseguir de toda aquela charada, mas de fato não tinha a menor ideia. Ele só torcia para que Laine de algum modo apertasse o botão certo para fazer Jacob falar. Se bem que ela poderia fazê-lo fechar-se ainda mais. Podia ser tanto um quanto o outro, esse era o problema. Ponderar os riscos e os ganhos possíveis sempre levava a ações que, vistas em retrospectiva, não podiam ser explicadas de maneira lógica.

Também o contrariava saber que demoraria até de manhã para ter os resultados dos testes de sangue. Ele teria de bom grado passado a noite examinando evidências referentes a Jenny, se existisse alguma. Em vez disso, as amostras de sangue eram a única coisa que ele tinha no

momento. Era provável que tivesse contado mais do que pensava com a possibilidade de que a amostra de Jacob combinaria. Agora que toda a sua teoria colapsara, ele olhava para uma folha de papel em branco à sua frente, e estavam de volta ao ponto de partida.

Jenny estava em algum lugar lá fora, mas ele tinha a sensação de que agora sabiam ainda menos que antes. Os únicos resultados tangíveis até o momento era que eles pareciam ter conseguido desestruturar uma família e confirmar um assassinato ocorrido vinte e quatro anos antes. Além disso... nada.

Pela centésima vez, ele olhou para o relógio e tamborilou, frustrado, breves solos de bateria com a caneta na mesa.

Talvez, apenas talvez, naquele exato momento, Jacob estivesse contando a sua mãe detalhes que poderiam resolver o caso de uma só vez. Talvez...

Quinze minutos mais tarde, ele soube que qualquer esperança de obter alguma pista a partir daqueles dois estava perdida. O som da porta da sala de interrogatório abrindo-se o fez saltar de sua cadeira e ir encontrá-los. Foi recebido por duas caras fechadas. Olhos duros como pedra fitavam-no, desafiantes, e, de imediato, ele soube que o que quer que Jacob estivesse escondendo não iria revelar por livre vontade.

“Você disse que eu poderia levar meu filho”, disse Laine, numa voz gélida, glacial.

“Sim”, respondeu Patrik.

Não havia nada mais a dizer.

Agora eles podiam fazer o que ele havia sugerido a Gösta, algum tempo antes. Podiam ir para casa, comer algo e dormir um pouco. Com sorte, poderiam voltar para trabalhar no dia seguinte com energia renovada.

X

Verão de 1979

*E*la se preocupava, pensando na mãe, que estava doente. Como o pai conseguiria cuidar dela sozinho? A esperança de que a encontrariam aos poucos se esvaía com o terror de agora estar sozinha no escuro. Sem a pele suave da outra jovem, a escuridão parecia ainda mais negra, como se isso fosse possível.

O cheiro também a incomodava. O cheiro doce e nauseante da morte suplantava todos os demais. Até o cheiro de seus próprios excrementos desaparecia naquela doçura repugnante, e ela vomitara várias vezes, golfadas ácidas de bile em razão da falta de alimento no estômago. Agora, ela começava a ansiar pela morte. Isso a apavorava mais do que qualquer outra coisa. O pensamento começava a seduzi-la, sussurrar-lhe, prometendo levar embora a dor e a agonia.

Ela ficava à escuta, esperando o ruído de passos lá em cima. O barulho do alçapão sendo aberto. As tábuas que eram arrastadas para um lado e, então, de novo os passos, descendo devagar as escadas. Sabia que a próxima vez em que os ouvisse seria a última. Seu corpo não aguentaria mais a dor e, como a outra garota, ela cederia à tentação da morte.

Como se atendesse a uma deixa, ela ouviu os sons tão temidos. Com o coração cheio de tristeza, ela se preparou para morrer.

Foi maravilhoso ter Patrik em casa um pouco mais cedo naquela noite. Ao mesmo tempo, foi inesperado, dadas as circunstâncias. Com seu filho a caminho, pela primeira vez, Erica entendia de verdade a preocupação de uma mãe e sofria junto com os pais de Jenny Möller.

De repente, ela se sentiu culpada por sua felicidade naquele dia. Desde a partida dos hóspedes, a paz descera sobre sua casa, dando-lhe tempo para conversar com o bebê irrequieto, para deitar, descansar e ler um bom livro. Também subira com dificuldade pela Galärbacken até o mercado, para comprar alguma comida gostosa, junto com um grande saco

de doces. Esse último a fazia agora sentir-se um pouco culpada. A parteira advertira, categórica, que o açúcar não era um item saudável na dieta de uma grávida. Em grande quantidade, podia até fazer com que o bebê virasse um pequeno viciado em açúcar. Claro, Erica resmungara para si que seria preciso uma quantidade imensa para isso acontecer, mas mesmo assim sua cabeça ficou remoendo aquilo. Na porta da geladeira havia uma longa lista de coisas que ela não podia comer. Às vezes, parecia-lhe uma tarefa impossível dar à luz uma criança perfeitamente saudável. Certos tipos de peixe, por exemplo, ela não podia comer de modo algum, enquanto outros eram permitidos, mas só uma vez por semana. E depois havia o detalhe de serem peixes de água salgada ou de água doce... sem mencionar o dilema dos queijos. Erica adorava queijos de todos os tipos e decorara os que podia e os que não podia comer. Para sua consternação, queijos com fungos, como o gorgonzola, estavam na lista dos proibidos, e ela já sonhava em faltar-se de queijos e vinho tinto assim que terminasse de amamentar.

Estava tão entretida, pensando nas orgias gastronômicas, que nem ouviu Patrik entrar, e se assustou tanto que quase teve um ataque. Demorou um pouco para seu coração voltar ao ritmo normal.

“Deus do céu, você me deu um susto!”

“Desculpe, foi sem querer. Achei que tivesse me ouvido chegar.”

Ele desabou no sofá da sala, ao lado dela. Ela ficou chocada com a aparência dele.

“Patrik, seu rosto está cinza. Aconteceu alguma coisa?” Uma ideia ocorreu-lhe. “Vocês a encontraram?” Ela sentiu um aperto gelado ao redor do coração.

Patrik abanou a cabeça. “Não.”

Ele não disse mais nada, e ela esperou paciente. Depois de algum tempo, ele pareceu capaz de continuar.

“Não, não a encontramos. E parece que retrocedemos hoje.”

De repente, ele se inclinou para a frente e enterrou o rosto nas mãos. Erica aproximou-se, rodeou-o com os braços e apoiou o rosto no seu ombro. Além de ouvir, ela o sentiu chorando de mansinho.

“Merda, ela só tem dezessete anos de idade. Dá para imaginar? Dezessete, e algum desequilibrado de merda acha que pode fazer com ela o que quiser. Vai saber o que ela está passando enquanto corremos de um lado para o outro como uns imbecis incompetentes de merda! Não temos a mínima ideia do que estamos fazendo. Merda! Por que é que achamos que podíamos conduzir uma investigação como essa sozinhos? Estamos acostumados a investigar roubo de bicicleta e coisas assim. Que tipo de idiota, no caso, eu, permitiu que assumíssemos essa maldita investigação?!” Ele ergueu as mãos, num gesto de desespero.

“Ninguém poderia ter feito melhor, Patrik. Como acha que teria sido se tivessem mandado

um grupo de Gotemburgo? Que alternativas vocês tinham? Eles não conhecem a área, não conhecem as pessoas e não sabem como as coisas funcionam por aqui. Eles não teriam conseguido fazer um trabalho melhor. Teria sido ainda pior. E, na verdade, vocês não estão trabalhando sozinhos, embora eu entenda por que você acha isso. Não se esqueça de que Uddevalla mandou homens para trabalhar com vocês, para organizar equipes de busca e essas coisas. Você mesmo disse, na outra noite, que o esforço conjunto estava funcionando bem. Esqueceu-se disso?”

Erica falava-lhe como a uma criança, mas sem condescendência. Ela só queria ser bem clara no que dizia. Parecia estar funcionando, pois Patrik ficou mais calmo, e ela pôde sentir seu corpo relaxando.

“É, você deve ter razão”, disse ele, relutante. “Fizemos todo o possível, mas tudo parece tão inútil. O tempo está passando, e estou sentado aqui em casa enquanto Jenny pode estar morrendo neste exato momento.”

O pânico começou a aparecer na voz dele de novo, e Erica apertou-lhe o ombro.

“Psiu, você não pode se dar ao luxo de pensar assim.” Ela deixou uma ponta de aspereza aflorar na voz. “Não pode desmoronar agora. Se deve alguma coisa a ela e aos pais, é manter a cabeça fria e apenas seguir em frente com o trabalho.”

Ele ficou em silêncio, mas Erica percebia que estava ouvindo o que ela dizia.

“Os pais dela me ligaram três vezes hoje”, disse Patrik. “Quatro vezes ontem. Você acha que isso é sinal de que estão começando a desistir?”

“Não, não acho”, disse Erica. “Eu só acho que eles confiam em que você esteja fazendo seu trabalho. E, neste momento, seu dever é recuperar as forças para mais um dia de trabalho amanhã. Não vai adiantar nada para ninguém se ficar completamente esgotado.”

Patrik deu um sorriso débil ao ouvir as palavras que dissera a Gösta vindo, como um eco, de Erica. Talvez às vezes ele soubesse mesmo o que dizia.

Resolveu seguir o conselho da esposa. Mesmo sem sequer sentir o gosto da comida, comeu o que foi posto diante dele à mesa e depois foi dormir. Teve um sono inquieto. Em seus sonhos, uma jovem loira fugia dele. Ele chegava perto o suficiente para poder tocá-la, mas, ao estender a mão para segurá-la, ela ria provocante e escapulia. Quando o despertador o acordou, estava exausto e suando frio.

A seu lado, Erica passara a maior parte da noite acordada, preocupada com sua irmã Anna. Mais cedo, ela tomara a firme decisão de não dar o primeiro passo. Durante a madrugada cinzenta, ela também tivera a certeza de que teria que ligar para Anna assim que clareasse. Algo estava errado. Ela podia sentir.

O cheiro de hospital a amedrontava. Havia algo de fim de linha naquele cheiro estéril, nas

paredes sem cor e na decoração feia. Depois de passar a noite toda sem conseguir dormir um minuto, parecia-lhe que todos a seu redor moviam-se em câmera lenta. O sussurro da roupa dos funcionários parecia tão amplificado que soava alto nos ouvidos de Solveig. Ela esperava que o mundo desabasse em volta dela a qualquer instante. Em algum momento, perto do amanhecer, o médico disse que a vida de Johann estava por um fio, e ela começou a sofrer. Que mais podia fazer? Tudo que tivera na vida escorrera-lhe entre os dedos como areia fina soprada pelo vento. Nada restara de tudo a que se apegara. Johannes, a vida deles em Västergården, o futuro dos filhos – tudo se dissolvera no nada, forçando-a a ir para um mundo só dela.

Mas agora não podia mais fugir. Não quando era acuada pela realidade, na forma de visões, sons e odores. Saber que, naquele momento, estavam cortando o corpo de Johann era real demais para que pudesse fugir.

Ela rompera com Deus muito tempo atrás, mas agora rezava com todo o fervor que conseguia reunir. Repetia depressa cada palavra que podia lembrar de sua fé da infância, fazendo promessas que jamais poderia manter, na esperança de que fossem suficientes para dar a Johann ao menos uma vantagem mínima que pudesse mantê-lo vivo. Sentado ao lado dela, Robert tinha uma expressão de choque que não se alterara a noite toda. Solveig só queria estender a mão e tocá-lo, consolá-lo, ser mãe. Mas tantos anos tinham se passado que a chance de demonstrar qualquer sentimento maternal se dissipara. Em vez disso, ficaram sentados lado a lado como estranhos, unidos apenas pelo amor ao homem que jazia na cama, ambos na silenciosa convicção de que ele era o melhor dos três.

Um vulto familiar surgiu no fim do corredor. Linda movia-se discreta, rente às paredes, sem saber como seria recebida. Mas todo o desejo de brigar fora aniquilado em Solveig e Robert, como os golpes haviam feito com Johann.

Linda sentou-se em silêncio junto a Robert e esperou um pouco antes de se atrever a perguntar:

“Como ele está? Papai disse que vocês ligaram esta manhã e contaram o que aconteceu.”

“É, achei que Gabriel devia saber”, disse Solveig, ainda com o olhar perdido na distância, “pois, afinal, o sangue é mais denso que a água. Só achei que ele devia saber...” Ela pareceu afastar-se na distância, e Linda apenas concordou com a cabeça.

“Ele ainda está sendo operado”, prosseguiu Solveig. “Não sabemos nada além de... de que é possível que morra.”

“Mas quem fez isso?”, perguntou Linda, resolvida a não deixar que a tia se refugiasse no silêncio antes de obter uma resposta.

“Não sabemos”, disse Robert. “Mas seja quem for o filho da mãe, vai pagar por isso!”

Ele bateu com força no braço da cadeira e saiu de seu estado de choque. Solveig não

disse nada.

“Mas que diabos você está fazendo aqui?”, disse Robert, só então percebendo como era estranho que a prima, com quem tinham tão pouco contato, tivesse vindo ao hospital.

“Eu... nós... eu...”, gaguejou Linda, procurando as palavras que descrevessem a relação que mantinha com Johann. Ela ficou surpresa ao ver que Robert não sabia de nada. Johann dissera-lhe não ter contado sobre a relação deles ao irmão, mas ela ainda achava que ele tivesse dito algo. O fato de que Johann quisesse fazer segredo era prova do quanto a relação devia ter sido importante para ele, e essa súbita compreensão fez com que ela se sentisse envergonhada.

“Nós... nós estávamos nos encontrando bastante, Johann e eu.” Ela olhou as unhas perfeitamente manicuradas.

“O que você quer dizer com... encontrando?” Robert olhou-a espantado. Então, a luz se fez. “Hum, então vocês estavam... certo...” Ele riu. “Bom, vejam só. Que tal essa? Meu irmãozinho. Que garanhão.” O riso ficou preso na garganta quando lembrou o motivo pelo qual estava ali, e a expressão de choque retornou.

Enquanto as horas se passavam, os três ficaram ali, sentados lado a lado em silêncio na sala de espera deprimente. Cada som de passos no corredor fazia com que esperassem, ansiosos, por um médico de avental branco que viesse trazer-lhes notícias. Sem que os demais soubessem, cada um deles rezava.

Quando Solveig ligou de manhã cedo, Gabriel surpreendeu-se com o quanto ficou penalizado. A hostilidade entre as famílias durara tanto tempo que a grosseria havia se tornado um hábito. Mas quando ele soube da condição de Johann, todos os velhos ressentimentos desapareceram. Johann era o filho de seu irmão, sua própria carne e seu sangue, e isso era tudo que importava. Mas, ainda assim, não seria fácil ir ao hospital. De alguma forma, o gesto parecia hipócrita, e ele ficou agradecido quando Linda disse que iria. Ele até pagou o táxi até Uddevalla, embora em circunstâncias normais considerasse o uso de táxi o máximo das extravagâncias.

Sentado à sua grande escrivaninha, ele não sabia o que fazer. O mundo inteiro parecia de cabeça para baixo, e as coisas ficavam cada vez piores. Tudo parecia ter atingido um ponto crítico nas últimas vinte e quatro horas: Jacob sendo levado para interrogatório, a busca em Västergården, a família toda obrigada a ceder amostras de sangue e, agora, Johann no hospital, pairando entre a vida e a morte. A sensação de segurança que ele passara a vida conquistando estava agora ruindo diante de seus olhos.

No espelho pendurado na parede oposta, ele viu seu rosto como se fosse a primeira vez. E, de certa forma, era. Ele viu como envelhecera nos últimos dias. A vitalidade sumira de

seus olhos, o rosto estava vincado de preocupação, e o cabelo, em geral bem cuidado, estava revoltado e sem brilho. Gabriel devia admitir que estava decepcionado consigo mesmo. Ele sempre se julgara um homem capaz de lidar com qualquer dificuldade, alguém em quem as pessoas podiam confiar nas horas difíceis. Em vez disso, foi Laine quem se mostrou a mais forte dos dois. Talvez ele sempre tivesse sabido que era verdade. Talvez ela também soubesse, mas deixou que ele vivesse na ilusão, sabendo que isso o faria mais feliz. Ele foi tomado por uma sensação terna. Um amor tranquilo. Algo que havia muito estava enterrado sob o desprezo egocêntrico, mas que agora tinha a oportunidade de emergir. Talvez algo de bom pudesse resultar de toda aquela desgraça.

Uma batida na porta interrompeu seus pensamentos.

“Entre.”

Laine entrou, cautelosa, e outra vez ele reparou na transformação que sofrera. A expressão tensa e as mãos inquietas tinham desaparecido; ela até parecia mais alta, pois agora mantinha uma postura ereta.

“Bom dia, querida. Dormiu bem?”, perguntou ele.

Ela fez que sim com a cabeça e sentou-se em uma das poltronas que ele tinha no escritório para os visitantes. Gabriel esquadrinhou-a. As olheiras dela contradiziam a resposta afirmativa. Mas ela havia dormido mais de doze horas. No dia anterior, depois que ela foi buscar Jacob na delegacia e voltou para casa, ele mal conseguiu arrancar-lhe uma palavra. Ela disse apenas que estava cansada e foi para seu quarto deitar-se. Algo estava para acontecer, ele sentia isso. Laine não o olhara uma única vez desde que entrou no aposento. Em vez disso, examinava os próprios sapatos com muita atenção. Ele sentiu sua própria ansiedade aumentar, mas antes precisava contar-lhe sobre Johann. Ela reagiu com surpresa e compaixão, mas as palavras pareceram não atingi-la de fato. Algo tão gigantesco ocupava-lhe a mente que nem o espancamento de Johann podia fazê-la concentrar-se em outra coisa. Todos os sinais de alarme dispararam em Gabriel ao mesmo tempo.

“Aconteceu algo? Houve alguma coisa na delegacia ontem? Conversei com Marita de noite, e ela disse que tinham liberado Jacob, e que dificilmente a polícia teria...” Ele não sabia como continuar. Os pensamentos voavam em sua mente à medida que rejeitava uma explicação atrás da outra.

“Não, Jacob foi inocentado de qualquer suspeita”, disse Laine.

“O quê? Bom, isso é fantástico!” O rosto de Gabriel se iluminou. “Como... o que é que...”

Ainda a expressão sombria, e Laine recusando-se a olhá-lo nos olhos.

“Antes de falarmos sobre isso, há outra coisa que você deve saber.” Ela hesitou. “Johannes, ele, ele...”

Gabriel remexeu-se na cadeira, impaciente.

“Sim, o que tem o Johannes? É sobre aquela infeliz exumação?”

“Sim, pode-se dizer que sim.” Outra pausa. Gabriel tinha vontade de sacudi-la e fazê-la pôr para fora o que tentava dizer. Então, Laine respirou fundo e falou tudo tão depressa que ele mal conseguiu acompanhar. “Eles contaram a Jacob que examinaram os restos de Johannes e confirmaram que ele não cometeu suicídio. Ele foi assassinado.”

A caneta que Gabriel segurava caiu sobre a escrivaninha. Ele olhou para Laine como se ela tivesse ficado louca.

“Sim, sei que parece loucura”, prosseguiu ela, “mas eles parecem ter bastante certeza. Alguém matou o Johannes.”

“Eles sabem quem foi?” Foi a única coisa que ele pôde dizer.

“É claro que não”, retrucou Laine, áspera. “Eles acabaram de descobrir, e tantos anos já se passaram...” Ela ergueu as mãos.

“Bom, é uma notícia chocante, devo dizer. Mas fale mais sobre Jacob. A polícia se desculpou?”, disse Gabriel bruscamente.

“Como eu disse, ele não é mais suspeito. Eles conseguiram provar o que já sabíamos”, disse Laine, com desdém.

“Isso não é nenhuma surpresa. Era só questão de tempo. Mas como...?”

“As amostras de sangue que tiraram de nós ontem. Compararam o sangue dele com algum resíduo que o assassino deixou para trás e viram que eles não combinavam.”

“Eu podia ter dito isso a eles logo de cara. E disse, se não me falha a memória”, declarou Gabriel, cheio de si, sentindo um nó enorme desatar-se. “Por que não tomamos um pouco de champanhe para celebrar, Laine? Não entendo por que está tão abatida.”

Naquele momento, ela ergueu a cabeça e olhou-o direto nos olhos.

“Porque eles também analisaram seu sangue.”

“Bem, com certeza, ele não ia combinar”, disse Gabriel rindo.

“Não, não com o do assassino. Mas... também não combinou com o de Jacob.”

“O quê? O que você quer dizer? Não combinou? Como assim?”

“Eles descobriram que você não é pai de Jacob.”

O silêncio que se seguiu soou como uma explosão. Gabriel entreviu o próprio rosto no espelho de novo. Dessa vez, nem pôde reconhecer-se. Um estranho de boca aberta e olhos arregalados o olhava. Não conseguiu olhar para si mesmo e teve que desviar os olhos.

Parecia que todos os problemas do mundo tinham sido tirados das costas de Laine, e sua face tornou-se radiante. Ele compreendeu que era alívio. De repente, ele percebeu o peso que fora, para ela, carregar aquele segredo por tantos anos, mas, então, a fúria abateu-se com toda a força sobre ele.

“Que diabos está dizendo?”, rugiu ele, tão alto que ela se assustou.

“Eles estão certos. Você não é o pai de Jacob.”

“Quem diabos é, então?”

Silêncio. Aos poucos, a verdade ficou evidente para ele. Ele desabou na cadeira e murmurou: “Johannes.”

Laine não precisou confirmar. De repente, tudo estava claro como água, e ele amaldiçoou sua própria estupidez. E pensar que não percebera antes! Os olhares furtivos, a sensação de que alguém estivera em sua casa quando ele não estava, a semelhança incrível entre Jacob e seu irmão.

“Mas por quê...?”

“Você quer dizer por que tive um caso com Johannes?” A voz de Laine havia adquirido uma tonalidade fria, metálica. “Porque ele era tudo o que você não era. Eu fui a segunda escolha para você, uma esposa escolhida por razões práticas, alguém que saberia ficar em seu lugar e que cuidaria para que sua vida fosse como você sempre imaginou, sem possibilidade do menor aborrecimento. Tudo ficaria organizado, lógico, racional... sem vida!” A voz dela se tornou suave. “Johannes não fazia nada que não quisesse. Ele amou quando quis, odiou quando quis, viveu quando quis... Estar com Johannes era como experimentar uma força da natureza. Ele me via de verdade, me *via*. Ele não passava simplesmente por mim a caminho da próxima reunião de negócios. Cada vez que fazíamos amor era como morrer e depois renascer.”

Gabriel estremeceu ao ouvir a paixão na voz de Laine. Então, o tom mudou, e ela o olhou solenemente.

“Eu realmente sinto muito por ter enganado você sobre Jacob todos esses anos. Acredite, eu sinto muito mesmo e peço desculpas de todo o coração. Mas não pretendo implorar seu perdão por ter amado Johannes.”

Num impulso, ela se inclinou para a frente e pôs as mãos sobre as de Gabriel. Ele resistiu à vontade de retirá-las.

“Você teve tantas oportunidades, Gabriel. Sei que também tinha dentro de si muitas das qualidades de Johannes, mas jamais as deixou aflorar. Podíamos ter passado muitos anos felizes juntos, e eu o teria amado. De certa forma, apaixonei-me por você, apesar de tudo, mas também o conheço bem demais para saber que nunca mais vai permitir que eu continue a amá-lo.”

Gabriel não disse palavra. Ele sabia que ela estava certa. A vida inteira ele se esforçou para não viver à sombra do irmão. A traição de Laine o atingiu em seu ponto mais sensível.

Lembrou-se das noites em que ele e Laine velaram juntos à cabeceira do filho no hospital. Ele se lembrou de ter desejado que o filho visse que ele era a única pessoa presente e que

soubesse da pouca importância de todos os demais, incluindo Laine. Aos olhos de Gabriel, ele era o único de quem Jacob precisava. Eram os dois contra o mundo. Parecia ridículo pensar naquilo agora, uma vez que ele era, na verdade, o único dispensável naquele contexto. Era Johannes quem tinha o direito de sentar-se ao lado de Jacob, tomar sua mão, dizer-lhe que tudo ia dar certo. Junto com Ephraim, que lhe salvou a vida. Ephraim e Johannes. A eterna dupla à qual Gabriel jamais pôde unir-se. Agora pareciam invencíveis.

“E Linda?”

Ele sabia a resposta, mas tinha que perguntar. Mesmo que fosse apenas para magoar Laine. Ela apenas emitiu um som de desprezo.

“Linda é sua filha. Não há a menor dúvida sobre isso. Johannes foi o único amante que tive enquanto estivemos casados, e agora terei que arcar com as consequências.”

Outra questão o incomodava ainda mais.

“Jacob sabe?”

“Jacob sabe.”

Ela se ergueu e lançou um olhar triste para Gabriel. Depois disse com calma:

“Farei as malas hoje. À noite, já terei ido embora.”

Ele não perguntou para onde ela ia. Não fazia a menor diferença. Nada mais fazia diferença.

Tinham disfarçado bem a invasão. Ela e as crianças mal notaram qualquer sinal de que a polícia tivesse estado ali. Ao mesmo tempo, algo mudara. Algo que ela não conseguia definir, mas que estava lá. Uma sensação de que o lar deles não era mais o mesmo lugar seguro que fora até então. Tudo o que havia na casa fora tocado por mãos de estranhos, revirado e examinado. Procuravam algo mau – na casa deles! Claro, a polícia sueca mostrara uma grande dose de consideração, mas, pela primeira vez na vida, Marita achou que podia entender como seria a vida numa daquelas ditaduras ou em governos autoritários que via no noticiário da TV. Ela sempre abanou a cabeça e sentiu pena das pessoas que viviam sob a ameaça constante de invasões de seu lar, mas na verdade nunca imaginara como a pessoa se sente suja depois disso, ou o medo que tem do que pode acontecer em seguida.

Ela sentiu a falta de Jacob na cama à noite. Desejara tê-lo a seu lado, as mãos dele nas suas, assegurando-a de que tudo voltaria a ser como antes. Mas quando ela ligou para a delegacia, disseram que a mãe fora buscá-lo. Assim, ela supôs que ele tinha ido dormir na casa dos pais. É claro que ele podia ter ligado para ela, mas, então, ela se repreendeu por tais pensamentos, dizendo a si mesma que era arrogância. Jacob sempre fazia o que era melhor para eles. Se estava perturbada porque a polícia estivera em sua casa, ela nem podia

imaginar como fora para o marido, preso e bombardeado com perguntas absurdas.

Devagar, Marita tirou a mesa depois do café da manhã das crianças. Hesitante, ela pegou o telefone e começou ligar para os sogros, mas mudou de ideia e colocou o fone no gancho. Jacob devia estar dormindo até tarde e ela não queria incomodá-lo. Naquele exato momento, o telefone tocou e ela se assustou. No identificador de chamadas, viu que era da mansão e atendeu ansiosa, esperando que fosse Jacob.

“Olá, Marita, é Gabriel.”

Ela franziu a testa. Ela mal reconhecia a voz do sogro. Parecia a de um ancião.

“Olá, Gabriel. Como estão vocês?”

O tom animado disfarçava sua apreensão, mas ela esperou, tensa, que ele continuasse. De súbito, ocorreu-lhe que algo tivesse acontecido a Jacob, mas, antes que pudesse perguntar, Gabriel disse:

“Escute, por acaso Jacob está?”

“Jacob? Mas Laine foi buscá-lo na delegacia ontem. Eu tinha certeza de que ele estava com vocês.”

“Não, ele não esteve aqui. Laine deixou-o no lado de fora da casa de vocês, ontem à noite.” O pânico na voz dele era o mesmo que ela estava sentindo.

“Meu Deus, então, onde ele está?” Marita tapou a boca com a mão, tentando não entrar em pânico.

“Ele deve ter... ele deve estar...” Gabriel não pôde concluir as frases, o que só aumentou sua ansiedade. Se Jacob não estava em casa e também não estava na casa deles, não havia muitas alternativas. Um pensamento horrível lhe ocorreu.

“Johann está no hospital. Ele foi atacado e espancado na casa dele ontem”, disse Gabriel.

“Ah, Deus do céu, como ele está?”

“Eles nem sabem se vai sobreviver. Linda está no hospital e vai ligar quando souber de algo.”

Marita deixou-se cair numa das cadeiras da cozinha. Seu peito estava ficando apertado, dificultando a respiração. Parecia que sua garganta estava numa forca.

“Você acha que...”, começou a falar.

A voz de Gabriel era quase inaudível no telefone quando disse:

“Não, isso não é possível. Quem iria...”

Ambos perceberam, então, que suas preocupações tinham a ver com o fato de existir um assassino à solta. Seguiu-se um silêncio pesado.

“Chame a polícia, Marita”, disse Gabriel. “Estou indo para aí.”

Depois, ela ouviu o som de linha.

Perplexo, Patrik estava de novo sentado à sua mesa. Ele tentava achar algo para fazer além de ficar ali olhando para o telefone. Estava dominado pela impaciência, enquanto esperava os resultados dos testes das amostras de sangue. O relógio soava impávido. Ele decidiu pôr em dia assuntos administrativos e pegou os documentos mais relevantes. Meia hora depois, ainda não fizera nada com eles; ficara só sentado, olhando o nada. A exaustão em consequência da falta de sono fazia-se sentir. Tomou um gole de café, mas na hora fez uma careta. Estava frio. Com a xícara na mão, ergueu-se para enchê-la de novo quando o telefone tocou. Ele se jogou tão depressa sobre o aparelho que derrubou café frio na mesa.

“Patrik Hedström.”

“Jacob desapareceu!”

Ele estava tão preparado para receber notícias da Criminalística que levou um tempo para reagir.

“Perdão?”

“Aqui é Marita Hult. Meu marido está desaparecido desde ontem à noite!”

“Desaparecido?” Ele ainda não conseguia acompanhar direito. A fadiga o fazia pensar devagar e com hesitação.

“Ele não voltou para casa ontem à noite. E também não dormiu na casa dos pais. Considerando o que aconteceu com Johann...”

Agora ele estava mesmo perdido.

“Espere, vá um pouco mais devagar. O que aconteceu com Johann?”

“Ele está no hospital em Uddevalla. Foi espancado e não sabem se vai sobreviver. Imagine se a mesma pessoa tiver atacado Jacob. Ele pode estar ferido, caído em algum lugar.”

O pânico na voz de Marita aumentou, e a mente de Patrik por fim entendeu. Eles não tinham ouvido nada sobre o espancamento de Johann Hult; seus colegas de Uddevalla deviam ter feito o relatório. Teria de contatá-los de imediato, mas, naquele momento, a coisa mais importante era acalmar a esposa de Jacob.

“Marita, tenho certeza de que nada aconteceu de ruim a Jacob. Mas vou mandar alguém até aí para falar com você e também vou contatar a polícia de Uddevalla e descobrir o que sabem sobre Johann. Vou dar atenção ao caso, mas acho que ainda não há motivo para preocupação. Sempre vemos esse tipo de coisa acontecendo. Por uma razão ou outra, alguém decide passar uma noite fora de casa. E o Jacob pode ter ficado perturbado depois de termos conversado com ele ontem. Talvez precisasse ficar um pouco sozinho.”

“Jacob jamais ficaria fora sem me dizer aonde iria”, disse Marita, nervosa. “Ele é responsável demais para isso.”

“Acredito em você e prometo que vamos nos ocupar disso já. Alguém vai aí falar com

você, está certo? Se puder ligar para seus sogros, peça a eles para irem até aí, assim, poderemos falar com eles ao mesmo tempo.”

“Talvez seja mais fácil se eu for até a casa deles”, disse Marita, parecendo aliviada ao ver que medidas concretas estavam sendo tomadas de imediato.

“Então, é o que faremos”, disse Patrik. Ele insistiu de novo para que ela não acreditasse no pior e desligou.

Sua inércia anterior desapareceu de repente. Apesar do que dissera a Marita, estava inclinado a acreditar que havia algo fora do normal por trás do desaparecimento de Jacob. E, se Johann sofrera um espancamento, ou tentativa de homicídio ou o que fosse, havia um motivo real para preocupação. Patrik começou telefonando para os colegas em Uddevalla.

Minutos depois, ele sabia tudo o que eles sabiam sobre o ataque, o que não era muito. Alguém havia surrado Johann quase até a morte na noite anterior. Como o próprio Johann estava incapacitado de dizer quem fizera aquilo, a polícia ainda não tinha pistas. Havia falado com Solveig e Robert, mas eles não tinham visto ninguém perto do galpão. Por um instante, Patrik suspeitou de Jacob, mas a hipótese logo revelou-se infundada. O espancamento de Johann acontecera na mesma hora em que eles interrogavam Jacob na delegacia.

Patrik não sabia bem como proceder. Havia duas tarefas que exigiam ação. Primeiro, ele queria alguém para ir até o hospital em Uddevalla e falar com Solveig e Robert e descobrir se sabiam algo. Segundo, precisava mandar alguém à mansão para conversar com a família de Jacob. Após alguns instantes de hesitação, decidiu ir ele mesmo para Uddevalla e mandar Martin e Gösta para a mansão. Mas, assim que se levantou para sair, o telefone tocou de novo. Dessa vez *era* a Criminalística.

Ansioso, preparou-se para ouvir o que o laboratório tinha a dizer. Talvez tivessem finalmente achado a peça do quebra-cabeça que buscavam. Mas nem em seus mais loucos devaneios Patrik teria previsto o que ouviu a seguir.

Durante todo o percurso até a mansão, Martin e Gösta discutiram sobre o que Patrik lhes dissera. Não fazia sentido para nenhum deles. Mas assuntos mais urgentes os impediam de perder mais tempo com aquele enigma. A única coisa que podiam fazer no momento era manter a calma e ir em frente com obstinação.

No pé da escada que levava à porta da frente, tiveram que passar por cima de algumas malas grandes. Martin perguntou-se quem estaria saindo de viagem. Parecia haver mais bagagem do que Gabriel precisaria para uma viagem de negócios, e as malas tinham um toque feminino, fazendo-o pensar que deviam ser de Laine.

Dessa vez não foram levados à sala de estar, mas percorreram um longo corredor até a

cozinha, no outro lado da casa. Martin gostou do aposento na hora. A sala era linda, claro, mas tinha um ar impessoal. A cozinha transbordava aconchego, com uma simplicidade rústica que zombava da elegância que pairava como um véu sufocante sobre o resto da mansão. Na sala, Martin sentira-se como um caipira, mas ali ele sentia vontade de arregaçar as mangas e começar a mexer no conteúdo fumegante das grandes panelas.

Marita estava sentada a uma das pontas da enorme mesa rústica de cozinha, espremida contra a parede. Parecia buscar segurança, naquela situação que era assustadora e inesperada. Martin podia ouvir o som de crianças gritando ao longe e, quando esticou o pescoço para olhar pelas janelas que davam para o jardim, viu os dois filhos de Jacob e Marita correndo e brincando no enorme gramado.

Gösta e Martin apenas acenaram com a cabeça para os ocupantes da cozinha. Então, sentaram à mesa com Marita. Martin percebeu que pairava um clima estranho, mas não conseguiu definir a razão. Gabriel e Laine sentaram-se o mais longe possível um do outro, e Martin reparou que tomavam todo o cuidado para não se olharem. Ele pensou na bagagem na porta da frente. Percebeu então que Laine devia ter contado a Gabriel sobre o caso dela com Johannes e imaginou as consequências. Não era de admirar que o clima estivesse tenso. A única coisa que ainda mantinha Laine na mansão era a preocupação compartilhada quanto ao desaparecimento de Jacob.

“Vamos começar do início”, disse Martin. “Quem de vocês viu Jacob por último?”

Laine acenou de leve com a mão.

“Fui eu.”

“E quando foi isso?”, perguntou Gösta.

“Por volta das oito horas. Depois de ir pegá-lo na delegacia.” Ela acenou na direção dos policiais diante dela à mesa.

“E onde o deixou?”, perguntou Martin.

“No caminho de acesso a Västergården. Ofereci-me para levá-lo até a porta da casa, mas ele disse que não era necessário. É meio difícil fazer a manobra no fim do acesso, e é uma caminhada de poucas centenas de metros, de modo que não insisti.”

“Como estava o humor dele?”, prosseguiu Martin.

Ela lançou um olhar furtivo a Gabriel. Todos sabiam sobre o que estavam de fato falando, mas ninguém queria dizer às claras. Ocorreu a Martin que Marita talvez ainda não soubesse das mudanças nas relações familiares de Jacob. Mas, infelizmente, agora ele não podia fazer concessões a esse respeito. Tinham que obter todos os fatos e não podiam ficar se preocupando com delicadezas.

“Ele estava...” Laine procurou pela palavra certa. “... pensativo. Eu diria até que parecia em estado de choque.”

Marita olhou espantada para Laine e, depois, para o policial.

“Do que você está falando? Por que Jacob estaria em choque? Que lhe fizeram ontem? Gabriel disse que ele não era mais suspeito, então, por que estaria perturbado?”

Um ligeiro tremor era visível no rosto de Laine, o único sinal das tempestades emocionais que rugiam em seu íntimo, mas ela pousou a mão sobre a de Marita, tranquila.

“Jacob recebeu algumas notícias perturbadoras ontem, querida. Eu fiz uma coisa muitos, muitos anos atrás, que venho carregando dentro de mim faz muito tempo. Graças à polícia...” Ela lançou um olhar de ódio a Martin e Gösta. “... Jacob ficou sabendo disso ontem à noite. Sempre pretendi contar a ele, mas os anos passaram tão depressa... e acho que eu estava esperando o momento certo.”

“O momento certo para quê?”, perguntou Marita.

“Para contar a Jacob que Johannes é o pai dele, e não Gabriel.”

A cada palavra da frase, o rosto de Gabriel se contorcia, e ele se encolheu como se cada sílaba fosse uma estaca fincada em seu coração. Mas a expressão de choque havia sumido. Sua mente começava a processar a informação e já não era tão difícil como fora ao ouvir pela primeira vez.

“O que está dizendo?” Marita olhava para Laine e Gabriel com os olhos arregalados. Então, ela desmoronou. “Ah, Deus meu, isso deve tê-lo arrasado.”

Laine encolheu-se como se tivesse sido esbofeteada.

“O que está feito, está feito”, disse ela. “O mais importante agora é encontrar Jacob e, depois...” Ela fez uma pausa. “... depois teremos que resolver o resto.”

“Laine está certa. Não importa o que o exame de sangue mostrou, em meu coração, Jacob continua sendo meu filho”, disse Gabriel, pondo a mão no peito, “e temos que encontrá-lo.”

“Nós vamos encontrá-lo”, disse Gösta. “Não seria estranho se ele quisesse afastar-se e pensar nas coisas por um tempo.”

Martin ficou grato pelo tom tranquilizador que Gösta conseguia usar quando queria. Naquela hora, era bem apropriado para acalmar os nervos de todos, e Martin continuou as perguntas em tom tranquilo.

“Então, Jacob não chegou em casa?”

“Não”, disse Marita. “Laine me ligou quando saíram da delegacia, e, assim, eu soube que ele estava a caminho. Mais tarde, quando vi que ele não apareceu, achei que havia ido para a casa dela e dormido lá. Isso não é típico dele, claro, mas por outro lado ele e a família têm sofrido tanta pressão ultimamente que achei que ele precisava passar algum tempo com os pais.”

Ao dizer essas últimas palavras, ela olhou de soslaio para Gabriel, mas ele lhe devolveu apenas um sorriso abatido. Levaria algum tempo para que conseguissem lidar com essa nova

situação.

“Como souberam do que aconteceu com Johann?”, perguntou Martin.

“Solveig ligou hoje cedo.”

“Pensei que vocês... tinham uma desavença?”, indagou Martin, cauteloso.

“Sim, pode-se dizer que sim. Mas família é família, acho, e na hora em que é preciso...” Gabriel deixou as palavras morrerem. “Linda está no hospital. Parece que ela e Johann eram mais próximos do que se imaginava.” Gabriel deu uma estranha risadinha amarga.

“Souberam de mais alguma coisa?”, perguntou Laine.

Gösta sacudiu a cabeça.

“Não, a última coisa que soubemos é que a condição dele não havia se alterado. Mas Patrik Hedström está a caminho de Uddevalla agora mesmo, então, veremos o que vai dizer. Se acontecer algo, o que quer que seja, vocês saberão ao mesmo tempo que nós. Quero dizer, é provável que Linda telefone direto para vocês.”

Martin levantou-se.

“Bom, acho que temos todas as informações de que precisamos.”

“Vocês acham que a pessoa que tentou matar o Johann é a mesma que matou aquela garota alemã?” O lábio inferior de Marita tremeu de leve. Ela não precisava explicar o que de fato estava perguntando.

“Não há motivos para acreditar nisso”, disse Martin, com suavidade. “Tenho certeza de que descobriremos logo o que aconteceu. Quero dizer, Johann e Robert têm frequentado muito alguns círculos um tanto duvidosos, portanto, é mais provável que encontremos por lá o agressor.”

“O que farão agora para procurar Jacob?”, prosseguiu Marita, teimosa. “Vão enviar equipes de busca à área, ou o quê?”

“Não, provavelmente não começaremos por aí. Eu acho, de verdade, que ele deve estar em algum lugar pensando na... situação. É provável que apareça em casa a qualquer momento. Assim, a melhor coisa que você pode fazer é ficar em casa e ligar para nós avisando assim que ele aparecer. Certo?”

Ninguém disse uma palavra. Martin e Gösta tomaram aquilo como concordância. Ainda não havia muito que a polícia pudesse fazer. Mas Martin tinha que admitir que não se sentia tão confiante como aparentara para a família de Jacob. Era uma coincidência estranha Jacob ter desaparecido na mesma noite em que seu primo – irmão ou seja lá como devesse chamar Johann – fora atacado.

No carro, voltando para a delegacia, Martin contou ao colega Gösta o que estava pensando. Gösta concordou com a cabeça. Ele também tinha o pressentimento de que nem tudo era como devia ser. Coincidências estranhas eram muito raras na vida real; não era algo

em que um policial devesse confiar. Eles esperavam que Patrik pudesse descobrir alguma coisa mais.

XI

Verão de 2003

*E*la acordou com a dor martelando-lhe a cabeça e com uma sensação nauseante na boca. Jenny não sabia onde estava. A última coisa de que se lembrava era de ter entrado num carro que lhe oferecera carona, e então havia sido atirada de repente numa espécie de realidade estranha e escura. No começo, não sentira medo algum. Parecia um sonho, e a qualquer momento esperava acordar e descobrir que estava de volta ao trailer da família.

Depois de algum tempo, aos poucos, foi percebendo que aquele não era um sonho do qual acordaria. Em pânico, começou a tatear no escuro. Na parede mais distante sentiu pranchas de madeira sob seus dedos. Uma escada. Subiu os degraus, tateando cada degrau. Sua cabeça bateu em algo. Um teto a impedia de subir mais que alguns degraus. A sensação de claustrofobia tornou-se aguda. Ela calculava que poderia ficar em pé no chão, mas por pouco, pois o teto era bem baixo. Tampouco demorara para tatear as paredes. Aquele lugar não tinha mais que dois metros de largura. Em pânico, sentou-se no alto dos degraus e fez força para cima, sentindo as tábuas cederem um pouco. Mas não se moveram. Ela ouviu um tilintar metálico e imaginou que devia haver um cadeado do outro lado.

Depois de tentar empurrar o alçapão mais algumas vezes, ela desceu os degraus, desesperada, e sentou-se no chão de terra com os braços ao redor dos joelhos. O som de passos acima de sua cabeça fez com que instintivamente se afastasse o máximo possível.

Quando o homem desceu os degraus, ela adivinhou como era seu rosto, embora não houvesse luz no aposento. Ela o vira quando ele a pegou em seu carro, e esse fato a aterrorizava. Jenny podia identificá-lo e sabia que tipo de carro ele dirigia. Isso significava que ele nunca a deixaria sair dali com vida.

Ela começou a gritar, mas ele tampou sua boca com a mão e falou em tom tranquilizador. Quando se convenceu de que ela não gritaria mais, ele tirou a mão e começou a despi-la cuidadosamente. Ele acariciou os membros dela com prazer, quase com amor. Ela ouvia a respiração dele ficando mais pesada. Ela fechou os olhos para

afastar o pensamento do que estava por vir.

Depois, ele pediu desculpas. Então, começou a dor.

O tráfego de verão era de matar. A irritação de Patrik foi aumentando à medida que os quilômetros se acumulavam no hodômetro, e quando entrou no estacionamento do hospital de Uddevalla, ele se forçou a respirar fundo algumas vezes para acalmar-se. Em geral, ele não ficava tão incomodado com trailers ocupando toda a estrada ou turistas que dirigiam devagar e apontavam para tudo o que viam, sem se importar com a fila de carros formando-se atrás deles. Mas sua decepção quanto ao resultado das análises de sangue contribuíra muito para baixar seu nível de tolerância.

Ele mal acreditara em seus ouvidos. Nenhuma das amostras combinara com o DNA do esperma tirado do corpo de Tanja. Ele estivera tão certo de que saberiam a identidade do assassino quando os resultados saíssem que ainda não havia se recuperado do choque. Alguém aparentado a Johannes Hult tinha assassinado Tanja, o fato era inescapável. Mas não era nenhum de seus parentes conhecidos.

Impaciente, ele ligou para a delegacia. Annika começara a trabalhar um pouco mais tarde que o normal, e ele estivera à espera de que ela chegasse.

“Alô, é Patrik. Desculpe se pareço nervoso, mas você poderia ver se pode desencavar alguma informação, o mais depressa possível, sobre a possível existência de algum outro membro da família Hult na região? Estou imaginando sobretudo se não existem filhos de Johannes Hult nascidos fora do matrimônio.”

Ele a ouviu escrevendo e manteve os dedos cruzados. Era o último recurso de que ele podia lançar mão, e esperava sinceramente que ela conseguisse algo. Se não, tudo o que poderia fazer era sentar ali e coçar a cabeça.

Ele precisava admitir que gostava da teoria surgida em sua mente durante a viagem para Uddevalla. A ideia de que Johannes pudesse ter um filho sobre o qual eles não soubessem. Com o que haviam descoberto sobre ele, não parecia impossível. De fato, quanto mais pensava no assunto, mais provável parecia. Podia até mesmo ser um motivo para Johannes ter sido assassinado, pensou Patrik, sem saber de fato como iria amarrar tantas pontas soltas. Ciúme era um motivo soberbo para assassinato, e a forma como ele fora morto encaixava-se bem na teoria. Um assassinato por impulso, não premeditado. Um ataque de fúria e ciúme, que terminou com Johannes morto.

Mas o que isso tinha a ver com os assassinatos de Siv e Mona? Essa era a peça do quebra-cabeça que ele ainda não conseguia encaixar, mas talvez as descobertas de Annika

pudessem ajudá-lo naquilo também.

Ele bateu a porta do carro e foi para a entrada da frente. Depois de uma breve busca e da ajuda dos cordiais funcionários do conselho distrital, ele, por fim, localizou a ala correta. Na sala de espera, encontrou as três pessoas que buscava. Como aves na fiação de telefone, estavam sentadas uma ao lado da outra, sem conversar e olhando reto para a frente. Mas ele viu uma fagulha acender-se nos olhos de Solveig quando ela o viu. Devagar, ela se levantou e bamboleou para junto dele. Parecia não ter pregado o olho durante toda a noite. As roupas estavam amarrotadas e fediam a suor. O cabelo ensebado estava desgrenhado, e havia olheiras escuras sob seus olhos. Robert parecia igualmente cansado. Apenas Linda parecia alerta, com um olhar límpido e aparência cuidada. Ela ainda não sabia que sua família estava se esfacelando.

“Vocês o pegaram?” Solveig puxou de leve a manga de Patrik.

“Infelizmente, não temos nenhuma nova informação. Os médicos disseram algo?”

Robert sacudiu a cabeça.

“Não, mas ainda estão na sala de cirurgia. Havia alguma coisa sobre pressão no cérebro. Acho que estão abrindo todo o crânio dele. Eu ficaria surpreso se encontrassem mesmo um cérebro ali.”

“Robert!” Solveig voltou-se brava e olhou duro para o filho, mas Patrik entendeu o que ele tentava fazer. Ele queria esconder a preocupação e aliviar a tensão fazendo piadas sobre ela. O método costumava funcionar com ele também.

Patrik sentou-se numa das cadeiras vazias. Solveig também se sentou.

“Quem faria isso com meu garotinho?” Ela oscilava para a frente e para trás na cadeira. “Eu vi como ele estava quando o trouxeram. Parecia um estranho. Só havia sangue, por toda parte.”

Linda encolheu-se, e suas feições se contorceram. Robert não reagiu. Quando Patrik olhou com mais atenção seu jeans e o moletom preto, pôde ver que ainda havia neles grandes manchas do sangue de Johann.

“Vocês não ouviram nem viram nada na noite passada?”

“Não”, disse Robert, aborrecido. “Já dissemos isso aos outros policiais. Quantas vezes vamos ter que repetir isso?”

“Peço perdão, mas tenho que fazer essas perguntas. Por favor, tenha paciência, só por um instante.”

A compaixão em sua voz era verdadeira. Às vezes, era difícil ser um policial, sobretudo em ocasiões como aquela, em que precisava vasculhar a vida de pessoas que tinham coisas muito mais importantes em que pensar. Mas ele recebeu uma ajuda inesperada de Solveig.

“Robert, por favor, coopere. Temos que fazer tudo que pudermos para agarrar quem fez

isso a nosso Johann, você sabe.” Ela se voltou para Patrik. “Pensei ter ouvido um barulho e, um minuto depois, Robert gritou me chamando. Mas não vi ninguém, nem antes nem depois de encontrá-lo.”

Patrik acenou com a cabeça. Então dirigiu-se a Linda.

“Você chegou a ver seu irmão, Jacob, ontem à noite?”

“Não”, disse Linda, surpresa. “Passei a noite na mansão. Ele estava na casa dele, em Västergården, não estava? Por que essa pergunta?”

“Parece que ele não voltou para casa ontem, e só achei que você talvez o tivesse visto.”

“Não, como disse, não vi. Mas pergunte à mamãe ou ao papai.”

“Já fizemos isso. Eles também não o viram. Você saberia em que outro lugar ele poderia estar?”

Agora Linda parecia começar a ficar nervosa.

“Não, onde poderia estar?” Então uma ideia pareceu ocorrer-lhe. “Ele poderia ter ido para a fazenda em Bullaren e dormido lá? Claro, ele nunca fez isso antes, mas...”

Patrik esmurrou a própria coxa. Que maluquice que não tivessem pensado em Bullaren antes. Ele pediu licença e afastou-se para ligar para Martin. Ele teria que ir até lá imediatamente para verificar.

Quando voltou à sala de espera, o clima havia mudado. Enquanto ele falava com Martin, Linda ligou para casa, do celular. Agora ela o olhava com toda a rebeldia de uma adolescente.

“O que está acontecendo, afinal de contas? Papai disse que Marita ligou para vocês e deu queixa do desaparecimento de Jacob, e que aqueles dois outros policiais estiveram lá fazendo um monte de perguntas. Papai também parecia preocupado.” Ela estava em pé diante de Patrik, com as mãos nos quadris.

“Ainda não há motivo para se preocupar”, disse, repetindo o mesmo mantra que Gösta e Martin tinham usado na mansão. “Seu irmão deve apenas estar querendo passar algum tempo a sós, mas temos que levar a sério ocorrências desse tipo.”

Linda deu-lhe um olhar desconfiado, mas pareceu ter-se tranquilizado.

“Papai também contou sobre Johannes”, disse então em voz baixa. “Quando você planeja contar a eles sobre isso?”

Ela sinalizou com a cabeça na direção de Robert e Solveig. Patrik acompanhou fascinado o arco que os longos cabelos loiros descreveram no ar. Então lembrou-se da idade dela. Ficou chocado com a ideia de que toda a revolução necessária para estabelecer uma família pudesse ter desencadeado nele uma tendência de velho babão.

“Estamos esperando um pouco para fazê-lo”, respondeu, no mesmo tom de voz. “Agora não parece um bom momento, considerando a situação de Johann.”

“Você está errado”, disse Linda tranquilamente. “Neste momento, seria bom para eles terem alguma notícia positiva. E, acredite em mim, conheço Johann bem o suficiente para afirmar que a descoberta de que Johannes não tirou sua própria vida seria muito bem-vinda nessa família. Assim, se você não vai contar a eles, eu conto.”

Que pessoa mais atrevida. Mas Patrik estava inclinado a admitir que ela estava certa. Ele talvez já tivesse esperado demais. Eles tinham o direito de saber.

Ele acenou afirmativamente para Linda e limpou a garganta ao sentar-se.

“Solveig, Robert, sei que vocês fizeram objeções ao fato de termos aberto o túmulo de Johannes.”

Robert ergueu-se como um foguete de sua cadeira.

“Que inferno, você está maluco? Vem falar sobre isso agora? Já não temos o suficiente com que nos preocupar neste instante?”

“Sente-se, Robert”, atalhou Linda. “Eu sei o que ele vai dizer, e, acredite, vocês vão querer ouvir.”

Chocado com o fato de que sua prima franzina estava lhe dando ordens, Robert sentou-se e calou a boca. Patrik prosseguiu, enquanto Solveig e Robert olhavam duro para ele, relembrando a humilhação de ver o caixão de Johannes sendo erguido do solo.

“Pedimos a um patologista que examinasse... hã... o corpo, e ele descobriu algo interessante.”

“Interessante”, bufou Solveig. “Que bela escolha de palavras.”

“Sim, vocês vão me desculpar, mas não há um jeito melhor de dizer isso. Johannes não se suicidou. Ele foi assassinado.”

Solveig perdeu o fôlego. Robert ficou imóvel, como se estivesse congelado.

“O que você disse?” Solveig agarrou a mão de Robert, e ele deixou que o fizesse.

“Você ouviu o que eu disse. Johannes foi assassinado. Ele não se matou.”

Lágrimas começaram a escorrer pelos olhos já vermelhos de Solveig. Todo o seu imenso corpo começou a sacudir, e Linda lançou a Patrik um olhar triunfante. Eram lágrimas de alegria.

“Eu sabia”, disse Solveig. “Eu sabia que ele nunca teria feito nada assim. E todas aquelas pessoas que disseram que ele tinha cometido suicídio porque havia matado aquelas garotas. Agora vão ter que engolir suas palavras. A mesma pessoa que matou as garotas deve ter matado meu Johannes. Vão ter que rastejar em seus joelhos nus e implorar nosso perdão. Todos esses anos em que nós...”

“Mamãe, basta.” Robert a interrompeu com voz contrariada. Era como se ele não tivesse de fato compreendido o que Patrik dissera. As palavras talvez precisassem ainda penetrar em seu cérebro.

“O que vocês vão fazer agora para pegar a pessoa que matou Johannes?”, perguntou Solveig, ansiosa.

Patrik voltou-se para encará-la.

“Bem, provavelmente, não vai ser tão fácil. Tantos anos se passaram, e nenhuma evidência que pudesse nos dar uma pista foi preservada. Mas é claro que vamos tentar, e faremos o melhor que pudermos. É tudo que posso prometer-lhe.”

Solveig bufou.

“Bom, se vocês trabalharem tão duro para pegar o assassino como fizeram para colocar Johannes na cadeia, então, não vai haver nenhum problema. E agora quero ainda mais um pedido de desculpas da polícia!”

Ela agitou um dedo para Patrik. Ele percebeu que talvez fosse a hora de ir embora, antes que a situação se deteriorasse ainda mais. Ele trocou um olhar com Linda, e ela fez um sinal discreto para que ele se fosse. Ele tinha um último pedido a lhe fazer.

“Linda, se tiver notícias de Jacob, prometa me ligar na mesma hora. Mas acho que você está certa. Ele pode estar em Bullaren.”

Ela concordou com a cabeça, mas a preocupação ainda estava em seus olhos.

Acabavam de entrar no estacionamento da delegacia quando Patrik ligou. Martin e Gösta pegaram a estrada de novo, na direção de Bullaren. O calor começara a aumentar de novo depois de uma manhã mais fresca, e Martin aumentou a força da ventilação.

Gösta puxou a gola de sua camisa de mangas curtas.

“Se pelo menos esse maldito calor desse uma folga.”

“Se você estivesse no campo de golfe, não estaria reclamando”, disse Martin, rindo.

“Aí seria uma história bem diferente”, disse Gösta, azedo. Golfe e religião eram duas coisas com as quais ninguém podia brincar neste mundo. Por um breve instante, ele desejou estar trabalhando com Ernst de novo. Com certeza, era mais produtivo estar com Martin, mas ele tinha que admitir que gostava da folga de trabalhar com Ernst, mais do que imaginara. Ernst tinha seus defeitos, claro, mas ele nunca reclamava quando Gösta escapava por algumas horas para jogar um pouco.

No instante seguinte, a foto de Jenny Möller apareceu em sua mente, e ele foi atingido por uma sensação aguda de culpa. Num breve instante de clareza, ele viu que se transformara num velho amargo e hostil, assustador como seu pai na velhice. Se continuasse daquele jeito, mais cedo ou mais tarde estaria sentado, solitário, num retiro para velhos, resmungando sobre injustiças imaginárias, como seu pai; porém, sem nenhum filho para cuidar dele de vez em quando, movido por um senso de dever cheio de culpa.

“Você acha que ele está lá?”, disse, para interromper os pensamentos desagradáveis.

Martin hesitou por um momento e então disse:

“Não, eu ficaria muito surpreso se estivesse. Mas ainda assim vale a pena checar.”

Eles entraram no pátio e uma vez mais se surpreenderam com a cena idílica diante deles. A fazenda parecia eternamente banhada por uma suave luz do sol, que fazia o vermelho Falun com que a casa fora pintada destacar-se, num belo contraste com o lago azul atrás dela. Como antes, adolescentes agitavam-se ocupados, concentrados em suas atividades. Palavras brotavam na mente de Martin: imponente, saudável, asseado, útil, sueco, e a combinação dessas palavras encheram-no de uma leve sensação de desconforto. A experiência lhe dizia que se algo parecia bom demais para ser verdade, provavelmente era.

“Uma atmosfera meio juventude hitlerista neste lugar, não acha?”, disse Gösta, traduzindo em palavras o desconforto de Martin.

“É, talvez. No entanto, sua escolha de palavras talvez seja um pouco forte. Eu não sairia soltando comentários como esse por aí desse jeito”, disse Martin, seco.

“Perdão”, resmungou Gösta, que pareceu ofendido. “Eu não sabia que você era da patrulha ideológica. Aliás, eles não aceitariam garotos como Kennedy se fosse alguma merda de acampamento nazista.”

Martin ignorou o comentário e dirigiu-se para a porta de entrada. Uma das instrutoras da fazenda o atendeu.

“Sim, o que querem?”

A aversão de Jacob pela polícia obviamente era contagiosa.

“Estamos procurando Jacob.” Gösta ainda estava emburrado, e Martin assumiu a liderança.

“Ele não está aqui. Tente ir à casa dele.”

“Tem certeza de que não está aqui? Gostaríamos de dar uma olhada nós mesmos.”

Com relutância, a mulher ficou de lado e deixou que os policiais entrassem.

“Kennedy, a polícia está aqui de novo. Eles querem ver a sala de Jacob.”

“Nós sabemos o caminho”, disse Martin.

A mulher o ignorou. Com passos rápidos, Kennedy aproximou-se deles. Martin perguntou a si mesmo se ele era uma espécie de guia permanente da fazenda. Ou talvez ele apenas gostasse de conduzir as pessoas.

Sem dizer uma palavra, ele levou Martin e Gösta pelo corredor até a sala de Jacob. Eles lhe agradeceram com educação e abriram a porta, cheios de expectativa. Não havia sinal de Jacob. Entraram e procuraram com cuidado qualquer sinal que pudesse indicar que Jacob tivesse pernoitado ali, um cobertor no sofá, um despertador, qualquer coisa. Mas não havia nada. Desapontados, deixaram a sala. Kennedy os esperava, paciente. Ele ergueu a mão para afastar o cabelo do rosto, e Martin viu que seus olhos eram sombrios e inescrutáveis.

“Nada, não achamos droga nenhuma”, disse Martin quando o carro rodava na direção de Tanumshede de novo.

“Não”, disse Gösta, lacônico. Martin revirou os olhos. Ele ainda estava de mau humor. Bom, que ficasse.

Mas os pensamentos de Gösta estavam ocupados com algo muito diferente. Ele havia notado algo durante a visita à fazenda, mas não conseguia saber o que era. Tentou parar de pensar sobre isso e deixar o subconsciente fazer o trabalho, mas era tão impossível de ignorar quanto um grão de areia sob a pálpebra. Havia algo que ele tinha visto... e devia ter se lembrado.

“Como está indo, Annika? Descobriu algo?”

Ela sacudiu a cabeça. O aspecto de Patrik a preocupava. Sono de menos, comida de verdade de menos e estresse demais haviam eliminado os últimos vestígios de seu bronzeado, deixando apenas uma palidez acinzentada. Seu corpo parecia curvar-se sob o peso de algo, e não era preciso ser um gênio para saber qual seria aquele fardo. Ela queria dizer-lhe para separar as emoções pessoais do trabalho, mas conteve-se. Também ela sentia a pressão, e a última coisa que via antes de fechar os olhos, toda noite, era o olhar desesperado no rosto dos pais de Jenny Möller quando vieram informar do desaparecimento da filha.

Ela decidiu limitar seus comentários a um breve:

“Como se sente?” Ela deu a Patrik um olhar penalizado, por cima dos óculos.

“Tão bem quanto se poderia esperar, nessas circunstâncias.” Ele passou a mão, impaciente, pelo cabelo, deixando-o em pé como a caricatura de um cientista maluco.

“Como merda, suponho”, disse Annika, com franqueza. Ela nunca fora de dourar muito a pílula. Se algo era merda, cheiraria a merda por mais que se jogasse perfume em cima. Era seu lema na vida.

“Sim, algo assim.” Patrik sorriu. “Mas chega de falar de mim. Achou algo nos registros?”

“Não, infelizmente. Não havia nada no registro de cidadãos acerca de qualquer outro filho de Johannes Hult, e não há muitos outros lugares onde olhar.”

“Poderia ser que existissem filhos de qualquer modo, mesmo não tendo sido registrados?”

Annika olhou-o como se fosse um pouco lerdo da cabeça e bufou.

“Bom, graças a Deus, não existe uma lei que force a mãe a declarar o pai de seus filhos. Pode haver alguns filhos dele na categoria de ‘pai desconhecido’.”

“E, deixe-me adivinhar, há um bocado deles, certo?”

“Não necessariamente. Depende de quão ampla é a área geográfica onde você quer que seja feita a busca. Mas, na verdade, as pessoas têm sido bem respeitáveis por aqui. E você

tem que se lembrar de que não estamos falando da década de 40. Johannes teria sido mais ativo durante os anos 60 e 70. E, nessa época, não era uma grande vergonha ter um filho fora do matrimônio. Em certos períodos dos anos 60, devia até ser considerado uma vantagem.”

Patrik riu.

“Se você está falando sobre a era de Woodstock, eu não acho que o *flower power* e o amor livre tenham chegado a Fjällbacka.”

“Não diga isso. Até mesmo nas águas mais calmas...”, disse Annika, feliz por poder melhorar um pouco o clima. A delegacia mais parecera uma sala de funeral nos últimos dias. Mas Patrik ficou sério de novo.

“Assim, em teoria, você poderia reunir uma lista de crianças, digamos no distrito de Tanum, que não tenham o pai declarado.”

“Sim, eu poderia fazer isso não só na teoria, mas também na prática. Mas vai demorar um pouco”, advertiu Annika.

“Faça-o, o mais rápido que puder.”

“Como vai usar a lista para descobrir quem pode ser filho de Johannes?”

“Pretendo começar dando uns telefonemas e perguntando. Se não funcionar, vou pensar em outra coisa.”

A porta da área de recepção abriu-se e Martin e Gösta entraram. Patrik agradeceu a Annika pela ajuda e foi ao encontro deles. Martin deteve-se, mas Gösta fixou os olhos no tapete e seguiu adiante até sua sala.

“Não pergunte”, disse Martin, sacudindo a cabeça.

Patrik franziu o cenho. Atritos dentro da equipe eram a última coisa de que ele precisava. Já era ruim o suficiente o modo como Ernst vinha agindo. Martin leu seus pensamentos.

“Não é nada sério, não se preocupe.”

“Ok. Vamos tomar uma xícara de café no refeitório e comparar notas?”

Martin assentiu. Foram até lá, serviram-se de café e sentaram-se à mesa, de frente um para o outro.

“Acharam algum sinal de Jacob em Bullaren?”, perguntou Patrik.

“Não, nada. Não parece que ele tenha estado lá. E você, como foi?”

Patrik contou-lhe brevemente sobre a visita ao hospital.

“Já pensou no porquê de a análise de sangue não ter revelado nada?”, perguntou Martin. “Sabemos que o criminoso que buscamos tem parentesco com Johannes, mas não é Jacob, Gabriel, Johann ou Robert. E, considerando a natureza da amostra, podemos descartar de cara as mulheres. Tem alguma ideia?”

“Sim. Pedi a Annika que tentasse compilar informações quanto a Johannes ter filhos fora do casamento aqui na região.”

“Parece algo esperto. Com um cara como esse, eu me surpreenderia se não houvesse filhos ilegítimos espalhados por aí.”

“Que acha da teoria de que a mesma pessoa que espancou Johann agora esteja atrás de Jacob?” Patrik tomou com cautela um pouco de café. Era recém-passado e estava pelando. “A coincidência é sem dúvida muito estranha. O que você acha?”

“O mesmo que você. Que seria uma tremenda coincidência se não fosse a mesma pessoa. Jacob parece ter sumido completamente da face da Terra. Ninguém o viu desde a noite passada. Tenho de admitir que estou preocupado.”

“O tempo todo você teve um palpite de que Jacob escondia algo. Poderia ser esse o motivo pelo qual algo lhe aconteceu?”, disse Martin, hesitante. “Alguém poderia ter ouvido dizer que ele esteve na delegacia e achou que ele ia falar sobre algo, algo que esse alguém não queria que viesse à tona?”

“Talvez”, disse Patrik. “Mas esse é exatamente o problema. Qualquer coisa é possível neste instante, e tudo o que temos é um punhado de especulações.” Ele contou nos dedos: “Temos Siv e Mona assassinadas em 1979; Johannes assassinado em 1979. Tanja assassinada agora, vinte e quatro anos depois; Jenny Möller sequestrada, presumivelmente enquanto pegava carona; Johann surrado na noite anterior, talvez até assassinado, dependendo do prognóstico; e Jacob que desapareceu sem vestígios. O tempo todo a família Hult parece ser o denominador comum, e, ainda assim, temos evidências de que o culpado pela morte de Tanja não foi nenhum deles. E todas as indicações são de que a pessoa que assassinou Tanja também assassinou Siv e Mona.” Ele ergueu as mãos, frustrado. “É uma bagunça. Estamos bem no centro de tudo e mal conseguimos distinguir nossa bunda de nosso cotovelo.”

“Você tem lido propaganda antipolícia demais de novo”, disse Martin, rindo.

“Então, o que faremos agora? Estou sem ideias. O tempo está se esgotando para Jenny Möller, se já não for tarde demais.” Ele se apressou em mudar de assunto, para afastar-se dos pensamentos mórbidos. “Aliás, você já convidou aquela garota para sair?”

“Que garota?”, disse Martin, tentando forçar-se a assumir uma expressão neutra.

“Nem tente. Você sabe de quem estou falando.”

“Se é de Pia que está falando, não é nada disso. Ela nos ajudou com algumas traduções, só isso.”

“Ela nos ajudou com algumas traduções, só isso”, imitou Patrik, em falsete, balançando a cabeça de um lado para o outro. “Pode abrir o jogo. Posso ver, quando fala sobre ela, o que você está pensando. Embora talvez ela não seja seu tipo. Tem certeza de que ela já não tem namorado?” Patrik sorriu, para que a provocação não soasse ofensiva.

Martin estava se preparando para uma resposta inspirada quando o celular de Patrik

tocou.

De ouvidos atentos, Martin esforçou-se para ouvir quem podia ser ao telefone. Ele ouviu algo sobre as análises de sangue, portanto, devia ser alguém do laboratório. Até aí, ele conseguiu deduzir. Não conseguiu captar nada com base no que Patrik dizia.

“O que quer dizer com estranho? Ahã... Compreendo. Que diabos você está dizendo? Mas como pode... Ok...”

Martin teve que controlar a vontade de gritar. As mudanças de expressão de Patrik revelavam que algo grande estava se desenrolando, mas ele ainda teimava em dar à pessoa do laboratório respostas de uma só palavra.

“Então, o que você está dizendo é que conseguiu mapear com precisão as relações de parentesco entre eles.” Patrik acenou com a cabeça para Martin, para mostrar que estava deliberadamente tentando partilhar um pouco de informação da conversa.

“Mas ainda não entendo como isso se encaixa com...? Não, é totalmente impossível. Ele está morto. Deve haver outra explicação. Não, mas, pelo amor de Deus, você é o especialista. Escute o que estou dizendo e pense sobre isso. Tem que haver outra explicação.”

Patrik parecia estar esperando, tenso, enquanto a pessoa do outro lado pensava.

“O que está acontecendo?”, sussurrou Martin.

Patrik ergueu um dedo para que ele se calasse.

Agora era óbvio que estava conseguindo alguma resposta.

“Não é absurdo, de forma alguma. Neste caso, em particular, é totalmente plausível.”

A face de Patrik se iluminou, Martin podia ver o alívio se espalhando como uma onda pelo corpo do colega, enquanto ele estava quase arranhando a mesa.

“Meu Deus! Obrigado! Muito obrigado!” Patrik fechou o celular e virou-se para Martin, o alívio ainda iluminando-lhe o rosto.

“Sei quem está com Jenny Möller! E você não vai acreditar em seus ouvidos quando ouvir isto...”

A cirurgia havia terminado. Johann fora levado para a sala de recuperação, conectado a todo tipo de mangueira e tubo, submerso num mundo escuro todo seu. Robert sentou-se ao lado da cama, segurando-lhe a mão. Solveig deixara-os, relutante, para procurar um banheiro, e ele tinha o irmão todo para si por algum tempo, uma vez que Linda não pudera entrar. Não queriam parentes demais no quarto de uma só vez.

O tubo grosso que entrava na boca de Johann estava conectado a um respirador que resfolegava. Robert tinha que se controlar para não respirar no mesmo ritmo da máquina. Era como se ele quisesse ajudar Johann a respirar, qualquer coisa que afastasse a sensação de

impotência que ameaçava subjugar-lo.

Ele afagou a palma da mão de Johann com o polegar. Ele pensou em olhar a linha da vida de seu irmão, mas desistiu por não saber qual das três era a certa. Johann tinha duas longas e uma curta. Robert torceu para que a curta fosse a linha do amor.

A ideia de um mundo sem Johann encheu-o com uma sensação nauseante de vazio. Ele sabia que, em geral, parecia ser o mais forte dos dois, o líder, mas a verdade era que, sem Johann, ele não era nada além de um merdinha. Havia em Johann uma bondade de que Robert necessitava para conservar seu próprio senso de humanidade. Qualquer bondade que ele pudesse ter sentido desaparecera quando ele encontrou o corpo do pai. Sem Johann, a dureza que sentia por dentro o dominaria.

Robert continuou a fazer promessas enquanto estava sentado ao lado do leito do irmão. A promessa de que tudo seria diferente, se fosse permitido a Johann sobreviver. Ele prometeu nunca mais roubar, conseguir um emprego, tentar usar sua vida para alguma coisa boa; sim, ele prometeu até cortar o cabelo.

Ele fez com receio essa última promessa, mas, para sua grande surpresa, pareceu ser a que fez toda a diferença. Ele sentiu um tremor suave na mão de Johann, um pequeno movimento de seu dedo indicador, como se tentasse devolver a carícia de Robert. Não era muito, mas era tudo o que Robert precisava. Ele esperou ansioso pelo retorno de Solveig. Ele ansiava por lhe contar que ia ficar tudo bem com Johann.

“Martin, há um homem ao telefone dizendo que tem informação sobre o espancamento de Johann Hult.” A cabeça de Annika estava para fora da porta, e Martin deteve-se e deu meia-volta.

“Droga, não tenho tempo agora.”

“Devo pedir para que ligue mais tarde?”

“Não, droga, não, vou atender.” Martin entrou apressado na sala de Annika e pegou o telefone. Depois de ouvir com atenção por alguns instantes e de fazer mais algumas perguntas, ele desligou e saiu correndo.

“Annika, Patrik e eu temos que sair. Pode localizar Gösta e lhe pedir para que me ligue no celular imediatamente? E onde está Ernst?”

“Gösta e Ernst saíram para almoçar, mas vou ligar para o celular deles.”

“Ótimo.” Ele se foi.

Alguns segundos mais tarde, Patrik entrou apressado.

“Conseguiu falar com Uddevalla, Annika?”

Ela fez sinal de positivo.

“Tudo certo. Eles estão a caminho!”

“Grande!” Ele se virou, mas parou. “Esqueci de lhe dizer, não tem mais que trabalhar naquela lista de crianças sem pai.”

Então, ela o viu desaparecer também, afastando-se apressado pelo corredor. A energia na delegacia subira a um nível que era quase palpável. Patrik contara-lhe, às pressas, o que acontecera, e ela podia sentir a excitação formigando em suas mãos e seus pés. Era um alívio finalmente chegar a algum lugar na investigação, e, naquele momento, cada minuto contava. Ela acenou para Patrik e Martin quando eles passaram por ela e saíram da delegacia.

“Boa sorte!”, gritou, sem saber se eles puderam ouvi-la. Ela ligou para Gösta sem perder tempo.

“Sim, é mesmo o fim da picada, Gösta. Nós dois aqui sentados enquanto os franguinhos cantam de galo.” Ernst começava a discorrer sobre seu tema favorito, e Gösta teve que admitir que aquilo já começava a dar-lhe nos nervos. Apesar de ter criticado Martin antes, havia sido mais pela amargura de ser repreendido por alguém que não tinha nem metade da sua idade. Depois ele percebeu que não tinha sido nada sério.

Haviam rodado até Grebbestad e estavam sentados no restaurante Telegrafén, almoçando. As opções de almoço em Tanum não eram muitas, e haviam se cansado delas depressa. E Grebbestad ficava a apenas dez minutos, na costa.

O telefone de Gösta estava sobre a mesa. Quando tocou, ambos viram no visor que a chamada vinha da delegacia.

“Droga, não atenda. Você tem o direito de almoçar sossegado.” Ernst estendeu a mão para desligar o telefone de Gösta, mas uma olhada do colega o impediu.

Estavam em pleno *rush* da hora do almoço. Alguns clientes fizeram cara feia ao ver alguém atrevido o suficiente para atender um telefonema no meio do restaurante. Gösta devolveu a carranca e falou mais alto. Quando terminou, colocou algum dinheiro sobre a mesa, levantou-se e fez sinal para que Ernst fizesse o mesmo.

“Temos trabalho.”

“Não pode esperar? Eu nem comecei a comer.”

“Pode comer algo mais tarde na delegacia. Neste momento, temos que ir pegar alguém.”

Pela segunda vez naquele dia, Gösta rumava para Bullaren; dessa vez estava atrás do volante. Ele contou a Ernst o que Annika lhe informara. Quando chegaram, meia hora mais tarde, encontraram um adolescente esperando por eles à beira da estrada, como ela dissera, a pouca distância da fazenda.

Pararam o carro e desceram.

“Você é Lelle?”, perguntou Gösta.

O garoto confirmou, acenando com a cabeça. Ele era grande e corpulento, com um pescoço de lutador e mãos enormes. Como se tivesse nascido para ser um leão de chácara, pensou Gösta. Ou um guarda-costas, como era o caso. Mas um guarda-costas com consciência, ou assim parecia.

“Você nos ligou, então, comece a falar”, disse Gösta.

“Sim, queremos ouvir. Vamos lá, comece a falar”, disse Ernst, agressivo, e Gösta lançou-lhe um olhar de advertência. Aquela ocorrência não requeria que ele desse uma de machão.

“Bom, como eu disse à moça da delegacia, Kennedy e eu fizemos algo idiota ontem.”

Algo idiota, pensou Gösta. O garoto com certeza tinha inclinação para eufemismos.

“Sim?”

“A gente bateu um pouco num cara, aquele que é parente de Jacob.”

“Johann Hult?”

“Sim, acho que o nome dele é Johann.” Sua voz ficou mais aguda. “Eu juro, eu não sabia que Kennedy ia pegar tão pesado. Ele disse que a gente só ia levar um papo com ele. Só ameaçar um pouco. Nada pesado.”

“Mas não foi o que aconteceu.” Gösta tentou soar paternal, porém não teve muito êxito.

“Não, Kennedy extrapolou. Ele ficou falando um monte sobre como Jacob era um puta cara legal e que ele, Johann, quero dizer, tinha ferrado com ele e mentido sobre uma coisa que Kennedy queria que ele desmentisse, e quando Johann disse não, Kennedy surtou de verdade e começou a esmurrá-lo pra valer.”

Nesse ponto, o rapaz teve que parar para tomar fôlego. Gösta achou que havia entendido a maior parte do relato, mas não tinha certeza completa. Os jovens de hoje pareciam não falar a mesma língua.

“E, enquanto isso, o que você estava fazendo? Passeando pelo jardim?”, disse Ernst, cheio de desdém. Recebeu outro olhar sombrio de Gösta.

“Eu estava segurando o cara”, disse Lelle baixinho. “Agarrei pelos braços para ele não poder revidar, mas não sabia que Kennedy ia ficar tão maluco. Como eu ia saber?” Ele olhou de Gösta para Ernst e depois de volta para Gösta. “O que vai acontecer agora? Vou poder continuar aqui? Vou para a cadeia?” O sujeito grande e durão estava quase em prantos. Ele parecia um garotinho assustado, e Gösta já não precisava fazer força para parecer paternal; agora vinha com naturalidade.

“Vamos falar sobre isso mais tarde. Tudo vai se resolver. Agora, a coisa mais importante para nós é falar com Kennedy. Você pode esperar aqui enquanto vamos pegá-lo ou esperar no carro. Pode escolher.”

“Vou esperar no carro”, disse Lelle em voz baixa. “Os outros vão descobrir de qualquer jeito que fui eu que entreguei Kennedy.”

“Certo, vamos.”

Percorreram de carro os últimos cem metros até a fazenda. A mesma mulher que abrira a porta para Gösta e Martin naquela manhã abriu de novo. A irritação dela aumentara.

“O que vocês querem agora? Vamos ter que instalar uma porta giratória para a polícia. Juro, nunca vi nada assim. Depois de tanta cooperação que demonstramos à polícia, por anos...”

Gösta interrompeu-a erguendo a mão. Ele parecia solene como um túmulo ao falar.

“Não temos tempo para discussões. Precisamos falar com Kennedy. Agora.”

A mulher percebeu a seriedade na voz dele e chamou Kennedy imediatamente. Quando falou de novo, seu tom era mais suave.

“O que vocês querem com Kennedy? Ele fez algo?”

“Vai saber os detalhes mais tarde”, disse Ernst, com brusquidão. “Neste momento, nossa missão é levar o rapaz para a delegacia para termos uma conversa com ele. Também estamos levando aquele garotão, Lelle.”

Kennedy emergiu das sombras. Usava calças escuras e camisa branca. Com o cabelo bem penteado, parecia um aluno de internato inglês, não um ex-delinquente num reformatório. Só o que arruinava a imagem eram as grandes esfoladuras nos nós dos dedos. Gösta praguejou por dentro. Era isso que notara antes. Ele devia ter se lembrado.

“Posso ajudá-los, cavalheiros?” O tom de Kennedy era bem modulado, mas talvez um pouco exagerado. Eles percebiam que ele tinha de se esforçar muito para falar corretamente, o que anulava todo o efeito.

“Nós falamos com Lelle. Assim, você terá de nos acompanhar até a delegacia.”

Kennedy curvou a cabeça, numa concordância muda. Se havia algo que Jacob lhe ensinara, era que uma pessoa devia arcar com as consequências de seus atos para ter valor aos olhos de Deus.

Ele deu uma última olhada pesarosa ao redor. Sentiria falta da fazenda.

Estavam sentados em silêncio, um diante do outro. Marita levou as crianças consigo e foi para Västergården esperar Jacob. Do lado de fora, as aves de verão cantavam, mas ali dentro estava silencioso. A bagagem ainda estava ao pé dos degraus da entrada. Laine não poderia partir até saber que Jacob estava bem.

“Linda deu alguma notícia?”, perguntou ela, numa voz insegura, temendo perturbar o delicado cessar-fogo temporário entre ela mesma e Gabriel.

“Não, ainda não. Pobre Solveig”, disse Gabriel.

Laine pensou em todos os anos de extorsão, mas não falou nada. Uma mãe não sente nada senão compaixão por outra mãe cujo filho foi ferido.

“Você acha que Jacob também...?” As palavras ficaram presas em sua garganta.

Num gesto inesperado, Gabriel pôs a mão sobre a dela.

“Não, não acho. Você ouviu o que a polícia disse. Ele sem dúvida está em algum lugar, tentando colocar os pensamentos em ordem. Ele tem muita coisa em que pensar.”

“Sim, com certeza, tem”, disse Laine com amargura.

Gabriel não disse nada, mas manteve a mão na dela. Incrível como era reconfortante, e ela subitamente percebeu que era a primeira vez em todos esses anos que Gabriel mostrava tanta ternura. Um sentimento cálido espalhou-se pelo corpo dela, mas ao mesmo tempo estava misturado à dor da separação. Ela não queria deixá-lo. Tomara a iniciativa para poupar-lhe da humilhação de mandá-la para fora de casa, mas de repente ficou na dúvida de que havia feito a coisa certa. Então, ele tirou a mão, e o momento se foi.

“Sabe, em retrospectiva, posso dizer que sempre senti que Jacob se parecia mais com Johannes do que comigo. Eu encarava isso como uma ironia do destino. Por fora, podia ter parecido que Ephraim e eu éramos mais próximos entre nós do que ele e Johannes eram; meu pai morava aqui conosco, e eu herdei a mansão. Mas não era verdade. O motivo pelo qual eles brigavam tanto era que, no fundo, eles eram tão parecidos. Às vezes, parecia que Ephraim e Johannes eram na verdade uma única pessoa. Eu sempre ficava do lado de fora. Até que Jacob nasceu, e eu vi nele tanta coisa de meu pai e de meu irmão. Era como se tivesse surgido uma oportunidade de juntar-me à comunidade. Se eu pudesse estabelecer laços estreitos com meu filho e conseguisse entendê-lo por dentro e por fora, seria como conhecer Ephraim e Johannes ao mesmo tempo. Eu me tornaria parte da comunidade.”

“Eu sei”, disse Laine baixinho, mas Gabriel pareceu não ouvi-la. Ele olhava pela janela, o olhar perdido na distância, enquanto prosseguia.

“Eu invejava Johannes. Ele acreditava mesmo nas mentiras de meu pai de que podíamos curar gente. Imagine que poder aquela fé lhe dava. Olhar para suas mãos e saber que eram os instrumentos de Deus. Ver as pessoas ficarem em pé e andarem, ver os cegos enxergarem e saber que você era quem tornava isso possível. Eu via só o espetáculo. Via meu pai de pé nas laterais, guiando e dirigindo, e eu detestava cada minuto. Johannes só via os doentes diante de si. Ele via apenas seu canal direto com Deus. A tristeza que deve ter sentido quando ele se fechou... Não lhe ofereci nenhum consolo. Em vez disso, eu estava eufórico. Finalmente poderíamos ser garotos normais, Johannes e eu. Finalmente podíamos ser iguais. Mas isso nunca aconteceu. Johannes continuava a enfeitiçar as pessoas, enquanto eu, eu...” Sua voz falhou.

“Você tem todo o poder que Johannes tinha. Mas você não se atreve a usá-lo, Gabriel. Essa é a diferença entre vocês dois. Mas acredite, ele está aí.”

Pela primeira vez em todos os anos passados juntos, ela viu lágrimas nos olhos dele. Nem

mesmo no pior momento da doença de Jacob ele ousara abrir-se. Ela pegou as mãos dele, e ele segurou as dela com força.

“Não posso prometer perdão”, disse Gabriel. “Mas posso prometer tentar.”

“Eu sei. Acredite em mim, Gabriel, eu sei.” Ela colocou a mão dele na face dela.

A preocupação de Erica crescia a cada hora que passava. Ela sentia uma dor horrível nas costas e, sem perceber, massageava o ponto com as pontas dos dedos.

Durante toda a manhã ela tentara ligar para Anna, em casa e no celular, mas não obteve resposta. Em Informações ela conseguira o celular de Gustav, mas ele apenas pôde informá-la de que levava Anna e as crianças de barco até Uddevalla no dia anterior, e que eles haviam tomado o trem de lá. Deviam ter chegado a Estocolmo de noite. Erica ficou irritada por ele não parecer nem um pouco preocupado. Calmamente, ele apresentou um monte de explicações lógicas: deviam estar cansados, e tiraram o telefone da tomada, a bateria do celular acabara ou, ele riu, quem sabe, Anna não tivesse pago a conta de telefone. O comentário enfureceu Erica, que desligou na cara dele. Se antes não estava preocupada o suficiente, agora estava.

Ela tentou ligar para Patrik e pedir sua opinião, ou ao menos receber algum apoio, mas ele não respondia nem no celular, nem em sua sala. Ela ligou para o telefone central da delegacia, e Annika informou que ele estava fora numa ocorrência e que não sabia quando voltaria. Freneticamente, ela continuou fazendo ligações. A sensação ruim não ia embora. Quando estava quase para desistir, alguém atendeu o celular de Anna.

“Alô?” Uma voz infantil. *Deve ser Emma*, pensou Erica.

“Oi, querida, é sua tia. Diga-me, onde vocês estão?”

“Em Estocolmo”, respondeu Emma. “O bebê já chegou?”

Erica sorriu.

“Não, ainda não. Escute, Emma, posso falar com a mamãe?”

Emma ignorou a pergunta. Agora que ela tinha a grande sorte de estar com o telefone da mamãe e até atender a uma ligação, ela não ia desistir tão fácil.

“Sabe o quê-ê-ê?”, disse Emma.

“Não sei, não”, disse Erica, “mas, querida, vamos falar disso mais tarde. Eu queria mesmo falar com a mamãe.” A paciência dela estava se esgotando.

“Sabe o quê-ê-ê?”, repetiu Emma, teimosa.

“Não sei, o quê?” Erica deu um suspiro pesado.

“A gente se mudou!”

“Sim, eu sei, já faz um tempinho.”

“Não, hoje!”, disse Emma, triunfante.

“Hoje?”

“Sim, a gente voltou pra casa, com o papai”, anunciou Emma.

A sala começou a rodar diante dos olhos de Erica. Mas, antes que pudesse dizer algo, ouviu Emma dizer: “Tchau, tenho que ir brincar agora.” E a ligação foi cortada.

Com um sentimento de desespero no coração, Erica desligou.

Patrik bateu com força na porta em Västergården. Marita atendeu.

“Olá, Marita. Temos um mandado para fazer uma busca em sua casa.”

“Mas vocês já fizeram isso”, disse ela, parecendo intrigada.

“Descobrimos novas informações. Tenho uma equipe comigo, mas pedi que esperassem a alguma distância daqui até que você pudesse sair com as crianças. Não é necessário que elas vejam todos esses policiais e fiquem assustadas.”

Ela assentiu, cordata. A preocupação com Jacob consumira toda a sua força, e não lhe restava energia para opor-se. Ela se virou para ir pegar as crianças, mas Patrik a deteve com outra questão.

“Existem outras construções na propriedade além das que vemos nesta área?”

Ela sacudiu a cabeça.

“Não, só a casa, o celeiro, o barracão de ferramentas e a casa de bonecas. É tudo.”

Patrik acenou com a cabeça e deixou-a ir.

Quinze minutos mais tarde, a casa estava vazia. Podiam dar início à busca. Patrik deu breves instruções na sala.

“Já estivemos aqui uma vez antes, e não conseguimos achar nada, mas desta vez vamos fazer um trabalho mais detalhado. Procurem em todos os cantos, e quero dizer em todos os cantos mesmo. Se tiverem que arrancar tábuas do chão ou das paredes, arranquem. Se precisarem quebrar a mobília, também podem quebrar. Entendido?”

Todos concordaram. Pairava uma sensação de catástrofe, mas estavam prontos para a ação. Antes de entrarem, Patrik fez uma breve exposição das descobertas recentes sobre o caso. Eles só queriam começar logo.

Depois de trabalharem uma hora, sem resultados, a casa parecia uma zona de desastre. Tudo fora removido e tirado da casa. Mas não haviam descoberto nada. Patrik estava ajudando na sala quando Gösta e Ernst entraram pela porta e olharam ao redor assombrados.

“Que diabos está acontecendo aqui?”, disse Ernst.

Patrik ignorou a questão.

“Foi tudo bem com Kennedy?”

“Sim, ele confessou sem enrolar muito, e agora está atrás das grades. Maldito garoto arrogante.”

Estressado, Patrik apenas acenou com a cabeça.

“Então, o que está acontecendo aqui? Parece que somos os únicos de fora. Annika não quis contar nada. Ela só disse que devíamos vir para cá e que você nos informaria.”

“Não posso explicar tudo neste instante”, disse Patrik, impaciente. “Por ora, vocês devem saber que todos os indícios apontam para Jacob como responsável pelo sequestro de Jenny Möller. Temos que achar algo que nos indique onde ela está.”

“Mas não foi ele quem matou a alemã”, disse Gösta. “O teste de sangue mostrou...” Ele parecia espantado.

“Não, provavelmente foi ele quem matou Tanja”, disse Patrik, com irritação crescente.

“Então, quem matou as outras jovens? Ele era novo demais naquela época...”

“Não foi ele, mas vamos falar disso mais tarde. Agora deem uma ajuda aqui.”

“O que estamos procurando?”, disse Ernst.

“O mandado de busca está sobre a mesa da cozinha. Há uma descrição das coisas que estamos interessados em achar.” Patrik virou-se e continuou a vasculhar a estante de livros. Outra hora passou-se sem que ninguém encontrasse nada de interesse. Patrik começou a desanimar. Imagine se não encontrassem nada. Ele deixara a sala e estava vasculhando o escritório, sem êxito. Agora ele estava com as mãos nos quadris, forçando-se a respirar fundo algumas vezes, e deixou os olhos vaguearem pelo aposento. O escritório era pequeno, mas arrumado. Estantes com pastas e caixas de arquivo, todas devidamente etiquetadas. Não havia papéis soltos em cima da grande escrivaninha antiga, e nas gavetas tudo estava em ordem. Pensativo, Patrik deixou o olhar retornar para a escrivaninha. Ele franziu o cenho. Nunca tendo perdido um episódio de *Antiques Roadshow* na TV, ao olhar a velha peça de mobiliário, ele pensou naturalmente em compartimentos secretos. Devia ter pensado nisso antes. Ele começou na parte que estava acima do tampo, a que tinha inúmeras gavetinhas. Ele as puxou uma a uma e cuidadosamente enfiou o dedo nas aberturas atrás delas. Ao chegar à última gaveta, sentiu algo. Um objeto pequeno de metal sobressaía e moveu-se quando ele o pressionou. Com um estalo, a parede da cavidade atrás dele caiu, revelando um compartimento secreto. Sua pulsação se acelerou. Lá dentro, ele achou um velho caderno de notas, de couro preto. Ele calçou luvas de látex e com cuidado retirou o livro. Com horror crescente, ele leu seu conteúdo. Não havia tempo a perder para encontrar Jenny.

Ele se lembrou de um papel que vira enquanto vasculhava as gavetas da escrivaninha. Ele abriu a gaveta correta e encontrou-o, depois de folhear alguns outros documentos. Um carimbo da câmara do condado mostrava quem era o remetente. Patrik passou os olhos pelas poucas linhas e leu o nome ao final. Então pegou o celular e ligou para a delegacia.

“Annika, é Patrik. Escute, quero que verifique algo para mim.” Ele explicou de forma sucinta. “Você deve perguntar pelo doutor Zoltan Czaba. Na unidade de câncer, sim. Me dê

um retorno assim que souber de algo.”

Os dias se alongavam intermináveis diante deles. Várias vezes por dia Kerstin e Bo Möller ligavam para a delegacia na esperança de ouvir alguma novidade, mas em vão. Quando o rosto de Jenny apareceu nos panfletos, os celulares deles começaram o tocar quase sem parar. Amigos, parentes, conhecidos. Todos demonstrando tristeza, mas no meio de sua própria preocupação tentavam transmitir esperança aos pais de Jenny. Vários se ofereceram para ir a Grebbestad para ficar com eles, mas os Möller declinaram, educados, mas firmes. Eles achavam que isso faria a situação parecer ainda pior; não poderiam se esquecer de que algo estava terrivelmente errado. Se apenas ficassem ali no trailer, esperando, sentados à mesinha um diante do outro, mais cedo ou mais tarde, Jenny entraria pela porta e tudo voltaria ao normal.

Assim, eles ficavam ali sentados, dia após dia, rodeados por sua própria angústia. Aquele dia fora, se possível, mais doloroso que qualquer outro antes. A noite toda Kerstin teve sonhos horríveis. Transpirando, ela agitou-se e virou-se durante o sono, enquanto imagens difíceis de decifrar projetavam-se por dentro de suas pálpebras. Ela viu Jenny várias vezes. Na maioria das vezes, como uma garotinha. Em casa, no gramado da frente. Na praia, num camping. Mas as imagens sempre eram substituídas por formas sombrias, estranhas, nas quais ela não conseguia ver qualquer sentido. Era frio e escuro, e algo se escondia na periferia de sua visão. Ela nunca conseguiu vê-lo, mesmo que, em sonhos, uma e outra vez, ela avançasse para as sombras.

Ao despertar de manhã, ela tinha um sentimento opressivo no peito. Enquanto as horas se passavam e a temperatura aumentava dentro do pequeno trailer, ela ficou sentada em silêncio, em frente a Bo, tentando desesperadamente invocar a sensação do corpinho infantil de Jenny em seus braços. Mas, da mesma forma que no sonho, logo parecia estar além de seu alcance. Ela se lembrava da sensação, que fora tão forte o tempo todo em que Jenny esteve desaparecida, mas não podia mais senti-la. Devagar, ela foi se dando conta. Ergueu os olhos para o marido.

“Ela agora se foi”, disse então.

Ele não a questionou. Assim que ela disse as palavras, ele sentiu dentro de si que era verdade.

XII

Verão de 2003

*O*s dias fundiam-se uns aos outros como numa névoa. Ela era torturada de um jeito que jamais pensara ser possível e não conseguia parar de amaldiçoar-se. Se não tivesse sido tão idiota a ponto de pegar carona, isso nunca teria acontecido. A mãe e o pai haviam dito tantas vezes para nunca entrar no carro de um estranho, mas ela se sentira invulnerável.

Parecia ter acontecido tanto tempo atrás. Jenny tentou invocar aquela sensação outra vez, ansiando por desfrutá-la de novo, mesmo que por um breve instante. A sensação de que nada no mundo poderia vencê-la, de que coisas ruins aconteciam com os outros, mas não com ela. O que quer que acontecesse agora, jamais teria de volta aquela sensação.

Ficou deitada de lado, arranhando o chão de terra com os dedos. O outro braço estava inutilizado, mas ela fez um esforço para mover o braço menos machucado para manter a circulação. Ela sonhava que, como uma heroína de filme, iria se jogar sobre ele da próxima vez que descesse ali, e o subjugaria. Ela o deixaria inconsciente no chão e escaparia para encontrar a multidão que a buscava por todo canto. Era um sonho maravilhoso, mas impossível. Suas pernas não podiam mais ser usadas para andar.

A vida lhe fugia devagar, gota a gota. Ela visualizou sua vida sumindo pelo chão embaixo de si, sustentando os organismos lá embaixo. Vermes e larvas sugando com avidez sua energia vital.

À medida que suas últimas forças se esvaíam, ela percebeu que jamais teria a oportunidade de pedir perdão aos pais por ter sido tão insuportável nas últimas semanas. Esperava que eles entendessem.

Ele ficou sentado com ela nos braços a noite toda. Aos poucos, ela foi ficando cada vez mais fria. Uma escuridão densa os rodeava. Ele torcia para que ela tivesse achado a escuridão tão segura e reconfortante como ele achava. Era como um grande cobertor negro a

envolvê-lo.

Por um momento, Jacob viu as crianças diante de si. Mas aquela imagem lembrava-o demais da realidade, e ele a afastou.

Johannes lhe mostrara o caminho. Johannes, Ephraim e ele. Eles formavam uma trindade; ele sempre soubera disso. Possuíam um dom que Gabriel jamais poderia compartilhar. Era por isso que ele nunca entenderia. Johannes, Ephraim e ele. Eles eram únicos. Estavam mais próximos de Deus do que qualquer outra pessoa. Eram especiais. Era isso o que Johannes escrevera em seu diário.

Não foi por acaso que ele achou o caderno negro de Johannes. Algo o levava até ele, atraindo-o como um ímã na direção daquilo que considerava o legado de Johannes para ele. Ele se emocionou com o sacrifício que Johannes estivera disposto a fazer para salvar-lhe a vida. Ele, mais do que qualquer um, podia entender o que Johannes quis obter. Imagine a ironia de que aquilo tudo acabasse sendo desnecessário. Foi vovô Ephraim quem veio salvá-lo. Era doloroso para ele que Johannes tivesse falhado. Era uma pena que as garotas tivessem morrido. Mas ele tinha mais tempo à disposição do que Johannes jamais tivera. Ele não falharia. Ele tentaria de novo e de novo, até encontrar a chave para sua luz interior. A luz que vovô Ephraim dissera que ele também possuía escondida no seu âmago. Igual a Johannes, seu pai.

Pesaroso, Jacob acariciou o braço frio da garota. Não é que ele não lamentasse a morte dela. Mas ela era uma pessoa comum, e Deus daria a ela um lugar especial por ter se sacrificado por um de Seus escolhidos. Um pensamento ocorreu a Jacob: talvez Deus esperasse certo número de sacrifícios antes que Ele lhe permitisse obter a chave. Talvez tivesse sido assim com Johannes também. Não é que tivessem falhado, era só que o Senhor esperava deles mais provas de sua fé antes de mostrar-lhes o caminho.

Aquela ideia melhorou o espírito de Jacob. Devia ser essa a resposta. Ele sempre acreditara mais no Deus do Velho Testamento. O Deus que exigia sacrifícios de sangue.

Uma coisa, no entanto, ainda perturbava sua consciência. Quão clemente Deus seria com ele por não ter sido capaz de resistir às tentações da carne? Johannes fora mais forte. Ele jamais foi tentado, e Jacob o admirava por isso. Mas Jacob sentira a pele lisa e macia de encontro à sua e algo no fundo de seu ser foi despertado. Por um breve instante, o Demônio se apoderou dele, e ele cedeu. Mas depois ele se arrependeu profundamente, e, com certeza, Deus deve ter notado. Ele, que podia ver através de seu coração, seria capaz de ver que seu remorso era justo, e concederia o perdão que conferia a todos os pecadores.

Jacob embalava a garota nos braços. Afastou uma mecha de cabelo que caiu no rosto dela. Ela era bonita. Assim que a viu no acostamento, o polegar erguido pedindo carona, soube que era a escolhida. A primeira garota fora o sinal pelo qual esperara. Por anos ele

lera, fascinado, as palavras de Johannes no livro. Quando a garota apareceu em sua porta perguntando pela mãe, no mesmo dia em que ele recebeu o Julgamento, ele viu que era um sinal.

Ele não se deixou abater por não ter conseguido encontrar o poder com a ajuda dela. Johannes não conseguira com a mãe dela. O importante é que, com a primeira garota, Jacob lançara-se no caminho que lhe fora determinado. Seguir os passos do próprio pai.

Colocar as garotas juntas na Passagem do Rei tinha sido uma forma de mostrar aquilo ao mundo. Uma declaração de que, agora, ele continuaria com o que Johannes começara. Ele não achava que alguém mais entenderia. Bastava que Deus entendesse e achasse bom.

Se Jacob precisava de uma prova definitiva sobre isso, ele a recebeu na noite anterior. Quando começaram a falar sobre os resultados dos exames de sangue, ele teve certeza de que seria preso como um criminoso. Ele se esquecera de que o Demônio também o fizera deixar rastros no corpo.

Mas ele riu na cara do Demônio. Para sua grande surpresa, a polícia disse que os exames o inocentavam. Essa era a prova final de que precisava para convencer-se de estar no caminho certo e de que ninguém poderia impedi-lo. Ele era especial. Era o protegido. Era abençoado. Devagar, acariciou os cabelos da garota uma vez mais. Ele teria que encontrar outra.

Passaram-se só dez minutos antes que Annika ligasse de volta.

“Foi como você disse. O câncer de Jacob voltou. Só que dessa vez não é leucemia, mas um grande tumor no cérebro. Ele foi informado de que não há nada que possam fazer, está avançado demais.”

“Quando ele recebeu a notícia?”

Annika olhou para as anotações que fizera.

“No mesmo dia em que Tanja desapareceu.”

Patrik afundou no sofá da sala. Ele sabia, mas era difícil crer que fosse verdade. A casa respirava tanta paz, tanta calma. Não havia um vestígio do mal cuja prova ele tinha nas mãos. Apenas uma normalidade ilusória. Flores num vaso, brinquedos de criança espalhados pelo chão, um livro parcialmente lido na mesinha do café. Sem crânios, sem roupas manchadas de sangue, sem velas negras acesas.

Sobre a lareira havia até um quadro de Jesus a caminho do paraíso depois da ressurreição, com um halo em torno da cabeça, pessoas no chão orando diante dele, os olhos erguidos.

Como podia alguém justificar as ações mais perversas com a ideia de que tinha carta branca de Deus? Mas aquilo talvez não fosse tão estranho assim. Ao longo das eras, milhões

de pessoas tinham sido mortas em nome de Deus. Havia algo tentador naquele poder, alguma coisa que intoxicava os seres humanos e os desencaminhava.

Patrik obrigou-se a sair de seus devaneios teológicos e descobriu que, naquele momento, a equipe estava em pé a sua frente, aguardando novas instruções. Ele lhes mostrou o que encontrara, e cada um deles estava fazendo força para não pensar nos horrores pelos quais Jenny podia estar passando naquele exato momento.

O problema era que não faziam a menor ideia de onde ela poderia estar. Enquanto Patrik esperava um retorno de Annika, eles tinham prosseguido a busca, ainda mais frenética, pela casa. Ao mesmo tempo, ele ligara para a mansão e perguntara a Marita, Gabriel e Laine se podiam pensar em algum lugar para onde Jacob pudesse ter ido. Ele cortou com rispidez as perguntas deles. Não havia tempo para elas.

Ele passou as mãos pelos cabelos, que já estavam em pé.

“Onde diabos ele pode estar? Não podemos ficar procurando por todo o condado, centímetro por centímetro. Ele pode tê-la escondido perto da fazenda em Bullaren, e não aqui, ou em algum lugar no meio do caminho. Que diabos vamos fazer?”, disse, frustrado.

Martin sentia a mesma impaciência, mas não disse nada. Patrik não dissera aquilo na forma de pergunta. Então, ele teve uma ideia.

“Tem que ser por aqui, em algum lugar em Västergården. Pensem na pista do fertilizante. Meu palpite é de que Jacob está usando o mesmo lugar que Johannes usou. E o que seria mais lógico do que algum lugar por aqui?”

“Você está certo, mas tanto Marita como os sogros afirmam que não há outras edificações na propriedade. Claro que poderia ser uma caverna ou coisa parecida, mas sabem o tamanho da propriedade da família Hult? É como procurar uma agulha no palheiro.”

“Sim, mas e quanto a Solveig e os garotos? Você perguntou a eles? Eles já moraram aqui. Podem saber algo sobre este lugar que Marita não sabe.”

“Essa é uma tremenda ideia. Não havia uma agenda telefônica na cozinha, perto do telefone? Linda está com o celular e talvez eu consiga localizá-los por intermédio dela.”

Martin foi verificar. Voltou com uma agenda na qual o número de Linda estava anotado com capricho. Impaciente, Patrik deixou o celular tocar. Depois do que parecia uma eternidade, Linda atendeu.

“Linda, é Patrik Hedström. Preciso falar com Solveig ou Robert.”

“Eles estão com Johann. Ele acordou!”, disse Linda. Ela parecia extasiada. Com o coração pesado, Patrik percebeu que a felicidade logo desapareceria de sua voz.

“Traga um deles agora, isso é importante!”

“Certo, qual deles você prefere?”

Ele pensou um momento. Quem conheceria melhor os arredores de sua casa do que uma

criança? A escolha era fácil.

“Robert.”

Ele a ouviu pousar o telefone e ir buscá-lo. Era provável que não pudesse levar o celular para dentro do quarto de hospital porque poderia interferir com os equipamentos. Patrik acabara de pensar nisso quando ouviu a voz sombria de Robert na linha.

“Alô, aqui é Robert.”

“Alô, é Patrik Hedström. Talvez você possa nos ajudar com uma coisa. É extremamente importante.” Ele se apressou a acrescentar.

“Sim, tudo bem, o que é?”, disse Robert, hesitante.

“Imagino que você saberia de alguma edificação na propriedade de Västergården, além daquelas próximas à casa. Na verdade, nem precisa ser uma edificação. Seria algo como um bom esconderijo, se é que entende do que estou falando. Mas tem que ser meio grande. Precisa ter espaço para mais de uma pessoa.”

Patrik sentia claramente os pontos de interrogação se amontoando na mente de Robert, mas, para seu alívio, ele não questionou o motivo das perguntas. Em vez disso, depois de pensar um momento, disse:

“Bom, só consigo me lembrar do antigo abrigo antiaéreo. Ele fica bem no interior do bosque. Costumávamos ir brincar lá quando éramos pequenos, Johann e eu.”

“E Jacob?”, disse Patrik. “Ele conhece esse lugar?”

“Sim, cometemos o erro de levá-lo lá uma vez. Ele então foi correndo direto para o papai. Eles voltaram e disseram que nunca mais fôssemos brincar lá de novo. Era perigoso, disse papai. Assim, foi o fim de nossa brincadeira. Jacob sempre foi um pouco certinho demais para o bem dele”, disse Robert com amargura, ao lembrar sua decepção de infância. Patrik pensou que certinho talvez não fosse o termo que seria associado a Jacob no futuro.

Depois de obter indicações para chegar ao lugar, ele agradeceu apressado e desligou.

“Acho que sei onde estão, Martin. Reúna todo mundo lá fora no pátio.”

Cinco minutos depois, oito policiais muito sérios estavam em pé sob o sol escaldante no lado de fora. Quatro de Tanumshede, quatro de Uddevalla.

“Temos motivos para crer que Jacob Hult está escondido no bosque aqui perto, num antigo abrigo antiaéreo. É provável que esteja mantendo Jenny Möller lá, e não sabemos se ela está viva ou morta. Vamos agir como se ela estivesse viva e usar a mais extrema cautela para lidar com a situação. Vamos avançar com cuidado até acharmos o abrigo e então o cercaremos. Em silêncio”, disse Patrik, áspero, deixando o olhar vagar por todos, mas demorando-se um pouco mais em Ernst. “Vamos com as armas em punho, mas ninguém faz nada sem minha ordem expressa. Está claro?”

Todos concordaram com a cabeça, os rostos sérios.

“Uma ambulância de Uddevalla está a caminho, mas não chegarão com as luzes acesas. Vão estacionar na entrada do acesso para Västergården. O som viaja longe no bosque, e não quero que ele saiba que algo está acontecendo. Assim que tivermos a situação sob controle, chamaremos os paramédicos.”

“Não deveríamos ter alguém do pessoal médico conosco na frente?”, perguntou um dos policiais de Uddevalla. “Pode ser urgente quando a encontrarmos.”

Patrik concordou com a cabeça.

“A princípio, você está certo, mas não temos tempo para esperá-los. No momento, é mais importante encontrá-la depressa e torcer para que nesse meio-tempo os paramédicos cheguem. Certo, vamos andando.”

Robert descrevera por onde deviam seguir através do bosque, atrás da casa. Cem metros adiante eles encontrariam a trilha que levava ao abrigo antiaéreo. A trilha era quase invisível para quem não soubesse que estava lá, e de início Patrik quase não a viu. Avançaram devagar na direção de seu objetivo e, cerca de um quilômetro depois, achou ter visto algo brilhando através da folhagem. Sem dizer palavra, ele se virou e ordenou aos homens atrás dele que fossem em frente. Eles se espalharam no maior silêncio possível e cercaram o abrigo, mas foi impossível evitar algum barulho. Patrik fazia uma careta a cada som e esperava que as paredes grossas de concreto filtrassem qualquer ruído que Jacob pudesse ouvir.

Ele sacou a arma e viu, pelo canto do olho, que Martin fazia o mesmo. Avançaram devagar e tentaram com cuidado abrir a porta. Estava trancada. Maldição! Que fariam agora? Não tinham trazido ferramentas para abri-la e a única alternativa era convencer Jacob a sair voluntariamente. Apreensivo, Patrik bateu na porta e saiu de lado depressa.

“Jacob. Sabemos que está aí dentro. Queremos que saia!”

Sem resposta. Ele tentou de novo.

“Jacob, eu sei que você não queria machucar aquelas garotas. Você só estava fazendo o que Johannes fez. Saia e vamos conversar sobre isso.”

Ele sabia que suas palavras soavam pouco convincentes. Talvez ele devesse ter feito um curso em negociação de reféns, ou pelo menos ter trazido um psicólogo. Mas teria de contar com sua própria intuição para convencer um psicopata a sair de um abrigo antiaéreo.

Para sua grande surpresa, a fechadura estalou logo a seguir. A porta se abriu devagar. Martin e Patrik, imóveis de cada lado da porta, trocaram um olhar. Ambos seguravam as armas diante do rosto e tinham o corpo tenso, a postos. Jacob atravessou a porta. Nos braços carregava Jenny. Não havia dúvida de que estava morta, e Patrik quase pôde sentir a decepção e a tristeza varrendo o coração dos policiais, agora em plena vista, as armas mirando Jacob.

Ele os ignorou. Em vez disso, olhava para o alto e falava com o nada.

“Eu não entendo. Fui escolhido. O Senhor devia me proteger.” Ele parecia confuso. Era como se de repente seu mundo tivesse virado de cabeça para baixo. “Por que o Senhor me salvou ontem e não estou em Suas graças hoje?”

Patrik e Martin olharam um para o outro. Jacob parecia totalmente alheio a tudo. Mas isso o tornava ainda mais perigoso. Não havia como prever o que faria a seguir. Eles mantinham as armas bem apontadas para ele.

“Ponha a garota no chão”, disse Patrik.

Jacob manteve os olhos no céu, falando com seu Deus invisível.

“Sei que o Senhor teria me permitido o dom, mas eu precisava de mais tempo. Por que afastou-Se de mim agora?”

“Ponha a garota no chão e levante as mãos!”, disse Patrik, com mais firmeza na voz. Ainda assim não houve qualquer reação de Jacob. Ele tinha a garota nos braços e não parecia estar armado. Patrik imaginou se deveria tentar agarrá-lo para pôr fim ao impasse. Não havia por que preocupar-se quanto a ferir a garota. Era tarde demais para isso.

Ele mal pensara nisso quando um vulto alto veio voando para a frente, vindo da esquerda. Patrik ficou tão surpreso que seu dedo tremeu no gatilho, e ele quase atirou na direção de Jacob e Martin. Horrorizado, ele viu o corpo esguio de Ernst voar pelo ar direto para Jacob, que caiu no chão com um baque. Jenny caiu de seus braços bem na frente dele, com um som oco horrível, como se fosse um saco de farinha jogado no chão.

Com expressão de triunfo, Ernst torceu as mãos de Jacob atrás das costas. Ele não tentou resistir, mas ainda mantinha a mesma expressão perplexa no rosto.

“É assim que se faz”, disse Ernst, e olhou para cima, a fim de receber os aplausos da multidão. Todos pareciam congelados, e quando Ernst viu a expressão sombria no rosto de Patrik, percebeu que uma vez mais agira sem pensar.

Patrik ainda tremia depois de quase dar um tiro em Martin. Teve que controlar-se para não pôr as mãos em torno do pescoço magro de Ernst e esganá-lo devagar. Mas ele cuidaria disso depois. No momento, o mais importante era levar Jacob sob custódia.

Gösta empunhou um par de algemas e foi até Jacob, fechando-as em torno dos pulsos dele. Junto com Martin, ajudou Jacob a pôr-se de pé, e depois lançou um olhar inquisitivo para Patrik, que se virou para dois dos policiais de Uddevalla.

“Levem-no de volta a Västergården. Estarei lá daqui a pouco. Providenciem também para que o pessoal da ambulância venha até aqui e diga para trazer uma maca.”

Eles começaram a deixar o local com Jacob, mas Patrik os deteve.

“Esperem um minuto, eu só quero olhá-lo nos olhos. Eu só quero ver como se parece alguém capaz de fazer uma coisa dessas.” Ele apontou na direção do corpo sem vida de

Jenny.

Jacob olhou-o nos olhos sem remorso, mas ainda com a mesma expressão perplexa. Ele olhou para Patrik e disse:

“Não é estranho? Ontem à noite, Deus fez um milagre para me salvar, e, no entanto, hoje, Ele permitiu que eu fosse pego.”

Patrik tentou ver nos olhos do homem se falava sério ou se era um jogo para tentar livrar-se das consequências de seus atos. O olhar que encontrou o seu era vazio como um espelho; ele olhava a face da loucura.

“Não foi Deus”, disse, exausto. “Foi Ephraim. Você passou no exame de sangue porque Ephraim lhe doou a medula quando você estava doente. Isso significa que você recebeu o sangue e o DNA dele em seu corpo. Foi por isso que sua amostra de sangue não combinou com o teste de DNA que fizemos no... na evidência... que você deixou em Tanja. Não conseguimos entender isso até que os especialistas do laboratório mapearam as relações na sua família. Por seu exame de sangue, você era o provável pai de Johannes e Gabriel.”

Jacob apenas acenou com a cabeça. Depois, disse com suavidade:

“Mas isso não é um milagre?”

Então, ele foi levado embora por entre as árvores.

Martin, Gösta e Patrik ficaram postados ao lado do corpo de Jenny. Ernst desaparecera de vista, junto com os policiais de Uddevalla, e por um bom tempo iria fazer o possível para não aparecer muito.

Todos os três desejaram ter um casaco para cobri-la. Sua nudez era tão vulnerável, tão humilhante. Viram os ferimentos em seu corpo. Ferimentos idênticos aos que Tanja sofrera. E talvez os mesmos de Siv e Mona, quando morreram.

A despeito do temperamento impulsivo, Johannes fora um homem metódico. Seu diário mostrava como ele registrara com precisão os ferimentos infligidos às vítimas e, depois, como tentara curá-las. Ele mantivera registro de tudo, como um cientista. Os mesmos ferimentos nas duas, na mesma ordem. Talvez para convencer-se de que havia semelhanças com um experimento científico, no qual elas constituíam um sacrifício infeliz, porém necessário. Necessário para que Deus lhe devolvesse o dom de curar, que tivera quando criança. O dom pelo qual ansiara por toda a sua vida adulta e que precisara tão desesperadamente recuperar quando Jacob, seu primogênito, ficou doente.

Era uma herança infeliz que Ephraim deixara para o filho e o neto. A imaginação de Jacob fora posta em ação pelos relatos de Ephraim sobre as curas que Gabriel e Johannes fizeram na infância. Para aumentar o efeito, Ephraim disse ter visto o mesmo dom no neto. Isso gerou ideias que, ao longo dos anos, foram amplificadas pela doença que deixou Jacob tão perto da morte. Então, ele encontrou o diário de Johannes e, a julgar pelas orelhas nas páginas,

devia tê-lo lido muitas vezes. Foi uma trágica coincidência Tanja ter aparecido em Västergården perguntando pela mãe no mesmo dia em que Jacob recebeu o diagnóstico terminal. Todos esses fatos combinados levaram àquele momento, com os policiais olhando o corpo de uma garota morta.

Quando Jacob derrubou Jenny, ela caiu de lado. Era como se estivesse aninhada na posição fetal. Surpresos, Martin e Patrik viram Gösta desabotoar e tirar a camisa de mangas curtas. Ele expôs um peito branco como giz e sem pelos, e em silêncio estendeu a camisa sobre Jenny, tentando esconder o máximo possível sua nudez.

“Não fiquem aí parados, olhando a menina quando ela não tem uma roupa no corpo”, disse rabugento, cruzando os braços para proteger-se da umidade que havia à sombra das árvores.

Patrik ajoelhou-se e, sem pensar, tomou a mão fria de Jenny nas suas. Ela morrera sozinha, mas não teria que esperar sozinha.

Alguns dias depois, o pior do tumulto já havia passado. Patrik sentava-se frente a frente com Mellberg, só desejando que tudo acabasse. O chefe exigira uma síntese completa da investigação. Patrik sabia que a intenção dele era ter informação suficiente para poder contar vantagem sobre sua participação no caso Hult por anos a fio. Mas isso não incomodava Patrik em nada. Depois de dar pessoalmente a notícia aos pais de Jenny, ele achava difícil ver honra ou fama relacionadas à investigação. Com muito prazer, ele deixava isso para Mellberg.

“Ainda não entendo a parte sobre o sangue”, disse Mellberg.

Patrik suspirou e começou a explicar pela terceira vez, falando ainda mais devagar.

“Quando Jacob estava doente com leucemia, recebeu um transplante de medula do avô, Ephraim. Isso significa que o sangue produzido dentro de Jacob depois do transplante tinha o mesmo DNA do doador, isto é, Ephraim. Em outras palavras, Jacob tinha, então, o DNA de duas pessoas no corpo. O DNA do avô no seu sangue e o seu próprio nas outras partes do corpo. Foi por isso que obtivemos o perfil do DNA de Ephraim quando examinamos a amostra de sangue de Jacob. Uma vez que o DNA que Jacob deixou na vítima estava na forma de espermatozoide, essa amostra retinha o perfil de seu DNA original. Assim, os dois perfis não combinavam. De acordo com o LSC, a probabilidade estatística de algo assim acontecer é tão baixa que seria muito improvável. Mas não impossível...”

Mellberg parecia por fim ter entendido a questão. Abanou a cabeça, assombrado.

“Maldita ficção científica. Agora já ouvimos de tudo, Hedström, não ouvimos? Devo dizer que fizemos um tremendo trabalho nesse caso. O chefe de polícia de Gotemburgo me telefonou pessoalmente ontem e nos parabenizou pela excelente condução do caso, e eu só

pude concordar.”

Patrik achou difícil ver onde estava a excelência naquilo tudo, já que não tinham conseguido salvar a vida da garota, mas preferiu não comentar. Às vezes, as coisas aconteciam a despeito dos seus melhores esforços. E não havia muito a fazer.

Os últimos dias tinham sido deprimentes. De certa forma, fora um período de luto. Ele ainda dormia mal, assombrado pelas imagens evocadas pelos desenhos e pelas anotações no diário de Johannes. Erica o rodeava, inquieta, e ele percebeu que, de noite, ela também virava e se remexia de um lado a outro ao lado dele. Mas por algum motivo ele não tinha energia para aproximar-se dela. Tinha que atravessar aquilo por conta própria.

Nem mesmo sentir os movimentos do bebê na barriga dela podia despertar a sensação de bem-estar que antes aquilo sempre lhe dera. Era como se, de repente, ele fosse lembrado de como o mundo era perigoso e como as pessoas podiam ser cruéis e dementes. Como ele poderia proteger uma criança de tudo isso? Como resultado, ele afastou-se de Erica e do bebê. Afastou-se do risco de um dia ter de passar pela dor que viu no rosto de Bo e Kerstin Möller quando, parado diante deles e com a garganta apertada, informou que, infelizmente, Jenny estava morta. Como alguém conseguia sobreviver a uma dor assim?

Nas horas mais negras da noite, ele pensou até em fugir. Apenas cair fora, ele e suas malas. Para longe da responsabilidade e dos deveres. Para longe do risco de que seu amor pelo filho se transformasse em uma arma apontada para sua cabeça, com o gatilho acionado devagar. Ele sempre fora a dedicação em pessoa, mas, pela primeira vez na vida, pensou seriamente em usar a saída dos covardes. Ao mesmo tempo, ele sabia que, agora mais do que nunca, Erica precisava de seu apoio. Saber que Anna e as crianças tinham voltado para Lucas fez com que ela perdesse as esperanças. Ele sabia disso, mas ainda não conseguia aproximar-se dela.

Ele olhou para Mellberg, sentado à sua frente. A boca do chefe ainda se mexia.

“Sim, não vejo motivo para não aumentarmos nossa participação no próximo orçamento, considerando a boa vontade que conquistamos...”

Blá-blá-blá, pensou Patrik. Palavras que jorravam sem significado. Dinheiro e fama, um orçamento maior e elogios dos superiores. Unidades de medida de sucesso que não valiam nada. Ele teve vontade de pegar sua caneca de café e derramar o líquido escaldante bem devagar sobre o ninho de passarinho que era o cabelo de Mellberg. Só para fazê-lo calar a boca.

“E sua contribuição será lembrada, claro”, disse Mellberg. “Aliás, eu estava dizendo ao chefe de polícia que você me ajudou muito nessa investigação. Mas, por favor, não me lembre de que eu disse isso quando for hora de falar sobre salário.” Mellberg riu, piscando para Patrik. “A única coisa que me preocupa é a história da morte de Johannes Hult. Você

ainda não faz ideia de quem o teria matado?”

Patrik sacudiu a cabeça. Haviam conversado sobre isso com Jacob, mas ele de fato parecia saber tão pouco quanto eles. O assassinato ainda estava catalogado como não solucionado e tudo indicava que assim ficaria.

“Seria a cereja no bolo se você conseguisse amarrar mais essa ponta solta. Não faria mal ter uma estrelinha dourada ao lado de sua recomendação, faria?” Então, a expressão de Mellberg ficou séria. “E é claro que eu notei sua crítica às atitudes de Ernst, mas, considerando o longo tempo que ele está na força, creio que devemos ser benevolentes e passar a borracha nesse pequeno episódio. Quer dizer, no fim, tudo deu certo.”

Patrik se lembrou da sensação do dedo tremendo no gatilho com Martin e Jacob na linha de tiro. Agora, a mão que segurava a caneca de café começou a tremer. Como que por vontade própria, a mão começou a erguer a caneca e a mover-se devagar na direção da cabeça quase careca de Mellberg. A caneca parou de repente, quando alguém bateu na porta. Era Annika.

“Patrik, há uma ligação para você.”

“Não vê que estamos ocupados?”, sibilou Mellberg.

“Acho que ele vai querer atender essa ligação”, disse ela, olhando Patrik com insistência.

Intrigado, Patrik a encarou, mas ela se recusou a dizer qualquer coisa mais. Ao chegarem à sala dela, ela apontou o fone apoiado na mesa e saiu discretamente para o corredor. Patrik levou o fone ao ouvido.

“Por que diabos você não está com o celular ligado?”

Ele olhou o telefone pendurado no cinto e percebeu que precisava recarregá-lo.

“A bateria acabou. Por quê?” Ele não entendia por que Erica estava ficando tão nervosa. Ela podia localizá-lo pela central telefônica.

“Porque está começando! E você não atendeu no seu ramal e então também não atendeu no celular e então...”

Confuso, ele a interrompeu.

“O que quer dizer com começando? O que está começando?”

“O trabalho de parto, idiota. As dores começaram e a bolsa rompeu! Você tem que vir me buscar, temos que sair agora mesmo!”

“Mas achei que ainda faltavam três semanas.” Ele continuava confuso.

“É óbvio que o bebê não sabe disso, ele está nascendo agora!” Então, ele ouviu só o sinal de linha.

Patrik ficou ali em pé, paralisado, com o fone na mão. Um sorriso patético começou a se formar em seus lábios. Seu bebê estava a caminho. O bebê dele e de Erica.

Ele correu até o carro com pernas trêmulas e, atrapalhado, puxou a maçaneta da porta

algumas vezes. Alguém bateu em seu ombro. Atrás dele estava Annika com as chave do carro balançando na mão.

“Acho que seria mais rápido se primeiro você destrancasse o carro.”

Ele arrancou a chave da mão dela e acenou um adeus apressado enquanto pisava no pedal do acelerador até o fundo, voando na direção de Fjällbacka. Annika olhou para as marcas negras de pneu que ele deixara no asfalto. Rindo, ela voltou a seu lugar na recepção.

XIII

Agosto de 1979

Ephraim estava preocupado. Gabriel ainda insistia, teimoso, que vira Johannes com a garota desaparecida. Ele se recusava a acreditar naquilo, mas ao mesmo tempo sabia que seu filho seria a última pessoa que mentiria. Para Gabriel, a verdade e a ordem eram mais importantes até que seu próprio irmão, e era por isso que Ephraim via tanta dificuldade em ignorar a afirmação dele. Ficou pensando que talvez Gabriel tivesse apenas se enganado. O anoitecer podia ter feito seus olhos se enganarem, ou talvez ele tivesse se iludido com as sombras, ou algo assim. Ephraim podia perceber, por conta própria, como aquilo não fazia sentido. Mas ele também conhecia Johannes. Seu filho despreocupado, irresponsável, que levava a vida como uma brincadeira. Seria ele realmente capaz de tirar a vida de alguém?

Apoiando-se em sua bengala, Ephraim seguia a trilha da fazenda até Västergården. Não precisava de fato da bengala, pois, por sua própria estimativa, sua condição física era tão boa quanto a de um jovem de vinte anos. Mas ele achava que era elegante. Uma bengala e um chapéu davam-lhe aparência condizente com sua condição de proprietário rural, e ele fazia uso dessa imagem sempre que podia.

Incomodava-o o fato de Gabriel estar tornando maior, a cada ano que passava, a distância entre eles. Sabia que Gabriel acreditava que Johannes era seu favorito e, para ser honesto, ele achava que era. Era somente porque Johannes era tão mais fácil de tratar. Seu charme e sua franqueza tornavam possível tratá-lo com uma indulgência suave, que fazia com que Ephraim se sentisse um patriarca, no verdadeiro sentido da palavra. Johannes era alguém que ele podia censurar com vigor, alguém que fazia com que se sentisse necessário, mesmo que apenas para manter os pés do filho no chão, com tantas mulheres perseguindo-o. Com Gabriel era diferente. Ele sempre encarara o pai com um desprezo que fazia Ephraim responder com um ar de fria superioridade. Ele sabia que, em muitos aspectos, a culpa era sua. Enquanto Johannes vibrava de alegria cada vez que Ephraim promovia um serviço religioso em que os garotos podiam ser úteis, Gabriel retraía-se e ficava cada vez mais emburrado. Ephraim percebera isso e tomou toda a

culpa para si, mas, no fim das contas, tinha feito aquilo pelo próprio bem deles. Depois que sua esposa Ragnhild morreu, a família dependia de seu charme e de sua eloquência para alimentá-los e vesti-los. Fora um feliz acidente que a maluca viúva Dybling terminasse deixando-lhe a fazenda e a fortuna. Gabriel devia ter prestado mais atenção ao resultado final, em vez de perturbá-lo constantemente com suas reprimendas quanto à infância “terrível”. A verdade era que, se Ephraim não tivesse tido a brilhante ideia de usar os garotos em seus cultos, eles não teriam nada do que tinham hoje. Ninguém pudera resistir àqueles adoráveis garotinhos, que através da providência de Deus haviam recebido o dom de curar os doentes e os incapazes. Em conjunto com o próprio carisma e dom da oratória de Ephraim, tinham sido imbatíveis. Ele sabia que era ainda um pregador legendário no mundo da igreja livre, e isso lhe proporcionava um divertimento ilimitado. Ele também adorava o fato de que, na linguagem popular, tivessem lhe dado o apelido de O Pregador.

Mas surpreendera-o ver como Johannes ficara abalado ao receber a notícia de que o dom o abandonara. Para Ephraim, fora um simples modo de concluir a fraude, e para Gabriel foi um grande alívio. Mas Johannes se desesperara. Ephraim sempre planejava contar aos garotos que era tudo um truque da parte dele, e que as pessoas que eles “curavam” eram na verdade perfeitamente saudáveis. Ele lhes pagava para que participassem do espetáculo. Mas, à medida que os anos passavam, ele começou a ter dúvidas. Às vezes, Johannes parecia tão frágil. Era por isso que Ephraim estava tão preocupado quanto a toda essa história de Johannes ser interrogado. Ele era mais vulnerável do que parecia, e Ephraim não tinha ideia de como isso o afetaria. Por esse motivo ele decidira caminhar até Västergården e ter uma conversa com o filho. Tentar ver como ele estava lidando com a situação.

Um sorriso passou nos lábios de Ephraim. Jacob viera para casa uma semana mais cedo e passava horas lá em cima, nos aposentos do avô. Ele amava o garoto. Ele salvara a vida de Jacob, e isso os unira para sempre num vínculo especial. Por outro lado, Ephraim não era tão ingênuo como todos achavam que era. Era possível que Gabriel acreditasse que Jacob era seu filho, mas Ephraim podia ver o que estava acontecendo. Jacob provavelmente era filho de Johannes, ele via isso nos olhos de Johannes. Bom, ele não ia se envolver nisso. Mas o garoto era o orgulho e a alegria de sua velhice. É claro que ele também gostava de Robert e Johann, mas eles ainda eram tão pequenos. O que Ephraim mais gostava em Jacob era de como ele podia dizer coisas sábias e do fervor com que ouvia as histórias do avô. Jacob amava ouvir as histórias de quando Gabriel e Johannes eram pequenos e viajavam com o pai pregador. “As histórias de cura”, ele as chamava. “Vovô, conte as histórias de cura”, dizia Jacob cada vez que subia as escadas para dizer

olá. Ephraim não tinha nada contra relembrar aqueles tempos, porque tinham sido divertidos de verdade. E não fazia mal algum ao garoto se ele elaborasse as histórias um pouco mais. Ele criara o hábito de concluir as histórias com uma pausa dramática e então apontar seu dedo ossudo para o peito de Jacob, dizendo “Ah, você, Jacob, você também tem o dom dentro de você. Em algum lugar, bem no fundo, ele está apenas esperando ser despertado”. O garoto costumava sentar-se aos pés dele com olhos arregalados e queixo caído. Ephraim adorava ver como ele ficava fascinado.

Ele bateu à porta da casa. Sem resposta. Tudo estava quieto. Solveig e as crianças tampouco pareciam estar em casa. Ele em geral podia ouvir os meninos a vários quilômetros de distância. Havia barulho no celeiro, e ele foi até lá dar uma olhada. Johannes estava em pé, fazendo algo com a colheitadeira, e não percebeu a presença do pai até Ephraim estar parado bem atrás dele. Ele se assustou.

“Muita coisa para fazer, estou vendo.”

“É, sempre tem algo com que me ocupar na fazenda.”

“Ouvi dizer que você foi falar com a polícia de novo”, disse Ephraim. Em geral, ele ia direto ao ponto.

“É”, disse Johannes.

“O que eles queriam saber agora?”

“Eram mais perguntas sobre o depoimento de Gabriel, claro.”

Johannes continuou trabalhando na máquina, e não olhou para Ephraim.

“Você sabe que Gabriel não deseja prejudicá-lo.”

“Sei disso. É só o jeito dele. Mas o resultado final ainda assim é o mesmo.”

“É verdade, isso é verdade.” Ephraim ficou balançando-se nos calcanhares, sem saber como ir adiante. “É ótimo ver o pequeno Jacob em pé outra vez, não é?”, disse ele, procurando um tema neutro. Um sorriso espalhou-se no rosto de Johannes.

“É maravilhoso. Como se ele nunca tivesse estado doente.” Ele se endireitou e olhou o pai nos olhos. “Serei eternamente grato a você por isso, papai.”

Ephraim apenas assentiu e afagou o bigode, sentindo-se satisfeito.

Johannes continuou, cauteloso.

“Papai, se você não tivesse conseguido salvar Jacob... Você acha que...” Ele hesitou, mas depois prosseguiu numa voz firme, como se tentasse superar o constrangimento. “Você acha que eu conseguiria ter encontrado o Dom de novo? Para poder curar Jacob, quero dizer.”

A pergunta fez Ephraim dar um passo para trás, atônito. Estava chocado ao perceber que criara uma ilusão muito maior do que planejara. Arrependimento e culpa acenderam uma fagulha defensiva de ira, e ele atacou Johannes com violência.

“Como pode ser tão estúpido, menino? Achei que mais cedo ou mais tarde você cresceria o suficiente para perceber a verdade, mas acho que eu devia tê-la escrito em seu nariz. Nada daquilo era verdade! Nenhuma das pessoas que você e Gabriel ‘curaram’...” Ele fez as aspas com os dedos. “... estava doente de verdade. Elas foram pagas! Por mim!” Ele guinchava as palavras, cuspendo saliva. No instante seguinte, ele se arrependeu do que dissera. Toda a cor desaparecera da face de Johannes. Ele cambaleou para a frente e para trás como um bêbado, e, por um momento, Ephraim perguntou-se se o seu filho estava tendo algum tipo de ataque. Então Johannes sussurrou, tão baixinho que ele mal pôde ouvir.

“Então eu matei aquelas garotas por nada.”

Toda a ansiedade, toda a culpa, todo o arrependimento explodiram dentro de Ephraim e o arrastaram para um sombrio buraco negro, onde ele não tinha escolha senão livrar-se de algum modo da dor dessa confissão. Seu punho projetou-se e atingiu Johannes no queixo, com toda a força. Em câmera lenta, ele viu Johannes, com expressão de choque, cair para trás em direção ao metal da colheitadeira. Um baque surdo ecoou pelo celeiro quando a parte de trás da cabeça de Johannes atingiu a superfície dura. Ephraim viu, horrorizado, Johannes caído sem vida no chão. Ajoelhou-se e tentou desesperadamente encontrar seu pulso. Nada. Pôs o ouvido na boca do filho, na esperança de ouvir ao menos o mais débil som de respiração. Ainda nada. Lentamente, ele se deu conta de que Johannes estava morto. Abatido pela mão do próprio pai.

Seu primeiro impulso foi correr e ligar pedindo ajuda. Então, o instinto de sobrevivência falou mais alto. E se havia algo que podia ser dito sobre Ephraim, é que era um sobrevivente. Se pedisse ajuda, seria forçado a explicar por que atingira Johannes, e isso não podia ser revelado de forma alguma. As garotas estavam mortas, assim como Johannes. De algum modo bíblico, a justiça fora feita. Ephraim tampouco tinha algum desejo de passar seus últimos dias na cadeia. Seria punição suficiente viver o resto de seus dias com a consciência de que matara Johannes. Decidido, ele passou à tarefa de ocultar seu crime. Graças aos céus, ele tinha muitos favores para cobrar.

Jacob achava que estava levando muito bem sua vida. Os médicos lhe haviam dito que viveria seis meses, no máximo, e pelo menos ele poderia passar esses meses em paz. Claro, ele sentia a falta de Marita e das crianças, mas eles podiam ir visitá-lo uma vez por semana, e o resto de seu tempo, ele passava orando. Ele já havia perdoado Deus por tê-lo abandonado no final. O próprio Jesus se postara no jardim de Getsêmani e gritara ao Céu,

perguntando a seu Pai por que Ele o abandonara, uma noite antes de Deus sacrificar Seu único filho. Se Jesus podia perdoar, Jacob também podia.

O jardim do hospital era onde ele passava a maior parte do tempo. Ele sabia que os outros presos o estavam evitando. Todos cumpriam pena por algum crime, a maioria por assassinato, mas por algum motivo os demais o viam como perigoso. Eles não entendiam. Ele não se divertira matando as garotas. Não fizera aquilo só por ele. Fizera-o porque era seu dever. Ephraim explicara que ele, assim como Johannes, era especial. Escolhido. Era sua obrigação fazer uso de sua herança e não deixar-se consumir por uma enfermidade teimosa que tentava destruí-lo.

E ele não ia desistir ainda. Não podia desistir. Nas últimas semanas, viera a entender que ele e Johannes talvez tivessem escolhido um caminho errado. Tinham tentado encontrar um método prático de recuperar o dom, mas talvez não fosse aquele o jeito de fazê-lo. Talvez deveriam ter começado a busca por dentro. As preces e o silêncio daquele lugar tinham-no ajudado a concentrar-se. Aos poucos, ele se tornara cada vez melhor em atingir o estado meditativo no qual sentia que se aproximava do plano original de Deus. Podia sentir a energia começando a inundá-lo. Nessas ocasiões, ele formigava inteiro de ansiedade. Logo ele seria capaz de começar a colher os frutos de seu conhecimento recém-descoberto. Claro, ele se arrependia ainda mais pelas vidas desperdiçadas sem necessidade, mas havia uma batalha em andamento entre o bem e o mal, e, desse ponto de vista, as garotas haviam sido sacrifícios necessários.

O sol da tarde o aquecia enquanto estava sentado no banco do jardim. A sessão de preces de hoje fora especialmente poderosa, e ele sentiu como se competisse com o sol em brilho. Quando olhou para as mãos, ele viu um fino halo de luz circundando-as. Jacob sorriu. Havia começado.

Próximo ao banco, ele viu um pombo morto. Estava caído de lado, e a natureza já começara a reivindicar o corpo e convertê-lo em terra. Rígido e sujo, jazia ali com olhos tomados pela membrana leitosa da morte. Excitado, Jacob debruçou-se para a frente para estudar o animal. Era um sinal.

Ele se ergueu do banco e acorcorou-se ao lado do pombo. Examinou-o com ternura. A mão agora brilhava como se um fogo ardesse dentro de seus membros. Trêmulo, ele levou o dedo indicador da mão direita ao pombo e deixou que tocasse de leve a plumagem desarrumada. Nada aconteceu. A decepção ameaçava inundá-lo, mas ele se forçou a permanecer no local ao qual em geral as preces o conduziam. Depois de algum tempo, a ave teve um espasmo. Uma das pernas rígidas começou a tremer. Então, tudo aconteceu de repente. As penas do pombo recuperaram o brilho, a membrana branca que revestia os olhos da ave desapareceu. Ela ficou em pé e, com batidas poderosas de asa, decolou em direção ao Céu. Jacob sorriu

feliz.

De uma janela que dava para o jardim, o doutor Stig Holbrand observava Jacob junto com Fredrik Nydin, um médico residente que fazia parte de sua prática em psiquiatria forense.

“Aquele é Jacob Hult. É um caso um tanto especial. Ele torturou duas garotas enquanto tentava curá-las. Elas morreram em decorrência dos ferimentos, e ele foi condenado por homicídio. Mas não passou no exame psiquiátrico forense e também tem um tumor cerebral inoperável.”

“Quanto tempo ele ainda tem?”, perguntou o residente. Ele entendia a natureza trágica do caso, mas ao mesmo tempo não podia deixar de pensar que era de enorme interesse.

“Cerca de seis meses. Ele afirma que será capaz de curar a si mesmo e passa a maior parte do dia meditando. Deixamos que o faça. Não está fazendo mal a ninguém.”

“Mas o que ele está fazendo agora?”

“Bom, isso não quer dizer que às vezes não tenha um comportamento estranho.”

O doutor Holbrand tentou enxergar através da janela e fez sombra nos olhos, com a mão, para ver melhor.

“Acho que ele está jogando um pombo para cima. Pelo menos essa pobre criatura já estava morta”, disse ele, seco.

Então, foram em frente, para ver o próximo paciente.

Agradecimentos

Uma vez mais quero agradecer a meu marido, Micke, que de fato sempre coloca minha escrita em primeiro lugar e é ainda meu maior entusiasta. Sem ele, teria sido impossível lidar ao mesmo tempo com o bebê e a escrita.

Um enorme agradecimento vai também para meu agente Mikael Nordin, junto com Bengt e Jenny, da Bengt Nordin Agency, que trabalharam incansavelmente e continuam a fazê-lo, para que meus livros atinjam um público cada vez maior.

Os policiais da delegacia de Tanumshede e seu chefe Folke Åberg merecem especial menção, por terem dedicado seu tempo a ler o material e dar sugestões. Eles também demonstraram uma equanimidade incomensurável quando coloquei em seu lugar de trabalho uma dupla de policiais aparentemente relapsos. Nesse caso, a realidade não se assemelha à ficção!

Uma pessoa que se mostrou indispensável durante o trabalho neste livro foi minha editora e *publisher*, Karin Linge Nordh, que esmiuçou o manuscrito com uma exatidão muito maior do que eu conseguiria e apresentou sugestões sensatas. Ela também me ensinou uma expressão essencial: “quando estiver em dúvida, delete”. Todos em minha nova editora, a Forum, fizeram com que eu me sentisse bem-vinda.

Entre as outras pessoas que me ajudaram muito durante o trabalho neste livro, bem como no primeiro, estão Gunilla Sandin e Ingrid Kampås. E ainda Martin e Helena Persson, minha sogra – Gunnel Läckberg – e Åsa Bohman, que se dispuseram a ler e comentar o manuscrito.

Por fim, quero ainda fazer um agradecimento especial a Berith e Anders Torevi, que não apenas comercializaram *A princesa de gelo* de forma entusiástica, mas também leram e comentaram o manuscrito deste livro.

Todos os personagens e eventos são fictícios. Fjällbacka e seus arredores são descritos com precisão, embora por vezes eu tenha tomado algumas liberdades com a geografia.

Enskede, 11 de fevereiro de 2004

Camilla Läckberg

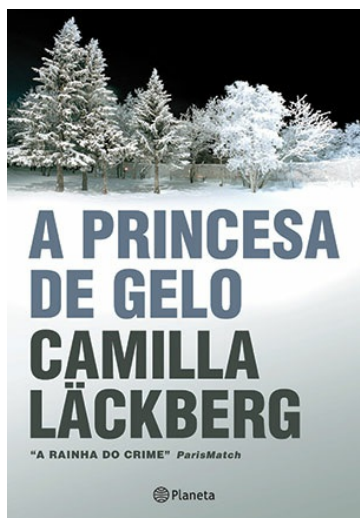
www.camillalackberg.com



Camilla Läckberg nasceu em 1974, em Fjällbacka, Suécia. Seus livros já são sucesso mundial e ela se tornou uma das mais famosas escritoras de romances policiais. Atualmente ela divide seu tempo entre Fjällbacka e Estocolmo.

Para conhecer mais a autora, visite o site: www.camillalackberg.com

Gritos do passado é seu segundo livro, o primeiro,



A princesa de gelo, também foi publicado pela Planeta.

ATENÇÃO



Se você estiver usando PC ou Mac:

Para que você tenha uma melhor experiência de leitura e visualização de nossos ePubs, recomendamos usar o leitor [SONY® READER™](#).

Se você estiver usando iBooks (iPad ou iPhone):

Para que você tenha uma melhor experiência de leitura e visualização de nossos ePubs, recomendamos desligar a justificação e hifenização automáticos em AJUSTES/iBOOKS.

Se você estiver usando Android:

Para que você tenha uma melhor experiência de leitura e visualização de nossos ePubs, recomendamos usar os leitores [ALDIKO](#) ou [SARAIVA DIGITAL READER](#).

⇒ Se estiver usando **Aldiko**, vá em Ajustes e desative FORMATAÇÃO AVANÇADA.



⇒ Se estiver usando o leitor da **Saraiva**, vá em Configurações, ajuste o Tamanho da margem, SOMENTE A HORIZONTAL, para 0 e ajuste o tamanho da fonte para 20.

